

Empresários causam prejuízo à Paraíba



SEGUNDO CADERNO

Fazendo comparações entre seu trabalho poético e o de João Cabral de Melo Neto, citando Jorge Bem como um dos personagens mais importantes da música brasileira e fazendo uma revisão do tropicalismo e da época em que foi forçado a ir para Londres, por motivos políticos, Caetano Veloso deu uma entrevista ao professor Antonio Moraes, da URNe de Campina Grande, que é publicada hoje, com exclusividade, pelo AU-2.

Caetano vem a João Pessoa realizar o show Címena Transcendental na próxima sexta-feira, numa semana de outras manifestações artísticas, como a apresentação da peça Camas Redondas, Casais Quadrados no Teatro Santa Roza e mais uma exibição de O Encouraçado Potemkin, no Teatro Lima Penante.

Outros assuntos do AU-2: uma entrevista de Paulo Melo aos jornalistas Alarico Correia Neto e Armando Nobrega, em Brasília; o 80º aniversário da morte de Friedrich Nietzsche; um artigo de Hilton Lima sobre a peça Chica Menina, de J. Mota Victor, em cartaz no Lima Penante; o guia semanal de leitura de Carlos Romero; o 1-Mor de Anco Márcio; A UNIÃO há 50 Anos, por Ivan Lucena; o horóscopo de Jean Perrier; o que há de novo em cinema, televisão, festas, recitais, discos e livros.

FUTEBOL

O Campeonato Paraibano prossegue hoje, com dois jogos, no quadrangular decisivo do primeiro turno, atualmente liderado por Campinense e Nacional de Patos, ambos com dois pontos ganhos. No estádio Almeidão, será disputado o clássico Botafogo e Treze. No Amigão, Campinense enfrenta o Nacional, com arbitragem de José Everaldo. O resultado desta rodada poderá apontar o favorito para a conquista do turno.

No jogo entre Botafogo e Treze, somente a vitória interessa as duas equipes, pois, ambas perderam o primeiro compromisso pelo quadrangular decisivo do primeiro turno e, a todo custo, vão lutar pela reabilitação. Enquanto o Treze contará com todos os titulares, o Botafogo jogará desfalcado de Deca, sua principal peça no sistema defensivo. José Paulo Neto é o juiz da partida.

No jogo do Amigão, o Campinense, atualmente está empatado com o Nacional, com dois pontos, pelo jogo decisivo para a conquista do turno, pois, após o seu favor o do que não conta vai a Campina rubro-negro e, poderá promover a estreia do lateral Edilson. (Esporte na página 11).

Alcançam mais de 800 milhões de cruzeiros os prejuízos causados por empresários que se utilizaram de recursos da Sudene e outras instituições bancárias e financeiras para aplicação em cerca de 10 projetos industriais nos Distritos de João Pessoa e Campina Grande, e cujas fábricas continuam paralisadas.

A informação foi prestada pelo presidente da Cinep, sr. Patrício Leal, acrescentando que dos 137 projetos industriais, 76 estão em funcionamento, gerando empregos para mais de 9 mil pessoas; 31 estão em fase de estudos e dos 30 projetos em implantação, 10 estão paralisados.

As empresas em fase de implantação que estão paralisadas são: Geisa Gráfica Editora Industrial, pertencente a grupo paraibano; Berflex do Nordeste - de Pernambuco; Diplase Diasso (Paraíba); Indústria de Artefatos de Metais (Paraíba); Malas Delta do Nordeste S/A (Paraíba); Canosa - Caixas de Cartão de Plástico (Paraíba); Algimar - Indústria Química de Alginatos (São Paulo); Indsteel (São Paulo); Celnorte - Celulose e Papéis (Pernambuco) e Arbrasa - Castanha de Caju (Paraíba).

Explicando os motivos que concorrem para que projetos industriais entrem em litígio com a Sudene ou outras instituições financeiras, o Sr. Patrício Leal disse que “muitas dessas empresas receberam recursos 34/18 da Sudene e, exemplificando, para cada 6 milhões de cruzeiros das aplicações dos recursos, o empresário tinha por obrigação ter que aplicar 2 milhões de recursos próprios. Infelizmente isso não vinha acontecendo, porque os empresários só aplicavam 1 milhão”.

E continuou: “Ao final da liberação dos recursos provenientes do 34/18, era necessário se fazer o enquadramento. Ai os empresários não tinham feito a aplicação devida dos 2 milhões. A partir daí, não teriam direito aos novos financiamentos de Sudene e a saída era paralisar os empreendimentos”.

Ao ser indagado se a Sudene ou a Cinep tem poderes para intervir na administração de tais projetos, já que eles são financiados com recursos do Governo, o sr. Patrício Leal acrescentou que esses órgãos não dispõem de nenhuma legislação que lhes assegurem tais direitos “muito embora ache que deveriam ter, para intervir junto aos montantes de ações desses empresários e fazer com que cobrissem tais prejuízos”.

Para o presidente da Cinep, há necessidade urgente de uma reformulação nos dispositivos da Sudene para que quando em momentos como esses “tais indústrias não ficassem paralisadas, podendo repassarem seus controles para outros interessados”. E concluiu: “Isso não vem acontecendo porque muitos empresários, na ansia de ganhar alguns trocados, não conseguem negociar os controles das mesmas, uma vez que os interessados não vão comprar gato por lebre”.

Feira instalada no Clube Astréa para vender artesanato

Teve início ontem a I Feira de Artesanato de João Pessoa, que conta com 24 barracas de Municípios diferentes instaladas no ginásio do Clube Astréa, devendo permanecer no local até o próximo sábado, quando se dará o encerramento. A Feira é uma promoção da Secretaria de Trabalho e Assistência Social e da Universidade Federal da Paraíba.

Os Municípios que estão participando da Feira são: Alagoa Nova, L. Roça, Pocinhos, Boa Vista, Esperança, Catolé do Rocha, Patos, Picuí, João Pessoa, São Félix, Serra Serra Redonda, Juazeirinho, Juripiranga, Lagoa Grande, Serraria, Bananeiras, Lagoa Seca, Pilões, Catiguêira, Massaranduba, Santa Luzia, Campina Grande e Areia.

Entre os objetos que estão sendo mostrados e comercializados estão cerâmicas, tricôs artísticos, estandartes de linha e agave, bolsas de linha colorida, bonecos de pano, artigos em couro, madeira e vime, móveis, quadros bordados, tecelagem e vários outros.

Na opinião do secretário do Trabalho e Assistência Social a Feira “é uma forma de propagar o artesanato paraibano, principalmente na oportunidade em que o Governo Federal, através do Ministério do Trabalho, vem dando ampla cobertura e apoio ao artesanato nos Estados. Em virtude disso, a Paraíba tem se destacado no apoio ao artesão.



Feira na Astréa reúne vinte e quatro barracas com artesanato

O maior sanduiche do mundo

Causou sensação ontem em Gênova a exposição do sanduiche do mundo. Ele tem 186,5 metros de comprimento e é composto por 900 quilos de pão além de 230 quilos de recheio. A maior dificuldade dos expositores foi encontrar um lugar que permitisse mostrar o sanduiche gigante. Porém houve outros problemas como o olhar voraz de alguns visitantes que deixaram suas marcas no pão.

Ao ver o sanduiche as pessoas tiveram reações diferentes: umas achavam que não havia sentido naquilo, outras ficaram boqueabertas e a maioria apenas ria.

O sanduiche vai para o livro dos recordes e segundo alguns paulistas “esse é apenas um desafio para Itú”.



O maior sanduiche do mundo foi mostrado em Gênova, na Itália

Banco Central confunde Paraíba com Rio Grande do Norte e Pernambuco

Por duas vezes, em menos de um ano, o Banco Central confundiu a Paraíba, primeiro com o Rio Grande do Norte e, em seguida com Pernambuco, prejudicando a aplicação de 220 milhões de cruzeiros na execução do Programa de Aproveitamento de Recursos Hídricos neste Estado.

O primeiro engano ocorreu em setembro do ano passado, quando a resolução BC-570 credenciou a Cidagro para construir açudes no Rio Grande do Norte, e a Cinep para perfurar poços na Paraíba.

Ao perceber o erro, dessa vez, duplo, os técnicos do Governo do Estado elaboraram documentação mostrando que a Cidagro não poderia construir açudes no Rio Grande, porque é uma empresa da Paraíba, e que a Cinep não teria condições para perfurar poços,

por se tratar de uma companhia de industrialização.

Agora, em julho deste ano, a resolução BC-553, que se propõe a modificar a primeira, credenciou a Cisagro (que é de Pernambuco) a construir açudes na Paraíba, e não só manteve a Cinep como perfuradora de poços, mas também, credenciou para o mesmo serviço a Suplan, que não é especializada neste tipo de trabalho.

Com isto, a Cidagro, que é construtora de açudes e perfuradora de poços não pôde fazer ainda nem uma coisa nem outra, com os 220 milhões de cruzeiros do Programa de Aproveitamento de Recursos Hídricos. Os açudes que construiu e os poços que perfurou até agora tiveram suas obras executadas com recursos próprios da empresa.

Discurso de Joacil destoa do nível político paraibano

- O discurso que o deputado Joacil Pereira proferiu, na última sexta-feira, na Câmara Federal, teve o demérito de destoar do nível político que vem sendo, ao longo dos anos, exercitado por brilhantes representantes do povo paraibano no Congresso. Apeloando para a gaiatice, tentando tiradas de humor barato e sem a mínima criatividade, o deputado Joacil repetiu as mesmas inverdades com que, dias atrás, ludibriou a boa fé dos repórteres credenciados no Palácio do Planalto.

Este comentário foi feito ontem pelo Secretário da Comunicação Social, jornalista Carlos Roberto de Oliveira, sobre pronunciamento do deputado Joacil Pereira, em Brasília, quando ao criticar a administração estadual o parlamentar tentou fazer tiradas de humor para uma platéia atônita diante de um linguajar estranho e chulo.

O deputado Joacil Pereira disse o porta-voz oficial do governo - insistiu em dizer que o governo do Estado gastou excessivamente com publicidade, embora mais uma vez não tenha apresentado qualquer documento que comprove suas palavras.

A exemplo de outras figuras mesquinhas, o parlamentar tem usado a mentira como arma e desafiado a provar o que afirma, tira o corpo e quer que outros, “criativos” como ele, arquem com o ônus da prova.

Carlos Roberto lembrou que para minimizar a vitória do governador Burity na Assembleia do Estado, quando ali foi aprovado um voto de desagravo ao Chefe do Executivo em face de acusações lançadas contra ele pelo deputado Pereira, o parlamentar tentou até fazer gozação com a ação do Poder Legislativo Estadual ao dizer que “se a moda pega, os deputados paraibanos não vão mais fazer outra coisa...”.

“Não deixa de ser lamentável - concluiu o porta-voz oficial - este comportamento do deputado Joacil para com os parlamentares estaduais paraibanos. É preciso mais respeito no trato da coisa política, como igualmente merece respeito a comunidade paraibana que não pode ter um seu representante no Congresso Nacional fazendo pronunciamentos de linguagem e conteúdo comprometedores”.



O CENSO

No próximo dia primeiro de setembro será iniciado em todo país, o Censo de 1980, promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que faz o mesmo trabalho de dez anos, para conhecer em mais profundidade, o que somos e o que temos.

É necessário que todos recebam os recenseadores do IBGE e prestem as informações que serão solicitadas, para que o Governo possa saber melhor qual a população real do país, de que vivemos, quanto ganha cada brasileiro e quanto precisa ser investido pelo Governo para que haja maior produção em todos os campos de atividade, sobretudo na agricultura.

O Censo é o melhor indicador da situação real do país, pois é através de um trabalho desse tipo que passaremos a tomar conhecimento de todas potencialidades, das nossas reservas das nossas necessidades, sobretudo, em relação ao crescimento populacional e a carência de trabalho e de recursos nas mais diversas fontes.

A serem preenchidos todos os quesitos redigidos pelo IBGE, esperamos que o Governo possa dispor de maiores condições para melhor estruturar a nossa economia e partir para um planejamento mais sério sobre a queda da inflação, vindo de oferecer melhores condições de vida a todos os brasileiros, para que não paremos no processo de desenvolvimento que vivemos no momento.

Se de dez em dez anos são feitos esses levantamentos, é claro que eles são considerados necessários e indispensáveis para termos uma idéia positiva do que somos e do que representa nossa força de trabalho em favor do nosso desenvolvimento interno para melhor conhecermos nossa própria posição em relação ao exterior.

Acreditamos que todos os brasileiros serão honestos nas informações a serem prestadas, tendo como base as informações mínimas a serem pedidas pelo IBGE que terá de informar ao Governo, todas as condições de vida, de trabalho e de atividade, de todos os brasileiros que hoje se aproxima dos 130 milhões.

Se para o Governo o Censo de 1980 é importante, ele não é menos importante para cada brasileiro, pois cada informação colhida será básica para os estudos que todos nós vivemos a fazer diariamente, dos nossos problemas, sobretudo em estatísticas que revelam fatos que às vezes desconhecemos.

GETÚLIO VARGAS

Há exatamente, 26 anos, desaparecia Getúlio Vargas, por suas próprias mãos, convulsionando o país, em consequência do que, houve o golpe de 11 de novembro de 1955 que afastou o presidente Café Filho do exercício da Presidência da República, forçando a posse do presidente da Câmara, Carlos Luz.

Isto, depois da eleição do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira que mesmo depois de empossado enfrentou problemas graves com greves na região da Amazônia e a ameaça de sua deposição, o que não foi concretizado graças à sua habilidade política junto aos congressistas de então.

Desde a morte de Getúlio Vargas, no dia 24 de agosto de 1954, que o Brasil passou a viver crises sucessivas, e geralmente, nascidas em nome do seu passado e do seu poder de liderança que eram avocados pelos seus seguidores legítimos que faziam da sua vida, uma bandeira de lutas.

Foi Getúlio Vargas, o responsável pela instituição no país, do sistema previdenciário, criando a política social, que ainda rege a assistência a todos os trabalhadores brasileiros, em cujo meio sempre plantou o seu sistema de lutas, sobretudo quando se dirigia aos “trabalhadores do Brasil”.

Em 1960, ainda sob a bandeira do seu nome, se elegeu vice-presidente da República, o seu ex-ministro do Trabalho João Marques Belchior Goulart que veio a suceder Jânio Quadros, quando da sua renúncia, pelo processo do parlamentarismo, sendo primeiro “Premier” brasileiro, o jurista Brochado da Rocha.

Se hoje, a nome de Getúlio Vargas não é mais lembrado nos grandes embates políticos, é que o seu “querismo” vem desaparecendo, o que veio a provocar a luta para ressurgimento do antigo PTB, entre sua sobrinha Ivete Vargas que saiu vitoriosa, contra o sr. Leonel Brizzola do Rio Grande do Sul - terra de Getúlio.

O país muito lhe deve em todos os campos de atividade da iniciativa administrativa pública e da iniciativa privada, tendo sido considerado até hoje, o maior estadista de sua geração. Empossado em 1930, depois da revolução naquele ano, ficou no Poder até 29 de outubro de 1945, quando foi derrubado em nome da redemocratização política do país.

A escolha popular dos governantes é muito importante para a democracia. Não basta, porém, a eleição dos dirigentes governamentais, por via da vontade popular, para se ter uma verdadeira democracia. Dado que nunca, em tempo algum, o povo se governou diretamente como um todo - senão através de uma elite governante, regime que se aproxime do ideal democrático requer outros pressupostos e condições. Distribuição equilibrada de rendas entre a população, de modo que não haja diferenças abismais entre as classes, e sobretudo que permita a cada um de seus integrantes o aprimoramento cultural, o lazer fecundo, que possibilite a reflexão sobre os problemas de seu meio e de seu tempo, e a criteriosa avaliação de informações (que devem ser livres, abundantes e múltiplas), são alguns desses pressupostos e condições para o regime democrático.

Além desses, um outro pressuposto avulta de interesse e de importância fundamental para a democracia, que é a capacidade de mobilidade social ascendente que possa oferecer a sociedade. Se a circulação social é entravada de modo a “estabilizar” o controle social e o poder político entre os descendentes da classe que aconteceu detê-los num dado momento “histórico”, diz o politólogo italiano Gaetano Mosca -, tem-se a tendência aristocrática da sociedade. Em oposição à tendência aristocrática, verifica-se a tendência da sociedade quando a classe dirigente é constantemente realimentada com elementos provenientes das classes inferiores, tendência que deve estar sempre em ação aberta, e com a maior intensidade, em todos os organismos políticos.

Isto posto, é de se concluir que nem só em relação aos cargos eletivos deve estar presente essa tendência democrática da sociedade, mas também, e principalmente, em relação aos cargos de apoio da administração pública superior. Os executivos

Firmo Justino

Bom guardado

Não será pelo sucesso de agora, convocado para a Editora Econômica do *Jornal do Brasil*, que eu cometa o oportunismo de dizer que sempre acreditei em Frank Ribeiro, ele, como Neumane Pinto, Pessoa de Carvalho e outros nacionais, curtidos nas redações da Paraíba.

Frank, como Biu, Nathanael Martinho, João Manuel, Crispim, Agnaldo e Carlos Aranha nunca me enganaram, com uma diferença fundamental em favor de Frank: não falava, não dispunha em papo o material de suas abordagens ou projetos de vida. Até nas entrevistas coletivas preferia tirar partido das perguntas dos outros, só fazendo a sua no momento preciso, a timidez entrecortando as palavras. Parecia ter a convicção de que a verdade sempre foge e se esconde dos que muito perguntam.

Ao contrário do tipo consagrado como clássico, aquele tipo agitado e nervoso que compõe a crônica e o romance de todas as redações Frank só aparecia, através da matéria feita ou pela repercussão que ela viesse produzir depois de publicada.

Escondia-se em si mesmo,

falando o que fosse para falar, fazendo o que fosse para fazer, sem misturar as duas coisas.

Por isso, quando me procurei para dizer que ia tentar São Paulo, tentar para si e para o seu filho, não foi para me ouvir ou pedir opinião, mas porque, intimamente, a viagem já estava feita, tudo decidido. Onde ficar, como ficar, pouco importou.

De qualquer modo, mais do que nenhum outro, ele tinha em quem se segurar, o padrinho fortíssimo que nunca tive: a auto-confiança e a resistente capacidade de transformar em chã qualquer ladeira.

Um ano depois: tudo bem, Frank? Tudo bem, Nêgo

Já estava situado, com toda uma equipe confiando nele e em seu trabalho. Com profissionalismo, devendo muito pouco à camaradagem. Agora deixa São Paulo para a Editora Econômica do *Jornal do Brasil*, no Rio.

Surpresa? Não. Era prá isso mesmo que ele havia nos deixado.

Uma vez José Américo

Gonzaga Rodrigues

Governo & Oposição

A nossa mente aprendeu a arte de dividir tudo, dividindo-se a si própria. Em todos os países do mundo e em todas as épocas da História, vê-se tal divisão nas ações humanas. E parece até que a coisa remonta ao tempo do Paraíso terrestre, do qual Adão e Eva teriam sido expulsos por terem comido o fruto do conhecimento do Bem e do Mal; isto é, dividir as coisas é perder a felicidade, parece ser a lição do Gênesis.

Mas, Paraísos à parte, seria interessante verificar o eterno problema que representa a existência desta dualidade. Na Política, por exemplo, existe o consenso de que é necessário que haja um Governo e uma Oposição. Porque - dizem os entendidos - é necessário que uma Oposição critique os atos do Governo, que aponte as falhas, a fim de que o Governo não se torne arbitrário. Muito bem então, mas e quem é que aponta as falhas da Oposição, quem é que critica os seus atos, a fim de que ela não se torne arbitrária? O próprio Governo? Neste caso, de onde vem a crítica certa, do Governo ou da Oposição? Ou melhor, onde é que está a verdade, quem é o seu dono? Não é assim responderiam os entendidos -; é que quando o Governo erra, cabe à Oposição apontar o erro; assim como quando é a Oposição a errar, o Governo a critica.

Muito bem, outra vez, mas se o Governo aponta um erro da

pacidade de mobilidade social ascendente que possa oferecer a sociedade. Se a circulação social é entravada de modo a “estabilizar” o controle social e o poder político entre os descendentes da classe que aconteceu detê-los num dado momento “histórico”, diz o politólogo italiano Gaetano Mosca -, tem-se a tendência aristocrática da sociedade. Em oposição à tendência aristocrática, verifica-se a tendência da sociedade quando a classe dirigente é constantemente realimentada com elementos provenientes das classes inferiores, tendência que deve estar sempre em ação aberta, e com a maior intensidade, em todos os organismos políticos.

Isto posto, é de se concluir que nem só em relação aos cargos eletivos deve estar presente essa tendência democrática da sociedade, mas também, e principalmente, em relação aos cargos de apoio da administração pública superior. Os executivos

Firmo Justino

de serviços públicos constituem uma classe numerosíssima nas sociedades contemporâneas, e, a bem dizer a verdade é ela que de fato governa, pois, ainda usando os conceitos de Mosca, assim como nunca houve governo de todo o povo, também jamais existiu um homem que governasse sozinho. Nas sociedades modernas, extremamente complexas, o poder efetivo é de fato compartilhado entre esse grupo numeroso da burocracia.

Assim sendo, a tendência democrática exige que o corpo de servidores da administração pública seja selecionado não por privilégios de casta, mas em atenção a qualificações individuais de seus componentes, em todos os níveis.

Conclua-se, então, que o concurso de provas, aberto a todos, implementado por rigorosos critérios de moralidade pública, é um dos mais importantes e efetivos instrumentos de afirmação do Governo democrático. Sem ele, a Administração pública jamais sairá dos compêndios de Moral e Civismo para a prática democrática.

chamou-me a atenção para as novelas e os romances que eu jamais conseguirei escrever. “Você já sei contando elas todas e quando vai escrever já estão esgotadas”. Há quinze anos, Ipojuca Pontes apostou na redação da antiga *A União* como da minha mata não saíra o mínimo coelho. Dito e feito.

Eu tenho uma novela com Jurandy Moura, narrada de começo a fim em seu terraço; outra com Nathanael; mais outra com Adalberto, nenhuma em prosa ordenada no papel. Toda a força dramática e capacidade de fazer esgotar-se na conversa, o que leva a me conformar com o título de bom prosador oral.

Por bem, ainda me agarro a alguma esperança: Linduarte Noronha do *Aruanda*; Juarez Batista, dos ensaios literários e o próprio Ipojuca Pontes também são bons prosadores orais. E nesse ramo, ninguém melhor do que o mestre Zé Lins.

Poderei não entrar na prosa nacional, nem ao menos na distrital, mas converso muito. O que não seria vantagem para o Frank: se conversasse, sua editoria estaria fatalmente limitada a esse nosso pobre mundo de promessas e incentivos fiscais.

estão “certos” ou “errados”? Particularmente, eu só sei o caminho certo para a minha casa porque conheço perfeitamente o caminho e conheço a minha casa.

Se não sei exatamente o objetivo aonde quero chegar, não sei se estou certo ou errado, assim como não posso dizer se alguém está certo ou errado, com relação ao mesmo objetivo. Mas, neste caso, os entendidos poderiam dizer que isto já é Filosofia Política e não Política. E eu, curioso como sou, perguntaria se o estudo da coisa está separado da coisa em si. Geralmente, tem-se idéia da Teoria separada da Prática; e é exatamente esta divisão (mais uma) que faz com que, na maioria das ocasiões, a Teoria não funcione na Prática.

E exatamente isto o que acontece na Política. Quer seja a teoria comunista, quer seja a socialista, quer seja a capitalista, a monarquista, a anarquista ou outra qualquer, suas Teorias, na Prática, mostram-se ineficazes. É por isto que todas as nações do mundo, independentemente de regimes de Governo, independentemente da existência ou não de Oposição, estão imersas no mais negro conflito.

Há conflito nos regimes monárquicos, nos democráticos, nos comunistas, nos socialistas, nos ditatoriais, nos despóticos, nos terroristas, nos religiosos, nos filosóficos e até nos utópicos.

Alberto Dines

Ayrosa e Delfim

A exibição do ministro Delfim Neto na televisão e o discurso do Chefe de Estado Maior do Exército, general Ernani Ayrosa, ainda que não tenham merecido dos especialistas as devidas considerações foram os destaques de uma temporada em que as notícias estão “enrustidas”, ocorrendo infra-muros.

Apesar das tiradas exuberantes contra um grupo de debatedores indefesos o Ministro do Planejamento deu a impressão de uma estrela cadente. Quanto mais lanfajoulas coloca na sua retórica mais despojada de sentido ficam suas exposições, pois uma coisa é fazer sucesso no “show-business” e, outra, o êxito no “business” propriamente dito. A inflação galopa e o “Cezar” da economia exhibe-se num “rodeo” mostrando que está aferrado à montaria, no caso, o poder.

O Chefe do Estado Maior da força terrestre é uma estrela ascendente, talvez o General de maior prestígio tanto na tropa por suas virtudes como herói e combatente, como entre seus pares, por seus dotes intelectuais. Não é “Falcão”, nem “Pomba”, apenas um profissional. Pronunciou-se recentemente pela exploração intensiva da Amazônia mas também por nossa independência energética. Deu o recado, agora numa oração de poucos minutos. Foi claro sem tomar partido, incisivo, sem radicalizar.

Depois de uma hora de delphiniana no domingo passado continuamos na mesma matéria de prefação da correção, subsídios agrícolas, preços mínimos, importação de petróleo, contenção de crédito. (Foi necessário um novo anúncio há dois dias para esclarecer a questão da poupança). Sabemos que estamos numa recessão mas nosso professor disse que não. Percebemos que a política econômica está sem comando - cada ministro puxa uma doutrina para favorecer interesses particulares, inclusive os próprios Secretários de Fazenda como é o caso da incrível ascensão de Pastore - e o Ministro finge uma determinação que os fatos não parecem comprovar. Ayrosa, ao contrário, falando em nome do Ministro do Exército fez conceituações precisas e inequívocas.

Por exemplo: ao caracterizar a abertura como iniciativa do quarto governo da Revolução o General a consagra como algo indiscutível e institucional. Ao mencionar o governo, e, não, o Presidente da República sensatamente evita a esparrela do culto da personalidade que em nossas plagas chama-se caudilhismo. Ainda que tenha desancado as minorias subversivas que não estão à altura da abertura (isto é, a esquerda) Ayrosa foi taxativo ao condenar o “descontentamento anárquico que mascara intenções totalitárias” (a direita). Ao fazer a apologia da profissionalização, eufemismo para o que se convencionou chamar de “Volta aos quartéis”, o ilustre militar foi candente contra aqueles que fazem da carreira militar um emprego. Difícil precisar o alvo exato da menção mas tudo indica dirigir-se aqueles militares hoje incrustados na administração pública, apegados às vantagens das “gerências”.

“A história do mundo está plena de exemplos de derrocada de exércitos que se deterioram e se ultrajaram quando se tornaram presas do mercantilismo”. Raras vezes na retórica castrense foi apresentada uma autocritica com tanta inteligência e sensibilidade.

A militarização do processo político pode ser acidental e transitória, e, em alguns casos, até constitui-se em alavanca reformista como foi o caso do “tenentismo” mas a mercantilização da Força Armada é um anquilosamento no poder, atingindo indelevelmente a própria estrutura da sociedade, como pode-se observar pelos acontecimentos na Bolívia.

Curiosamente, a ótica de Ayrosa analisando a problemática da sua corporação é ética, ainda que ao apresentar as Forças Armadas como fiadores do sistema, incorra no cacete autoritário. Essa mudança filosófica não pode passar despercebida. Infezivelmente, o posicionamento do ministro Delfim Neto é diametralmente oposto, desprezando compromissos com moralidades e subjetividades, verdade, justiça.

Aos 50 anos o Ministro do Planejamento é um florentino, enquanto o General, na casa dos 60, é um espartano. O professor de Ciências Exatas é um pirotécnico e o soldado apresenta-se como pensador. Esta inversão resulta justamente de um longo regime militar quando as elites civis abdicaram da sua capacidade de refletir, tornando-se subalternas. Destarte, o Ministro apresentou à Nação o perfil de um tecnocrata clássico, fruto de um sistema de poder onde a ciência e o saber deixaram de ser cotejados com os valores aos quais deveriam servir e o General, mesmo repetindo as clássicas ameaças, refletiu a imagem do guerreiro em revisão.

Os contrastes são incontáveis. Destes dois desempenhos públicos poder-se-ia extrair um retrato desta curiosa transição e deste insólito amadurecimento. Parece uma peça orquestral onde a percussão dá a linha melódica e os violinos fazem o ritmo. Nos bastidores, os fiadores mostram-se mais sensíveis aos novos tempos do que aqueles que se exibem na ribalta. Coisas da arte contemporânea.

A UNIÃO • Diretor Presidente: Nathanael Alves • Diretor Técnico: Gonzaga Rodrigues • Diretor Administrativo: Eténio Campos de Araújo • Diretor Comercial: Francisco Figueiredo • Editor: Agnaldo Almeida • Secretário: Arlindo Almeida • Chefe de Reportagem: Leila Guimarães • Redação: Rua João Amorim, 384 Fones: 221.1483 e 221.2277. • Administração e Oficinas: Distrito Industrial, Km 03 - RR-101. Fone: 221.1220. Caixa Postal - 321 - Telex 832295 • SUCURSAIS: Campina Grande: Rua Maciel Pinheiro, 320. Ed. Jabre - Fone: 321.3786 - Cajazeiras: Rua Pe. José Tomaz, 19 - Fone: 531.1674 - Patos: Travessa Solon de Lucena, S/N - Fone: 421.2268 - Guarabira: Praça João Pessoa, 37 - Fone: 478 - Sousa: Rua André Avelino - nº 25 - Fone: 521.1219 - Itaporanga: Rua Getúlio Vargas, S/N - Fone: 325 - Catalé do Rocha: Rua Manuel Pedro, 574.

POLÍTICA LOCAL

General Bandeira responde as críticas de deputado do PMDB

PORTO ALEGRE - "É uma calúnia que repilo com indignação e veemência".

Esta foi a reação do general Antonio Bandeira, comandante do III Exército, à acusação do deputado Marcus Cunha em comício na Pracinha, de que era um dos responsáveis pelos atentados terroristas ocorridos ultimamente contra as bancas de jornais que vendem a chamada "Imprensa alternativa".

A acusação do representante do PMDB causou mal-estar nos círculos militares não só do Recife, onde o general Bandeira serviu durante vários anos como em outras capitais, inclusive em Porto Alegre, sede do III Exército. No Recife, inúmeros oficiais se solidarizaram com o general Bandeira, através de telegramas e telefonemas, hipotecando-lhe irrestrita solidariedade.

Entrevistado em Porto Alegre, o general Antonio Bandeira repeliu com veemência a acusação do deputado Marcus Cunha, através da seguinte entrevista:

P - General Bandeira, a quem o Sr. atribui a responsabilidade pelos recentes atentados a bancas de jornais?

R - São atos lamentáveis praticados certamente por radicais contrários ao regime democrático. Pessoas que por não saberem viver um clima de liberdade, paz e tranquilidade, procuram dificultar a firme determinação do Presidente Figueiredo de redemocratizar o País.

P - O Sr. tomou conhecimento de que o deputado Marcus Cunha acusou-o de ser um dos responsáveis pela articulação desses atentados?

R - É uma vil calúnia que repilo com indignação e veemência. Essa provocação peca pela levandade e irresponsabilidade e, em absoluto, não me atinge. Nunca usei o anonimato ou clandestinidade para ocultar o meu procedimento. Minhas ações sempre foram claras, definidas e responsáveis. Ainda muito jovem batia-me, no Grêmio Literário do Colégio Militar do Ceará contra os integralistas que na época faziam demonstrações de força com as suas falanges pelas ruas de Fortaleza. Ostentando o sigma como bandeira. Posteriormente de armas na mão combati esses mesmos fascistas crioulos por ocasião do assalto ao Palácio Guanabara, em 1937 igualmente em 1935, combati a Intentona Comunista em 1964, participei da Revolução de 31 de Março, com o objetivo de preservar a democracia, então ameaçada.

São, portanto, 46 anos de serviços prestados à causa democrática, por convicção e ações, que muito orgulham este velho soldado que nunca serviu a outra bandeira senão a de sua Pátria.

P - É verdade que o Sr. está resistindo a sua transferência para a Reserva no fim deste ano, como insinua uma reportagem de um matutino paulista, do último dia 10?

R - Trata-se de uma insinuação cavilosa e intrigante, certamente com o objetivo de me indispor com meus chefes e companheiros de armas. A passagem para a Reserva, em cumprimento de prescrições regulamentares, como será o meu caso, é um ato normal na vida militar, de elevado e louvável alcance, pois visa a renovação dos seus quadros. Deixarei o serviço ativo sem frustrações ou traumas, muito pelo contrário, sairei com a convicção do dever cumprido, grato pelo respeito e o conforto da consideração de amizade dos meus chefes, pares e subordinados, decorrente das mais insuspeitas demonstrações de apreço que venho recebendo.

Ivandro diz que o povo não confia no governo

Em discurso proferido no Senado Federal, o senador Ivandro Cunha Lima declarou não ser nenhum exagero afirmar "que a fome, a miséria e a sede, neste ano, se fazem acompanhar no Nordeste, de um componente que está lado a lado com este conjunto de calamidade: a perda de confiança do povo no Governo". Para ele, "a justificada desesperança que vem se acumulando no seio da comunidade nordestina já provoca, inclusive, a confissão de sentimentos separatistas". Cunha Lima fez estas advertências após reclamar, com energia, o reinício das obras da barragem de Curimatã e a construção dos reservatórios de Pelo Sinal, Porteira e Acauã, considerados como imprescindíveis para a economia da Paraíba, bem como para um melhor controle do flagelo da seca.

- Com estes reservatórios, além da barragem do rio do Espinho, Taperoá, o Paraíba e seus pequenos afluentes seriam regularizados e perenizados. Desta forma, através de obra complementares, tais como irrigação, abastecimento d'água, produção de energia, apoio à agropecuária das zonas de suas bacias e intensificação da piscicultura, estaria resolvido o problema das grandes crises provocadas pelas estiagens do cariri paraibano".

PRIORIDADE

Estranha Cunha Lima que, "apesar de o Governo gastar milhões de cruzeiros, as obras da barragem de Curimatã foram paralisadas". Disse

Câmara aplaude aumento que governador concedeu

A Câmara Municipal de Campina Grande inseriu, na ata dos seus trabalhos legislativos, votos de felicitações ao governador Tarcísio Burity, "pelo substancial aumento concedido a todo funcionalismo do Estado".

A iniciativa partiu do vereador Rafael Manuel dos Santos, que apresentou um requerimento subscrito, ainda, pelos vereadores Alvaro Gaudêncio Neto, Altair Pereira Pinto, Hermes Ferreira Ramos, José Sobreira Targino e Everaldo da Costa Agra.

Por outro lado, o presidente da Associação dos Servidores Civis do Brasil, Antonio Barroso Pontes, enviou ofício ao governador, felicitando-o pelo mesmo motivo. Na íntegra, o

que "a velha alegação de "falta de recursos" já não é mais admissível, "pois enquanto ao sofrido Nordeste são negados financiamentos imprescindíveis ao seu desenvolvimento, nas regiões sudeste e sul são aplicados milhões de dólares em obras de duvidosos critérios de prioridade, como é o caso da ponte Rio-Niterói e as usinas de energia nuclear".

Informou, ainda, que o Governo deveria ativar as obras da construção dos açudes de Pelo Sinal, Porteira, Acauã, além de Curimatã. Estas barragens, a seu ver, além do armazenamento de água para abastecimento às populações, teriam aproveitamento adicional e não menos importante para a economia da região, através da produção de pescado, desenvolvimento de agricultura, fornecimento de energia elétrica e implantação de sistemas de irrigação. No entender de Cunha Lima, o conjunto desses quatro açudes programados para o Cariri paraibano seria a redenção daquela região, desde que o plano integrado fosse observado, criteriosamente, em todo o seu cronograma.

- Infelizmente, essa programação vem se arrastando há vários anos - Lembrou Cunha Lima ao ser apoiado pelos senadores Mauro Benevides, Aderbal Jurema, Humberto Lucena, Evilásio Vieira e Almir Pinto, este último afirmando que já é chegada a hora de o Governo Federal efetivar uma política real e concreta para todo o Nordeste, com vistas ao seu pleno desenvolvimento.

Neuma é cidadã de Campina

A Câmara Municipal de Campina Grande aprovou, em sessão ordinária, na sexta-feira que passou, projeto de lei de autoria da vereadora Maria Lopes Barbosa, do PMDB, concedendo o título de Cidadã Campinense à Assistente Social Teresa Neuma Gonzaga.

Dos 17 membros da "Casa de Félix Araújo", 15 compareceram à sessão da última sexta-feira, e votaram por unanimidade, na proposição da vereadora Nevinha Barbosa, que, a justificativa do seu projeto anexou dois artigos escritos pelos jornalistas Tarcísio Cartaxo e Itamar Cândido, a respeito da homenagem.

Teresa Neuma Gonzaga, nova cidadã campinense, nasceu em Serra Branca, no Cariri paraibano, tendo se deslocado muito cedo para Campina Grande, onde realizou todos os seus estudos colégiais e universitários. No campo profissional, entre os cargos que já ocupou, está o de primeira diretora do Grupo Escolar "Joselito - Brasileiro", durante a gestão do Prefeito Williams Arruda.

Atualmente, a Assistente Social Teresa Neuma ocupa as funções de Assessora Técnica da União Campinense de Entidade Sociais (UCES), e das 21 Sociedades de Bairro; Coordenadora do MOBRAI (cargos não remunerados), Chefe da Divisão de Ensino Supletivo da Secretaria de Educação e Cultura do Município e Assistente Social da Secretaria do Trabalho e Serviços Sociais do Estado.

Projeto beneficia empresas

Citando as firmas Enarq, Sotema, Projeto, Cojuda, Sama, Concretosolo, Iter, Inca, Paraíba e inúmeras outras construtoras do Estado, o deputado Gilberto Sarmento solicitou do governador Tarcísio Burity a regulamentação da Lei 4.036, de 22 de dezembro de 78, que assegura preferência às empresas de construção e consultorias com sede na Paraíba, para os casos de empate nos preços, nas concorrências públicas, licitações ou tomadas de preços, para execuções de quaisquer serviços das repartições públicas estaduais, exigidas na forma do decreto-lei 2000 de 25 de fevereiro de 67.

Exibindo no plenário da Assembléia Legislativa, sexta-feira passada, uma farta documentação com fotocópias de jornais do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, mostrando idêntico procedimento em diversos Estados, o deputado Gilberto Sarmento alegou que as firmas de fora trazem engenheiros de outras localidades, laboratoristas e até o pessoal da administração.

Além de mais, levam significativa parcela do capital da obra para fora da Paraíba.

Sarmento afirmou que o não cumprimento da lei tem desestimulado as empresas construtoras paraibanas, o que de uma certa forma contribui para o empobrecimento do Estado.

Gilberto terminou o seu pronunciamento enaltecendo as últimas decisões do governador Tarcísio Burity, dizendo que estava confiante no deferimento desse pleito, por ser de grande importância para o empresário da construção civil na Paraíba.

Após ocupar a tribuna o deputado justificou o seu pleito pessoalmente aos jornalistas, mostrando recortes de jornais do Sul onde se lê que as empresas instaladas e com sede no Município do Rio de Janeiro ganharam, preferência nas concorrências públicas da Prefeitura, quando em igualdade de condições, beneficiando os setores de bens e de serviço a serem adquiridos pelas administrações direta e indireta.

CARLOS CHAGAS

A HORA DAS DECISÕES

Brasília - Senão a hora do confronto, aproxima-se a hora das decisões. Será vencer ou perder, para o Governo, mas para perdendo, sabe-se lá quem perderá mais: se ele, o Congresso ou a Nação. Vencendo, terá vindo aquela canhestra postura de que a democracia é o fim almejado, mas as eleições, por enquanto, não são os meios para se chegar lá.

Diante da posição anunciada pelo deputado Célio Borja, do PDS, de não comparecer à votação da Emenda Anísio de Souza; que prorroga até 82, os mandatos dos prefeitos e vereadores, a pergunta feita cada vez mais intensamente na Capital federal é se o Governo conseguirá mesmo, em setembro, aprovar aquela iniciativa. Porque, para tanto, serão necessários os votos de 211 dos 217 deputados federais do PDS, imaginando-se que todos os integrantes das bancadas de oposição votem contra ou não compareçam, como estão prometendo. E se Célio Borja, de público, admite sua discordância deste ano, porque com o adiamento das eleições municipais deste ano, porque não imaginar que pelo menos outros seis companheiros pedessistas façam o mesmo?

Seria, no caso, não a realização do pleito constitucionalmente marcado, pois não há mais tempo, caindo as Prefeituras municipais na intervenção estadual e fechando-se, por dois anos, todas as Câmaras de Vereadores. No reverso da medalha, porém, ficaria comprovada a precariedade da maioria governista no Congresso, e isso é o que preocupa os detentores do poder. Como, então, indagam os detentores do poder, prosseguir na abertura política cujo ritmo precisa ser dado por eles, não pela oposição? De que maneira submeter à votação, por exemplo, o projeto das prerrogativas do Legislativo, peremptoriamente recusado pelo Executivo ao menos em dois de seus principais aspectos, o do restabelecimento pleno da inviolabilidade parlamentar e o do fim da aprovação de projetos oficiais por decurso de prazo?

Seria o confronto, ou melhor, o sinal de fraqueza ou a dúvida permanente de que se vesteria o Governo, não apenas para aprovar suas iniciativas, tais como pretende, como, em especial, para evitar que propostas oposicionistas acabarem tomadas lei.

Diante dessa situação de incerteza, que o ministro da Justiça prefere rotular de "expectativa esperançosa", deve-se assistir a partir de amanhã, em Brasília e nos Estados, um dos mais profundos trabalhos de mobilização parlamentar já efetuados no Governo Figueiredo. Diz Ibrahim Abi-Ackel não ser nada fácil colocar no plenário da Câmara, votando a favor, 211, em 217 deputados federais, inclusive por questões de saúde, pessoais, de viagem ou sucedâneo. "Tem que ser feito - é sua palavra de ordem, e se não chega à raia de Pedro. O Eremita, que ao pregar as cruzadas se utilizava do chavão "Deus o quer", ao menos começará a alardear que "João o quer", ou que "a abertura o exige".

Uma derrota do Governo, no dia da votação da Emenda Anísio de Souza, equivalerá no mínimo a uma interrupção no processo em marcha. Senão um recuo ao menos aquilo que se diz, em linguagem militar, ser "a parada para reajustamento de dispositivo".

Célio Borja pôs a cabeça de fora e enfrenta a tempestade, mas, pelo que se sabe, treze outros deputados do PDS estão dispostos a não dar o seu aval ao adiamento das eleições municipais. Não comentariam o supremo sacrilégio de, comparecendo, votar contra, mas, simplesmente, deixar-se-iam ficar em seus Estados. Um ou outro alegrará doença, morte de parente ou viagem de última hora, mas o que interessa, mesmo, é o produto final, ou seja, os 211 votos.

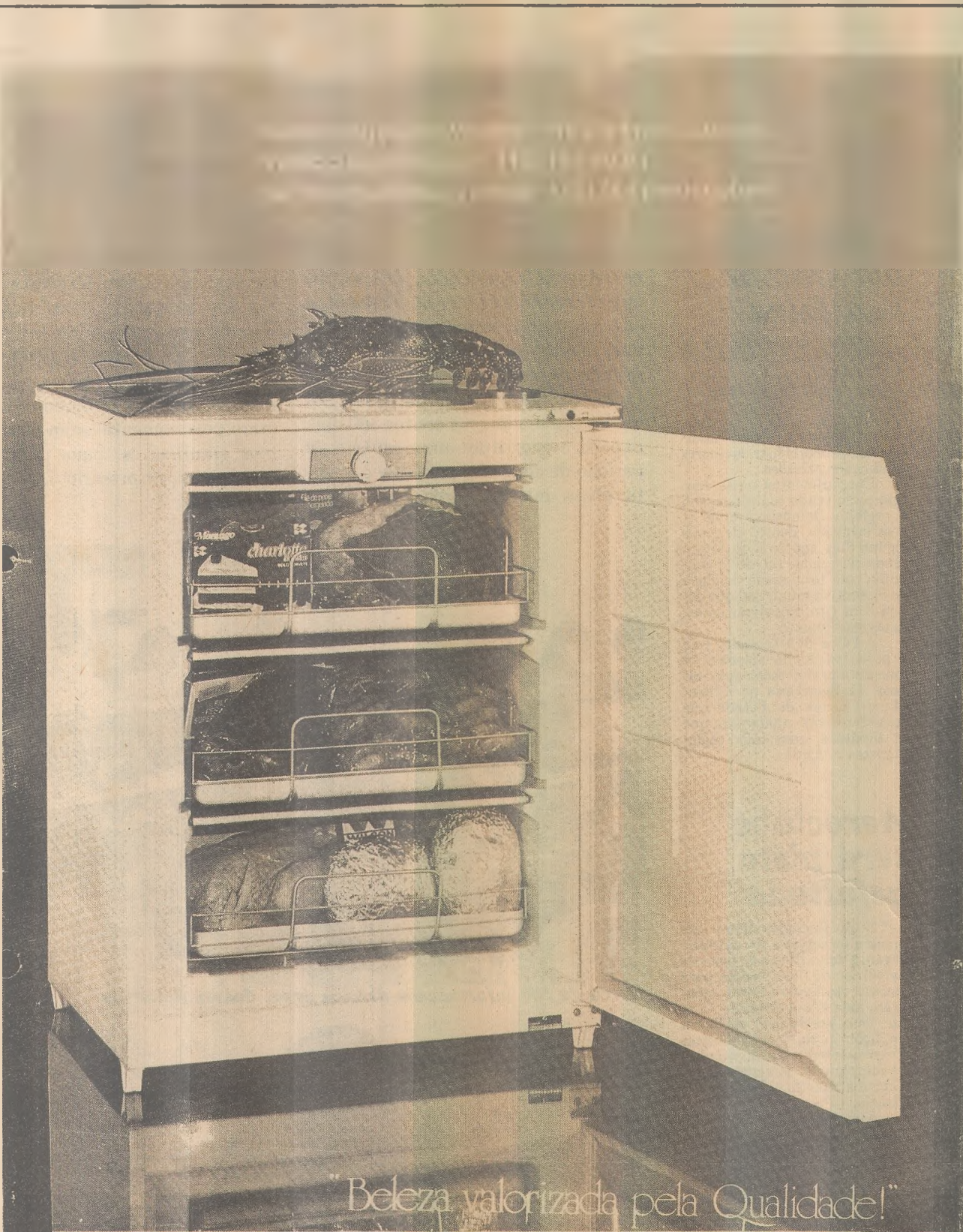
O episódio, ainda nebuloso, faz as atenções girarem se projetarem para mais tarde, sequer para as dificuldades que o Palácio do Planalto enfrentaria este ano, no caso da aprovação das prerrogativas a prenunciar os resultados da eleição geral de 1982, quando a legenda oficial se arrisca a não eleger sequer a maioria simples dos membros da Câmara. Por isso já se falou, como continua se falando, na retomada da aliança entre o PDS e o PP - uma alternativa engendrada por Petrônio Portella e abandonada logo após a sua morte. Dizia o antigo ministro da Justiça não se importar muito com cálculos feitos para 1982, pois o importante seria selar um entendimento amplo com os "populares", egressos da antiga Arena e do antigo MDB. Em seu entender, nesse esquema repousariam a natureza das coisas e a garantia de que o Governo não colheria derrotas parlamentares, tanto quando elegeria o seu candidato à presidência da República, no colégio eleitoral de 1984. Desviado o projeto por força de uma decisão do próprio comando político oficial -, que preferiu engrossar o PDS a permitir o crescimento do PP - passou este partido à oposição irrestrita. Tempo para uma recomposição, sempre haverá, especialmente se sobreviver o malogro da prorrogação dos mandatos municipais, dentro de três semanas, mas o preço por certo crescerá. Ministérios para o PP? Quantos e quais?...

UMA SOLUÇÃO

Parcial, mas uma solução. No capítulo do decurso de prazo, que o texto produzido pelo deputado Flávio Marclio pretende encerrar, inclina-se o Governo para admitir uma fórmula intermediária. Não se abriria mão do princípio, mas, em contrapartida, os projetos que o Executivo enviasse teriam cerca de 70 dias, e não 45, como hoje, para serem examinados e votados no Congresso. Não se conseguindo a votação nesse prazo, seguir-se-iam oito sessões conjuntas de Câmara e Senado, com a matéria colocada prioritariamente na ordem-do-dia. Em cada uma delas, ao menos duas chamadas nominais de senadores e deputados teriam lugar. Assim, abrir-se-ia a oportunidade a que o Legislativo atuasse e não pudesse alegar, depois, falta de tempo de sua parte ou pressa maliciosa do Governo, para a aprovação dos textos oficiais. Outro aceno do ministro da Justiça, no caso, diz respeito aos critérios que o Executivo utilizaria, muito mais rígidos, para aplicar esse mecanismo: apenas em casos de comprovada urgência e necessidade o decurso de prazo seria operado.

Para Ibrahim Abi-Ackel, a solução engendrada por Célio Borja, na Emenda das Prerrogativas, é obstructionista, pois o parlamentar carioca prevê um número indefinido de sessões onde a matéria ficaria colocada em primeiro e único lugar na ordem-do-dia: nesse caso, o Congresso cruzaria os braços, se a sua maioria pretendesse recusar certos projetos oficiais, bastando não atender as chamadas.

Carlos Chagas



Consul
A marca da tranquilidade.



CEZAR

30 Anos de Liderança
Miguel Couto, 154 Maciel Pinheiro, 193

CIDADE

Escritores participarão de congresso

Prenuncia-se o sucesso do V Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literária e do I Seminário Internacional de Literatura, a realizarem-se em Campina Grande entre os dias 21 e 28 de setembro próximo, numa promoção do Plano-Piloto da Cultura, juntamente com a UFPB, o Governo do Estado, a Fundação Cultural Municipal Manuel Bandeira, da qual cidade, a Secretaria de Educação campinense. Quatro grandes escritores brasileiros - Décio Pignatari, Ferreira Gullar, Geir Campos e Ledo Ivo - já confirmaram suas presenças à promoção campinense, segundo informou ontem a professora Elizabeth Marinheiro, uma das responsáveis pela realização do encontro.

A informação foi confirmada, ontem, pela coordenadora em exercício do Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários - NELL, professora Lucie Mayer Motta. Os interessados em participar dos dois eventos devem dirigir-se diretamente ao NELL, à avenida João da Mata, 458, fone 083-321-0740, Campina Grande, PB, onde se podem obter detalhadas informações sobre o assunto.

ECT criará nova agência na Capital

Afirmando que somente no próximo ano é que João Pessoa deverá ter uma nova agência dos correios, integrantes do sistema de agências pré-fabricadas, o sr. Ruy Fortunado de Assis, diretor regional dos Correios e Telégrafos na Paraíba informou que elas serão localizadas em lugares prioritários na prestação desses serviços de comunicação.

Foi encaminhado recentemente pela Diretoria Regional da ECT ao órgão central da empresa, em Brasília, um pedido de instalação de oito novas agências desse tipo em cidades do interior.

Segundo o sr. Ruy Fortunado de Assis, as cidades que possivelmente até o final deste ano estarão com suas agências pré-fabricadas devidamente instaladas são: Belém do Brejo do Cruz, Caiçara, Alagoinha, Ingá, Bonito de Santa Fé, Arara, Condado, Juripiranga e Cabaceiras.

Secretária abre amanhã a Semana do Excepcional

A Semana do Excepcional será aberta segunda-feira, às 15h, nas escolas e instituições de ensino especial, pela secretária da Educação e Cultura, Giselda Navarro Dutra. Antes, pela manhã, será inaugurada pela sra. Lídia Geisel Domingues, a primeira oficina profissionalizante D. Alzira Geisel, na Escola de Audiocomunicação do Estado, na rua Olavo Bilac, 111, em Tambiá (em frente ao Parque Arruda Câmara). O ato contará com a presença da primeira dama, sra. Glaucete Burity, o diretor geral da Educação, Arlindo Delgado, a coordenadora de Educação Especial, Roma Torres Medeiros, a coordenadora da Comoci, Clara Lúcia Ramalho Carvalho, entre outras autoridades.

A Semana do Excepcional, promoção da SEC, prosseguirá no dia 26, às 9,30 h, com apresentação do Coral do Instituto dos Cegos da Paraíba, Adalgisa Cunha, no Lar do Menor Jesus Nazaré à rua Jesus de Nazaré, 147, em Jaguaribe, às 14 h, atividades recreativas com as crianças sob a responsabilidade das Escolas e Instituições de Ensino Especial; dia 27, às 9h, Exposição do Trabalho

Manuais, no auditório do Instituto de Educação da Paraíba, na av. Camilo de Holanda; às 16h, apresentação do Coral do Instituto dos Cegos do Estado Adalgisa Cunha, encerramento da Exposição (auditório do Instituto de Educação da Paraíba, Camilo de Holanda). Dia 28, às 7,30 h, atividades recreativas com as crianças sob a responsabilidade da Direção das Escolas e instituições de ensino especial: às 14 h, apresentação do Coral do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, na Escola de Pindobal, em Mamanguape, e atividades recreativas com as crianças sob a responsabilidade da direção das Escolas e Instituições de Ensino Especial. Dia 29, às 10 h, abertura oficial de Educação Especial no município de Campina Grande; às 17h, missa em ação de graças, na Catedral Metropolitana, com a participação de autoridades, pais, crianças e educadoras.

Campina Grande comemorará também a Semana do Excepcional, numa promoção da Prefeitura de Campina Grande e Secretaria de Educação do Estado, com a colaboração do Centro Assistencial da Criança Excepcional.

IHGP tem agora novo presidente

Numa eleição simples e de pouca duração foi escolhido ontem o novo presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, urbanista e escritor Lauro Xavier, em chapa única que contou a aceitação da maioria dos sócios. Os trabalhos foram presididos pelo sócio Sinval Fernandes, auxiliado pelos seus companheiros Sabinião Maia e Carmen Coelho de Miranda Freire.

O novo presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, Lauro Xavier, permanecerá no cargo por um período de três anos. Ele substituirá o atual presidente Antônio Freire, que tem seu mandato findo agora.

A chapa do sr. Lauro Xavier, é composta de Heronides Coelho (vice-presidente), Deusdedit Leitão (secretário geral), Reinaldo Oliveira (1º secretário), Rosilda Cartão (2º secretário), Terezinha Pordeus (tesoureiro) e Domingos Azevedo Ribeiro (relações públicas).

O presidente da Mesa Apuradora, Sinval Fernandes, ao fazer referências sobre os motivos que os levaram a ser escolhidos pelo sr. Antônio Freire para dirigir aquela assembléia geral na qual seria votada a escolha do novo dirigente do Instituto, disse que sempre são escolhidos os mais velhos. E fez gracejos com isto, inclusive lembrando que Câmara Cascudo afirmou, certa vez, ter Jesus Cristo com 33 anos de idade, convidado São Pedro para dirigir sua Igreja.

O Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba foi fundado no dia 7 de setembro de 1905, de lá para cá diversos presidentes já foram escolhidos para dirigir-los.

Artesanato vai iniciar sua feira

A Festa de Artesanato da Paraíba criada recentemente pelo prefeito Damásio Franca, deverá funcionar dentro em breve na Praça Venâncio Neiva (Pavilhão do Chá) local mais central da cidade e, com condições de proporcionar melhores vendas aos artesãos.

Entendimentos nesse sentido estão sendo mantidos com o prefeito Damásio Franca e, possivelmente dentro de mais alguns dias aquela feira estará sendo realizada. Inclusive contando com total apoio do chefe do Executivo municipal que deseja com isto incentivar os artistas paraibanos.

A Feira de Artesanato com a participação de artesãos de todo Estado vem recebendo, também, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado que vem oferecendo ajuda para que os produtos artesanais sejam expostos à venda.

Aeroclube terá pista asfaltada

Serão iniciados ainda esta semana os serviços de terraplanagem e delimitação da pista do Aeroclube de João Pessoa para que seja realizado o asfaltamento em toda a sua extensão. Com isto vem possibilitar melhores condições para os aeroclubistas desenvolverem suas atividades, a exemplo que já acontece nas Capitais Recife, Fortaleza e Maceió.

A pista de pouso do Aeroclube de João Pessoa será, segundo informações, uma das melhores do Nordeste pois vai contar com um alargamento que possibilitar o amplo manuseio dos aviões. Uma área será isolada para a construção do Departamento de Aeromodelismo recentemente criado pela diretoria do Aeroclube, onde será construído um galpão para estacionamento privado e acomodação dos visitantes.

Mesmo com o início dos trabalhos básicos, os treinamentos de paraquedismo e pilotagem não sofrerão continuidade, já que serão iniciados na semana que se inicia, visando o melhor aprimoramento dos iniciantes na aviação. O Aeroclube vai abrir, também, sala de aulas para treinamentos teóricos de alunos a piloto privado que conta, atualmente, com 16 aprendizes, inclusive uma mulher.



O diretor Luiz Duarte orienta os trabalhos das telefonistas

SPC substitui o avalista em transações comerciais

Qualquer pessoa pode efetuar uma compra a prazo ou efetuar uma operação financeira, sem necessidade de recorrer ao fiador ou avalista, figura nada agradável, que desapareceu com a instituição do Serviço de Proteção ao Crédito - SPC, hoje espalhado por cerca de 400 cidades brasileiras, incluindo todas as Capitais. Do comportamento do cliente, depende a continuação ou a suspensão do seu crédito. Se é um bom pagador, as portas das casas comerciais estarão sempre abertas para novos negócios. Se, ao contrário, deixa de cumprir com os compromissos assumidos, elas se fecham em todo o País. Para onde quer que ele vá, o SPC o acompanha, garantindo ao vendedor a segurança de que não será enganado e ajudando a diminuir o número dos maus pagadores.

Sobre esse serviço, que constitui um departamento do Clube de Diretores Lojistas, fala a sua secretária executiva, Marilete Gomes da Silva:

- Atualmente temos mais de 360 mil fichas de clientes de todo o País, inclusive aqui da Paraíba, onde o SPC funciona nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Cajazeiras. No primeiro semestre de 1979, foram fornecidas 53.082 informações, número que em igual período deste ano subiu para 64.488, com um aumento de 11.406, considerado bastante expressivo. Dezesseis funcionários cuidam desse trabalho, em tempo integral da segunda à sexta-feira, e até ao meio dia dos sábados, atendendo em média 500 pedidos diários.

Essas fichas estão catalogadas por clientes *negativados*, que são os que compram e esquecem de pagar, e os *reabilitados*, assim considerados os que, dentro de determinado prazo, saldam os seus débitos. Essa reabilitação, na maior parte dos casos, somente produz os seus efeitos 180 dias depois, e constitui uma espécie de período de carência, para que o cliente possa meditar, antes de propor

novo negócio no comércio, nos bancos e em outras instituições filiadas ao Serviço de Proteção ao Crédito.

O diretor do SPC aqui em João Pessoa é o empresário Luiz Duarte Filho, que pela segunda vez assume o posto, depois de ter ocupado vários cargos na diretoria do Clube de Diretores Lojistas. Para ele, "o Serviço de Proteção ao Crédito, como o próprio nome está a indicar, é uma instituição de utilidades pública, o amigo comum de quem compra e de quem vende. Com ele, todos passaram a gozar de crédito pessoal, sem o constrangimento de recorrer ao fiador, além de se constituir num elemento de fortalecimento das atividades comerciais".

Depois de anunciar que o SPC deverá instalar-se, brevemente, no novo edifício a ser construído pelo Clube de Diretores Lojistas, em terreno adquirido no centro da cidade, o sr. Luiz Duarte confirmou que teve conhecimento, através da imprensa, de que o banco Central pretende enviar lista dos irrecuperáveis passados res de cheques sem fundo, e se isso ocorrer não terá dúvidas em incluí-los nos seus fichários. As autoridades monetárias do País estão preocupadas com o problema do cheque, desejam preservar o seu prestígio e a confiança que perderam, e quando recorrem ao SPC, demonstram, com isso, que a nossa instituição atingiu os seus objetivos e a cada dia se afirma cada vez mais - enfatiza o diretor do Serviço de Proteção ao Crédito.

Mais de 70% dos estabelecimentos comerciais desta Capital e a maioria dos bancos e outros estabelecimentos que operam no mercado financeiro, prestigiam o SPC, com a sua inscrição entre os nossos usuários. Nossa meta é aumentar esse número, pois somente assim conseguiremos eliminar os maus pagadores - concluiu o empresário Luiz Duarte Filho.



Cerca de 500 informações diárias saem desses fichários



Marilete é a responsável pela Secretaria Executiva

Condicionador de Ar
2500/3000/3800/4500Kcal/h
10.000/12.000/15.200/18.000 Btu/h

Beleza valorizada pela Qualidade!

Consul
A marca da tranquilidade.



CEZAR

30 Anos de Liderança

Miguel Couto, 154 Maciel Pinheiro, 193

TRANSPORTE

PATOENSE LTDA.

QUADRO DE HORÁRIO

DIARIAMENTE

PRINCESA IZABEL

SAINDO:

Catolé do Rocha 13:00hs

Conceição 04:00 e 18:00 hs

Princesa Izabel 09:00 hs

Patos (Expresso) 13:00 e 21:00hs

POMBAL - (Ex-presso) 6:00hs

São Bento do Brejo do Cruz 18:00hs

PATOS para Campina Grande 04:00, 06:00 e 7:00hs

João Pessoa (Ex-presso) 5:00 e 8:00 noras

Princesa Izabel 13:00 hs

Garanhuns Pe 15:00 hs

Patos 04:00hs

João Pessoa 10:00 hs

CAMPINA GRANDE PARA Patos 12, 15 e 17:30hs.

CATOLÉ DOROCHA PARA João Pessoa 06:00hs

CONCEIÇÃO para João Pessoa - 04:00 e 06:00hs

SÃO BENTO DO BREJO DO CRUZ para João Pessoa 16:00hs

Rua Rui Barbosa, 297 Patos Pb

O LIDER DO SERIÃO

PARAIBANO.

CENTRO

OFTALMOLOGICO

PARAIBANO

Clinica e Cirurgia dos Olhos - Glaucoma - Estrabismo

Lentes de Contato - Ortopia.

DR. JOSÉ EWERTON DE ALMEIDA HOLANDA

C.R.M. - 1539

● Curso de Especialização e Doutorado em Oftalmologia - 4 anos - no serviço do Professor Hilton Rocha na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

● Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba.

● Membro do Conselho Latino-Americano de Estrabismo.

● Membro da Sociedade Brasileira de Lentes de Contato.

● Membro da Sociedade Francesa de Oftalmologia.

● Especialista em Oftalmologia por concurso pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia.

PLANTÃO NOTURNO

Consultório:

Rua Monsenhor Walfredo Leal, 715

Fones: 222-0090 - 221-1190

Consultas:

Hora Marcada.

CARDIOLOGIA

Diagnóstico precoce da doença das coronárias e medidas preventivas do infarto cardíaco — Controle da hipertensão arterial — Eletrocardiograma sob esforço (Ergometria) — Risco cirúrgico — Reabilitação pós-infarto e pós-cirurgia cardíaca — ECG à distância pelo telefone.

DR. GILVANDRO AZEVEDO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO NA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA

EX-ASSISTENTE CIENTIFICO DO DEPT. DE CARDIOLOGIA - KLINIKUM CHARLOTTENBURG - UNIVERSIDADE DE BERLIM

PROF. - ADJUNTO DE CARDIOLOGIA DA UFPP

EX-RESIDENTE DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA UFBA

MEMBRO EFETIVO DA SOCI. BRAS. DE CARDIOLOGIA

MEMBRO DA SOC. DE CARDIOLOGIA DE WEST-BERLIN.

Atendimento diariamente com hora marcada no INST. DO CORAÇÃO-Max. Figueiredo, 215 Fone 221-0269

EXPRESSO GUARABIRENSE

INFORMA HORÁRIOS

JOÃO PESSOA - GUARABIRA

(Via BR-230)

SAÍDA DE JOÃO PESSOA:

05:00 - 05:30 - 07:00 - 08:00 - 09:00 - 10:00 - 12:00 - 13:00 - 14:00 - 15:30 - 16:00 - 16:30 - 17:00 - 17:30 - 18:00 - 19:00 hs

SAÍDA DE GUARABIRA

04:30 - 05:00 - 05:30 - 06:00 - 07:00 - 07:30 - 08:00 - 08:30 - 09:00 - 10:00 - 11:00 - 12:00 - 13:00 - 14:30 - 15:30 - 16:00 - 17:30 hs

JOÃO PESSOA - SOLÂNEA

(Via Bananeiras)

SAÍDA - JOÃO PESSOA:

06:30 - 10:30 - 16:30 - 18:30

SAÍDA - SOLÂNEA:

06:30 - 10:30 - 11:30 - 15:00

JOÃO PESSOA - CACIMBA DE DENTRO:

SAÍDA - JOÃO PESSOA: 06:00 - 13:30

SAÍDA - CACIMBA DE DENTRO: 04:30 - 12:00

JOÃO PESSOA - DONA INES:

SAÍDA - JOÃO PESSOA: 04:30 - 09:30 - 14:00

SAÍDA DONA INES: 03:30 - 09:30 - 15:30

JOÃO PESSOA - BANANEIRAS:

(Via Serraria)

SAÍDA JOÃO PESSOA: 14:30

SAÍDA BANANEIRAS: 04:30

JOÃO PESSOA - GUARABIRA

(Via Alagoinha)

SAÍDA - JOÃO PESSOA: 12:30

SAÍDA - GUARABIRA: 04:30

JOÃO PESSOA - PICUI

(Via Guarabira)

SAÍDA - JOÃO PESSOA: 14:30

SAÍDA - PICUI: 04:00

JOÃO PESSOA - SAPE

SAÍDA - JOÃO PESSOA: 07:30

SAÍDA - SAPE: 06:30 - 11:30

JOÃO PESSOA - MARI

SAÍDA - JOÃO PESSOA: 10:00

SAÍDA - MARI: 06:00 - 12:00

Emater fará estágio para os técnicos

Um programa de estágio supervisionado começará a ser executado a partir de amanhã, pela Emater e Universidade Federal da Paraíba, para sessenta concluintes do curso técnico em agropecuária do campus de Bananeiras, visando dotá-los de conhecimentos sobre os aspectos filosóficos e metodológicos do Serviço de Extensão Rural.

O treinamento, que se estenderá até o dia 28 de novembro, espera levar aos estagiários conhecimentos tecnológicos, administrativos e operacionais de uma unidade operativa da Emater, política agrícola estadual, princípios e objetivos da Extensão Rural, entidades participantes, áreas de atuação e metodologia utilizada pelos extensionistas e os aspectos das políticas de crédito, comercialização e tecnologia gerencial.

O programa divide-se em módulos teórico e prático. A primeira parte que vai até o dia 5 de setembro se desenvolverá no campus de Bananeiras e a outra será feita nas unidades operativas da Emater, onde os estagiários passarão a atuar, seguindo a orientação dos extensionistas que atuam na área.

Os professores que ministrarão os segmentos tratarão sobre estrutura e funcionamento da Emater-Paraíba, Extensão Rural, diretrizes de assistência técnica e extensão rural, política de comercialização e armazenamento, crédito rural, administração rural, metodologia e comunicação.

Supletivo

inicia as inscrições

Começam amanhã as inscrições dos Exames Supletivos de 1º e 2º Grau, cujas provas se realizarão no mês de dezembro. As inscrições serão efetuadas no Lyceu Paraibano, devendo estender-se até o dia 4 de setembro.

A taxa de inscrição será de 40 cruzeiros por disciplina pretendida, conforme resolução do Conselho Estadual de Educação, devendo ser recolhida em uma das seguintes Agências Bancárias: Banco do Estado da Paraíba S/A-Agência de João Pessoa, Guarabira, Campina Grande, Patos e Cajazeiras e Banco do Nordeste do Brasil S/A-Agência de Itaporanga.

Os exames serão realizados nos Estabelecimentos Oficiais de Ensino onde também serão recebidos os pedidos de inscrição. Em João Pessoa os exames serão realizados no Lyceu; em Campina Grande, no Colégio Estadual da Prata; em Guarabira, Colégio Estadual Pedro Aleixo; Em Cajazeiras, Colégio Estadual e Itaporanga, no Colégio Estadual local.

Os exames se iniciarão no dia 12 de dezembro e a duração de cada prova será, no máximo, de três horas a partir da ordem de início, não sendo concedida chamada-especial a candidato que, no horário estipulado, tenha deixado de comparecer à prova para a qual se inscreveu.

A realização das provas de Organização Social e Política do Brasil e Educação Moral e Cívica será unificada.

Os candidatos deverão comparecer aos locais dos Exames com trinta minutos de antecedência, portando lápis e borracha, caneta esferográfica azul, carteira de identidade e cartão de inscrição.

A correção das provas será feita através de processamento eletrônico, considerando-se aprovado o candidato que obtiver nota igual ou superior a 5,0 (cinco) em cada disciplina, dentro de uma escala de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), vedados o arredondamento de notas e revisão de provas.

A boa produção constata o avanço nos programas de irrigação

Projeto Sertanejo muda o conceito de produção

O Projeto Sertanejo está mudando, na região do Curimataú, um velho conceito de que não se pode produzir no campo sem chuvas, e as primeiras experiências de irrigação em pequenas e médias propriedades já começaram a oferecer resultados práticos.

Por orientação do Secretário José Costa, de Agricultura e Abastecimento, o coordenador estadual do Projeto Sertanejo, João Bosco Marinho, visitou nos últimos dias a região do Curimataú para constatar os avanços conseguidos nos programas de irrigação que mostraram a viabilidade da aplicação de recursos na área.

Acompanhado do coordenador do Projeto Sertanejo em Picuí, Manoel Sales Viana, o agrônomo João Bosco Vieira Marinho visitou as propriedades Estrondo e "Alto do Chapéu", onde conheceu os plantios de batatinha, tomate, cenoura, pimentão, melancia, banana, milho, feijão e campim de variados tipos.

RETORNO GARANTIDO

O proprietário da fazenda "Estrondo, de 55 hectares, apenas na cultura de batatinha, onde conseguiu 20 mil quilos, levantou o valor do empréstimo solicitado para custeio, na ordem de 378 mil cruzeiros. Alcançou também 40 toneladas de melão, tudo numa área de 4,6 hectares irrigados por aspersão, com a utilização de moto-bombas. Agora ele está promovendo rotação de cultura com cenoura, melão, melancia e hortaliças.

A propriedade "Estrondo", encravada no município de Nova Floresta, foi contemplada ainda com empréstimo de

MUITA AÇÃO

Manoel Viana informou que o Núcleo do Projeto Sertanejo do Curimataú, instalado em Picuí, já elaborou 156 projetos, com a projeção de recursos na ordem dos 109 milhões, e já foram contratados 108 projetos, com a liberação de 65 milhões de cruzeiros.

Na área já foram construídos pelo Sertanejo cerca de 70 açudes, que esperam uma chuva que possa acumular o líquido suficiente (há três anos não chove na área, em abundância).

Agricultores preparam a terra para o plantio da batatinha

“A propósito, realizamos um seminário em junho com todos os órgãos responsáveis, na Secretaria de Agricultura, onde estiveram presentes técnicos entendidos dos problemas de agricultura no semi-árido, resultando daí um documento que já estamos distribuindo com as autoridades e políticos que visam chamar a atenção para algumas recomendações técnicas que já poderiam ser acionadas pelo Governo no sentido de ajustar as atividades agrícolas às circunstâncias de uma seca ou de inverno irregular, quer pela baixa queda pluviométrica, quer pela má distribuição das chuvas, como ocorreu esse ano, adiantou José Costa.

Além disso, o titular da Agricultura afirmou ainda que está se organizando um Programa de irrigação nas áreas atingidas pela seca no Estado, já tendo inclusive sido treinados 23 agrônomos espe-

cializados em irrigação para executarem um Plano Diretor de Irrigação na Paraíba. Esse plano deverá estar concluído até o final de setembro pela Coordenadoria de Irrigação recentemente criada dentro da estrutura da Secretaria da Agricultura, por recomendação do governador Tarcísio Burity.

A implantação desse Plano Diretor de Irrigação será iniciado conjuntamente com o Projeto do Catolé do Rocha, em cerca de 200 propriedades durante a primeira etapa, elevando-se esse número para 400, na segunda etapa.

Apesar das previsões de seca para dois anos subsequentes, a Secretaria da Agricultura não negligenciou nenhuma providência para apoiar a próxima safra, segundo afirmou José Costa. “Em função disso, estamos preparando a produção através de campos especializados na multiplicação de sementes sendo cerca de duas mil toneladas de sementes de algodão ao mesmo tempo em que providência a aquisição de sementes selecionadas de milho, feijão e sorgo, para revenda aos produtores através dos postos da Cidagro”, acrescentou.

abertura

“UM ESPANTO!”

É espantosa a coragem do jornalista NG, do jornal O Momento, quando se trata de criticar o Governo e o governador. O mesmo não ocorre, porém, quando está em jogo o nome de João Agripino. No exemplar do semanário que circula hoje, o comentarista chamou Burity de “parasita de Maluf”, pelo fato deste haver se hospedado em Campos do Jordão, quando esteve em São Paulo. No entanto, NG se esqueceu de que quem esteve em João Pessoa, “grudado” ao governador paulista e ao seu dinheiro, foi o ministro João Agripino, que durante muitos dias desfilou pela cidade como abre alas de Paulo Maluf.

SAIU DO GELO

Até que enfim Joacil Pereira voltou a ser assunto no semanário O Momento, depois de um longo e tenebroso inverno. Houve um tempo em que seu nome era utilizado como instrumento de acusação. Depois, foi colocado no gelo, por ter brigado com o dono do jornal. Nos últimos dias, todavia, ele voltou a ser notícia, só que sem ser o alvo das acusações do passado.

BOLSAS DO PEBE

Duzentos e trinta e sete cheques, no valor nominal de Cr\$ 1.200,00, correspondentes a bolsas não reembolsáveis do PEBE, foram entregues a comerciantes, durante solenidade realizada no ginásio do Sesc, na noite de ontem, presidida pelo empresário Rui Bezerra Cavalcanti e com a presença de conselheiros da instituição. Os contemplados são alunos do supletivo mantido pelo Serviço Social do Comércio, e a concessão das bolsas tem a finalidade de melhorar o poder aquisitivo dos trabalhadores.

VIAGEM

Os engenheirandos da turma de 1980 da Faculdade de Engenharia da UFpb, paraninados pelo governador Paulo Maluf, viajam hoje a São Paulo, onde permanecerão até quarta-feira, visitando obras e serviços públicos da atual administração bandeirante. Como convidados especiais do chefe do executivo paulista, acompanham a delegação os jornalistas Genésio de Souza, Cecílio Batista, Luiz Otávio Amorim, Arlindo Brito Almeida e João Bosco Gaspar.

GÊNIO

Um cronista local escreve que a irrigação é fonte de desemprego. Depois que César Lats questionou Einstein, eis aí um novo exemplo do gênio pensante brasileiro.

MAIS TRÊS

Foi noticiado que o Governo do Estado comprou um avião a jato. É mentira, pois o avião é turbo-hélice. Foi noticiado que a cabine de passageiros do aparelho sofreu modificações. É mentira, pois não foi feita modificação alguma. E foi noticiado que o avião só tem condições para aterrissar em três cidades da Paraíba. É mentira, também, pois o aparelho pode aterrissar em todas as cidades da Paraíba que tenham campo de pouso.

CONGRATULAÇÕES

O diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Raul de Góes, endereçou telegrama ao governador Tarcísio Burity, se congratulando pela colocação alcançada pelo chefe do executivo, na recente pesquisa do Instituto Gallup. O sr. Ivaldo Sousa, assessor jurídico da SIC, também enviou congratulações ao sr. Tarcísio Burity, pelo destaque que obteve.

CONVITE

O governador Tarcísio Burity foi convidado para integrar a comissão examinadora, juntamente com os professores Paulo Benevides e Eros Roberto Grau, que examinará a dissertação de mestrado de autoria de Napoléon Nunes Filho, intitulado “Herança Liberal e a Tentação Tecnocrática”. O convite foi feito pelo professor Favila Ribeiro, coordenador do curso de Mestrado em Direito da U.F.C.

JORNALISTAS

É lamentável que o Momento só considere jornalistas descompromissados, os integrantes do seu quadro de pessoal. Na crítica que o jornal faz hoje ao encontro do governador com a imprensa, na API, o semanário diz com todas as palavras que “o ambiente oficialístico intimidou profissionais descompromissados que preferiram manter distância do prédio”. No caso, quem manteve distância do prédio foi o pessoal do Momento. Como se vê, Diógenes não precisaria procurar “honestos” com sua lanterna: bastava ir ao Róger.

INTERIOR

FLAGRANTES GERAIS

Tarcísio Cartaxo

AUMENTO - Nos preços dos veículos não haverá aumento de 30 por cento, a partir do início de setembro, como chegou a ser noticiado, inclusive na base de 30 por cento. A majoração haverá efetivamente, mas rateada em três parcelas de 10 por cento, nos meses de setembro, outubro e novembro. O Conselho Interministerial de Preços (CIP), dificilmente vai autorizar, de uma só vez, tal índice de aumento, que seria o maior já ocorrido no mercado automobilístico.

Tal informe tivemos de uma fonte que sempre tem procedência nas suas informações.

FEDERAÇÃO - Para permanência de alguns dias no Estado, quem está chegando hoje, desembarcando no Recife, é o empresário Agostinho Velloso da Silveira. Antes de vir para Campina, aquele líder classista passará por João Pessoa, a fim de escolher e comprar o mobiliário novo da Delegacia da FIEP, na capital do Estado.

REFORMA - Em Campina, além de inspecionar a construção de edifício-sede da Federação, manterá encontro com os demais membros da diretoria, e definirá a data de inauguração das reformas do Centro Social do SESI em João Pessoa.

A este centro, ao que soubemos, será dado o nome do sôdoso empresário pessoense Pedro Franciscano do Amaral que, no lado dos seus negócios, desenvolveu intensa atividade, ocupando diversos e importantes postos, em várias entidades representativo-empresariais de João Pessoa e da Paraíba.

CHAPAS - Na eleição do Esporte Clube Cabo Branco, concorrem duas chapas, encabeçadas, respectivamente, pelo deputado Assis Camelo e o médico Ozéas Mangueira. Enquanto o parlamentar pedesista (reeleição à Presidência) tem, entre seus adeptos José Flávio, ex-presidente do Botafogo, e Marcos Souto Maior, superintendente da SUDEPAR, o candidato da chapa oposicionista conta, entre outros, com o apoio do economista Marcus Ubratran, Secretário Estadual das Finanças.

FAMÍLIA - O prefeito Enivaldo Ribeiro teve sua família aumentada com o nascimento, terça-feira à noite, da sua filha Sílvia. O prefeito tem, agora, dois casais de filhos e sua esposa, d. Virginia e a garota estão ainda na Casa de Saúde Santa Clara, ambas passando bem.

VISITA - Quem esteve ontem em Campina, foi o deputado Alcécio Pereira. Veio visitar a esposa do prefeito Enivaldo Ribeiro, do qual é conchunhado. O parlamentar pedesista escusou-se de qualquer comentário acerca da aprovação da pelas 'd'esagravo ao governador Tarcísio Burity, limitando-se, apenas, a dizer que, votara pela sua aprovação.

CARNEIRO - Quem deve ter chegado ontem a João Pessoa, desembarcando, à tarde no Aeroporto Castro Pinto, foi o deputado Carneiro Arnaud, presidente regional do PP paraibano. O parlamentar, que se achava excursionando pela Europa, aproveitando o recesso legislativo do meio do ano, retornou ao Brasil último dia 6, diretamente em Brasília.

Nessa sua vinda à Paraíba, além da Capital, deverá visitar, possivelmente este final de semana, Campina Grande e o sertão, mais precisamente Pombal, sua cidade natal.

VINDA - O deputado Antônio Mariz tinha efetivamente sua vinda ao Estado programada para o final da semana passada, quando, inclusive visitaria Campina e municípios sertanejos, entre esses, Sousa. Entretanto, não pôde vir, dada a sua condição de presidente ou relator da Comissão Mista do Congresso, que apreciava a Emenda Constitucional, aumentando a quota de participação dos municípios no FPM (Federal), e no ICM (Estadual). Tal justificativa quem nos deu foi o advogado Rafael Carneiro Arnaud, irmão do presidente regional do PP.

ALDINO - Em se tratando de política, o Bel. Aldino Gaudêncio sai, de quando em quando, com tiradas bem espirituosas. Eis uma delas: -

Achava-se aquele caudilco em São João do Cariri, quando, percorrendo suas ruas, um correligionário que o acompanhava, apontando para um consertador de calçados, disse-lhe: "Dr. Aldino, aquele ali é um dos nossos mais ricos adversários", ao que, num rebate fulminante, o mesmo respondeu ao seu interlocutor: "É por isso que ele tá bem empregado..."

DEPUTAÇÃO - Caso o governador Tarcísio Burity se disponha a disputar, em 82, uma deputação federal, a sua candidatura em Campina Grande e na chamada Zona Grande de Campina, terá dois fortes respaldos eleitorais: - o vereador Everaldo Agra, em Campina; e, em Queimadas, vizinho municipal, o agropecuarista Ernesto Leal de Melo, pai do atual prefeito Saulo Ernesto, este candidato a deputado estadual.

CONJECTURAS - De um deputado federal, que nos solicitou omitir o nome, depois de nos ter feito essa apreciação em forma de possíveis futuras conjecturas políticas, ouvimos dele a previsão de que, se candidato a governador, o prefeito Enivaldo Ribeiro poderia vir a reunir, em torno do seu nome, um forte respaldo político-eleitoral e popular, sendo essa, em linhas gerais, sua argumentação:

Prorrogados os mandatos e o sr. Enivaldo Ribeiro terminando seu governo com um largo elenco de obras, como já vem inclusive realizando, contaria o mesmo, de saída, com uma expressiva votação em Campina. E nele, para governador, a fora do apoio do seu sogro, industrial e ex-deputado Agnaldo Velloso Borges, poderia aglutinar os apoios, entre outros, da família Pereira (três deputados) - um federal e dois estaduais; do vice-governador Clóvis Bezerra (provavelmente), do deputado federal Joacil Pereira, do ex-deputado Carlos Pessoa Filho (Secretário Estadual da Indústria e Comércio), e da família Ribeiro Coutinho, desta o contingente liderado pelo Comendador Renato Ribeiro; e ele próprio, este último aspecto dependendo obviamente, de determinados ajustes político-eleitorais; isto para a eventualidade do PDS vir a ter dois candidatos à sucessão do governador Tarcísio Burity.

AGRIPINO - Observando que, formada essa esquematização, Enivaldo poderia concorrer, em pé de igualdade com Wilson Braga, esse mesmo deputado federal fez, no entanto uma ressalva em tom de consciente pré-advertência a si mesmo e ao seu partido, configurando esse seu alerta, no ministério João Agripino. A propósito, disse que, velha mãe e sagaz raposa política, Agripino, até agora sem filiação partidária, poderia entrar nesse jogo, seja pelo PP ou mesmo pelo PDS, e entornar o caldo político-governamental de todo o mundo. E explicou: "O magro é maquiavélico. Sabe, pois já chefiou a Arena na Paraíba, onde estão as divergências municipais de ex-Arena que foram transferidas para o PDS; e pode, muito bem, aglutinar, tanto em torno de Mariz como em função dele mesmo, se preciso for, essas emulações, ficando, nos diversos municípios com as divergências que não quisessem ficar com Wilson Braga ou Enivaldo Ribeiro, isto especialmente se o mesmo vir a ser candidato a governador pelo PP, com um simples argumento: Olha, se você - votar no PDS, ou em Wilson Braga, ou em Enivaldo Ribeiro, você não estará tão seguro de chegar ao poder, pois se você, mesmo sendo do PDS, ficar com Enivaldo e Braga por vencedor, você, no seu município estará debaixo porque votou e mandou votar num concorrente de Braga e vice-versa". Então, o melhor caminho é você apoiar a Mariz ou a mim, porque, ganhando ou perdendo, você terá uma alternativa mais concreta de chegada ao poder estadual".

Da nossa parte, ficamos, sem entrar no mérito delas, apenas ouvindo essas formulações desse parlamentar pedesista. Se ele está certo ou não, somente o tempo oportuno dirá, pois, como disse o ex-ministro Armando Falcão, da Justiça, o futuro a Deus pertence.

Muitas outras projeções esse parlamentar nos formulou nessa conversa, mas preferimos ficar por aqui, vez que, partindo do governamental estadual, pode-se chegar, também, ao administrativo municipal.



Canavial está sendo invadido por gafanhotos

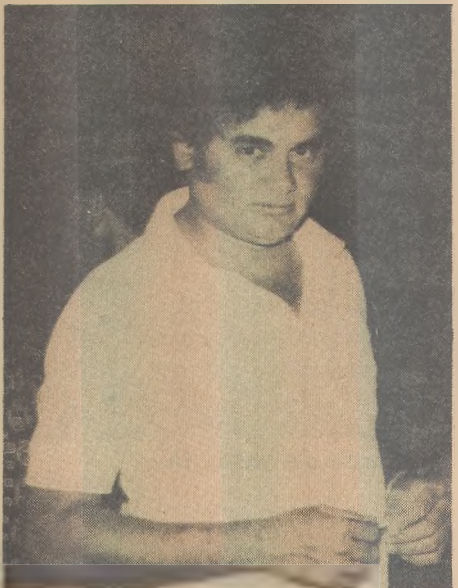
Santa Rita (A União) - Os plantadores de cana-de-açúcar da Várzea do Paraíba estão denunciando às autoridades a invasão no canavial pelas "cigarrinhas", um gafanhoto destruidor da plantação de cana-de-açúcar.

Dizem os denunciantes que, todo plantio já está atingido pelo inseto e que se não houver uma pronta intervenção do IAA - Instituto do Açúcar e do Alcool, no sentido de combater as cigarrinhas, prejuízos incalculáveis poderão ocorrer brevemente e uma acentuada queda na produção de açúcar e do álcool já estimada para presente safra.

ILUMINAÇÃO

Já estão sendo executados os trabalhos de iluminação, com colocação de postes e fios, nas ruas e residências (100 casas) do Conjunto Codecipa, Paulo VI, construído para abrigar as vítimas das enchentes do Rio Paraíba.

Todo o custo da eletrificação fica por conta da Prefeitura Municipal, cujo contrato no valor aproximado de 500 mil cruzeiros já foi assinado pelo prefeito Marcus Odilon com a Saelpa, responsável pela execução. Desta maneira o edil santarritense atende uma velha aspiração do povo daquela comunidade, apesar da obrigação ser do Estado que recebeu a verba do Governo Federal para a construção total das casas, tendo a Prefeitura doado apenas o terreno para concretização da obra.



Valdeci, ex-presidente do Ideal

Vereador parabeniza o novo cidadão pessoense

SOUSA (A UNIÃO) - O Vereador Dário Formiga da Nóbrega, da bancada do PDS na Câmara Municipal de Sousa, enviou despacho telegráfico ao bel. Johnson Gonçalves de Abrantes, Chefe de gabinete do Governador Tarcísio Burity, parabenizando-o pela homenagem que acaba de receber da Câmara Municipal de João Pessoa, outorgando-lhe o título de cidadania pessoense, à unanimidade de votos.

Disse o edil sousense, que na verdade a Câmara de João Pessoa fez um ato de muita justiça, pois Johnson Abrantes é um homem profundamente identificado com o povo paraibano, e a prova maior disso é a sua atuação na cidade de Sousa, exercendo cargos da maior importância, pela confiança depositada pelo seu povo, como a Vice-

Prefeitura, diretoria da Faculdade de direito, e ainda assessoria no Governo do Ministro Ermani Sátiro e Procurador da Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

Afirmou o Vereador Dário Formiga, que a comunidade sousense parabeniza a Câmara de João Pessoa, pela concessão do título ao sousense nobre, principalmente porque essa à uma prova da sua capacidade administrativa e de relações públicas não somente em Sousa, mas em todo o Estado.

Várias autoridades do nosso município e amigos do bacharel Johnson Abrantes, já enviaram mensagem telegráficas de congratulações pela homenagem justa que acaba de receber na capital do Estado.

30 alunos recebem seus diplomas em Santa Rita

Santa Rita (A União) - O Ginásio Industrial Flaviano Ribeiro formou mais 10 turmas de 30 alunos de vários cursos profissionalizantes, que receberam seus certificados de conclusão em solenidade realizada na sede do Sindicato dos Empregados nas Indústrias de Fiação e Tecelagem, na avenida Anísio Pereira Borges, e contou com a presença de diretores do Senac, Mobral e PMSR.

O ato foi presidido pelo prefeito Marcus Odilon e coordenado pela secretária de Bem Estar Social, Agarina Souza Costa. Depois de entrega dos certificados foi realizado um baile para os concluintes e convidados.

Os tradicionais festejos da Semana da Pátria na cidade de Santa Rita este ano corre o risco de não se realizarem devido as constantes negativas do

Poder Legislativo em colaborar com os interesses da comunidade.

O que acontece é que o Departamento Financeiro da edilidade alega não contar com dotações orçamentárias para a aplicação da verba pública, apesar de contar com numerários suficiente para as realizações. Já é público e notório que os vereadores Luís Ribeiro Nunes, Carlos Antônio, José Pereira, Antônio Marcelino, Francisco Aguiar e João da Costa Gadelha, segundo informações, reduziram de 50 para 10% o percentual de suplementação de verbas, quando da aprovação da proposta orçamentária para o corrente ano, o que vem deixando a edilidade impossibilitada de executar suas tarefas rotineiras, como reposição de calçamentos, limpeza pública, comemorações oficiais entre outras obras.

Jornalista se candidata a presidente de clube

SOUSA (A UNIÃO) - Todos os ex-Presidentes do Sousa Ideal Clube serão homenageados no próximo ano, caso o jornalista Francisco Alves Cardoso venha a se eleger Presidente do sodalício. Faz parte do seu programa administrativo, criar a galeria de Honra dos Ex-Presidentes, para que todos os associados do clube saibam, na verdade, quem foram os seus Presidentes, aqueles que prestaram relevantes serviços à agremiação.

Entendimentos nesse sentido já

foram mantidos entre o candidato a presidente do SIC e o ex-Presidente, sr. Valdeci Oliveira, que por duas vezes dirigiu o principal sodalício da cidade, com uma excelente administração.

Espera o sr. Francisco Cardoso, contar com o apoio integral do atual Presidente do Clube, sr. Francisco Gomes Sarmento, para a criação da Galeria de Honra dos Ex-Presidentes, inclusive fornecendo todos os documentos necessários à sua organização.

Santa Rita (A União) - Para que não haja prejuízo na economia do município, a Prefeitura mantém a todo custo a conservação das estradas na zona rural. Uma das metas do prefeito Marcus Odilon é garantir todo o escoamento da produção agrícola do município, seja no inverno ou no verão. Para isso, está pleiteando junto ao Ministério do Planejamento recursos de 7 milhões para compras de tratores, caminhões-caçambas e outros equipamentos necessários ao trabalho.

Professores entregam certificados

São Mamede (A União) - Numa ação conjunta do Senac e Escola Cenequista Marcos Barbosa, de São Mamede, foi entregue, na última sexta-feira, às 20h, no Centro Cívico Alcides Carneiro, daquele educandário, os certificados aos participantes dos cursos de Iniciação a Serviços de Escritório, Relações Humanas no Trabalho e Atendente de Enfermagem.

Os cursos acima relacionados tiveram a duração de três meses, dos quais participaram 105 pessoas. Foram ministrados pelos professores Onaldo Carvalho Falcão, Fildani Souto Gouveia, Maria Eliete Pinho, Vanda Lúcia Lustosa, Veronica Maria Araújo Moraes e Ana Maria Izidoro de Andrade. A equipe do Senac - João Pessoa - esteve presente à solenidade, comandada pelo professor Kleber Filgueira, coordenador da Unidade Móveis.

São Mamede quer instalar TV repetidora

São Mamede (A União) - A população de São Mamede está vendendo suas televisões, pelo motivo de não localizar nenhum canal. O prefeito Otacílio Bento prometeu instalar na cidade uma repetidora da TV Globo, mas isto só será possível em maio de 1981.

Portanto, a população pede ao Prefeito para que ele faça um apelo ao presidente da TV Borborema de Campina Grande, que transmite a TV Bandeirantes, para que as imagens cheguem até São Mamede.

CALÇAMENTO

Por outro lado, o sr. Otacílio Bento está calçando as ruas Normando Araújo e Ministro Agripino, como também construindo uma galeria nas ruas João Agripino e Maria Silva. Dentro em breve será instalada na cidade a praça dos Motoristas de Táxi, que será na rua Ministro João Agripino.

Manoel Basílio

cidade, haverá grande motivação, apesar da grande crise existente, em nossa região.

O povo de Barra de São Miguel, espera de braços abertos todos aqueles que desejarem assistir nossa movimentada festa.

Sua festa tem grande significado para nós, pois é neste período que há um encontro de amigos e familiares ausentes, motivados pela fé cristã e pela tradicional festa de nosso padroeiro.

Barra de São Miguel é notícia

No ano de 1850, foi inaugurada a Igreja de Barra de São Miguel. Na época era um pequeno povoado denominado Barra de Inácio Tavares. O Sr. Inácio Tavares era bem acreditado por todos habitantes desta pequena localidade. O referido cidadão certo dia achou por bem ir até ao Recife, arranjar uma imagem de Sto. Inácio para colocar no altar da Igreja da pequenina povoação. Quando chegou no Recife não foi possível conseguir a imagem de sua preferência. Portanto, segun-

do informações dos mais velhos aqui residentes, ele trouxe a imagem de São Miguel, o atual padroeiro de nossa querida cidade.

A força brava do tempo começou deteriorar a estrutura secular de nosso monumento sagrado. Por isto, surgiu o pensamento do Prefeito Pedro Pinto e da população de fazer uma reforma, na casa de orações. Foi encabeçado um movimento comunitário com a finalidade de angariar meios para a restauração de

nosso templo. Toda população cooperou: uns com mais, outros com menos. Teve um efeito muito positivo, tendo a frente a pessoa de Dr. Hélio Correia que não mediu esforços, junto a outras pessoas interessadas. Foi angariado recurso suficiente para reforma de nossa Igreja que agora está nova.

Sua reinauguração, será no dia vinte sete de setembro, coincidindo com a festa, em homenagem a nosso padroeiro, até o dia vinte e oito. Segundo comentários que há em nosso

POLÍTICA NACIONAL

TEKNA S/A ZIPERS DO NORDESTE
CGC Nº 09.138.637/0001-13
ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ficam convocados os Senhores Acionistas da TEKNA S/A ZIPERS, DO NORDESTE, a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 1º de Setembro de 1980, às 10 (dez) horas, em sua sede social, sita no Distrito Industrial desta Capital, à BR 101-Km 1,8, nº 1665, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia:

a) Aumento Capital Social autorizado por proposta do Conselho de Administração com a correspondente reforma parcial dos Estatutos Sociais.

b) Correção da Expressão Monetária do Capital Social.

c) Outros assuntos de interesse social.

João Pessoa, 21 de agosto de 1980

JOÃO HENRIQUE WAHRlich
Presidente do Conselho de Administração

J. LYRA BRAGA S/A - AUTO PECAS
ASSEMBLEIAS GERAIS ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA
C.G. C. 08.816.530/0001-14

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente, ficam convidados os Senhores Acionistas de J. LYRA BRAGA S/A - AUTO PECAS, a se reunirem em Assembleias Gerais Ordinária e Extraordinária, que serão realizadas conjuntamente às 18,00 horas do dia 22 de setembro de 1980 em sua sede social à Av. D. Pedro II, 1089, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia:

a) ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
-Tomar as contas dos administradores, examinar, discutir e votar as demonstrações financeiras.
-Deliberar sobre a destinação do lucro líquido do exercício e a distribuição de dividendos.

-Aprovar a correção da expressão monetária do capital social e sua consequente capitalização.
-Outros assuntos de interesse da sociedade.

b) ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

-Fechamento de Filial
-Alteração de Disposições estatutárias
-Outros assuntos de interesse da sociedade.

A Diretoria agradece o comparecimento dos Senhores Acionistas.

João Pessoa, 20 de agosto de 1980.

João Lyra Braga
Diretor Presidente

MOVELARIA VALONES
BOM GOSTO E MELHORES PREÇOS
MÓVEIS E ELETRODOMÉSTICOS
salas,
estufados, dormitórios,
estantes
MODERNAS E VERSÁTEIS
armários copa-cozinha
TUDO RELO MENOR PREÇO DA PRAÇA
MOVELARIA VALONES
A SUA MOVELARIA
rua 13 de maio 198,centro
FONE 221-3712

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS - DO -
DR. VALDEVINO GREGÓRIO DE ANDRADE
C.R.F. 0001
- Analista credenciado do INAMPS - A. Patronal - Banco do Brasil, PEP - ASCB - JOHNSON & JOHNSON - SAEIPA - Hospital do Grupamento de Engenharia - ASPLAN - O NORTE - IAA - ASSEX - A UNIÃO
Análises completas de Sangue, Urina, Feces, Teste Imunológico para Gravidez, Provas Funcionais, Culturas em Antibiograma, Etc.
LABORATÓRIO:
Rua Santos Dumont, 145 - Térreo
(Próximo a Lagoa) - Telefone 221-5016

VIAÇÃO TRANSPARAIBA LTDA
DO SERTÃO AO LITORAL
HORÁRIOS
JOÃO PESSOA A PATOS - 17.00h
PATOS A J. PESSOA - 6.30h
João Pessoa a Sousa - 5.00, 8.00, 12.00, 19.00, 20.00, 21.00, 22.00 e 23.00h
Sousa a João Pessoa - 6.00, 10.30, 14.30, 20.00, 22.00, 23.00 e 24.00h
João Pessoa a Cajazeiras - 8.00, 12.00, 19.00, 20.00, 21.00, e 22.00h
Cajazeiras a J. Pessoa - 9.30, 13.30, 19.00, 20.00, 21.00 e 22.00h
Cajazeiras a C. Grande - 8.00, 9.30, 12.00, 13.30, 19.00, 21.00 e 23.00h
Campina Grande a Cajazeiras - 9.30, 10.30, 14.30, 21.00, 22.00, 23.00 e 24.00h
Uiraúna a J. Pessoa - 17.00h
João Pessoa a Uiraúna - 17.00h
João Pessoa a S. José de Piranhas - 21.00h
São José de Piranhas a J. Pessoa - 21.00h
João Pessoa a Bonito de Sta. Fé - 12.00h
Bonito de Sta. Fé a J. Pessoa - 12.00h
João Pessoa a Brejo das Freiras - 22.00h
Brejo das Freiras a J. Pessoa - 22.00h
Campina Grande a Sousa - 4.00, 9.30, 10.30, 14.30, 16.00, 21.00, 22.00, 23.00 e 24.00h
Sousa a Campina Grande - 9.00, 10.30, 13.00, 14.30, 20.00, 22.00, 23.00 e 24.00h
Cajazeiras a Conceição - 8.00, 12.00 e 22.30h
Conceição a Cajazeiras - 6.00, 12.00 e 18.00h

DIFUSORA GUARANY
Francisco Diassis Gomes
Propagandas Fixas e Volantes
Estação Rodoviária - Conceição - Pb



Gregório foi à Bahia fazer uma palestra

Prefeito recebe ameaça de morte em cartão postal

Londrina e Curitiba - O prefeito Antonio Belinati, do PDS, foi ameaçado de morte, através de um cartão-postal que lhe chegou às mãos na última sexta-feira, por ceder um quiosque da Prefeitura, no centro de Londrina, para a venda, sob proteção policial, de jornais da imprensa alternativa. "Você terá o mesmo fim que teve Trotsky no México, o qual Stálin, teu patrão, mandou matar. Quem viver verá...", diz a ameaça escrita no cartão expedido no último dia 20 em Araraquara (SP), e assinado por um certo João Antônio.

O Sr. Antônio Belinati vai inaugurar o quiosque no próximo dia 3 de setembro, numa solenidade que contará com a presença de representantes de 13 jornais ameaçados e do sr. Hélio Bicudo. O prefeito de Londrina não quis comentar o cartão-postal que recebeu, e que é do seguinte teor: "Sr. Prefeito (protetor do trapo vermelho): fiquei chocado ao ouvir pelo rádio que você está disposto a fazer um posto central com guardas armados, para nesse local vender literaturas (jornais) da imprensa nanica, ou comunista. Tenho imensa pena de você, pois com sua atitude você está protegendo a infiltração dos porcos vermelhos empoleirados em Moscou. Você virará um laçao de boneco da esquerda". E ameaça o prefeito com o exemplo de Trotsky.

Ontem, na praça Generoso Marques, no centro de Curitiba, o PMDB e cerca de 10 entidades, entre as quais o CBA-PR, realizaram um ato público para a venda coletiva dos jornais alternativos. Durante a manifestação, o vereador Adhail Sprenger passos do PMDB anunciou que vai sugerir ao prefeito Jayme Lerner, na próxima terça-feira, que permita a instalação, em pontos de ônibus e praças da cidade, que painéis com propaganda dos jornais. "Precisamos estimular o hábito da leitura, pois somos um país que não lê", argumentou o vereador.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL LOTERIA ESPORTIVA

Cartões que não concorrem de acordo com os relatórios dos computadores (Art. nº 9, Parágrafo 1º da Norma Geral dos Concursos de Prognósticos Esportivos). Os apostadores, cujos números dos cartões constam da presente publicação e que não tenham sido substituídos por outros, devem solicitar, dos respectivos revendedores a devolução da importância paga.

TESTE Nº 509

PARAIBA

COO. DIV.	NO. CARTÃO	NO. CARTÃO
13-00003	0755222	0755704
	0754220	07-1740
	0756023	0756832
	0756412	0756857
	0756888	0757131
	0757035	0757131
	0757338	0757523
13-00006	1043734	1050722
	1054217	
13-00007	0347310	
13-00008	0347310	0633740
	0634017	0633740
13-00010	0713153	0713831
	0713251	0720720
	0721357	0721357
	0721	0721377
	0722474	0722573
	0722551	0722573
	0722810	0722810
	0723222	0723435
13-00012	0226253	0226253
	0226534	0226541
	0226722	0226801
	0227116	0227132
13-00014	0059563	0101510
	0101579	
13-00015	A PARTIR DE 0016056	
13-00016	1295217	1295653
13-00017	1297251	1299215
	1300143	1300705
	1301593	
13-00018	0695885	0697107
	0697176	0699672
	0700752	0701133
13-00019	1122861	
13-00020	0225984	
13-00021	0103348	
13-00022	0164371	A 0164372
13-00023	0027903	
13-00024	0111895	0113529

Obs. Esta relação e todas as demais que são publicadas neste Jornal aos domingos, a título de "Cartões que não concorrem", são afixadas desde o dia anterior (sábado) no prédio da Caixa Econômica Federal, sito na Avenida Camilo de Holanda nº 100 - João Pessoa - PB.

Bezerra diz que Prestes volta à secretaria do PC

Salvador - "De antemão posso dizer que no próximo congresso do partido, Prestes será reposto no cargo de secretário-geral. Não tenho dúvidas", afirmou, ontem, nesta capital, o líder comunista Gregório Bezerra, ao abordar as divergências internas do Partido Comunista Brasileiro, que provocaram o afastamento do sr. Luiz Carlos Prestes do posto de secretário-geral.

Para o sr. Gregório Bezerra, que veio a Bahia fazer uma palestra e "realizar o trabalho político de apoio à Prestes", é discutível o apoio dos comunistas brasileiros ao Comitê Central do PCB. "Na minha opinião o Comitê Central não representa a maioria do partido. Representa, sim, um grupo de companheiros que galgou o poder e dele não quer abrir mão", disse ele.

Dizendo-se um militante "completamente rebelado contra o Comitê Central, com o qual não estou disposto a colaborar", disse o sr. Gregório Bezerra que identifica na política dos atuais dirigentes do PCB "a intensão velada de conciliação com o regime". Ele discordou da tese de convocação de uma

Assembleia Nacional Constituinte com Figueiredo, admitida pelo CC.

- Não acredito que Figueiredo dê a constituinte. Mesmo que ele queira, a decisão depende do círculo de generais e civis que o cerca. E se der, é para manutenção do Estado de coisas atual, com a lei de segurança nacional e outros instrumentos. É uma democracia para elite e eu desejo que eles façam bom proveito dessa democracia para privilegiados.

Segundo o sr. Gregório Bezerra, ao admitir a constituinte com Figueiredo, "não levantar as contradições da classe operária com o capitalismo e a bandeira contra o custo de vida", entre outros pontos, o Comitê Central do PCB revela "uma linha política que eu considero direitista".

Sem admitir a "conciliação, com o regime", que segundo ele é defendida pelo Comitê Central do PCB, lembrou o sr. Gregório Bezerra que no período de exílio na Europa desenvolveu trabalho de organização de comitês de anistia e de solidariedade "aos milhares de jovens brasileiros que foram mortos na tortura ou desapareceram".

Lobão convida Oposição para um pacto nacional

Brasília - O vice-líder do PDS, na Câmara, deputado Edison Lobão (MA), exortou os representantes oposicionistas a participarem da proposta de um grande "Pacto Nacional", com o objetivo de efetivar medidas para salvar o país, "pois nenhuma nação prospera com a floração da discórdia".

- Mais do que nunca - disse ele - é imprescindível a conjunção de nossas idéias no que diz respeito a preservação da vida brasileira. Porque, quando as sombras caem no caminho, e o desencanto desgoverna os nossos passos, então teremos sido, todos, vencidos pela força aberrante da inconsequência política.

Acha o deputado Lobão que o parlamento não pode ser, somente, "uma casa onde ardem paixões partidárias, onde o calor de certos debates inócuos nada nos dá de proveitos e rentável".

Ele considera essencial entender que a instituição parlamentar só é democrática porque os pontos de vista heterogêneos se atritam, tanto mais quando a liberdade de palavra se exerce como fundamento de todos os regimes representativos.

- Os representantes da oposição - frisou - haverão de ser lúcidos e dotados da perspectiva da história. Por isso

não é mais possível que, a esta altura continuemos em volta ao abismo de uma crise a discutir sobre coisas opacas.

Lembrou ainda, que uma convulsão apresenta larga margem de riscos, "em que todos seríamos envolvidos".

- Obviamente, a dignificante missão das Forças Armadas é de uma instituição fiadora da segurança e da paz interna.

O deputado Edison Lobão comentou, ainda, que a política de "mão estendida" do presidente Figueiredo foi o primeiro gesto de grandeza do chefe da nação, "ao manifestar claramente o propósito de promover a verdadeira comunhão da família brasileira".

- Sem desistir, em qualquer momento, desta posição nobre e fraterna, o chefe do governo não relutou em assegurar desdobramento ao processo de abertura democrática, num ritmo de gradualismo plenamente acolhido pela expressão consensual da nação.

Justificando a crise sócio-econômica pela turbulência internacional, "cuja vertente está situada na OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo, - o vice-líder do PDS apelou no sentido e que não seja transformado o parlamento em campo de demolições pessoais.

Abi-Ackel não concorda com acusação a Governos

Belo Horizonte - O ministro da Justiça, deputado Ibrahim Abi-Ackel, disse ontem que não concorda com as acusações de que os governos estaduais estão se revelando inoperantes para elucidar os atentados terroristas no país, mas salientou que resolveria o problema e removeria os obstáculos caso soubesse o que está retardando sua solução. Acrescentou que o governo está fazendo o possível para esclarecer o assunto e que a publicidade em torno de uma diligência pode torná-la inócua.

Refutou as acusações do presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, sr. Seabra Fagundes, sobre a ineficiência do governo em descobrir e punir os

responsáveis pelos atentados. "O próprio dr. Seabra Fagundes deve ter às portas de sua entidade dezenas de pessoas a procura de providências as quais ele não pode dar respostas imediatas. As falhas apontadas por ele no desempenho do governo decorrem de limitações humanas e são as mesmas que poderiam ser anotadas na OAB".

Muito irritado ao ser indagado pelos repórteres sobre os atentados terroristas, o Ministro da Justiça não quis falar sobre o andamento dos inquéritos policiais. "Ministro dá opinião em inquérito baseado em indícios ou provas", disse, acrescentando que, até o momento, não tem dados concretos sobre o assunto.

Operários da Petrobrás poderão entrar em greve

São Paulo - A possibilidade de uma greve nacional dos trabalhadores em petróleo começou a ser sentida ontem em Santos, após a Assembleia Geral em que 800 operários do setor discutiram a contra-proposta da Petrobrás a série de reivindicações que apresentaram visando a renovação do contrato coletivo de trabalho, a partir do próximo dia primeiro de setembro.

O plenário decidiu rejeitar a contraproposta da empresa, acompanhando a posição assumida anteriormente pelo Sindicato do Rio de Janeiro e, segundo um diretor da entidade de classe, "o diálogo está fechado pois a empresa está irredutível e nós também não pretendemos menos do que pedimos". Da Assembleia de Santos participaram também os presidentes dos sindicatos de Paulínia, Jacob Bittar, e de Araucária (Paraná), Márcio Mesquita, com o propósito de dar unidade

ao movimento reivindicatório em termos nacionais.

O memorial dos trabalhadores solicitava da Petrobrás um aumento de 15 por cento acima dos índices do INPC, além de outros 15 itens de vantagens indiretas. A Petrobrás respondeu que aceita seis desses itens e ofereceu três níveis de taxa de produtividade além do percentual do INPC: 6,5 por cento para os ganhos até três salários mínimos; 3,6 por cento até 10 salários mínimos; e 1,5 por cento além dos 10 mínimos. Considerando que a presença dos trabalhadores foi pequena (eram esperados pelo menos mil), o Sindicato decidiu marcar nova assembleia geral para os próximos dias, enquanto fará uma campanha de conscientização. Em todo o Brasil a Petrobrás conta com cerca de 45 mil empregados.

Figueiredo se despede de Videla

Porto Alegre - O Presidente João Figueiredo, na despedida do presidente argentino Jorge Rafael Videla, ontem em Porto Alegre, afirmou que "a chave para a construção de sociedades mais justas está em dar a cada homem a oportunidade de viver livremente e realizar suas aspirações".

Depois de destacar que o bem comum "transcende as unidades políticas individuais", o presidente Figueiredo ressaltou serem as relações econômicas e comerciais os "instrumentos concretos para criar melhores vínculos, e convivência mais harmoniosa e pacífica entre os povos".

Figueiredo, em seu pronunciamento, lembrou que "o mundo se debate em uma crise de proporções jamais vistas", e que por esse fato, "os propósitos elevados sobre os quais assenta o esforço comum da Argentina e do Brasil assumem dimensões históricas".

No discurso que fez, ontem, em Porto Alegre, durante o almoço de despedida do presidente argentino Jorge Rafael Videla, junto com empresários brasileiros, o presidente Figueiredo afirmou que estava convencido "de que os esforços de aproximação dos governos só se concretizarão na medida em que a eles se dedicarem os homens de empresa de cá e de lá".

Para o Chefe da Nação brasileira, "nada, nenhum tratado ou acordo, nem mesmo a mais perfeita convergência de propósitos oficiais, pode tomar o lugar da iniciativa privada".

Andreazza participa de congresso

Brasília - O ministro Mário Andreazza, do Interior, confirmou presença no IX Congresso Mundial de Treinamento e Desenvolvimento a ser realizado no Rio de Janeiro de 31º a 5 de setembro próximo e que irá reunir mais de dois mil profissionais de recursos humanos de 45 países do mundo.

O Ministro do Interior irá presidir o painel de governadores de estados do Nordeste sobre "Formação e Absorção de mão-de-obra no Nordeste Brasileiro", que já conta com a participação confirmada dos governadores da Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas.

Em recente reunião do Conselho Deliberativo da ABTD - Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento, a cidade de Recife foi escolhida como sede do IV Congresso Brasileiro de Treinamento e Desenvolvimento a ser realizado em 1982.

Governo não subsidiará escolas

São Paulo - O governo não fornecerá subsídios às escolas superiores particulares e o próximo aumento dos salários dos professores, em setembro, terá que ser repassado aos alunos. Tais informações foram fornecidas, ontem, em Santos, pelo subsecretário de ensino superior do MEC, sr. Ronaldo Braga, ao visitar as instalações de unidades da Sociedade Visconde de São Leopoldo, que pleiteia sua transformação em universidade.

Ele afirmou que dificilmente haverá mudanças na política oficial quanto aos subsídios à rede privada de ensino, que tem-se queixado de crescentes déficits. "O que há é a tendência do governo em expandir certos mecanismos como é o caso do aperfeiçoamento do crédito educacional, possíveis sistemas de bolsas para ajudar os alunos carentes e outros programas que casem com as suas prioridades, como na área da saúde ou na tecnologia do mar, por exemplo.

Verão começa em outubro

A PB-Tur programa a realização de vários festivais

Sudene já está povoando vários açudes do sertão

Termina amanhã o peixamento de 50 açudes nos municípios de Uiraúna, Santa Helena, Triunfo, Lastro, Antenor Navarro, Sousa, Cajazeiras, São José de Piranhas, Bonito de Santa Fé, Cachoeiras dos Índios e Monte Horebe, segundo informou o coordenador da Sudepe na Paraíba, Geraldo Gustavo de Almeida.

Disse ele que esses açudes, estão sendo povoados com 45 mil alevinos, provenientes da estação de piscicultura de Lima Campos em Icó no Ceará, sendo na maioria tilápia, oriunda do rio Nilo, no Egito e Apaiari do rio Amazonas.

Geraldo Gustavo acrescentou que esses peixamento, decore da programação de emergência, de que fazem parte a Sudepe, DNOCS, Secretaria da Agricultura e Abastecimento e Prodecor, com o objetivo de estimular os proprietários sertanejos e ainda aumentar a oferta de proteína animal para as populações da periferia desses açudes.

Ele informou ainda que o peixamento prosseguirá até o final do ano, abrangendo outros 27 municípios, considerados em regime de emergência, estimando-se em 200 mil o número de alevinos a serem colocados nesses açudes.

Nos próximos dias - acrescentou - deverá ter início o peixamento dos açudes selecionados, nos seguintes municípios: Santa Luzia, São Mamede, Várzea, São José de Piranhas, Patos, Santa Terezinha, Malta, Conduto, São José do Bonfim, Catoilé do Rocha, Brejo do Cruz, Belém do Brejo do Cruz, Jericó e São Bento.

A temporada de verão será aberta oficialmente em João Pessoa no dia doze de outubro, segundo informou ontem o diretor de operações da Pb-Tur, Wills Leal. A festa ocupará três pontos básicos da orla marítima: o Iate Clube da Paraíba, o centro de Tambaú e a praia da Penha. Nesses locais, a população participará de atrações vinculadas às atividades marítimas, sociais e esportivas.

Para que seja assegurado o brilhantismo da abertura do verão, está sendo montado um projeto especial para a instalação de agências de turismo locais e de outros estados. "A idéia é montar programas a preços especiais, à base de transporte coletivo, dentro da política do *tudo incluído*", explicou Wills.

As atrações dependerão do apoio que o evento receber da iniciativa privada, especialmente dos que produzem artigos de grande consumo. A Pb-Tur organizará, por outro lado, um desfile de beleza e apresentação de estrelas do Windsurf, motocross e patins. Na Penha, haverá um tipo de comemoração visando atender ao turismo em massa. No Bessa ficarão os desfiles de beleza festival de bebidas típicas, etc.

Para Wills Leal, "é muito difícil proceder uma correta estimativa da receita que será gerada pela promoção, especialmente por causa da

ausência de definições na negociação dos pacotes turísticos que envolvem o evento". O diretor de operações da Pb-Tur salientou que "já é possível prever que a rede de bares e restaurantes da orla será a grande beneficiada".

Indagado sobre o funcionamento da rede hoteleira durante a abertura do verão de 1980, Wills Leal disse que, "apesar dela suportar somente cerca de duas mil pessoas", muitos turistas não necessitarão de hotéis durante o curto espaço de tempo que ficarão em João Pessoa. Ele acredita que é de Recife que vem o maior número de visitantes.

CAMPINGS

Lamentamos que os nossos dois campings não estejam inteiramente concluídos na data da promoção, comentou Wills. Mesmo assim, a Pb-Tur tentará criar condições para a instalação de algumas barracas nos locais onde, a partir de dezembro, funcionarão os campings.

Nesta iniciativa, a Pb-Tur deverá investir cerca de duzentos mil cruzeiros, e a Embratur cinquenta mil. A maior parte dos investimentos ficará por conta das empresas privadas que fabricam bebidas, equipamentos de lazer, etc.



Burity entrega certificados aos participantes do seminário

Gilberto Freire:

Cultura não é artigo de luxo no Governo Burity

Com as presenças do governador do Estado, professor Tarcísio de Miranda Burity, Secretária de Educação, professora Giselda Navarro, e do deputado Assis Camelo, além de inúmeras pessoas ligadas à cultura em nossa cidade, foi encerrado na noite de anteontem, às 20 horas, com o auditório do Centro Administrativo totalmente lotado, o IV Seminário Paraibano de Cultura Brasileira, promoção do Governo do Estado através de sua Secretaria de Educação e Cultura, e que este ano prestou uma homenagem aos oitenta anos do sociólogo e antropólogo pernambucano Gilberto Freire.

Depois de entregar simbolicamente um certificado a senhorita Ana Vitória Rodrigues Pereira, autora da primeira pergunta nos debates abertos ao público no IV Seminário, o professor Tarcísio Burity, assim se expressou: "Chegamos ao final do IV Seminário Paraibano de Cultura Brasileira com êxito total. O seu comparecimento foi o maior já registrado em todos os seminários já realizados. E isto se deve à figura respeitada e memorável de Gilberto Freire, que permanece ainda lúcido e criador, aos oitenta anos de idade. O seminário teve apenas uma semana de duração, o que não foi suficiente para debater "in totum" a obra de Gilberto. Mas tivemos o cuidado de escolher os melhores conferencistas e debatedores. Tivemos cuidado de escolher aqueles que saberiam ver as melhores facetas da obra gilberteana".

E prossegue: "Com efeito a obra de Freire é extraordinária. Fantástica, mesmo sob todos os aspectos. Ele não fez apenas teoria sociológica, mas estudou a sociedade viva e plena de conectude. Nas suas obras, existe de tudo, mas o que há de mais fenomenal, de mais espantoso é a antecipação a coisas que hoje em dia são consideradas como modernismos, e que GF escreveu há muitos anos atrás".

"É espantoso seu esforço gigantesco de procurar sentir o caráter nacional, e seu sentimento de vida social. Ao reler sua obra, quando ele fala da sociedade brasileira, vemos todo o Brasil presente, sentimos o seu sabor o seu cheiro e sua cor. E vemos mais: vemos seu espírito, sua alma, usando nas suas pesquisas todo o material possível: albos de família, recortes de jornal, e tudo mais que pudesse preservar uma memória nacional. Sua obra é histórica e por isso não se repete. O histórico e irrepetível".

"O Governo do Estado da Paraíba está consciente da importância dos estudos, da cultura e da educação para desenvolvimento de um povo. E Freire estuda a memória profunda de um povo, a psicologia de um povo, fazendo em alguns momentos, lembrar Proust, que eterniza momentos".

Finalizou dizendo estar muito feliz por ver o auditório repleto de jovens, numa prova incontestada de que a juventude se interessa por assuntos sérios, e mais ainda, por este fato vir mostrar a perenidade da obra do Mestre de Apípuos.

A FALA DE GILBERTO

Emocionado, bastante aplaudido por todos que estavam no Centro Ad-

ministrativo, e chegando quase à lágrimas, Gilberto Freire afirmou que o verdadeiro assunto do Seminário não havia sido ele próprio, mas sim toda a cultura brasileira: "Me comortei como um mudo durante todo o Seminário. Mudo sim, mas não surdo. Aprendi muito com o que ouvi dos conferencistas que por aqui passaram. Quanto mais se vive mais se aprende. Ouvi com avidez todos os conferencistas. Todos eles me ensinaram algo."

"Quero parabenizar de público esse homem de visão e vivência que é o governador Tarcísio Burity, um homem que transformou a cultura num artigo popular e não num artigo de luxo. Quanto à Ideologias, pouco ou nada tenho a dizer. Já fui fichado como comunista e acusado de reacionário. Isto para mim não prejudica. Prejudica sim, a cultura brasileira. Sejamoss transideologistas, fiquemos além das ideologias. Congratulo-me nesse momento, não só com o governador Tarcísio Burity, mas com toda a minha Paraíba; este seminário servirá como um marco na cultura brasileira. Espero que outros semelhantes sejam realizados, pois em cada um deles, alguma coisa fica."

JUAREZ BATISTA: O DESTINO NOS UNE MAIS UMA VEZ

"O destino nos une mais uma vez, Mestre". Assim iniciou Juarez da Gama Batista, a sua conferência de anteontem que encerrou os trabalhos do IV Seminário Paraibano de Cultura Brasileira. "Acho que pouco há a dizer depois das brilhantes conferências aqui realizadas. Disseram quase tudo que eu queria dizer. Eu me sinto como que roubado. Quero no entanto citar *Ordem e Progresso*, livro onde GF mostra toda sua estilística e seu método. Ele é monstruoso nas suas proporções e desproporções. Organizou seus livros, sua obra, de maneira fácil, simples e de fácil acesso. Não nega a influência e a vida do humanismo científico, tendo visto a realidade humana e os problemas sociais do povo brasileiro em todas as suas obras. Criou e aprimorou as hoje chamadas "Ciências do Homem", isto há mais de 30 anos, sendo sua obra para estudantes, professores e literatos".

"*Ordem e Progresso*, a meu ver uma das mais importantes obras de Gilberto Freire interessa por demais a todos os antropólogos e sociólogos, pois ela passou a relacionar a *História do Homem*, com as histórias do homem. GF fez a sua sociologia, sociologia feita à sua maneira, e isso é admirável.

A seguir o professor Juarez da Gama Batista citou várias expressões, a seu ver, felizes, com que Gilberto Freire classificou pessoas, fatos e acontecimentos ao longo de sua vida. O Mestre chamou Tagore de "um homem com ar de Cristo e com um empresário a tiracolo", "Uma Rua de Montreal lembra um inglês de *smoking*". E mais: "A verdade científica anda sempre partida ao meio. Esposa de Mene-lau e amante de Páris."

Encerrados os trabalhos a Diretoria Geral de Cultura da SEC, entregou o certificado de participação a todos quanto tomaram parte no IV Seminário Paraibano de Cultura Brasileira.

Sérgio Tarso vê o Ipem sem força contra abusos

O presidente do Instituto de Pesos e Medidas da Paraíba, engenheiro Sérgio Tarso Vieira, reconheceu a inabilidade do órgão em conter os abusos que vêm sendo praticados por comerciantes inescrupulosos e atribuiu essa falta ao fato de não dispor de fiscais suficientes para realizar uma melhor fiscalização.

O órgão dispõe apenas de 7 fiscais e existem 15 mil balanças, aproximadamente, em todo o Estado. Daí, o trabalho não ser feito da maneira que devia. Acrescentou que quando o Ipem libera uma balança, basta que o fiscal dê as costas para que o dono do estabelecimento volte a adulterá-la. "Por isso, é necessário uma maior colaboração por parte das pessoas de bem, no sentido de denunciarem, de imediato, os abusos.

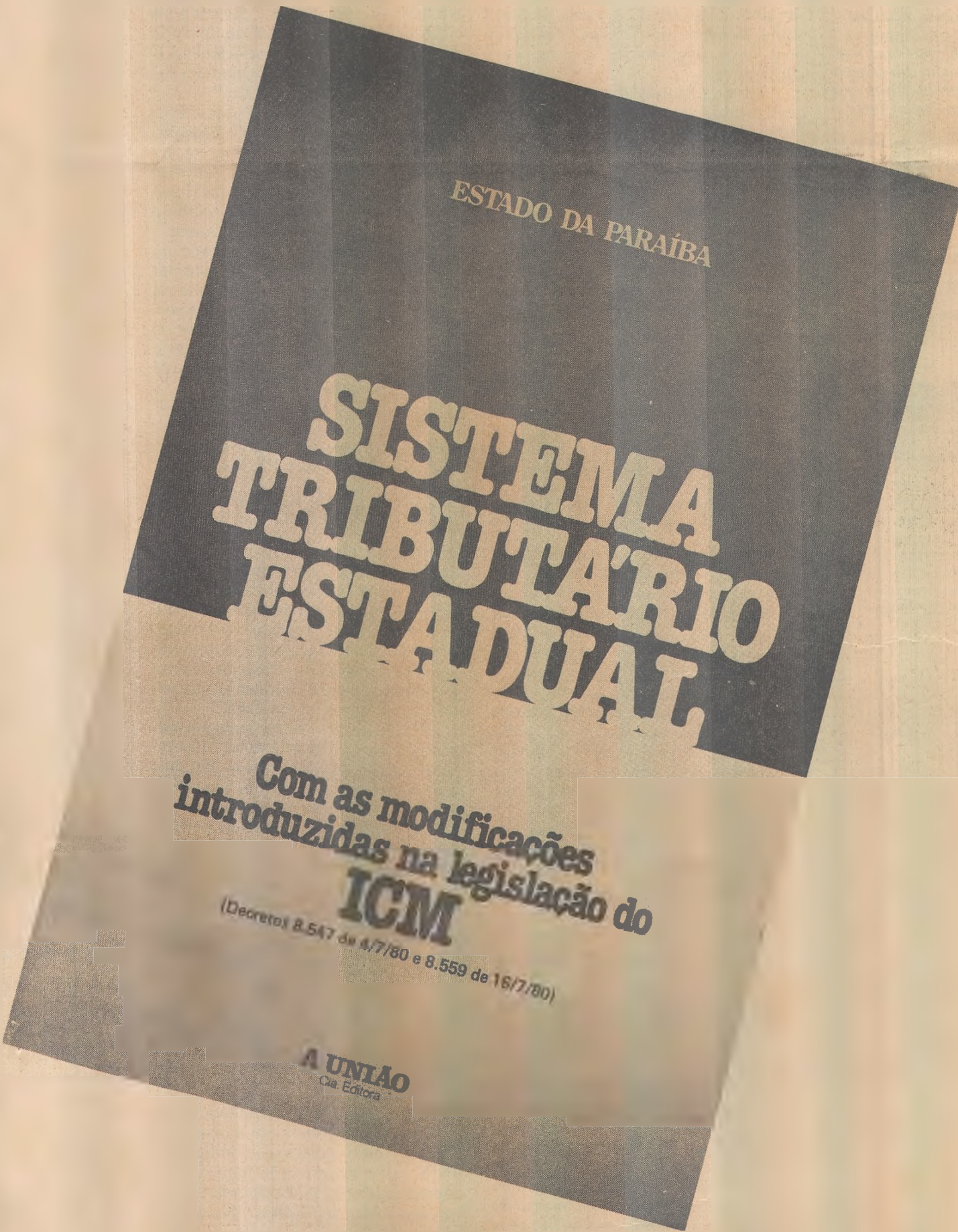
Sérgio Vieira alertou as donas de casa para

que, ao observar que a mercadoria que está adquirindo não corresponde ao peso certo, dirijam-se logo a uma das balanças do Ipem instaladas nos principais mercados de João Pessoa e prestem queixa ao fiscal de plantão permanente. Este se encarregará de tomar as providências necessárias.

TAXÍMETROS

Quanto aos taxímetros, o presidente do Ipem disse que "o que ocorre é um pequeno aumento de preços, tabelado pelo Detran, como forma de amenizar os constantes aumentos no preço da gasolina". Na aferição anterior, o quilômetro rodado custava Cr\$ 10, isto é um cruzeiro a cada cem metros. Na atual aferição, o quilômetro passou de Cr\$ 10 para Cr\$ 15, ou um cruzeiro a cada 66,6 metros rodados.

nas bancas & livrarias



A UNIÃO
Cia. Editora

Um diálogo exclusivo com Caetano

pág. 8

Paulo Melo e sua visão de cultura

pág. 3

80 anos da morte de Nietzsche

pág. 4

"Camas Redondas" na 3ª feira

pág. 6

A despedida de "Chica Menina"

pág. 6

Um roteiro completo para seu lazer

pág. 2



ELITE LANCHES
Av. João Maurício, 33
Fone: 226-3000 - Tambaú

FAÇA SEU VARILUX E ULTRAVUE COM QUEM ENTENDE

ótica **MIAMI**

Rua Duque de Caxias, 295-A
Fones: 221-2259 e 221-8729

MOVELARIA **PERNAMBUCANA**
Uma Loja Com Personalidade

MATRIZ: Rua Pedro Américo, 71 - Fone: 221-4575 e 1031

FILIAIS:

Loja II - Rua Cardoso Vieira, 123 - Fone 221-4488

Loja III - Rua Duque de Caxias, 298 - Fone 221-5205

Loja IV - Rua Duque de Caxias, 275 - Fones 221-4770 e 4068

Loja V - Av. Epitácio Pessoa, 3001 - Fones 224-6381 e 5224

DEPOSITO

Loja VI - R. João Luiz Ribeiro de Moraes, 266 Fone 221-8840

Loja VII - Parque Solon de Lucena, 263 - Fone 221-2961

farmácia PADRE ZÉ



UMA ORGANIZAÇÃO **JOSÉLIO PAULO NETO**
AGORA TAMBÉM EM TAMBAÚ

Rua Carlos Alverga, 23 - Fone: 226-1132

Jornada

• Começa hoje (20h), e termina terça-feira, no auditório do Hotel Tambaú, a I Jornada Paraibana de Atualização em Pneumologia Infantil, iniciativa da Sociedade Paraibana de Pediatria, presidida pelo dr. Edson Petrucci.

• A Imunologia Pulmonar, a Asma Brônquica Infantil, a Asfixia Perinatal, a Tuberculose Pulmonar, são alguns dos temas científicos que constam do programa a ser debatido, amanhã e terça-feira.

• São conferencistas Magda Sampaio (São Paulo), Alberto Grawjer (Rio) e Afrânio Garcia (Rio).

Audição da Sinfônica

• O maestro Marlos Nobre é quem vai reger hoje (21h), no Teatro Santa Rosa, a Orquestra Sinfônica da Paraíba, em seu quinto concerto oficial da temporada. Marlos Nobre é um dos maiores compositores brasileiros da atualidade.

• O programa musical é este: Abertura em Ré Maior (Pe. José Maurício), In Memoriam e Convergências (Marlos Nobre) e, na segunda parte: Desafio VIII para piano e Orquestra (Marlos Nobre) e Concerto para piano e orquestra (R. Schumann).

• A solista é a pianista carioca Maria Luiza Corker.



MARIA EMÍLIA FREITAS

Sócios em dia

• Com a aproximação do pleito do Cabo Branco tem se verificado uma desusada movimentação nos guichês da tesouraria do clube, com os sócios atrasados procurando atualizar suas contribuições, condição prévia para poder votar.

• Pensa o diretor Nórdio Guerra, quando novembro estiver mais perto, fazer funcionar a tesouraria em tempo integral, para maior comodidade dos associados.

Cursos para mulher

• Pelo número de inscrições já feitas, o Curso Para a Mulher-80 (Aperfeiçoamento Social e Atualização da Mulher), está com seu sucesso praticamente garantido. As aulas - de 1 a 5 de setembro, das 2 às 5 da tarde - serão dadas por profissionais da "Socila-Rio", trazidas a João Pessoa por D. Glaucê Burity.

• A taxa de matrícula cobrada é de 5 mil cruzeiros por pessoa. A renda líquida vai para o menor carente. Essas inscrições podem ser feitas diariamente na sede do Jangada Clube, também escolhido para a realização do curso, em cujo final será sorteado

um relógio "Baume & Mercier".

• Entre as inscritas estão Gilda Almeida, Stella Wanderley, Léa Crispim, Fatima Almeida, Miriam Gama, Marilene Sá, Martha Ribeiro, Betinha Zaccara, Silvia Pereira Gomes, Marilza Mesquita, Lae Vasconcelos, Joventina Lacerda, Diana Porto, Bernadete Souto, Helena Ribeiro, Alaide Miranda.

• E ainda: Magda Guedes, Clizete Timóteo, Ana Lúcia Ribeiro, Celina Sá, Vitória Soares, Dizinha Góes, Adriana Vieira, Clotilde Cabral, Déa Teixeira e outras.

CERTAME MÉDICO

• O prof. Ely Chaves vai participar, como convidado, da banca examinadora que selecionará os patologistas e citopologistas ao título de Especialista. Este concurso será no dia 13 em Fortaleza, em meio à realização do IX Congresso Brasileiro de Citologia, no Imperial Othon Palace Hotel.

• Durante o certame, o prof. Ely Chaves participará da Mesa Redonda que debaterá temas sobre citologia geral. Sua conferência intitula-se "Citologia das Efusões Pleurais nos Processos Malignos - Análises de 100 Casos". Ressalte-se: Ely faz parte da Comissão Permanente da Banca Examinadora, sendo um dos mais acreditados em Citologia Geral e Citologia Ginecológica de Prevenção do Câncer.

Sociedade



ROSALINDA CRISTINA DE CARVALHO

Foto de David

A luta pelo patrimônio

• O engenheiro Ricardo Lombardi está conseguindo importantes adesões à sua candidatura a Diretor do Patrimônio do Cabo Branco.

• Com grande vivência no clube, o conhecido "Palioli" tem realmente condições para chegar à vitória em novembro, embora sabendo que o adversário João Alberto Cunha é também força ativa.

Outra festa para o Iate

• A comodoria do Iate Clube da Paraíba, esta semana, iniciará gestões junto a empresário para saber da viabilidade para contratação do cantor Silvio Caldas para um grande encontro noturno de seresta.

• No próximo dia 5, o Iate Clube abre suas portas para festa dançante com "show" de Nelson Gonçalves. As mesas custarão 2 mil cruzeiros.

Conferência na Adesg

• A Delegacia da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra na Paraíba continua inscrevendo para o II Ciclo de Conferências que promoverá de 17 de setembro a 30 de outubro, sobre segurança e desenvolvimento nacionais.

• O ciclo tem como coordenadores o economista Patrício Leal Filho e o bel. Marcos Souto Maior.

CINEMA TRANSCENDENTAL

• Duas bilheterias irão funcionar no Ginásio do Clube Astréa no dia do "show" de Caetano Velloso. A determinação de Carlos Aranha, da "Jaguaribe Produções", objetivava evitar os atropelos verificados em apresentações artísticas anteriores e que causaram muito aborrecimento.

• Caetano Velloso virá a João Pessoa na próxima sexta-feira, acompanhado do Grupo "A Outra Banda da Terra" e por três vocalistas femininos. Aqui ele mostrará o espetáculo *Cinema Transcendental*, uma única vez, ao preço de 150 cruzeiros. A Livraria 7 e a Eletropêças já vendem os ingressos.

FORUM ATINGE OBJETIVO

• O Secretário Carlos Pessoa, da Indústria e do Comércio, está de parabéns pelos bons resultados obtidos com a realização do Fórum de Debates do Proálcool, uma iniciativa pioneira de muita validade para a economia agro-açucareira do Estado. A presença do eng. Hugo de Almeida, presidente do IAA, ensinou também o encaminhamento de vários pleitos de industriais paraibanos.

• Socialmente, o eng. Hugo de Almeida também cumpriu intenso programa de coquetéis, almoços e jantares. Uma das homenagens lhe foi oferecida pelo Comendador Renato Ribeiro (foto), em sua residência, com a presença do Governador Tarcísio Burity.



MARCOS SOUTO MAIOR



TARCÍSIO BURITY, RENATO RIBEIRO E HUGO DE ALMEIDA

Candidatos definidos

• O deputado Assis Camelo confirmou que já estão definidos em sua chapa ao pleito de novembro do Cabo Branco, os seguintes associados: Jader Franca (Secretário), Marcos Souto Maior (foto - Finanças), Herul Sá (Vice-Presidente), Ricardo Lombardi (Patrimônio), Nórdio Guerra (Adjunto).

• E ainda: Agmar Dias Pinto (Arte e Cultura). E, como novidade, anunciou a indicação de José Flávio Pinheiro Lima para Diretor de Esportes, Luiz Crispim para Diretor Social e Antônio Tavares de Carvalho para Relações Públicas.

• Para Assis, os nomes de Luiz Crispim e José Flávio representam uma perspectiva acima dos níveis mais altos que o Cabo Branco já alcançou naqueles setores, pois, comprovadamente, reúnem condições de oferecer aos associados um alto padrão de serviços.

Rápidas

TAMBAÚ vai ganhar Laboratório de Análises Clínicas. O "Miranda Neto Ltda" será inaugurado sexta-feira, na Carlos Alverga, 23.

MANDO meu abraço para José Bartolomeu Colaço Costa, que está aniversariando hoje. ••• UM dos mais tradicionais bares da cidade está fazendo hoje 26 anos. É o Luzeirinho, do amigo Antônio Patrício Leite. ••• NOVA sede do Conselho Regional de Farmácia será festivamente inaugurada no dia 26 de outubro. ••• JUIZ Wilson Cunha estará rasgando folhinha amanhã. ••• DURANTE a Semana da Criança é possível que "Os Trapalhões" venham a João Pessoa. Em outubro. ••• PAULO Roberto Freire Corrêa, estudante de Economia, é outro que aniversaria hoje. ••• UM abraço forte em Djalma Gusmão que também é aniversariante neste domingo. Convidado, hoje almoço com ele e Diana. ••• VEREADORES das duas bancadas aprovaram proposição de Chico Saldanha concedendo o título de Cidadão Pessoaense ao jornalista Sebastião Barbosa, diretor de Paisagismo da Prefeitura.

HORÓSCOPO

ÁRIES



21/3 a 20/4 - **Finanças - Trabalho** - Representantes favorecidos. Resolva seus negócios em curso sem iniciar novos por enquanto. Estudos favorecidos. Se você tiver um cargo de responsabilidade haverá complicações. **Amor** - Com Vênus em quadratura você deve evitar as discussões, pois uma ruptura é possível. Malentendidos com seus filhos. **Pessoal** - Demonstre ter boa vontade, procure concentrar-se nos problemas difíceis. **Saúde** - Seus intestinos devem ser vigiados hoje.

TOURO



21/4 a 20/5 - **Finanças - Trabalho** - Profissões autônomas e liberais favorecidas. Boas perspectivas nos seus negócios. Associações, contatos favorecidos. Você pode utilizar uma informação que lhe for confiada. **Amor** - Este dia será de primeira ordem com Vênus em sêxtil. Grande compreensão com a pessoa amada. Pode fazer projetos. Fale com seus filhos. **Pessoal** - Se você tiver tempo, pode modificar a concepção de sua casa. **Saúde** - Dores de dentes, não espere, vá ao dentista.

GÊMEOS



21/5 a 20/6 - **Finanças - Trabalho** - Jornalistas favorecidos. Sorte nas especulações, negócios novos favorecidos. Surpresas sobre o plano profissional. Negócios imobiliários favorecidos. Aproveite das circunstâncias. **Amor** - Vida sentimental protegida. Não estrague este dia com dúvidas injustificadas. Procure resolver seus problemas familiares. **Pessoal** - Você pode encontrar uma pessoa estrangeira interessante para seu futuro. **Saúde** - Ótima vitalidade, grande forma.

CÂNCER



21/6 a 21/7 - **Finanças - Trabalho** - Iniciativas felizes sobre o plano profissional. Negócios imobiliários favorecidos. Você saberá agir com habilidade com seus chefes, aproveite das circunstâncias. **Amor** - Deixe falar seu coração e seus sentimentos, pois este dia sentimental será alegre e harmonioso. Você deve resolver os problemas familiares. **Pessoal** - Você deve aproveitar desta noite para sair com seus amigos (as). **Saúde** - Boa, mas procure ter uma vida mais regular.

LEÃO



22/7 a 20/8 - **Finanças - Trabalho** - Grande chance se você tem idéias originais. Negócios novos e trabalho interessante. Pode procurar um emprego novo. Você terá a oportunidade hoje de se impor. **Amor** - Ótimo dia que você deve viver em companhia da pessoa amada. Todavia evite que pessoas estranhas se intrometam na sua vida particular. Clima familiar benéfico. **Pessoal** - O entendimento com outras pessoas depende apenas de você. **Saúde** - Pequena indisposição.

VIRGEM



21/8 a 22/9 - **Finanças - Trabalho** - Sucesso inesperado. Contratos bem influenciados. Tenha confiança nas pessoas que podem ajudá-lo (a). Alguns acontecimentos lhe darão o gosto de querer progredir. **Amor** - Harmonia completa. Você pode fazer projetos sérios com a pessoa amada para o seu futuro. Saiba aproveitar deste clima para resolver os problemas familiares. **Pessoal** - Transforme sua casa, se possível. **Saúde** - Nervosidade, agitação, mas nada de grave.

LIBRA



23/9 a 23/10 - **Finanças - Trabalho** - Profissões industriais bem influenciadas. Cuidado, encontro duvidoso para seus negócios e seu trabalho. Evite as despesas inúteis. Atenção: certas pessoas agirão contra você. **Amor** - Afaste todas as dúvidas que poderiam surgir e evite ser ciumento. Com Vênus em quadratura haverá penosas decepções. **Pessoal** - Adapte-se e concentre-se num objetivo bem definido, você sairá lucrando. **Saúde** - Vigie sua alimentação: estômago ruim.

ESCORPIÃO



24/10 a 21/11 - **Finanças - Trabalho** - Este dia será excelente e você deve aproveitar. Negócios, contratos escritos e plano financeiro favorecidos. Adapte-se com rapidez às mudanças e adote as novidades. **Amor** - Um amigo (a) se lembrará de você. Grandes satisfações também sobre o plano sentimental, aproveite para agir. Você pode fazer projetos. **Pessoal** - Em geral não se irrite por coisas sem importância, saiba ficar calmo. **Saúde** - Sua saúde será boa. Faça natação.

SAGITÁRIO



22/11 a 21/12 - **Finanças - Trabalho** - Pintores, motoristas, eletricitistas favorecidos. Hoje haverá discussões no setor profissional. Os negócios serão perniciosos. Evite tomar decisões repentinas. Não assine atos importantes. **Amor** - Todas as suas esperanças não se realizarão, pelo contrário. Você ficará decepcionado (a) pelo comportamento da pessoa amada. **Pessoal** - Escolha com atenção as pessoas que você precisa manter a distância. **Saúde** - Excelente forma física.

CAPRICÓRNI



22/12 a 20/1 - **Finanças - Trabalho** - Hoje você deve tomar cuidado pois será impossível concluir negócios importantes. Tudo isto por causa de sua falta de tato nas suas relações. Pode emprestar dinheiro. **Amor** - Este dia será pernicioso. Alguém falará mal a respeito da pessoa amada. Não acredite porque com Vênus em oposição esta pessoa procurará prejudicá-lo. **Pessoal** - Examine com minúcia todas as circunstâncias antes de tomar uma decisão.

AQUÁRIO



21/1 a 18/2 - **Finanças - Trabalho** - Este dia será favorecido. O plano profissional será de primeira ordem. Você terá a confiança de seus chefes. Todavia o plano financeiro será pernicioso, evite as despesas. **Amor** - Clima neutro sobre o plano sentimental. Deixe agir o acaso, agradável surpresa que virá provavelmente de seus amigos (as). **Pessoal** - Você deve providenciar com urgência a organização de seu tempo. **Saúde** - Problema de coração, tome cuidado.

PEIXES



19/2 a 20/3 - **Finanças - Trabalho** - Este dia será benéfico. Propostas de negócios em vista, sorte no trabalho e na loteria. Você ficará satisfeito (a) com as idéias que nascerão no seu espírito. **Amor** - Plano sentimental favorecido. Organize uma reunião social com amigos (as). Sobre o plano familiar procure resolver os problemas em suspenso. **Pessoal** - Projetos feitos em comum com amigos sinceros serão bem sucedidos. **Saúde** - Você deve evitar o abuso de bebidas.

* Ruim
** Regular
*** Bom
**** Ótimo
***** Excelente



"Castelos de Gelo", no Tambau

NO CINEMA

CASTELOS DE GELO - Produção americana. A história de uma garota cujo sonho é ser campeã olímpica em patinação no gelo. Direção de Donald Wrye. Com Lynn-Holly Johnson e Robby Benson. A cores. Livre. No Tambau. 18h30m e 20h30m.

O IMPÉRIO CONTRA-ATACA - Produção americana. Continuação de Guerra nas Estrelas. Escrito e produzido por George Lucas, o filme é dirigido por Irvin Kershner, o cineasta de Olhos de Laura Mars. No elenco, Mark Hamill, Harrison Ford e Carrie Fisher. A cores. Livre. No Municipal. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

A FORÇA DOS SENTIDOS - Produção brasileira. Direção de Jean Garret. Sem maiores referências. A cores. 18 anos. No Plaza. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

EXPLOSAO DOS SHAO-LIN CONTRA MANCHUS - Produção chinesa. Direção de Huang Feng. A cores. 18 anos. No Rex. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.



NO TEATRO

CHICA MENINA - A peça do jovem autor paraibano J. Mota Victor é baseada num fato verídico, ocorrido em Patos em 1923, mostrando como as influências de caráter psico-social determinam a violência de um patrão contra uma simples empregada doméstica e menor de idade. **Chica Menina** tem o prêmio Publicação do IV Concurso Nacional Universitário de Peças Teatrais de 1979. A montagem é do Grupo Resistência, com direção do próprio autor. No elenco, entre outros, Edmilson Belo, José Mota e Luis Antonio. No Lima Penante (entradas pela Trinchiras e pela João Machado). 21h.

BRINCADEIRAS - Como o próprio nome sugere, a peça de Matos Leão enfoca a criança irrequieta, brincalhona e divertida. O texto foi premiado pelo Serviço Nacional de Teatro e a direção é de João Batista Dantas, que também figura no elenco. Montagem da Cooperativa de Teatro Boca de Forno, de Recife. No Santa Roza. 16h.

EM CONCERTOS

ORQUESTRA SINFÔNICA DA PARAIBA - É o quinto concerto oficial da OCEP este ano. Este tem a regência de Marlos Nobre e a participação especial de Maria Luiza Corker. No programa, peças de Schumann, padre José Maurício e do próprio Marlos Nobre. Entrada Franca. No Teatro Santa Roza. 21h.

NA TV

O MELHOR DO JAZZ - Compacto com os grandes momentos do último festival de jazz realizado no Anhembi, com apresentações, entre outros, de Dexter Gordon, Mauricio Einhorn, Mary Lou Williams, Native Son, Pepeu Gomes e A Cor do Som, entre outros. No Canal 7. 19h.

RIO JAZZ MONTEREY FESTIVAL - Gravado no Maracanzinho entre os dias 14 e 17 passados. Entre os convidados deste pri-



A Cor do Som em jazz

meiro Rio Jazz Monterey Festival estão músicos e grupos bastante conhecidos do público brasileiro, como o guitarrista inglês John McLaughlin, o cantor americano Al Jarreau e o tecladista e band-leader George Duke, que se apresenta com dois brasileiros de grande sucesso nos Estados Unidos: o percussionista Airto Moreira e o trombonista Raul de Souza.



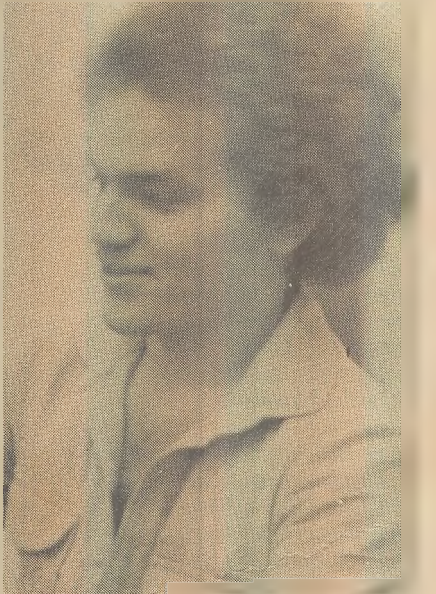
Caetano no "New Wave"



NO RÁDIO

DISCO SHOW - Em promoção especial da gravadora EMI-Odeon, um programa com lançamentos, informações ao vivo e sorteios de discos. A seleção de repertório e a apresentação é de Gilvane Sabino. O programa tem direção artística de Vladimir Carvalho. Na Arapuan 11h.

STUDIO NEW WAVE (***) - Hoje apresentando os três primeiros lugares do festival MPB-80, encerrado ontem no Maracanzinho, e uma seleção especial de momentos importantes na carreira musical de Caetano Veloso. Uma produção de Francisco Pinto. Na Tabajara. 13h.



Gilvane em "Disco Show"



EM DISCOS

SUN OF JAMAICA, Goombay Dance Band - O disco do grupo Goombay Dance Band estourou em vários países da Europa, entre eles a Alemanha e a Holanda. Agora o selo Epic está lançando no Brasil um compacto simples, contendo seu grande sucesso: *Sun of Jamaica*. Lançamento CBS.

VIVALDI, TARTINI, BOCCHERINI - CELLO CONCERTOS (*****) - Quatro concertos para violoncelo interpretados por Mstislav Rostropovich (cello) e Martin Derrings (cravo), com regência de Paul Sacher.



EM LIVROS

EINSTEIN, REFLEXÕES FILOSÓFICAS, Irineu Monteiro - O grande cientista Albert Einstein recebia o poeta hindu Rabindranath Tagore em sua casa para bate-papos informais. Por essa época, Adolph Hitler oferecia um prêmio de 20 mil marcos pela cabeça do gênio. É a partir desses diálogos com Tagore que se desenvolve o livro de Irineu Monteiro. Lançamento Alvorada.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA - Ótimos títulos sobre divulgação científica estão sendo remetidos, por reembolso postal, pela Zipak. Alguns deles, com preços que vão de Cr\$ 100 a Cr\$ 350: *Einstein, o Enigma da Matemática*, Huberto Rohden; *A Evolução da Física*, Albert Einstein; *Buracos Negros*, Ronaldo Rogério de Freitas Mourão; *Teoria Unitária do Universo Bipolar*, A. G. Garnier; *Os Próximos 200 Anos*, Herman Kahn; *E a Ciência uma Nova Religião?*, Ernesto Bono; *O Choque do Futuro*, Alvin Toffler; *O Código Genético*, O Corpo Humano e O Cérebro Humano, de Isaac Asimov. Pedidos à Zipak Livraria Editora Ltda - Rua Dr. Vila Nova, 142 - CEP 01222 - São Paulo, SP.



EM FESTAS

SOM-THIAGO - Animadíssima programação dançante, dirigida para a juventude, com o ótimo equipamento de som e de iluminação da equipe Som-Thiago. O repertório musical é bom. Na buate da Labre (Jaguari-be) A partir das 17h.



Animação com o Som-Thiago

"Potemkin"

Produção soviética de 1925, dirigida por Serguei Eisenstein, considerada obra-primeira do cinema mundial, *O Encouraçado Potemkin*, será exibido novamente no Teatro Lima Penante. As sessões vão acontecer terça-feira próxima, às 19 e às 21 horas, com ingressos vendidos a preço único de Cr\$ 50, e o do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPA. O Lima as: pela tem duas entradas. Trinchira João Machado ou exibição cheiras. A cópia em português, tem legendas em português. *O Encouraçado Potemkin* está na história como uma lição de cinema.

A UNIÃO

HÁ 50 ANOS

Ivan Lucena

Violencia em Recife contra Parahybanos

No dia 24 de agosto de 1980
A União publicou

O dr. José Americo de Almeida, Secretario de Segurança, recebeu o seguinte telegrama do dr. Litto Filho, chefe de Polícia de Pernambuco, em resposta ao que lhe foi transmitido ante-hontem a propósito da prisão naquela capital, dos drs. Plínio Claudio Lemos.

"Surpreendi-me, recebendo urgente dessa Secretaria sobre falsa notícia certo matutino esta capital relativa supostas prisões terem sido victimas doutores Plínio e Claudio Lemos. É entretanto certo foi aquele apenas convidado esclarecer sua identidade sem sequer haver sido detido. Tal medida vigilância tem sido sempre adoptada contra desconhecidos e assim é nos centros adiantados e provavelmente também nessa capital. Convém ainda uma vez accentuar junto ao governo pernambucano não interverem ellementos estranhos a que se refere essa Secretaria, sendo de lamentar tenham de se refugiar aqui por falta de garantias nesse Estado. Saudações - Litto Filho, Chefe de Polícia".

RESPOSTA DO SR. JOSÉ AMÉRICO RICO

"Tenho em meu poder o telegrama em que v. esc. me informou ter sido falsa prisão dr. Plínio Lemos, assegurando ter sido elle "apenas convidado esclarecer sua identidade sem sequer haver sido detido" e advertindo que "tal medida tem sido sempre adoptada contra desconhecidos provavelmente também nesta capital". Certamente ignora v. exc. que aquelle digno parahybanos foi preso na praça publica por um agente que o conduziu á Repartição Central de Polícia, onde foi posto em liberdade por intervenção do dr. Democrito de Souza, que fôra immediatamente avisado dessa violencia por um "chauffeur" que a presenciara. Posso asseverar que pelo menos na Parahyba os desconhecidos que devem apparecer em menor numero do que em Recife e são facilmente percebidos pela pouca densidade da população não se acham sujeitos a esse vexatório regimen de declaração de identidade.

Tando se surprehendeu v. exc. com o meu telegrama que, por sem duvida desconhecer também prisões sem justa causa, feitas ahi, dos membros da comitiva do Presidente João Pessoa, mais recentemente do aviador Rolando e do dr. Hildebrando Falcão, ainda agora do jornalista Rafael Corrêa de Oliveira e do "chauffeur" da Prefeitura desta capital Manuel Bernardo e outros tantos parahybanos ou pessoas procedentes da Parahyba. Creio que nenhum pernambucano já passou aqui por semelhante constrangimento. Lamenta v. exc. que elementos estranhos tenham de se refugiar ahi por falta de garantias neste Estado e parece-me sincera a lamantação porque a Polícia de Pernambuco permite a esses elementos inclusive aos mais violentos, como os matadores do Presidente João Pessoa, até o porte de armas prohibidas com que perpetram crimes monstruosos. Saiba, pois, v. exc. que esses refugiados deixaram suas familias, mulheres e filhos, sob a proteção da policia da Parahyba, nesta capital e no interior do Estado. O que elles talvez não possam avaliar é a somma de sacrificios que nos custou a manutenção da ordem, quando noventa e nove por cento da população parahybana, ferida pela mais tremenda das perdas, procurava reagir contra as pretensões de dominio de uma minoria impoderavel e imperitine nesses dias de desespero. E ainda não cessou nossos esforços em atender as queixas tendenciosas dos que simulam coacção num ambiente da mais perfeita liberdade. Para assegurar essas garantias, indiscutivelmente, só não fizemos fuzilar o povo, porque esses processos não se ajustam á nossa indole politica. E se ha ahi refugiados que correm do povo da Parahyba, há aqui outros tantos que correm da policia de Pernambuco. Saudações - José Americo de Almeida"

PAULO MELO

Reflexões em tempo de abertura

Abertura política que se processa no país vai gerando novas formas de relação entre os diversos setores da vida nacional e o novo jogo de forças produz transformações internas em cada compartimento social. Para falar sobre as mudanças que ocorrem no âmbito artístico-cultural brasileiro, Armando Nóbrega e Alarico Correia Neto ouviram esta semana, em Brasília, o cineasta Paulo Melo, chefe da assessoria de comunicação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Paraibano, ex-diretor do Teatro Santa Rosa e professor da UFPb, Paulo Melo é hoje um dos principais assessores do professor Lynaldo Cavalcanti, também paraibano, e presidente do CNPq. Paulo vê nessa fase de transição política por que passa o país, um momento de reflexão para o artista e crítico brasileiros que está analisando as consequências do consumo de uma produção que passou 15 anos bloqueada.

“Eu queria saber se você não está vendo algo mais presente, alguma coisa artístico-cultural que esteja sendo formada a partir da abertura política, uma resultante da nova organização das forças criadoras sociais?” Paulo: “Eu lhe confesso que coisa significativa mesmo, não tem ainda aparecido, pode ser que esteja em gestação, em elaboração, mas eu não identifico ainda, em nenhum dos setores da vida artística, uma obra que pudesse ser marcante nestes tempos do processo de abertura”.

Paulo Melo fala ainda sobre a atuação de outro paraibano, Tarcísio Burity: “parece-me que está tendo alguns problemas de natureza política, a nível de articulação e formação do Partido e, me parece, que de vez em quando surgem choques, mas isso faz parte do processo”. Paulo está entusiasmado com a cultura candanga que se desenvolve em Brasília e preconiza uma produção nova e muito rica a partir da fermentação cultural que se processa aqui.

AN - Em que circunstâncias você aceitou a proposta para vir trabalhar no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Brasília?

PM - Em João Pessoa eu era professor da Universidade Federal da Paraíba, e por ocasião do último ano do reitorado do professor Lynaldo Cavalcanti, fui convidado para também dirigir a Editora da UFPb. Com a sua indicação para a presidência do CNPq, Lynaldo notou que a parte editorial do Conselho precisava ser reformulada e dinamizada. Pra isso ele me fez o convite para que eu viesse aqui e ver o que existia mais concretamente no problema editorial. Pediu-me também que daqui eu fosse ao Rio visitar o Serviço Gráfico situado lá. No Rio, observei com cuidado e com paciência todas as condições materiais, técnicas, pessoais e um pouco também financeiras, voltei a Brasília, fiz um relatório mais ou menos amplo, em que observava não só as condições atuais e as perspectivas que poderiam ter o Serviço Gráfico, como também anotava alguns pontos que poderiam ser pensados no que diz respeito a situação editorial do CNPq. Voltei para João Pessoa e recebi um convite do nosso João Maurício, que ainda está na Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários, para assessorá-lo lá em alguns programas. Passados mais uns 20 dias o Lynaldo resolveu me chamar, desta vez, em caráter permanente, para assumir essa tarefa que de certa forma é um desafio, de propor e posteriormente tentar executar uma política editorial para o CNPq.

Na verdade, o CNPq, com quase 30 anos de existência, até agora não tinha ainda de uma forma mais sistemática, uma política editorial. E a gente sabe que a bibliografia científica e tecnológica brasileira, sobretudo no que diz respeito a problemas de política de ciências, de planejamento científico e tecnológico, e mais ainda no que diz respeito às ciências exatas e naturais, ela é muito insuficiente. A gente tem uma certa riqueza bibliográfica no campo das ciências sociais e humanas, mas nas ciências exatas, naturais e nas ciências da saúde, essa carência é bastante acentuada. E o CNPq, como órgão de coordenação da política científica e tecnológica brasileira, não podia continuar com um nível de semi-ausência com relação ao problema editorial.

Então, eu vim inicialmente para exercer o cargo de assessoria de imprensa, onde ainda hoje permaneço e, enquanto isso, tentei formular, ouvindo várias pessoas, vários cientistas daqui e que aqui chegavam, para sugestões, idéias, indicações, a partir das quais foi elaborado então uma proposta de política editorial, apresentada ao Lynaldo e nela estava sugerida a criação de

uma coordenação editorial encarregada de executar essa política e de um comitê editorial que seria um órgão colegiado que debateria constantemente, problemas ligados a política editorial do CNPq.

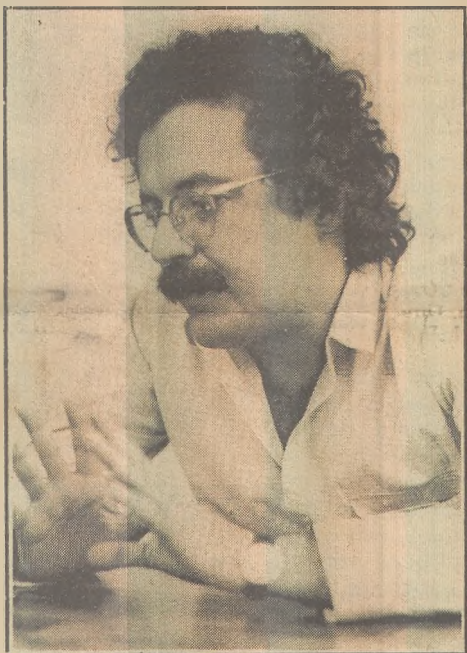
Minha experiência na UFPb nesse campo foi bastante estimulante, me satisfiz muito, foi uma experiência de certa forma nova, enquanto administrador, porque o meu contato com o livro sempre foi constante e é de muito tempo, e então achava que poderia continuar aqui no CNPq, evidentemente numa perspectiva bem maior e um pouco mais abrangente, já porque o CNPq, é um órgão nacional, e... topei o desafio, estamos aqui tentando fazer alguma coisa.

Quer dizer, se você pergunta o motivo básico, primeiro foi o fato de gostar de trabalhar com Lynaldo, e de me sentir de certa forma até honrado com o convite que ele me fez para cuidar dessa parte editorial do Conselho. Eu acho que só tenho muito a aprender e provavelmente muito também a ganhar.

ACN - Paulo, você falou que depois de analisar o funcionamento da assessoria e da parte gráfica no Rio de Janeiro, você teria apresentado uma proposta. Essa proposta consiste num plano de trabalho e se assim for, como será o tratamento dado aos estudos?

PM - A proposta apresentada, e que já foi parcialmente discutida na primeira reunião do comitê editorial, define uma política editorial, que tipo de trabalho o CNPq deve editar e que tipo de relação ele deve ter com as instituições de ensino superior, institutos de pesquisa e mesmo no setor empresarial, em termos de editoração. Então, a informação, não digo assim uma informação científica e tecnológica ao nível de tais ou quais eventos, de uma maneira assim muito jornalística - o problema é que aqui mesmo no CNPq se tem um número muito grande de relatórios de pesquisas, de estudos feitos por setores do próprio Conselho, existe um trabalho enorme gerado pelos institutos de pesquisa do órgão, que são seis; que praticamente são desconhecidos dentro da comunidade do CNPq, e muito mais ainda dentro da comunidade científica brasileira como um todo. Além disso, muita coisa é produzida ao nível de texto em institutos de pesquisas e universidades, e isto também não tem sido muitas condições de ser divulgado. A não divulgação destes estudos, provoca um não aproveitamento, não só da comunidade científica, mas da parte do setor empresarial, destas pesquisas feitas. Só como um exemplo, na construção do metrô de São Paulo, resolveu-se adotar um sistema de freios nos trens que era considerado o mais moderno do mundo instalado em São Francisco, na Califórnia. Esse projeto foi adotado e na fase da sua implantação em São Paulo, descobriu-se que ele teria sido adotado nos Estados Unidos, porque naquela área havia uma certa limitação de recursos hidrelétricos - como aliás os Estados Unidos em geral não tem a capacidade hidrelétrica que nós temos - e nessa oportunidade, pesquisadores de São Paulo já tinham um estudo sobre o assunto por não ter sido melhor veiculado, fez com que, ao menos para discussão do projeto, se pudesse contar com uma participação do pesquisador, do cientista, do tecnólogo nacional. Então isso ocorre praticamente em todas as áreas. Por exemplo, na área agropecuária, muitas vezes você resolve importar uma tecnologia que normalmente não foi concebida para as características peculiares a nível de geografia, de geologia, de climatologia, e a gente faz e ninguém toma conhecimento. Então é necessário que fosse promovida a maior divulgação possível de estudos feitos pelos cientistas e tecnólogos brasileiros. Evidente que na Universidade, nos institutos de pesquisas, é onde se concentram os grandes núcleos desses trabalhos. Assim, nessa proposta estava previsto um apoio às revistas publicadas pelas sociedades científicas e às que viessem a ser publicadas, um apoio a divulgação de teses que correspondessem a problemas considerados de prioridade no momento, como o da energia, da

Entrevista a Armando Nóbrega e Alarico Correia Neto
Fotos de Walter Filho



agricultura e o desenvolvimento social, que são as três grandes prioridades que nós temos ao nível de pesquisa, prioridades estabelecidas pelo Terceiro Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, um apoio às universidades, sobretudo no que diz respeito ao campo técnico e a infra-estrutura tecnológica. E o caso de que a Universidade poderia desenvolver um trabalho editorial muito bom, mas falta, não só recursos técnicos no setor gráfico, mas também financeiro, então a nossa exposição é no sentido de que a gente possa encontrar mecanismos de poder promover, de parte dessas universidades, com esse potencial científico-literário já formado, para que eles possam tornar essa coisa uma realidade. A gente tem também uma Revista Brasileira de Tecnologia, editada pelo CNPq, há cerca de 11 anos e que foi objeto de uma análise dessa proposta em que ela pretende, a partir do que está lá sugerido, ao invés de ser uma coisa verticalizada, como até então vem sendo, ou seja, uma revista só ao alcance de altos especialistas, de pessoas de uma alta qualificação científica, tentar fazer uma coisa que fosse horizontal, ou seja, que até um leigo, educado, com algum nível de aprendizado, pudesse ter uma idéia do que o autor estava pretendendo dizer. Ao mesmo tempo, no campo da revista a gente não quer competir com ninguém, nem com a sociedade científica, nem com os institutos de pesquisas, ou com as universidades, a gente quer ver se consegue preencher vazios detectados nesse universo de periódicos que tem por aí. Então, basicamente, essa proposta era fortalecer a Revista Brasileira de Tecnologia que pertence ao CNPq, já há 11 anos, fortalecer as revistas de entidades científicas e ajudar as que ainda não tinham e passaram a ter e colaboraram as publicações das universidades, sobretudo no que diz respeito aos periódicos.

Quantas coisas já ocorreram na UFPb, consideradas de relevância, e que não são nem do conhecimento da própria comunidade acadêmica da Paraíba?

AN - Deixando um pouco o CNPq, como você está entendendo a atual fase artístico-cultural do país, em paralelo ao processo de abertura política?

PM - Eu não sei, é um problema realmente complexo, delicado, mas o que eu posso já agora observar é que o período por que estamos passando é de um certo alívio, de uma respiração mais aliviada. É um período caracterizado de transição, em que passamos a ter conhecimento de trabalhos, de obras, muitos de grande importância que nos últimos 15 anos não foi possível chegar ao conhecimento do público. Eu acho que o grande fator positivo que já se pode observar é uma atenuação considerável com relação à censura. Esse aí eu acho um dado objetivo, a censura foi atenuada, não que ela foi extinta, mas ela foi atenuada de uma forma muito grande e que de algu-

ma maneira tem trazido benefícios que caracterizam esse estado de transição porque, por exemplo, nós passamos a conhecer trabalhos como o do Plínio Marcos, que ficou durante 15 anos com a sua obra impossibilitada de chegar ao grande público. Então nós estamos muito interessados na análise e na discussão dessas obras. Eu digo Plínio Marcos, mas você tem inúmeros outros grandes autores brasileiros, como é o caso de Vinícius, Oduvaldo Vianna Filho, cuja obra *Rasga Coração*, que ganhou até um prêmio oficial, ficou aí uns quatro anos censurada. E o caso também no cinema do nosso paraibano Vladimir Carvalho, que teve o “País de São Saruê”, durante 11 anos preso pela censura e só foi liberado no ano passado. Só em Brasília ele passou cinco semanas em cartaz, o que é um caso inédito no cinema brasileiro.

Então o momento de transição é também um momento de reflexão. Na verdade, o que é que foi feito nesses 15 anos, nos subterrâneos, vamos dizer assim, da arte e da cultura brasileira. A gente está tendo livros de Rubem Fonseca e de muitos outros que haviam sido proibidos e que agora estão sendo lidos.

AN - Eu queria saber se você não está vendo algo mais presente, alguma coisa artístico-cultural que esteja sendo formada a partir da abertura política, uma resultante da nova organização das forças criadoras sociais. Estive conversando com um professor de Psicologia de Massas, da UnB, sobre isso, e ele achou que o assunto deveria ser pesquisado.

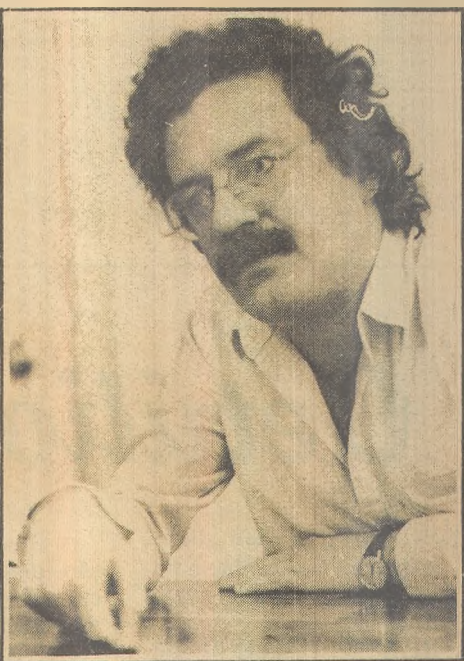
PM - Eu lhe confesso que coisa significativa mesmo, não tem ainda aparecido, pode ser que esteja em gestação, em elaboração, mas eu não identifico ainda, em nenhum dos setores da vida artística, uma obra que pudesse ser marcante nestes tempos do processo de abertura. Também temos o que, um ano, muito pouco vivendo esse processo. E isto é um tempo muito pequeno para que já estejamos cobrando novas manifestações artístico-culturais, que já tragam contribuições mais ricas ao processo cultural brasileiro. O que eu vejo no momento é uma fase de transição marcada sobretudo pela reflexão que está sendo feita sobre obras produzidas nos subterrâneos dos últimos 15 anos. Até agora eu não identifico nenhuma grande obra produzida de um ano para cá. Porque as grandes obras que nos estamos hoje observando foram fruto de anos anteriores, tanto no teatro, como no cinema e na literatura. E a música que é uma arte mais difícil, sua proposta é menos perceptível, dá pra você sentir os grandes momentos da música brasileira, a partir da Bossa Nova, o Tropicalismo e pelo renascimento de um tipo de canção que expressa o sentimento da poética e o cotidiano do povo veiculada por Milton Nascimento, por Chico Buarque de Holanda, e essas duas grandes figuras da MPB que eu acho que são o Gil e o Caetano, que se completam com os outros dois que citei.

Agora, falando em Zé Ramalho, acho um figura admirável e de grande talento, já com alguns trabalhos que ficarão e, espero, dentro em breve estará ao lado de meu Edu Lobo, Milton Nascimento, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, que são pessoas que surgiram num outro tempo, mais sofrido, mais sacrificado, e que se firmaram no panorama na música popular brasileira com obras de grande criatividade. Eu acho muito cedo para que a gente possa avaliar do ponto de vista da criação, que benefícios o chamado processo de abertura política tenha proporcionado a arte e a cultura brasileira. Eu acredito que as pessoas estão pensando nessas obras que só agora estão tendo oportunidade de ver, filmes não só nacionais, estrangeiros, que até pouco tempo era um sonho só em se pensar. E acredito que a partir de um confronto, ou de um conflito, do que foi possível ou permitido ser apresentado, possa surgir alguma coisa nova. Que vai surgir alguma coisa nova eu não tenho nenhuma dúvida, agora eu não sei quando e não sei como, com que perspectivas, em que tons culturais e artísticos. Isto realmente fica difícil.

ACN - Você como uma pessoa ligada ao setor de comunicação do CNPq, que não deixa de ter um pouco de arte na condução desse núcleo, mas você quando estava saindo da Paraíba, parece que tinha retornado com mais pulso ao cinema, pelo menos tinha vindo de uma jornada de curta-metragem, estava se entrosando com um núcleo recém-formado na Universidade e estava até com viagem marcada para a França. Eu te pergunto: você agora envolvido com esse trabalho, que apesar de ser de comunicação é também muito científico, pela sua nova terminologia, muito ligada às ciências exatas, a gente nota, eu lhe pergunto, não lhe constrange você se ausentar um pouco assim daquela sua vocação artística, de cineasta?

PM - Bom, como você sabe, a minha participação em cinema, embora tenha sido longa, há mais de 15 anos, sempre foi esporádica. Eu na verdade nunca me tornei um profissional de cinema. Trabalhei em cerca de 12 filmes, mas uma coisa assim eventual. Alguns filmes de iniciativa minha, mas, no mais das vezes, eu era convocado. Como você se referiu, quando eu saí da Paraíba, estava sendo estruturado um Núcleo de Documentação Cinematográfica e também estava se efetivando um acordo com a França para instalação na UFPb, de um projeto de Atelier de Cinema Direto, do qual hoje, o Pedro Santos e o Jurandir Moura estão em Paris, justamente se preparando para implantar isso na Paraíba. Agora, aqui no CNPq, pelo pessoal saber que eu estou aqui e também porque eu mantenho isso dentro de mim, nos estamos estudando várias formas de uma atuação do CNPq na área do cinema.

A primeira delas é tentar utilizar a linguagem áudio-visual como um instrumento de pesquisa, que a pesquisa não fique só ao nível de um instrumental sofisticado e a um nível literário, mas que também seja usada a linguagem áudio-visual como um mecanismo para a promoção e para o desenvolvimento da pesquisa científica. Você vai fazer uma pesquisa de campo, agindo como um observador e depois transformar aquelas suas observações num texto. Então vez disto ou também com isso, você documenta áudio-visualmente aquilo que você está pesquisando no campo. Depois, com o trabalho áudio-visual pronto, é que seja um filme, que seja um mesmo um áudio-visual, você poder ter condições de apresentar e discutir a sua tese a respeito daquilo que você foi pesquisando. Isso aí está levando a gente a estudar a possibilidade de instalar e criar aqui no CNPq um serviço de pesquisa áudio-visual, como existe no Centro Nacional de Pesquisas da França, um serviço que se utiliza muito da linguagem áudio-visual como suporte



como instrumento da pesquisa científica. Estamos em estudos sobre isso aí, o Silvío Tondler, autor do filme Os Anos JK, esteve aqui, conversamos muito sobre isso e ele foi pra Europa apresentar o filme dele lá e a gente o credenciou através de documento para que ele, em Paris, procurasse colher as informações possíveis para que a gente aqui pudesse adaptar as experiências francesas em termos de Brasil.

O outro aspecto do CNPq com o cinema é o da produção de documentários a respeito, não só do próprio Conselho, mas também da pesquisa científica e da tecnologia brasileira. Nos estamos com um edital para ser lançado breve num convênio entre CNPq, Embrafilme, Itamarati e Secretaria Especial de Meio Ambiente, para a produção de cinco documentários sobre os cinco dos principais programas que nós temos aqui - o Trópico Úmido, Trópico Semi-Árido, Biogás, Flora e Fauna e o da Agricultura em Águas Interiores. Esses filmes a gente espera estar lançando no início do ano que vem, quando a gente começa também a comemorar os 30 anos do CNPq. O terceiro fator é a produção de filmes científicos que servirão de enorme apoio, sobretudo às universidades. A universidade não só deve ter o texto como indicação para o entendimento da matéria que está sendo lecionada, mas também ter o filme projetado em que você possa ter uma aprendizagem mais consequente, porque, como a gente sabe, a imagem ensina mais do que a palavra. E uma quarta ação nossa no campo do cinema é o problema da preservação do acervo áudio-visual brasileiro. Nos estamos também em estudos para junto com a Universidade Federal de Goiás, Fundação Pró-Memória e Museu do Índio para organizar o que seria uma cinemateca do índio brasileiro, já que existe um material enorme até mesmo surpreendente e praticamente desconhecido, sobre o índio no Brasil. Material cinematográfico, fotográfico e auditivo. Então a gente está tentando coordenar um projeto que redunda na criação do que seria uma Cinemateca, ou um acervo do áudio-visual do Índio brasileiro.

AN - E sobre o seu estado de origem, a Paraíba, onde você viveu até agora, o que você sabe que está ocorrendo lá agora, em termos de processo administrativo e de movimentos artísticos?

PM - Na verdade, a vida artístico-cultural paraibana passou recentemente por uma fase um tanto quanto confusa. O que posso dizer é que a Universidade, que de alguns anos para cá ocupou a vanguarda dos grandes eventos culturais, passou um pouco por essa fase e eu não sei até aonde essa situação da Universidade prejudicou um pouco o trabalho artístico em si, falta de recursos, um certo vazio administrativo, enfim, essa coisa que vocês conhecem melhor do que eu. De parte do Estado, apenas tem esse projeto do Centro Cultural que me parece ser a coisa que está tendo mais atenção do Governo do Estado, que tem grandes virtudes, mas acho que da forma como está sendo encaminhado, eu acho que ele poderia ser amadurecido, a partir de uma discussão mais aprofundada em termos de uma perspectiva histórica. Depois houve um problema com uma crise administrativa na parte cultural.

AN - E a sua vida aqui em Brasília, seu envolvimento artístico-cultural, você já tomou conhecimento do que vem a ser a chamada cultura candanga?

PM - Meu tempo aqui em Brasília, praticamente, ele é ocupado todo pelo CNPq. Trabalho uma média de 10 horas por dia, de forma que não me dá margem a uma convivência maior com a comunidade artística, mas tem acontecido contatos, participado de discussões e vejo que há uma grande vontade de se construir um patrimônio artístico-cultural aqui em Brasília. É uma coisa sobre a qual eu mantenho uma expectativa muito grande. Na medida em que Brasília é a confluência das diversas tendências artísticas e culturais do país, deve sair daqui alguma coisa diferente do que se faz em qualquer outro lugar. Mas também o tempo ainda é pouco e a consciência para a necessidade da formação de um quadro artístico-cultural que representasse os conflitos de interesses destas várias tendências aqui em Brasília, é uma coisa profundamente estimulante. Para as dimensões do meio aqui, eu acho que Brasília, sobretudo o Plano Piloto, tem uma vida artístico-cultural bastante agitada, em termos de teatro, cinema, artes plásticas, música. Aqui, praticamente, todo dia você tem um evento de interesse pra ver. Uma cidade como o Plano Piloto que tem uns 350 mil habitantes, deve ter uns 10 cinemas, uns quatro teatros funcionando, várias galerias de artes plásticas, salões que são aproveitados para música, um cinema de arte funcionando muito atuante, que é o do Centro de Cultura Cinematográfica, do qual Vladimir faz parte. E é uma coisa muito espontânea, da iniciativa das pessoas e de instituições de nível artístico, o movimento Cuca, por exemplo, de Cultura Candanga que, sabe, tem interesse, as pessoas... tem quatro universidades, quer dizer, há uma coisa fervilhando e que no meu modo de ver deve produzir coisas assim, no mínimo bem curiosas e acredito que muito ricas, justamente por isso: tem um paraibano, tem um mineiro, tem um goiano, tem um paulista, tem um acreano, tem um amazonense, tem um gaúcho.



GUIA SEMANAL DE LEITURA

Carlos Romero

Getúlio e o “legado da Morte”

Mais um vigoroso documentário acerca das idéias e política de Getúlio Vargas acaba de ser lançado.

Trata-se de *Vargas*, de Hélio Silva, editado pela L & PM, e que integra a Coleção Pensamento Político Brasileiro.

No tópico introdutório da obra, explica o autor que “não pretendemos ter esgotado a matéria, mas trazer uma primeira contribuição para os estudiosos do pensamento político de Vargas, situado no tempo e nas condições em que viveu”.

O livro traça de maneira objetiva o perfil político do grande estadista e narra os principais e decisivos episódios de sua luta na história cívica brasileira.

Quem Foi Getúlio Vargas, o que fez, o que pensava? Todas as respostas a esta indagação estão no livro *Vargas* de Hélio Silva.

E como desfecho da narração desse drama político que culminou com o trágico suicídio do enigmático personagem, o Autor transcreve a carta qualificada como “o legado da morte”.

Carta que tanto sensibilizou a alma brasileira e que começa dizendo:

“Deixo à sanha dos meus inimigos ao legado da minha morte”.

Para terminar com estas palavras:

“Só Deus sabe as minhas amarguras e sofrimentos. Que o sangue dum inocente sirva para aplicar a ira dos fariseus”.

“CARLOS LACERDA, MEU AMIGO”

Este é o título do livro de Antonio Dias Rebello Filho, que a Editora Record está lançando com prefácio de David Nasser, numa colorida brochura 234 páginas.

No prefácio, salienta David Nasser, à certa altura:

“Carlos Lacerda pode ser tudo, porém, na história deste País já deixou a sua marca. É inútil querer destruir com artilharia de lama uma figura de mármore”.

O Autor de *Carlos Lacerda, Meu Amigo*, além de amigo particular do ex-governador da Guanabara, era seu médico, testemunha, portanto, de muitos de seus atos e confissões.

Lacerda na política, Lacerda na intimidade, Lacerda amado e detestado, eis o que nos mostra Antonio Dias Rebello Filho em seu livro, que decerto irá contribuir para uma melhor compreensão de tão controversa figura de nossa história política.

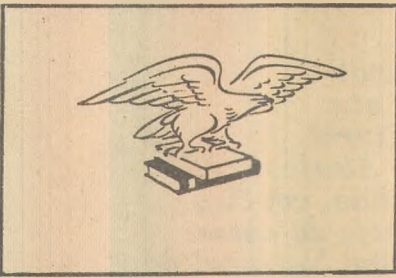
O livro insere ainda idéias de Carlos Lacerda, muitas delas extraídas de suas obras, assim

como frases que denunciavam o pensador político e o escritor.

“E preciso não ter vergonha de aprender para ter a glória de ensinar”, “a demora, essa praga do papel oficial”, “governar deve ser mobilizar entusiasmos e capacidades”, “nosso amor existe, por isso mesmo não se exhibe”, “a democracia não precisa bater em presos para defender-se”, “um governo que mente é sempre um perigo”, “hei de morrer como vivi, desprevenidamente”.

Comoventes estas palavras com que o Autor finaliza o seu livro:

“Olhei e, aterrorizado, vi Lacerda inconsciente e enrijecido, em convulsão tônica. Logo sobreveio o relaxamento, mas também a respiração difícil, estertorosa e irregular. Cessaram afinal os batimentos cardíacos.



E, às 2 horas da madrugada daquele sábado trágico, 21 de maio de 1977, assisti, perplexo e impotente, como, de um instante para outro, cessou a vida e surgiu a morte.

A morte do amigo querido, como poucos em minha vida. A morte do homem bom, generoso, capaz de amar e perdoar, de rir, de criar amizades duradouras, e de, com ardor insuperável, lutar as boas lutas e combater o bom combate”.

REMINISCÊNCIAS DE BLAVATSKY

De autoria da Condessa Constante Wachtnester e outros, a editora Pensamento está lançando *Reminiscências de H.P. Blavatsky e de A Doutrina Secreta*.

“Trata-se de uma narrativa cheia de interesse humano e rica de vislumbres de uma realidade mais alta, pelo que se constitui em verdadeiro clássico da literatura teosófica”.

OS MAIS VENDIDOS NA FEIRA DA LIVRARIA DO BARTOLOMEU

O livreiro Bartolomeu está em plena feira, fazendo abatimentos e oferecendo as últimas novidades literárias.

Indagado sobre os livros que estão tendo mais saída naquela promoção cultural, eis o que informou o popular livreiro:

Paraibanos

1. *Rabo Cheio* - José Cavalcanti-Edições Editados
2. *Tempo de vingança* - Virgínius Gama e Melo-UFpb
3. *Curica* - Romeu de Carvalho - O Momento
4. *Pássaro de outono* - Wilma Vanda - Editora a União
5. *Ibiapina um apóstolo do Nordeste* - Celso Mariz UFpb

Nacionais

6. *A Palavra de João Paulo II no Brasil*-Edições Paulinas
7. *Alhos e Bugalhos* - Gilberto Freyre - Nova Fronteira
8. *A Coroa de Areia* - Josué Montello-José Olympio

Estrangeiros

8. *Os prazeres do sexo*- Alex Confort - Martins Editora
9. *O quarto das Senhoras* - Jeanne Bourin-Difel
10. *A extravagância do morto* - Agatha Christie - Nova Fronteira.

POSTA RESTANTE

Acusamos e agradecemos a remessa de.

Cespaulista - revista bimestral da Companhia Energética de São Paulo e da CPFL-Companhia Paulista de Força e Luz.

A referida publicação, como sempre, traz substanciosos artigos e reportagens, além de notícias e trabalhos de pesquisa.

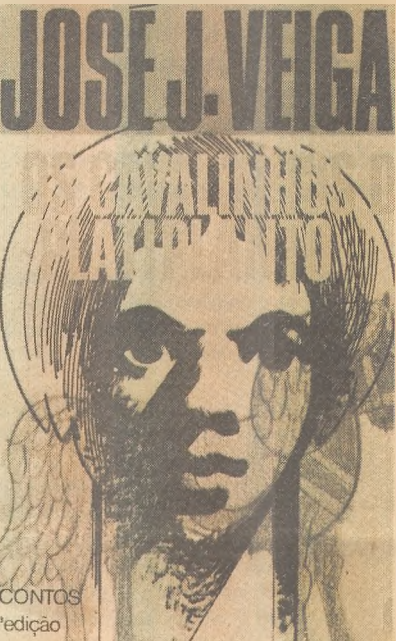
Vejamos alguns dos temas enfocados por *Cespaulista*, nesse número 22: “Petróleo: na História, na Geologia, na Química”, “Centro de Treinamento de Ilha Solteira”, “Sérgio Porto, a Fina Flor dos Ponte Preta”, “Ordem de São Bento: 1500 anos de dedicação”.

Mensageiro da Paz - órgão oficial das Assembléias de Deus no Brasil. O número 1119 enfoca temas da atualidade de fundo doutrinário - religioso, inclusive uma entrevista com o reverendo Bolívar Bandeira, fundador e presidente da Academia Evangélica de Letras do Brasil, sob o título: Devemos evangelizar o mundo através das “belas letras”.

A remessa de *Mensageiro da Paz* foi uma gentileza do magistrado e escritor Lavoisier de Castro Nunes.

Liberdades Públicas - Nelson Saldanha: - Trata-se de uma separata da Revista da Procuradoria do Estado de Pernambuco, em que está inserido um trabalho do Professor e sociólogo Nelson Saldanha, sob o título *Liberdades Públicas* em que o autor faz uma oportuna e penetrante abordagem sobre a importante temática.

A propósito da atual Constituição Federal, diz o renomado jurista: “Temos no Brasil uma constituição, que nunca entendi bem se é de 1967 emendada em 1969, ou se é outra, feita em 1969 e intitulada de emenda, que foi promulgada pelos três ministros militares de então, e que estabelece, também ela, sua lista de direitos e garantias”.



UNIVERSIDADE E FOLCLORE

Editado pela Gráfica da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, está em circulação pelas livrarias o livro *O Arraial dos Vaqueiros* de Celso Correia dos Santos.

Trata-se de obra folclórica das mais autênticas e que mereceu de seu prefaciador, Osvaldo Vieira Gonçalves, as seguintes palavras: “*O Arraial dos Vaqueiros* um verdadeiro escritório,

a guardar para os estudiosos da língua que se fala no Brasil, formas de expressão que se isolaram na evolução de nosso idioma”.

O autor inscreveu no pórtico de seu trabalho a seguinte frase: “Quem quiser comigo ser, há antes que me entender”.

Agradecemos a Celso Correia dos Santos a remessa de um exemplar de seu livro com valiosa dedicatória.

Últimos lançamentos

O Soldado Que Não Era - De Joel Rufino dos Santos - Editora Moderna Ltda - É a história romaneada de uma famosa e pitoresca personagem de nossa guerra de independência: a sertaneja Maria Quitéria.

Numa linguagem simples, direta e divertida, em meio a aventuras, mistérios e glórias, Joel Rufino dos Santos dá vida às personagens históricas, recreando o cenário de lutas do Recôncavo Baiano no século XIX.

O Soldado Que Não Era agradará ao público infanto-juvenil e proporcionará, através das ilustrações de José Carlos Brito e mapas, uma visão abrangente da História do Brasil.

O Passarinho Vermelho - Milton Camargo/Rodrigo Frank - Editora Ática: - Delicioso livro de literatura infantil, com sugestivas ilustrações. Escrito em linguagem apropriada à mentalidade da criança, *O Passarinho Vermelho* mexe com a imaginação infantil despertando-lhe interesse e gosto pela leitura.

Os Três Movimentos da Sonata - Antonio Brasileiro - Editora Civilização - Coletânea de versos em que a vida, transiente e ao mesmo tempo eterna, se revela em todo o seu fascínio e absurdo.

O livro foi editado em convênio com o Instituto Nacional do Livro e Ministério da Educação.

Os Cavalinhos de Platiplanto - José J. Veiga - Civilização - Nessa obra, já em 12 a edição, estão reunidos alguns dos melhores contos modernos do Brasil, contos que mergulham o leitor num mundo mágico, fantástico e de rara beleza poética, e, ao mesmo tempo, de plena e tocante verdade humana.



80 anos da morte de Nietzsche

Transcorre hoje o 80º aniversário da morte de Friedrich Nietzsche, filósofo alemão, cuja obra mais famosa, *Assim Falou Zarathustra*, foi publicada entre 1883 e 1891.

Vida. Filósofo e poeta alemão, Friedrich Nietzsche nasceu em Rocken, Saxônia, a 15 de outubro de 1844 e morreu em Weimar a 25 de agosto de 1900. Descendente de pastores luteranos, recebeu rigorosa formação humanística e estudou filologia grega na universidade de Leipzig. Seu mestre, o famoso filólogo Friedrich Wilhelm Ritschl, apreciava-o tanto que o recomendou em 1869 para a cátedra de grego na universidade de Basileia; desse modo, Nietzsche é professor catedrático com 25 anos de idade.

Em Brasília esforçou-se por manter amizade com Jacob Burckhardt, o historiador da Renascença, e com o teólogo protestante Franz Overbeck, que não acreditava mais no cristianismo. Fez várias visitas a Tribschen tornando-se adepto apaixonado de Wagner. Mas alguns anos depois separou-se totalmente de Wagner, reprovando-lhe o nacionalismo alemão, o romantismo decadentista e as veleidades cristãs de Parsifal. Nietzsche tinha-se convertido ao Iluminismo francês do séc. XVIII. Começou a sentir permanentes dores de cabeça e foi, em 1879, aposentado por motivos de saúde.

Desde então viveu Nietzsche como solitário em Sils-Maria (engadin) ou na Riviera italiana, publicando seus livros que passaram despercebidos da crítica e do público. Só por volta de 1886, o crítico dinamarquês Georg Brandes conseguiu chamar para ele a atenção, primeiro de alguns grandes conhecedores e, depois da opinião pública europeia. Mas em janeiro de 1889 sofreu Nietzsche em Turim um grave colapso, que logo se transformou em delírios, mania de grandeza e loucura. Foi durante certo tempo tratado,

sem êxito, na clínica universitária de Iena. Passou os últimos dez anos de vida em casa de sua mãe, já incapaz de saber que estava célebre na Europa inteira.

Sobre as causas da doença de Nietzsche não existe unanimidade de opiniões. Com toda a probabilidade trata-se de paralisia progressiva, consequência de uma infecção sifilítica contraída na mocidade. É inteiramente falsa a explicação da doença pelo uso exagerado de soporíferos, lenda inventada por sua irmã Elisabeth Forster-Nietzsche, mulher incompreensiva e fanática nacionalista alemã, autora de volumosa biografia do irmão em que deturpou os fatos biográficos e as opiniões políticas deste.

Filologia e Wagner. Nietzsche foi, na Alemanha, um dos últimos filólogos no sentido alemão da palavra, isto é, grandes conhecedores da civilização da Grécia antiga. Sua primeira obra (publicada postumamente) é *Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen* (*A Filosofia na época trágica dos gregos*): já aparecem, nela, teses características de Nietzsche, como a alta apreciação dos filósofos pré-socráticos, a aversão contra o racionalismo de Sócrates e a idéia de que os gregos não foram serenos, mas pessimistas.

Essas idéias aparecem com clareza maior em *Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik* (1872; *O Nascimento da tragédia pelo espírito da música*). O subtítulo reza: *Griechentum und Pessimismus* (*A Grécia e o pessimismo*). Os gregos antigos teriam sido pessimistas, superando porém o desespero pelo orfismo dionisiaco que, por sua vez, é disciplinado pela serenidade apolínea dos coros na tragédia; essa teria sido a suprema

criação do espírito grego, e o autor a vê renascer, modernamente, no drama musical de Wagner. A obra foi rejeitada, com indignação, pelos filólogos profissionais, mas venceu pelo brilho do estilo; e antinomia “dionisiaco-apolíneo” acabou sendo geralmente aceita. Em *Unzeitgemasse Betrachtungen* (1873-1874; *Considerações inatuais*), Nietzsche dedicou mais um ensaio entusiasmado a Wagner e outro à filosofia pessimista de Schopenhauer, além de uma polémica contra o materialismo de David Friedrich Strauss e um ataque à inutilidade da erudição histórica.

A gaia ciência. Seguiu-se o rompimento com Wagner. Nietzsche passa a morar na Riveira, adorando - como tantos românticos germânicos - o sul. Em *Menschliches-Allzumenschliches* (1878-1879; *Humano-subumano*) mostra-se convertido ao Iluminismo francês do séc. XVIII e renega o pessimismo de Schopenhauer; ocorrem os primeiros ataques ao cristianismo e à moral cristã. Essas idéias são ampliadas em *Morgenrote* (1881; *Aurora*), livro cheio de otimismo antipassadista, e em *Die Frohliche Wissenschaft* (1882; *A Gaia Ciência*), *Jenseits von Gut und Bose* (1886; *Além do bem e do mal*) e *Zur Genealogie der Moral* (1887; *Sobre a genealogia da moral*). Todos esses livros são coleções de aforismos, em estilo brilhante, espirituoso.

Zarathustra e o fim. Ao mesmo tempo e nos anos seguintes escreveu Nietzsche as quatro partes do livro que considerava como sua obra capital: *Also sprach Zarathustra*, (1883-1891, *Assim falou Zarathustra*). Usa a máscara do lendário sábio persa para proclamar uma filosofia personalíssima da volta eterna de todas as coisas e da fu-

tura vitória do super-homem sobre a moral cristã e seu ascetismo servil. O estilo, altamente poético, lembra os profetas hebraicos e os filósofos pré-socráticos. A última obra de Nietzsche, de publicação póstuma, *Der Wille zur Macht* (*A Vontade do poder*), é na verdade uma coleção de aforismos, organizada por Elisabeth Forster-Nietzsche, nem sempre conforme as intenções do irmão, então louco. Mas é autêntica a autobiografia espiritual. Ecce homo, escrita em 1888, brilhante resumo das suas idéias, vitórias e derrotas.

Dioniso. Além da influência da Wagner que, apesar de todas as tentativas de renegá-la, persistiu até o fim, Nietzsche recebeu a de Burckhardt: vem dele o amor à Itália e, sobretudo, o culto da civilização da Renascença. Mas enquanto Burckhardt nunca aprovou o amoralismo inescrupuloso de um Cesare Borgia, reconheceu Nietzsche justamente nele a encarnação do seu herói predileto, o homem forte, além do bem e do mal o anticristão que confessa a vontade de poder. Nietzsche foi homem doente, frágil e de extrema delicadeza, sonhando com a brutalidade dos vencedores, percebendo nela o anti-romantismo e o anticristianismo dionisiacos, que admirava acima de tudo. Na verdade, é Nietzsche o último romântico; e, como filho de gerações de pastores luteranos, lutou sempre e desesperadamente contra a herança cristã, à qual opôs o culto de Dioniso.

Psicologia. O anticristianismo, além do bem e do mal, também é a base das suas teorias metafísicas, algo confusas, sobre o super-homem e sobre a “volta eterna” (ewige Wiederkunft), idéias que lhe pareciam luminosas opostas ao cristianismo e ao pessimis-

mo. Em compensação, é extremamente lúcida a capacidade de penetração psicológica de Nietzsche. Explicando a moral cristã pela reação de ascetas contra a alegria de viver que proibem a si mesmos e aos outros, Nietzsche fez a descoberta do ressentimento, uma das mais importantes teses da psicologia moderna. Além disso, há em seus aforismos grande número de outras observações psicológicas das mais penetrantes.

Crítica da cultura. Criticando a civilização moderna, imbuída de cristianismo e, por isso, decadente nos instintos vitais, Nietzsche verificou ou predisse o niilismo moderno. Combatendo esse niilismo, o filósofo exige uma nova aristocracia do espírito e, por outro lado, uma atitude franca e corajosa em aceitar o destino (amor fati); a primeira dessas teses foi retomada por toda a crítica conservadora da civilização moderna (Spengler etc.), enquanto a outra é uma das raízes do existencialismo

Influência. A partir dos primeiros artigos de Brandes começaram as idéias de Nietzsche a exercer, ainda entre 1890 e 1900, forte influência, sobretudo na França e na Alemanha, e também no Reino Unidos, Itália e Rússia. Mas, como filósofo, só foi levado a sério por Jaspers e Heidegger. Antes, sua influência foi sobretudo política: sua idéia de uma nova elite aristocrática impressionou os direitistas franceses, e seu anticristianismo influenciou na Alemanha os nazistas. Em amplos círculos passa Nietzsche, até hoje, por ter sido o precursor do nazismo. O debate é inútil: o filósofo foi adversário veemente do nacionalismo alemão e do antisemitismo. E em certos países seu pensamento desempenhou papel libertador e progressista, principalmente na Espanha e na América espanhola.

E o guerreiro chorou...

Heronides Coelho Filho

A maioria dos leitores conhece o Pe. VIEIRA apenas como orador insuperável, o diplomata hábil, o professor do Colégio de Olinda aos 18 anos, o pregador da rainha Cristina da Suécia. Sabe dos seus triunfos no púlpito, fazendo as palavras descerem em catadupas sobre o auditório estático; não ignora as manhas do político numa corte absolutista, admira as habilidades do diplomata nas intrincadas questões da política internacional, mas desconhece o apóstolo da liberdade, o inimigo da opressão o anjo tutelar de uma raça infeliz. Era Antônio Vieira conselheiro do rei, com liberdade de entrar no Paço a qualquer hora do dia ou da noite, e não raro chamado às carreiras ao palácio real para resolver qualquer problema intricado de alta política. "Coisa algumas de importância deixava de ser-lhe comunicada", dizem. Além disso, era tutor do príncipe herdeiro D. TEODOSIO.

No meio dessas honras, o jesuíta sabe que além do mar, uma raça chora e padece nos ergástulos da servidão. O povo índio, reduzido ao estado de coisa que se podia dar ou vender como o açúcar ou o gado, servia até de alimento aos cães. Não exagero. Muitas crianças oboorigenes foram arrancadas do seio materno e atiradas vivas as bocas famintas de enormes cães.

Vieira não hesita. Abandona tudo, posições, honras, triunfos literários e vai para o Maranhão. O que realiza é estupendo. É inacreditável. Conseguiu a libertação dos índios, a abolição da escravidão vermelha, com um sermão realizado em S. Luiz à 3 de julho de 1953.

Naquela mesma tarde o povo, emocionado com as palavras eloquentes que descenderam em períodos de fogo sobre o auditório, apontando a perdição eterna dos que se apoderam da liberdade alheia, decidiu tornar efetiva o que então era letra morta — a lei de 1609 que extinguiu o cativeiro dos índios. Nas casas, a começar pela do capitão mor BALTAZAR de SOUZA PEREIRA, não restou um só escravo Tupi ou Tapuia.

Esta vitória (embora passageira), sobre hábitos tão arraigados e interesses econômicos tão poderosos foi ratificada pela ida ao Maranhão, como governador, da espada vitoriosa contra os holandeses, o paraibano ANDRÉ VIDAL de NEGREIROS.

Libertados os índios, restava integrá-los na comunidade nacional. E quando, coroando os esforços do jesuíta, 1.000 Tupinambás, entre os quais 300 dos mais valentes guerreiros, concordaram em singrar para Belem a bordo de 60 canoas, André Vidal que os fora esperar juntamente com todo o povo da cidade, ante tamanho espetáculo de integração nacional ele, o inexorável e severo cabo de guerra, não se conteve. Encheram-se-lhe os olhos d'água, e o guerreiro chorou! Abundantes lágrimas, lágrimas de alegria, rolaram pelas faces do indomável cabo de guerra. Aquele que com sua espada nos montes Guararapes, manteve a unidade nacional, ameaçada de cindir-se em dois blocos, um português, outro holandês, ao ver agora integrados numa só comunidade, brancos e índios, não pode conter as lágrimas e, ao lado de Vieira, chorou copiosamente.

Não foram apenas os Tupinambás. Dentro em breve os forozes Nheengaibas e Tucujús, que totalizavam mais de 100.000 almas, converteram-se á fé e não molestaram mais os habitantes de Belem.

Mas as paixões humanas são insaciáveis e os interesses econômicos poderosos.

Em Portugal falecera o rei D. JOÃO IV. Como o herdeiro tinha morrido antes, sucedeu-lhe o filho D. AFONSO VI, psicopata, paraplégico e impotente sexual. O infeliz monarca, que viu o irmão arrebatado-lhe o trono, coroando-se rei D. PEDRO II e tomar-lhe a esposa, a ambiciosa D. MARIA FRANCISCA, tão ambiciosa como bonita, era na época da nossa história, de menor de idade. A regência fora ocupada pela rainha — mãe, D. LUIZA que logo afastou André Vidal do governo do Maranhão e negou todo bafejo oficial a Vieira.

Os negociantes e todos aqueles que faziam altos negócios com a mercadoria humana, levantaram a cabeça, tornaram sem efeito a lei de 1609 e prenderam os padres.

O Pe. Vieira, pondo em cheque todo o seu prestígio, tentou enfrentar a multidão. Isso, no dia 17 de julho de 1661. Deu-se mal, pois foi desacetado, maltratado e preso na capela de S. João Batista. Não tinha mais André Vidal no governo nem D. João IV no trono.

Achava-se agora, abandonado por todos. Todos não. Uma índia agradecida, cujo filho, educado pelos jesuítas, ordenou-se padre e chegou, posteriormente, a ser vigário de Belem, foi a única pessoa a levar-lhe alimento naqueles dias de provação. Entre parêntesis: negros, no Brasil, tem sido elevados ao sacerdócio, chegando alguns bispos. Isso no passado como agora. Índio não. Só raros, raríssimos, como o do exemplo acima, alcançaram as ordens sacras. Bispo índio no Brasil, ao que sabíamos, nenhum até agora. Fechado o parêntesis.

Ao falecer na Bahia aos 18 de julho de 1697, exatamente 100 anos depois do Beato ANCHIETA, muitas recordações levava de sua longa vida, umas a margens outras felizes, mas nenhuma tão doce a de que fizera um dia, o feroz e poderoso guerreiro André Vidal de Negreiros chorar copiosamente em plena praça pública de Belem do Pará.

EDITORIAL

ATENÇÃO LEITOR! LEIA ESTA COLUNA DESDE O FIM, E NÃO CONTE SEU INÍCIO A NINGUÉM! Deus madruga a quem cedo ajuda! Terra de olho quem tem um cego é Rei. Em casa de ferreiro o espeto é de ferro mesmo, que ele não é nenhum idiota: Libertas que será preso também! Quem dá aos

pobres, fica com fama de boneca do mesmo jeito! Quem não tem cão, caça com o diabo que o carregue! Deus é estrangeiro e por isso vai ser expulso do Brasil.

Anda com os bons e serás um deles. Anda com um mau e serás pior do que quem é bom! Quem é coxo, geralmente não tem coxa. E tenho dito.

CORREÇÃO

No nosso número passado, onde se lia "macaco da Holanda não chora nem pia", leia-se, "salve símbolo Augusto da Paz". Perdão, leitores...

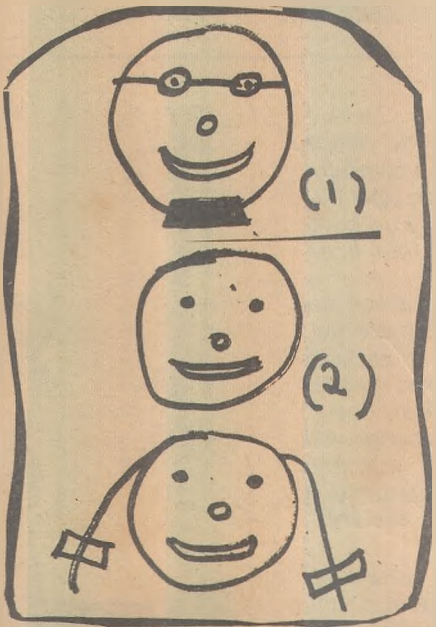
Na foto, ou melhor, no desenho de Pran Xeta, uma sugestão de como receber melhor os Agentes do Censo 80. Tá certo quer é meio "balançador" mas convenhamos: ser delicado num mata ninguém. Sem malícia... Sem malícia...



DEU NO JORNAL:

Na beira dos 70 Luiz Gonzaga acha uma boa ser deputado estadual

Mas quem num acha? Passar quatro anos sentado, sem fazer nada? Agora quanto a esse negocio de beira eu num sei não...



RETRATO FALADO (1)

Foi assaltada a redação do 1-MOR. Levaram dois lápis e três borrachas, que agente apaga mais do que escreve. Eis aí um retrato falado dos ladrões. Com disfarce (1). Sem disfarce (2) e de peruca. Quem vir essa cara, pode se internar num hospício, que isso num existe não MINHA GENTE!!!!

RETRATO FALADO (2)

Camaradinhas, fiquem certos de uma coisa: o retrato mais FALADO, que saiu nos últimos jornais, foi o que publicaram num semanário e que deu o maior bode. O resto, é RETRATO DESENHADO! Temos conversados!!!

VOCÊ JÁ FALOU COM A MOÇA DO 1 - MOR?

Não? Então está perdendo tempo! Fale com a moça (todas elas portam atestado de virgindade) e faça sua assinatura do 1-MOR! Receba seu 1-MOR cedinho em casa, e não corra o risco de ser atropelado! E tem mais: assinando o 1-MOR, você se habilita pelo número da cartela a ganhar um PRECETO/50, zerinho!

ANCO MÁRCIO



Tão vendo no que dá responder o Censo errado! O Sr. Garibaldino Cidade, residente na Colanda de Hamilo, andou dando (epa!) umas respostas erradas, e vejam o que aconteceu: ficou com família que num acaba mais!

Tá! no desenho feito por Pran Xeta, o que acontece com quem não responde perfeitamente ao CENSO-80. Vem um helicóptero, dentro um cara com um revólver, e lhe pega pela chaminé. Às vezes, como aí no caso pega o ladrão na saída, mas como ele vai ser censado também tudo OK...



CARTAS DA SEMANA

Meu estimadim: tou meio confuso; retrato falado é desenhado, é? Porque pra mim, no meu pouco entender, retrato falado é retrato de muié pelada! MARCO POLO/ES

RESPOSTA: Tu quer me comprometer, é? E, safadim, tu num sabe que certas perguntas num tem resposta, não, não? Quebro teu retrato falado, fela!

SENZALA é um casal romântico, assim como ROMEU E JULIETA? ROMEU FARIAS/ACRE.

RESPOSTA - Mas Romeu! Até tu! Tua carta vou responder pra tua casa, pois tou "very, very" morto "of" vergonha. Tchau...

Idolatradoim - Gostaria que você me explicasse uma coisa. Os oitenta anos que estão comemorando de Gilberto Freyre, ou melhor que já comemoraram, é de idade ou de escrivinhção? E, outra coisa: CASA GRANDE &

Idolim meu - Tenho por você uma adoração venérea, ou seja, lhe venero. Gostaria portanto de...

RESPOSTA - Cala a boca, idiota!!! Tu tá pensando que tá conversando com tuas brancas, é!!! Cala essa boca, incongruente!!!

DEU NO JORNAL:

Sabe o que pode acontecer se você não responder corretamente o censo?

Sei demais! Papai do Céu castiga! Ou num é!

VEM AÍ!!

1 - MOR FM!!!

O HUMOR ESTÉREO DA CIDADE

(Agora, pra num perder a tradição, aguardem uns dois anos, tá)

EATRO

Uma comédia inglesa com tempero brasileiro

CAMAS REDONDAS, CASAIS QUADRADOS

“Garantia de pelo menos uma gargalhada por minuto”. É o slogan da comédia em dois atos *Camas Redondas, Casais Quadrados*, dos ingleses Ray Cooney e John Chapman, com tradução de João Bethencourt, que estará em cartaz nas próximas terça e quarta-feira, às 21h, no teatro Santa Rosa.

O diretor do espetáculo, José Renato, diz que “pela sua perfeita carpintaria dramática e inventiva dos autores, a peça é uma verdadeira máquina de fazer rir — um ritmo matemático”. José Renato é um dos fundadores do Teatro de Arena; recentemente, ele dirigiu *Rasga Coração*, e Oduvaldo Vianna Filho, no Rio de Janeiro.

Camas Redondas, Casais Quadrados estreou no Rio de Janeiro em 1977, permanecendo em cartaz durante um ano e seis meses. Em seguida, foi para São Paulo, onde foi representada ininterruptamente um ano e sete meses. O elenco atual, depois de terminar a temporada paulista, começou a excursionar por todo Brasil, sempre com grande sucesso.

Estão no elenco de *Camas Redondas, Casais Quadrados* (por ordem de entrada na cena): Jussara Freire, Francarlos Reis, Lara Gomes, Anely Alvarez, Marcos Caruso, Luiz Serra, Henrique Lisboa, Neomi Gerbelli e Wanda Leinemann.

Os atores estão todos muito bem enroscados com seus personagens. São experientados e talentosos atores do teatro paulista, portadores de uma vitalidade incrível (sustentam o espetáculo como se le estivesse sempre num clima). Alguns são especialistas nesse gênero vaudeville, pois *Camas Redondas, Casais Quadrados* vaudeville no sentido francês da palavra

(comédia de situações, comédia citadina, jocosa; frequentemente, mas não necessariamente, acompanhada de música).

No tema que a peça aborda, a infidelidade é vista com humor, num clima de farsa, chavões, encontros e desencontros, correias e muita malícia. A cumplicidade do público é inevitável, pois sabe dos flertes, dos encontros entre casais, dos perigos da infidelidade, que os personagens não sabem. É nesse clima que a peça se desenrola, do começo ao fim, com suspense e expectativa.

O texto satiriza a moral burguesa, ao reunir num mesmo apartamento nove exóticos personagens. É a complicação aparece porque, dos nove, quatro são marido e mulher e seus respectivos amantes; um decorador além de excêntrico, que parece ser mas não é; uma empregada “alemã”; e, para completar, uma escritora de histórias infantis — puritana, asceta, inflexível a respeito de sexo.

O tradutor João Bethencourt, com sua vasta experiência, fez do original uma comédia inglesa com tempero brasileiro. Para ele, o sucesso de *Camas Redondas, Casais Quadrados* junto ao público se deve ao fato de tratar-se “uma pequena obra-prima no gênero”. Ele explicou que embora a intenção dos autores Ray Cooney e John Chapman tenha sido apenas divertir, a peça mostra num segundo plano como as pessoas podem mudar de comportamento frente à possibilidade de ganhar muito dinheiro.

Além dos nove atores, viajam com esse espetáculo quatro técnicos e o cenário da montagem original, que pesa nada menos de 970 quilos.

Ray Cooney fez sua estréia como ator comediante em 1948 e depois como autor de teatro. Escreveu *One for the Pot*, com Cony Hilton, grande sucesso que ficou em

cartaz mais de quatro anos. Junto com John Chapman, escreveu *Not Now Darling*, representado na França com o nome de *Le Vison Voyageur*. A atriz Linda Dixon é sua esposa.

O outro autor de *Camas Redondas, Casais Quadrados*, John Chapman, quando na Academia Real de Arte Dramática da Inglaterra estreou como ator na peça *Dry Rot*, de sua autoria, ficando em cartaz três anos e meio. A partir daí resolveu deixar de ser ator e somente escrever para teatro. *Simple Spyman*, sua segunda peça, foi representada durante três anos consecutivos. Depois escreveu *The Brides of March*, *Diplomatic Baggage* e *Oh, Clarence*. É autor ainda de quatro roteiros e 90 comédias para televisão e é casado com a atriz Betty Impey.

Quanto a João Bethencourt, seu último trabalho de adaptação de uma peça estrangeira foi *A Gaiola das Loucas*. Desde então escreveu *Bonifácio Bilhões*, *A Cinderela do Petróleo* e *Sodoma e Gomorra*. Bethencourt tem mestrado de teatro da Universidade de Yale e foi durante muitos anos professor de direção e interpretação.

O diretor de *Camas Redondas, Casais Quadrados* — José Renato — é fundador do Teatro de Arena de São Paulo, onde dirigiu cerca de 16 peças, entre as quais *Eles Não usam Black-Tie*, *Revolução na América do Sul* e *Os Fuzis da Senhora Carrar*. Como diretor do Teatro Nacional de Comédia dirigiu *O Boca de Ouro*, *O Pagador de Promessas*, *O Círculo de Giz Caucasiano* e outras peças. Como diretor independente realizou *A Ópera dos Três Vinténs*, *A Escola de Mulheres*, *Alegro Desbum*, *Um Edifício Chamado 200*, *Antígona*, *Vivaldino*, *Criado de Dois Patrões*, *O Jogo do Sexo*, *O Peru*, etc. Atualmente leciona direção teatral no Centro de Artes da Fefierj.



Há muito humor em “Camas Redondas, Casais Quadrados”

Os nove do elenco

FRANCARLOS REIS (Rogério Carreir) - Na TV atuou na novela “Venha Ver Sol na Estrada” e nos especiais “Vestido de Noiva”, “O Fantasma de Badra havi” e “Parque Post Meridum”. Em teatro estreou em 1970, na montagem de *Hair*. Desde então fez “Capital Federal”, “Mais Quero Asno...”, “O Que Você Vai Ser Quando Crescer”, “Freud Explained”, “Ai de Ti Mata Hari!”, “Alegro Desbum”, “A Dama do Camarote”, “Como Arranjar Marido”, “Investigação na



Francarlos Reis

Classe Dominante”, “No Sex, Please” e “Um Ponto de Luz”.

JUSSARA FREIRE (Joana Markhan) - Em cinema trabalhou nos filmes “A Sedução”, “Os Supermansos”, “O Sexo Mora ao Lado”, “Adulterio por Amor” e “O Mèdium”. Em TV fez o programa “Sossega Leão” e atuou nas novelas “Venha Ver o Sol na Estrada”, “Vidas Marcadas”, “Meu Adorado Mendigo”, “Os Inocentes”, “A Barba Azul”, “O Sheikh de Ipanema”, “Éramos Seis” e “O



Jussara Freire

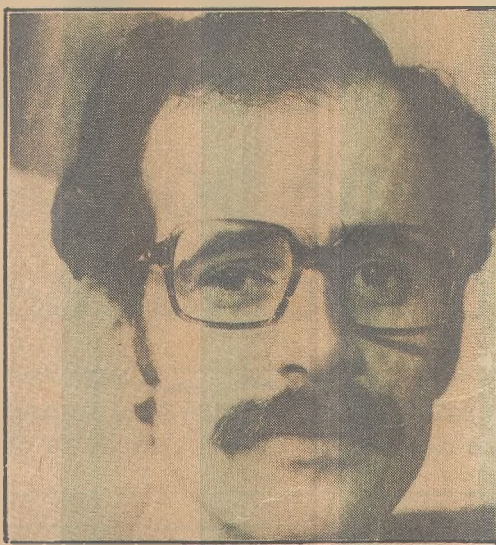
Direito de Nascer” No teatro trabalhou em “Da Necessidade de ser Polígamo”, “Alegro Desbum”, “Uma Noite Encantada” e “Cinderela do Petróleo”.

MARCOS CARUSO (Felipe Markhan) - Em cinema apareceu apenas num filme: “Consolo de Viúva”. Na Rede Tupi trabalhou em duas novelas: “Roda de Fogo” e “Aritana”. Em teatro atuou nas montagens de “Rei Momo”, “O Carasco do Sol”, “Tome Conta de Amelie”, “Maroquinhas Fru Fru”, “Adeus, Fadas e Bruxas”, “Alegro Desbum”, “Os Parceiros” e “O Diário de Anne Frank”.

ANALY ALVAREZ (Linda Lodge) - No cinema trabalhou nos filmes “Tempo de Espera”, “O Clube dos Infiéis” e “Ainda Agarro Esse Machão”. As novelas de TV que fez foram “Beto Rocfeller”, “A Grande Mentira”, “O Príncipe e o Mendigo”, “O Bem Amado”, “Canção para Isabel”, “Tchan - A Grande Sacada” e “Dinheiro Vivo”.

LUIZ SERRA (Oscar Lodge) - Fez novelas somente na Rede Tupi: *Toninho on the Rocks*, *Vila do Arco*, *Canção Para Isabel*, *Tchan - A Grande Sacada* e *Dinheiro Vivo*. Suas atuações em teatro foram nas montagens de “O Caso Oppenheimer”, “O Avarento”, “Júlio César”, “Macbird”, “O Círculo de Giz Caucasiano”, “Arena Conta Tiradentes”, “Clube da Fossa”, “O Assalto”, “O Balcão”, “A Viagem”, “Evangelho Segundo Zebedeu”, “Cemitério de Automóveis”, “Coriolano”, “A Teoria na Prática é a Outra”, “Volpone”, “O Último Carro”, “Apenas América”, “Investigação na Classe Dominante” e “O Inocente”. Em Portugal, Luiz Serra foi do elenco da “Missa Leiga”.

NOEMI GERBELL (Srta. Smith) - Tem feito apenas teatro (“Mais Quero Asno”, “Don Juan”, “Farsa do Cangaceiro Truco e Padre”, “A Vida do Grande Don Quixote”, “O Dileitante”, “A Farsa



Marcos Caruso



Anely Alvarez



Neomi Gerbelli

de Inês Pereira” e “Vida de Palhaço”). **NARA GOMES** (Silvia) - Fez três novelas todas na Rede Tupi: “Xequê Mate”, “Éramos Seis” e “Roda de Fogo”. Em teatro, trabalhou em “Beijo no Asfalto”, “As Guerras do Alecrim e da Manjerona”, “Perdoa-me por me Traíres” e “Pop - A Garota Legal”.

HENRIQUE LISBOA (Walter Panguior) - Atuou em dois filmes: “O Mudo” e “Hora dos Ruminantes”. Em televisão apareceu no especial “Chanel Nº 5” e na novela “Dinheiro Vivo”. Seus trabalhos em teatro: “Jorge Dandin”, “A Guerra do Cansa Cavallo”, “Aleijadinho Aqui e Agora”, “O Evangelho Segundo Zebedeu”, “Rei Momo”, “A Farsa do Cangaceiro Truco e Padre”, “Mockimpott”, “Mahagony”, “O Santo Inquérito” e “E Fogo, Paulista”.

WANDA LEINEMANN (Rosa Maria) - Entre muitas novelas, fez uma “ponta” em “Um Dia... o Amor”.



Wanda Leinemann

“Chica Menina”: uma peça simples, popular e atual

O misticismo popular é um fenômeno típico de regiões desfavorecidas socialmente. E o nordeste brasileiro se enquadra melhor nesse contexto do que as regiões sulinas. Não significa isto, que o sul seja qualificado de melhores perspectivas para o povo. Não. Mas o sul com um ritmo de industrialização mais avançado determina um tipo de comportamento social diferente do comportamento das zonas interioranas nordestinas. E este aspecto constitui uma das intenções de Chica Menina de José Motta.

O misticismo é mostrado de maneira simples e bastante familiar mas demonstrando antes de tudo sua pujança coletiva. Entretanto, a tônica da peça a meu ver, reside nas influências de caráter psico-social que determinará a violência do padrão contra uma simples empregada doméstica (e por sinal menor de idade). O fato foi verídico, passado em 1923, mas a habilitação literária de Motta, soube dar

vida aos autos do crime. Principalmente quando leva o fato a fatores de ordem política local (cidade de Patos) denunciando os interesses de certas pessoas influentes na sociedade. É a escravidão, personagem da peça que a certa altura diz “Os políticos botam o dedo em tudo”. E em outro trecho é outro personagem (O Padre) que diz: “Infelizmente nossa justiça não tem olhos vendados, e é tanto que a prova aí está para não nos deixar mentir. O processo engavetado e os criminosos desfrutando de sua impunidade”.

Aliás, este trecho aproxima-se bastante da nossa realidade espaço-temporal: Araceli (9 anos) teve morte semelhante a de Chica; mas os culpados continuam impunes; O caso de Ana Lúcia, de apenas 7 anos de idade, sofre igual destino, assim como também os frequentes assassinatos na Paraíba continuam impunes.

Tudo está interligado num contexto social. Chica Menina reflete bem essa realidade. Senão vejamos: A credulidade do povo, procurando as bênçãos e “milagres” de Chica, esse povo tão sofrido e explorado que não tendo mais alternativa de procurar na terra o seu bem-estar, voltam suas esperanças

para os “intermediários” entre Deus e os homens. Chica é a válvula de escape para os desejos do povo, assim como foi alvo de desacatos violentos de seus patrões. Chica é a consciência do povo sedento de vingança. Chica foi o bode expiatório de seus patrões.

Mas apesar da força mística do povo, que canoniza chica este ato de recompensa e piedade não se reveste de intenções lógicas, e sim uma revolta que “interiorizou-se” no consciente coletivo, sobrando apenas alguns protestos verbais. E por isso mesmo que os réus são considerados inocentes por unanimidade, nos três juri.

As influências sociais e consequentemente o poder econômico insentaram os réus de culpabilidade. Mas chica permanece viva na consciência popular assim como Maria de Lurdes, assassinada barbaramente pela polícia mirim de João Pessoa no início dos anos 60.

O trabalho de Motta fez jus ao prêmio recebido. É difícil, em termos de realidade teatral paraibana, uma peça tão simples, tão popular e tão atual quanto Chica Menina.

Hilton Lima



A peça “Chica Menina”, de José Mota Victor, faz sua última apresentação no Teatro Lima Penante hoje, às 21 horas, numa produção do Grupo Resistência com direção do autor. Dez jovens atores formam o elenco, entre eles Edmilson Belo e Luis Antonio. O espetáculo tem o apoio instrumental, ao vivo, de três músicos.



CLÁSSICO

Pode, até parecer incoerente, mas sou obrigado a começar meu comentário pedindo o comparecimento da torcida do Botafogo ao Estádio, hoje, por ocasião do jogo com o Treze, com validade pelo quadrangular decisivo do primeiro turno do Campeonato Paraibano. Afinal, este é o dever da Imprensa esportiva, que também não poderia jamais sobreviver sem os clubes, isto é, se Botafogo e Auto se acabarem, nós, aos poucos, também entraremos numa grande crise.

Mas eu, tenho motivos mais fortes para chamar o torcedor. Sei que o Botafogo não anda muito bem das pernas e cheguei a fazer críticas contundentes depois da incrível derrota de quarta-feira para o Campinense. Mas as críticas foram feitas com o objetivo de alertar os dirigentes, de motivar os jogadores, de informar ao ouvinte, no cumprimento do nosso dever jornalístico. Contudo, estou torcendo para que a crise botafoguense chegue ao fim, que volte e exista motivação por parte da torcida, enfim, que o nosso futebol seja novamente o melhor do Estado da Paraíba, como foi na época do Campeonato Nacional. Nós, da Imprensa esportiva de João Pessoa, estamos torcendo para que isso aconteça.

Portanto, você torcedor botafoguense, que também tem o maior interesse que o Botafogo "entre nos eixos", só tem uma coisa a fazer: ir ao estádio, incentivar, pra não deixar o Treze sair daqui de João Pessoa com uma vitória. De uma coisa vocês podem ficar certos, os torcedores do Galo da Borborema, apesar do time ter perdido quartalfeira para o Nacional de Patos, virão ao Almeidão. E isso, de certa forma, aumenta a responsabilidade dos pessoenses. Boa sorte...

ARBITRAGENS

Tenho a impressão que a FPF precipitou-se ao punir os árbitros Ivan Fernandes e José Araújo, antes de apurar o que realmente aconteceu lá em Patos. Ivan Fernandes esteve mal, tá certo, mas se fossem punir todos os árbitros e, por um motivo ou outro, não tivessem atuado bem, ia ser uma loucura. Me lembro de uma decisão do Campeonato Paulista, em que o famoso Armando Marques errou a contagem dos penaltys e prejudicou Santos e Portuguesa, que acabaram dividindo o título. Nem por isso Armando foi para o "gancheo".

AUTO ESPORTE

A diretoria do Auto Esporte precisa trabalhar com a maior urgência possível para conseguir os reforços necessários, com vistas ao segundo turno do Campeonato Paraibano. O tempo vai passando e se José Lima não puder organizar a sua equipe, os resultados não serão diferentes do primeiro turno.

ÔNIBUS

As emissoras de rádio da Paraíba que reservaram linha junto a Embratel para a cobertura do jogo Brasil x Uruguai, quarta-feira no Castêlão, em Fortaleza, viajarão em transporte especialmente fretado pela Federação Paraibana de Futebol. Juracy alugou um ônibus leito só para a Imprensa. É isso aí, presidente.

Acep perde no Salão para o Tabajaras

A equipe de Futebol de Salão da Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba (Acep), jogou amistosamente na quadra de esportes da Praça São Gonçalo, contra o Tabajaras Esporte Clube, dentro das comemorações festivas alusivas aos 24 anos de existência do alvirubro da torrelândia.

A partida foi bastante disputada e um grande número de torcedores prestigiou o espetáculo. 3 x 2 foi o resultado final, para o Tabajaras, marcando Marcelo (2) e Cláudio para os vencedores, cabendo a Clizaldo os tentos dos acepianos. Os quadros estiveram assim constituídos: ACEP - Jackson Ortiz, Geraldo Varela, Clizaldo, Marcondes Brito e Hermes Taurino. TABAJARAS - Vicente, Jú, Marcelo, Cláudio e Babá. Jogaram ainda: Rato, Justino e Tengo.

Após a partida os preliantes participaram de um coquetel na sede social dos Malandros do Morro que promete inaugurar os melhoramentos introduzidos nas dependências do Clube no próximo dia 30 às 20 hs.



Deca é o grande desfalque do clássico de hoje, diante do Treze

O torcedor pessoense viverá hoje, mais uma vez, as emoções do clássico Botafogo e Treze, no estádio Almeidão, quando as duas equipes tentarão se reabilitar, pois, perderam o primeiro compromisso no quadrangular decisivo do primeiro turno do Campeonato Paraibano e, uma vitória será de fundamental importância para as pretensões de quem está na luta pela conquista do turno.

O Botafogo, depois de perder para o Campinense, num jogo em que chegou a leva vantagem no placar, com diferença de dois gols, tentará a todo custo obter a vitória, sobretudo que uma derrota lhe deixará numa situação bastante incômoda no quadrangular. Mesmo assim, fica difícil para o tricolor, principalmente que jogará desfalcado do zagueiro Deca.

O Treze, por sua vez, após perder para o Nacional de Patos, num jogo bastante tumultuado, que, inclusive forçou a Federação suspender os árbitros Ivan Fernandes e José Araújo, tentará também se reabilitar e, caso seja derrotado, ficará numa situação complicada no quadrangular.

José Paulo Neto é o juiz do clássico de hoje, e, o Botafogo joga com Hélio, Gerailton, João Carlos, Fraga e Lula; Nelson, Chinês e Magno; Lala, Dão e Hélio. Treze: Bartolomeu, Levi, Paulo César, Ademar e Heliomar; Wilson, Mozart e Hécio; Dadá, Evilásio e Walnir.

Campinense quer goleada no Amigão

O Campinense ao receber o Nacional de Patos hoje, no estádio Amigão, fica numa situação privilegiada no quadrangular decisivo do primeiro turno, pois, tem tudo para obter mais dois pontos. Os dois estão iguais com dois pontos ganhos. Os torcedores rubro-negros mais uma vez poderão proporcionar outra grande arrecadação. O Campinense, depois de ter vencido o Botafogo, hoje, poderá dar um passo importante para a conquista do primeiro turno, pois, se vencer o Nacional, ficará como líder do torneio. O treinador Leonildo Vilanova não conta com problemas e escalará sua força máxima.

O Campinense, depois de ter vencido o Botafogo, hoje, poderá dar um passo importante para a conquista do primeiro turno, pois, se vencer o Nacional, ficará com quatro pontos ganhos e, obviamente, ficará como líder do torneio. O treinador Leonildo Vilanova não conta com problemas e escalará sua força máxima.



Assis Camelo pretende continuar e Marcos foi um dos indicados

Assis Camelo tentará sua reeleição no C. Branco

Estão próximas as eleições para a nova diretoria do Esporte Clube Cabo Branco e a chapa da situação, encabeçada pelo atual presidente Francisco de Assis Camelo, vem tomando um grande impulso entre os associados do alvirubro de Miramar. A boa administração realizada até o momento, credencia o atual-mandatário como o mais provável vencedor.

A meta prioritária de

Assis Camelo, caso seja eleito é dinamizar o esporte amador do clube, partindo para um intercâmbio constante e levar novamente o nome do Cabo Branco além fronteiras, colocando-o num lugar de destaque no cenário esportivo do Nordeste. A indicação de José Flávio Pinheiro Lima, para dirigir o departamento de esportes, foi apontada como uma grande escolha, por ser um desportista nato, tendo



Assis Camelo pretende continuar e Marcos foi um dos indicados

inclusive, prometido revolucionar os esportes do clube, trazendo do sul do país, técnicos especializados para as modalidades mais carentes.

O outro nome indicado foi o de Marcos Souto Maior, para diretor financeiro, desportista bastante conhecido por todos os paraibanos. Outros nomes ainda serão apresentados para fortalecer a chapa de Assis Camelo.

Queiroz vai reforçar o time do Galo

O zagueiro Queiroz, contratado recentemente pelo Treze Atlético Paraibano, junto ao Atlético Goianense, está com a sua chegada a Campina Grande prevista para hoje, às 14:30 hs., no aeroporto João Suassuna. O empresário Janos Tatrav, credenciado pelo Galo da Borborema para a realização da transação, chegou de Goiás quinta-feira, já com a documentação do jogador.

Queiroz, que já defendeu o Botafogo de Futebol e Regatas do Rio de Janeiro, vem precedido de grande cartaz e será mais um grande reforço para o Treze nas disputas do segundo turno do Campeonato Paraibano. Um atacante de renome nacional será contratado, e na próxima semana, a imprensa tomará conhecimento do nome do jogador. Trata-se de um ponta de lança bastante conhecido no futebol paraibanos.

FPFS quer jogos para selecionado

A Seleção Paraibana, de futebol de Salão, está se preparando para o XII Campeonato Brasileiro, categoria adulto, a ser realizado em São Paulo, no período de 14 à 18 de setembro do corrente ano. Treinou coletivamente ontem, no Ginásio da Universidade Federal, sob o comando do professor Roberto Jorge Farias.

É pensamento do presidente da Federaçao Paraibana de Futebol de Salão, João Bezerra Júnior, realizar na próxima semana um jogo amistoso interestadual, com uma equipe do Recife ou Natal, para aquilatar as condições dos atletas paraibanos. O treinador Walter Castro está bastante otimista com a sua equipe, razão dos trabalhos apresentados e principalmente pelo empenho dos seus comandados.

Dos 20 atletas convocados inicialmente, solicitaram desconvocação: Saulo Caldas, Guilherme, Diogenes, Saulo Nóbrega e Quinca.

Jogada Nacional

Geraldo Varela

CORÍNTIANS

A principal novidade do time do Coríntians, hoje à tarde, no jogo contra o América, de São José de Rio Preto, é a volta de Sócrates ao comando de ataque. O jogador que ainda não participou deste 2º turno está muito otimista e acredita que agora, o Timão vai embalar. "Acredito que minha volta a equipe possa trazer mais tranquilidade ao time, pois o mesmo aconteceu quando Vladimir e Amaral renovaram seus contratos e temos certeza que, diante do América, conquistaremos uma grande vitória".

BOTAFOGO

O Botafogo enfrenta hoje a tarde, em Marechal Hermes, o Bonsucesso, no segundo compromisso do alvi-negro no Campeonato Estadual do Rio de Janeiro. O treinador Oton Valentim está oti-

FLUMINENSE

A presença de Cláudio Adão, no comando de ataque do Fluminense, será a grande novidade da equipe, no jogo de hoje à tarde, em Petrópolis, contra o Serrano, pelo Campeonato Estadual do Rio de Janeiro. Nelsinho confirmou a escalção de Adão, sexta-feira, no coletivo, quando o jogador teve um excelente desempenho e tirou a dúvida do técnico. Cláudio Adão está bastante motivado e garante a galera tricolor que não vai decepcionar-la "Estou muito contente em vestir a camisa do Fluminense e tenho certeza que as coisas vão clarear para meu lado e o meu principal objetivo é ser artilheiro do certame e conquistar o título".

PAULISTÃO 80

O Campeonato Paulista de 1980 programa os seguintes jogos para hoje à

PALMEIRAS

A derrota para a Ferroviária, quinta-feira, no Parque Antártica, aumentou ainda mais a crise no Palmeiras. O treinador Valdir Moraes deve voltar a sua antiga função no clube e um novo técnico será contratado, como também deverão cair alguns nomes na diretoria do Verdão. Hoje, o alvi-verde estará jogando em Campinas no estádio Brinco de Ouro, contra o Guarani e todos os jogadores garantem que irão se reabilitar em cima do Bugre. Os nomes dotados para assumir o comando técnico do Palmeiras são Ênio Andrade e Procópio Cardoso.

PEPE

O treinador Pepe, do Santos, está sensivelmente preocupado com a violência que vem sendo imperada no futebol paulista, principalmente na capital. Pepe disse que no jogo de quarta-feira



CAETANO

Caetano Veloso é sempre um dos personagens mais discutidos dentro do panorama da cultura brasileira. De nome completo Caetano Emanuel Viana Teles Veloso ele chega agora aos 15 anos de carreira artística. Ainda, ou sempre, como quer: controverso. Suave, ele transfigura-se ao expor idéias e pontos de vista - quando, por vezes, atinge o tom polêmico dos tempos em que liderava o movimento tropicalista. Na oportunidade em que Caetano está vindo novamente a João Pessoa para realizar um grande show, A UNIÃO publica uma entrevista que ele deu a Antonio Moraes.

M - O que foi realmente o Tropicalismo? Quais os objetivos básicos que perseguiu?

C - Bem, a gente só pode ver o que ele foi e os seus objetivos básicos depois que tudo se passou, pois no momento que a gente estava fazendo, não tinha muita noção. O máximo que a gente sabia é que queria recolocar todos os pontos da discussão da música popular no Brasil e queria mexer na música, porque a gente se sentia preso. E claro que a gente tinha consciência que queria mexer em vários aspectos, mas outros a gente mexeu sem ter pensado nisso. Então, depois de tudo passado, eu tenho a impressão de que o Tropicalismo foi principalmente um esforço de, hum... como é que eu posso dizer... de superar os limites de preconceito em que a música estava... pode-se dizer, assim, estava cercado na época, no fim dos anos 60, na segunda metade dos anos 60.

M - Uma espécie de impasse cultural que havia na época. Você acha que era isso?

C - E, de algum modo, sim. De algum modo, havia. Eu falo sempre mais em nome da música popular porque foi com a transa da música popular que a gente se preocupou, foi com ela que a gente mexeu. Agora, em outras áreas também outras pessoas se mexeram e entraram numa certa harmonia - conosco e também o que a gente fez em música popular repercutiu em outras áreas, mas no momento em que a gente estava fazendo, a única coisa que a gente tinha em mira era a própria música popular.

M - Certo. Então havia um impasse musical. O que você achava que eram as características básicas desse impasse?

C - E, eu digo, de todos os pontos de vista eu quero tratar. Eu não quero é ser muito obscuro, porque a matéria é difícil, é complexa, e eu não quero ser nem muito longo nem muito obscuro. Então, eu acho que eram principalmente características do impasse musical da época os problemas de evolução e de elitização da produção e do consumo de música popular no Brasil, por causa da Bossa Nova, quer dizer... o que a Bossa Nova conseguiu como... como... evolução da música brasileira, entendeu?, foi uma coisa... por exemplo, os discos de João Gilberto vendiam no Brasil inteiro, pegaram, tiveram uma profundidade, os de atingir todas as camadas sociais, direta ou indiretamente. Então, o início da BN teve a capacidade de ser uma coisa total, mas em seguida, criou-se uma geração... porque a BN tendo, assim, levantado o nível de produção e de consumo de música popular no Brasil, criou uma espécie de elitização que não estava bem resolvida. Não que eu seja contra a elitização e a elite, mas não estava bem resolvida, não funcionava saudavelmente na época porque... criou... assim... um público e um grupo de autores e de intérpretes de uma área mais ou menos universitária, quer dizer, pessoas que estavam perto, ou tinham chegado, ou tinham saído da Universidade, tanto nos consumidores como nos produtores de música popular, e essa espécie de elite, essa minoria de massa, como chama o Décio Pignatari, tava naquela altura num impasse, quer dizer, a música popular vivia assim digamos, de artistas que se propunham enfim, levar à frente a MPB depois da BN e, na verdade, ficavam apenas sendo menos interessantes que os primeiros inventores da BN, eram mais fechados do que aqueles primeiros porque eles tavam mais defendendo a sua área, assim, de refinamento, de falso refinamento. Enfim, era um problema de sub-sofisticação, entendeu? Eu acho que isso principalmente era uma coisa que a gente queria quebrar porque a gente se sentia, ao mesmo tempo, mais sofisticado do que aquilo e, ao mesmo tempo, menos interessado em ser sofisticado... fica aquele negócio todo. E nisso estavam incluídas as posições políticas, quer dizer, a atitude política estava incluída nas regras de bom comportamento, de bom gosto, quer dizer, as pessoas tinham que ser mais ou menos bem informadas ou parecer mais ou menos bem relacionada com o mundo sonoro jazzístico americano, com uma ideologia mais ou menos esquerdizante e ter um aspecto mais ou menos universitário, devia não gostar de televisão, devia cantar nos programas da TV Record, fingindo que não gostava de televisão e, de smoking e gravata borboleta, falando no povo do Nordeste: era tudo um esquema que eu não achava legal. A gente queria... queria desbaratar. A gente não respeitava mais esse esquema, entendeu?

M - Tem uma pergunta aqui era mais ou menos isso e você respondeu em parte, logo no começo. Houve formulações, discussões apriorísticas em torno do Tropicalismo ou seus objetivos e a própria consciência deles surgiram num determinado momento, quando se descobriu que a coisa poderia ser engendradora em termos de movimento?

C - Foi, o Gil passou um tempo no Recife e, quando ele voltou do Recife, onde ele passou uns meses, chegou em São Paulo e me disse assim: "Caetano, não dá, eu senti no Brasil uma coisa tão forte, tão violenta morando no Nordeste e fazendo show lá e convivendo com as pessoas do Nordeste, eu senti que não pode ser essa pasmaqueira, esse negócio aqui do Rio de Janeiro e de São Paulo, as pessoas ficarem... ficarem nesse mundinho aqui de coisas boas e não sei quê e pererê... A gente devia fazer alguma coisa. E o Gil reuniu vários outros autores, o Sérgio Ricardo e inclusive o Chico Buarque de Holanda e falou de tudo isso. Falou nos Beatles, falou no Roberto Carlos, falou que a gente devia tomar uma atitude com relação à produção e consumo de música popular; falou nos meios de comunicação de massa, falou na televisão...

M - Havia realmente a assunção grupal do projeto tropicalista? De que maneira?

C - Bem, em música popular - porque essas coisas também se tornavam um pouco difíceis de ser explicadas porque o Tropicalismo não durou nem um ano quase, né? Foi uma coisa que antes de terminar o ano de 68 a gente já tava paralizado, então não deu tempo de se ter uma idéia muito clara, mas em música popular é bem nítido a nós que a coisa começou principalmente com Gil e comigo e que nós, de uma certa forma, fizemos a cabeça de um pessoal que estava mais próximo da gente e as pessoas, umas com um pouco mais de resistência, outras com um pouco menos, entraram na dança, se interessaram e... essas pessoas foram principalmente o Torquato Neto, o Capinam, a Gal, o Rogério Duprat, os Mutantes que o Gil encontrou quando foi cantar *Domingo no Parque* em São Paulo. Em música popular foram somente essas pessoas. Tomzé veio da Bahia, transou alguma coisa também com a gente e... e Nara Leão, das pessoas que já estavam estabelecidas em música popular, foi a única que entendeu o que a gente estava querendo e que, nas

conversas com a gente, sacou tudo com rapidez muito grande, tinha bastante abertura para se interessar por aquilo: saúde mental, inteligência, não sei...

M - E Jorge Ben, onde entra nisso tudo?

C - Jorge Ben é um caso à parte porque Jorge Ben foi, digamos assim, o nosso herói, quer dizer, de todo o mundo da música popular naquela época, o Jorge Ben era a única pessoa que... que tava livre de todas as críticas que nós pudéssemos fazer aos outros, quer dizer, aos nossos colegas e Jorge Ben, não. E, por isso mesmo, ele tava desprezado pelos músicos de Bossa Nova e de música popular da época, pelos compositores, pela crítica e pelo público consumidor. Só quem deu guarida a ele foi o Roberto Carlos que botou ele, impôs a presença dele no programa *Jovem Guarda*, todos os domingos: Roberto Carlos. E nós quando chegamos em São Paulo e começamos a trabalhar, então dissemos: "o Jorge Ben já faz, já é tudo quanto a gente quer expressar. Jorge Ben realmente sempre foi, tanto é que para mim, hoje, ele é o meu favorito. Ele foi um caso à parte. Ele era a terceira força. Jorge Ben era a terceira força. Só que aconteceu o seguinte: essa força não tinha canal pra se expressar. Ele vivia no programa de Roberto Carlos assim como uma pessoa a quem o Roberto Carlos dera guarida e que não tinha... não tinha uma grande importância, nem de prestígio nem de popularidade. Não estava vendendo discos nem era elogiado pelos sofisticados. Então, era uma pessoa que, por exemplo, o Edu Lobo, quando conversava com a gente, dizia: "Ah, o Jorge Ben não interessa, é ridículo"; entendeu? E por outro lado, a platéia da Jovem Guarda também: o Jorge Ben entrava e saía e... e ficava por isso mesmo. E nem os discos do bidú, aqueles discos não venderam quase nada. Então o Jorge Ben estava altamente desprezado, mas ele era pra gente, ele era a... única força que era o oposto daquela situação toda.

M - Pelo que você diz aí, percebe-se a entrada de Jorge Ben no movimento muito mais pelo lado da marginalidade, que ele ocupava.

C - Não, ao contrário, ele só ocupava esse lugar de marginalidade porque a produção musical dele era superior e mais importante do que a produção de todos os outros. Ele escrevia uma poesia que não estava comprometida com o medo, com as limitações. Isso tinha na Jovem Guarda também. Tinha no lado rock-and-roll. Mas, no lado de música popular brasileira ninguém tinha isso, só o Jorge Ben. E ele era mais interessante que o pessoal da Jovem Guarda porque a coisa dele ia mais longe poeticamente, como vai constantemente... porque em determinados momentos a Jovem Guarda chegava numa produção poética de um alto nível. Muito mais alto do que quase toda a produção da MPB. E quando eu falo isso eu incluo o Edu Lobo, eu, Chico, Geraldo Vandré, todo mundo dá época. A gente, o grupinho assim universitário escrevia assim umas coisas meio líricas... uma poesia meio brocha. Essa é que é a verdade. E a Jovem Guarda, não: A Jovem Guarda dizia: "Sigo incendiando bem contente e feliz / Nunca respeitando o aviso que diz : É proibido fumar". Ninguém dizia isso. Você pode procurar em toda a produção de todo mundo para ver se tinha algo equivalente. Não, se diz assim: "avencas na janela / Um dia voltarei". A própria forma da poesia não tinha contidência. É isso que eu chamo de saúde poética. A poesia do Jorge Ben tinha contidência; era uma poesia muito mais...

M - Passado muito tempo, vencida a fase incipiente dos experimentos lítero-musicais, apurado já este processo, até que ponto, na fase tropicalista, e depois, nas circunvoluções do trabalho seu e de Gil os resultados foram elaborados ou aleatórios?

C - Tudo é mais ou menos, o tempo todo, aleatório. É mais pra o aleatório. A gente é muito sofisticado de cabeça, a gente conversa, mas a gente é muito desprogramado.

M - Quando você para pra fazer as suas letras e suas músicas, a relação letra-música, o isomorfismo que você podia extrair de uma coisa e de outra e das duas juntas, evidentemente...

C - É mais ou menos mais pra desprogramado. Eu nunca sei o que vou fazer direito.

M - Não, não é o que você vai fazer, é o que você está fazendo.

C - E, na hora que eu estou fazendo, eu tenho uma noção crítica; com todo o arsenal intelectual que minha cabeça se habituou a alimentar, eu tenho uma visão crítica do que eu tou fazendo. Tudo o que eu faço, sinto o peso, percebo na hora se é bonito, se não é, se interessa, se não interessa, mas não é um trabalho assim programado, não há uma intencionalidade de conseguir isso ou aquilo.

M - Toda aquela secura e precisão semântica de João Cabral se fizeram notar no trabalho seu. Você também não perseguiu isso?

C - Não, eu não perseguiu, ao contrário. Eu queria me desvencilhar um pouquinho... Eu um pouco queria me desvencilhar, entendeu? Agora, o que acontece é o seguinte: quando eu li João Cabral pela primeira vez, que eu achei uma maravilha, é porque eu tinha na minha mente uma coisa que esperava por aquilo, e onde aquilo se encaixava muito bem, com uma facilidade muito grande, quer dizer, eu percebia imediatamente aquela coisa, eu sabia logo: de uma certa forma eu já tava naquela. Só faltava aparecer qual era o poeta já que tava fazendo aquilo... Quando eu li, achei aquilo tudo fantástico, e que tava lindo, que aquela precisão era genial... Mas, quando eu comecei a escrever pra música popular... porque eu não escrevia poesia, nunca escrevi poesia, a não ser letra de música - e hoje em dia eu quase não escrevo quase música nenhuma: Todas as músicas eu faço cantando; não escrevo e não gravo no gravador; vou cantando, cantando... e vai ficando, entendeu? E o negócio de João Cabral por exemplo, eu acho que como eu tinha essa receptividade com aquele tipo de poesia, porque meu temperamento e minha inteligência já previam de certo modo aquilo e, depois, eu lendo muitas vezes e sentido aquele tipo de prazer, fiquei impregnado daquele tom, daquela postura e daquele swing poético. Mas, quando eu comecei a fazer letra de música, eu não queria, tava com a cabeça meio viciada, meio cabralina, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de janta abainada, e eu, no fundo, acho que não queria, mas eu não queria nada daquilo. Eu sujava mesmo. Eu me lembro muito do negócio dele falar "resto de janta abainada" e ele falando que o Graciliano Ramos não tinha na literatura dele nenhum resto de

A imagem real de César Cals

A verdadeira imagem do Ministro César Cals, intencionalmente distorcida por adversários e até por setores da imprensa que não entendem a sua posição nacionalista, é revelada por Mauritônio Meira na página 5. Segundo a Secom, Cals é, no momento, o político de maior popularidade no Ceará.



Vale tudo na luta pelas TVs

"O que faz você aqui, Adolpho, que não vai cuidar de sua televisão?" Esta frase, que teria sido dita pelo General Octávio Medeiros ao empresário Bloch (foto), em Brasília, levou o pânico aos demais concorrentes à concessão de canais de TV — Clark, Civita e Mino Carta. Nessa guerra vale tudo. Página 13



O branco no preto é o fino da época

Os *tailleurs* em "crêpe" negro com raias ou bolas brancas são o ponto alto da coleção "prêt-à-porter" para a temporada de Primavera-Verão, da coleção de Jean-Louis Scherrer, segundo informa Fred Ayres. Na página 20, Marcos Merehi mostra detalhes da moda masculina criada por Balenciaga e o charme para os pés na criatividade de Charles Jourdan. Mais novidade é a presença da Lux Internacional na Feira de Milão.



Vera nua em vídeo-cassete

De repente, numa cena para a TV em que deveria simular nudez, Vera Fischer ficou nua de verdade e pôs-se a dançar entre os técnicos. Cópias desse inusitado filme estão sendo comercializadas para proprietários de aparelhos de vídeo-cassete, segundo revela o indiscreto Mister Eco



Esta revista é uma oferta do seu jornal. Não pode ser vendida separadamente



Dá-lhe, "Rigan"!

Só o tempo nos dirá se o boato é verdadeiro: — o cavalo montará no lombo do cavaleiro?

Revista NACIONAL

Diretor-Editor-Chefe
Mauritônio Meira

Publicidade
Murilo Carvalho e
Victor Rodrigues (São Paulo)

Redação: Lago Burnett — Editor Executivo; Mario Morel e Stênio Ribeiro; Arte: Walter ("Xavier") Machado — Diretor; Appe, Cláudio, Franco e Rogério Delgado; Seções: Ary Vasconcelos, Mister Eco, Marcos Merehy, Regina Coelho e Rubem Braga.

Conselho de Redação
Adonias Filho
Antônio Houaiss
Aurélio Buarque de Holanda
Guilherme Figueiredo

Colaboradores: Abelardo Jurema, Adirson de Barros, Alberto Nunes, Alberto Silva, Antônio Girão Barroso, Araken Távora, Artur da Távola, Bernadete Cavalcanti, Carlos Felipe, Edmundo Lemos, Everardo Guilhon, Everton Schneider, Fernando Luís Cascardo, Fred Ayres, João Conde, Márcia Della Lillera, Nascara Nelson Dimes Filho, Nelson Manoel, Delvío Malta, Oliveira Bastos, Paulo Roberto Peres, Raul Giudicelli, Renato Vasconcelos, Roberto Paulino, Sandra Cavalcanti, Sebastião Lobo Neto, Theophilo de Azeredo Santos e Waldo Luís.

Belém — Waldir Botelho; São Luís — Cordeiro Filho; Teresina — Montgomery Holanda; Natal — Agnelo Alves e Woden Madruga; João Pessoa — Gonzaga Rodrigues; Recife — Talis de Andrade; Macaé — Naldo Dantas; Salvador — José Lopes da Cunha; Vitória — Marílio Cabral Perpétuo; Belo Horizonte — Paulo Nacife; Governador Valadares-MG — Elias Antônio da Luz; Nova Iguaçu-RJ — A. Borges de Mello; Bauru-SP — Nilson Costa; e Brasília — José Natal. **Correspondentes no Exterior:** Antônio Olinto (Londres), Jacyrá Domingues (Milão-Itália), Oscar Del Rivero (México), Manuel Olivari (Lima), José Alfredo Palmieri (Guatemala) e Juan Carlos Duque (Panamá). **Revisão:** Marililson Gomes Pinheiro; **Pesquisa:** Luís da Silva Henriques (chefe), e Irene Kantor; **Fotocomposição:** Marina C. Pinheiro (chefe); **Algar Pereira da Silva** e **Evair José Rêgo da Fonseca**; **Fotolito:** Jorge da Cunha Ferreira e Ivan David Guimarães; e **Tráfego:** Reynaldo Chacon.

REVISTA NACIONAL (*)
é uma publicação da

gradus jornalístico Ltda.

Diretor-Gerente
Mauritônio Meira
Gerente Administrativo
Haroldo de Carvalho

• **Administração, Redação, Publicidade e Oficinas:** Av. Graça Aranha, 19 grs. 902 e 903 — Tels.: (PABX) 240-2147 e 240-8430 — Telax.: (021) 21013 — CGC. 29.978145/0001-43 — Insc. Est. 00047000 — Rio de Janeiro — CEP. 20.030 — Sucursal Nordeste: Murilo Marroquim — Diretor; Albuquerque Pereira — Diretor Comercial, Rua Engenheiro Ubaldo Gomes de Matos nº 119 — cj. 408 — Tels.: 224-3567 e 224-1042 — Recife-PE.; Alagoas: Jansen Costa — Representante, Av. Pará, 410 — Tel. 223-8004 — Macaé-AL.; Niterói: José Augusto de Holanda — Representante, Rua da Conceição, 13/608. Tel.: 719-5191. **Sucursal de São Paulo** — Victor Rodrigues — Gerente de Publicidade — Tel.: (011) — 270-7582. A Gradus Jornalístico se responsabiliza pelas matérias da REVISTA NACIONAL, com exceção das que venham a ser inseridas pelos jornais filiados.

(*) Circula aos domingos, com exclusividades regionais, pelo sistema de franquia, com os seguintes jornais brasileiros aos quais são fornecidos os filmes (fotolitos) para impressão: O ESTADO DO PARÁ — Belém; O ESTADO do Maranhão — São Luís; O ESTADO — Teresina; TRIBUNA DO NORTE — Natal; A UNIÃO — João Pessoa; JORNAL DO COMÉRCIO — Recife; TRIBUNA de ALAGOAS — Macaé; JORNAL DA BAHIA — Salvador; A TRIBUNA — Vitória; DIÁRIO DE MINAS — Belo Horizonte; O JORNAL — Governador Valadares-MG; SEMANA Ilustrada — Nova Iguaçu-RJ; e JORNAL DA CIDADE — Bauru-SP.

Tiragem Nacional:
425 mil exemplares semanais

PONTO DE VISTA

E por que não a Constituinte?

Quaisquer que sejam as restrições que possam ser feitas ao Governo Figueiredo, a História, desde agora, não pode negar-lhe um reconhecimento: ele esvaziou, uma por uma, todas teses dos seus adversários. Dentre essas muitas teses, que tanto apaixonam a consciência da Nação, duas se destacam, entre todas: a concessão da anistia e o retorno ao pluripartidarismo.

Dessas teses, empunhadas como bandeira pela oposição partidária, não se pode afirmar que sejam exclusividade de opositores do Governo. Este não hesitou em acatá-las por saber que elas representavam aspiração de todo o País. Eram teses válidas para a consciência nacional. Mas, por terem os líderes oposicionistas se apropriado de sua paternidade, ao serem esvaziadas, esvaziaram também os seus defensores.

000

Agora, a grande tese que empolga a opinião pública no Brasil, e não somente a oposição, é a da Constituinte. Afinal, que representa esta palavra que a tantos assusta? Teria ela algum significado cabalístico? Encobriria, acaso, algum propósito inconfessável? Poderia, em suma, escamotear projetos sinistros de seitas misteriosas para modificar o destino do País?

Segundo o Senador Tancredo Neves, em recente entrevista à RN, "a Constituinte visa dar ao País uma nova ordem constitucional, porque o País perdeu a sua estrutura jurídico-constitucional". Só com um projeto global de Constituição — disse



Figueiredo

ele — recuperaremos a unidade de princípios e doutrina inerente a uma Carta básica que defina, com precisão técnica, as competências, as jurisdições, os direitos da pessoa humana, bem como as prerrogativas e obrigações de cada cidadão."

000

As observações prudentes do experientado político mineiro só acrescentaríamos uma carimbada: "urgente". Com efeito, não se compreende porque, até agora, o Governo, que se tem revelado tão desvencilhado de compromissos para levar avante o seu projeto de abertura ampla, ainda vacile ante um apelo, que já se transforma em clamor generalizado, em prol da instalação da Assembléia Constituinte.

Atualmente, à falta precisamente de novos instrumentos de ordenação jurídica, somente o Presidente da República detém poderes para convocar uma Constituinte. Pois que ele rompa com mais esse preconceito e, através do próprio Congresso que aí está, abra o caminho para uma Constituição capaz de corrigir erros acumulados e superar exigências anacrônicas, que apenas contribuem para acirrar os ódios e impor o divisionismo entre as forças vivas da Nação.

000

Alguns setores situacionistas proclamam, com inexplicável jactância, que o Governo não age sob pressão. Age, sim. E não é somente o Governo quem assim o faz. É todo mundo, em qualquer lugar. Mas a um Governo fica muito bem agir sob pressão da opinião pública, porque só dessa forma estará ele identificando-se com o povo. Se o povo, através de seus representantes, quer a Constituinte, que o Governo submeta-se a essa pressão.

O GOVERNADOR AGRADECE

"Prezado Mauritônio,

A razão desta é para agradecer as referências elogiosas contidas na reportagem publicada na sua REVISTA NACIONAL, edição de 20 de julho, abordando alguns aspectos do meu Governo.

Não sei a que atribuir a sua generosidade, mas presumo que ela tenha sido ditada pela velha amizade que nos une desde os longínquos tempos de Brasília.

No entanto, não há dúvida de que o seu texto — desprezadas as citações pessoais que, por uma questão de foro íntimo, preferi não analisar — está irrepreensível. Nele se acha presente, com toda a sua experiência, o jornalista que passou pelos mais importantes veículos de comunicação do País, tendo deixado em cada um deles a marca inconfundível de sua honradez e de sua capacidade profissional.

Com estima e o apreço do

Eurico Rezende
Governador do Estado — Vitória — ES

BELTRÃO NELES!

"Levamos ao conhecimento de V. Sa., com o pedido de publicação em sua conceituada REVISTA NACIONAL, dada à grande circulação da mesma, uma situação a respeito do uso do cheque em nossa cidade. Estamos certos de que alguém devidamente credenciado nos dará o necessário esclarecimento — útil sem dúvida nenhuma — à coletividade usuária dos serviços da CAIXA ECONÔMICA FEDERAL.

E este é o caso que abordaremos aqui:

1) Como é do conhecimento geral, a companhia telefônica local — (Telebahia) está, a partir de certo tempo para cá, remetendo as contas mensais aos usuários com a indicação da agência bancária onde as referidas contas deverão ser pagas. Não vamos discutir aqui o acerto ou o erro de tal providência. 2) Além da conta telefônica que nos foi entregue da forma descrita acima, deveríamos pagar também na CAIXA ECONÔMICA FEDERAL — agência Calçada (Salvador-Bahia), uma outra conta: uma parcela da quitação de um empréstimo tomado ao estabelecimento financeiro citado. 3) Tentando reduzir o nosso traba-



Cartas

lho é também procurando diminuir o volume de papéis manuseado por terceiros, tomamos a iniciativa de juntar os dois pagamentos num só cheque — correspondente à soma das duas dívidas. Para maior clareza do documento, escrevemos no verso do cheque os fins a que se destinava o valor monetário do mesmo. 4) Um dia antes do vencimento das contas acima descritas, dirigimo-nos, a fim de resgatá-las, à agência da Caixa Econômica Federal citada. Entramos na fila. Quando chegou a nossa vez, a funcionária informou-nos: "NÃO POSSO RECEBER ESTE CHEQUE PARA QUITAR ESTAS DUAS CONTAS — SINTO MUITO, MAS A CAIXA EXIGE (ORDENS DA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL EM BRASÍLIA) SEJAM PREENCHIDOS DOIS CHEQUES: UM PARA CADA COMPROMISSO. SÃO ORDENS SUPERIORES E NADA POSSO FAZER". Vale dizer ainda que esta informação foi corroborada por outra funcionária a quem a caixa houve por bem pedir confirmação do que tinha dito anteriormente ao cliente. 5) Nada adiantou esclarecer que adotamos procedimento idêntico quando saldamos diversos compromissos em outras organizações bancárias nesta mesma praça. 6) Diante do quadro acima exposto arriscamo-nos a perguntar: será que a Direção da Caixa Econômica Federal não reconhece o esforço que o GOVERNO está fazendo para desempear a máquina burocrática deste País? Ou o magnífico trabalho do Dr. BELTRÃO não tem significado para a Alta Direção da nossa tão tradicional instituição de crédito?"

G. B. Almeida Barbosa
Salvador — BA

No Rio, Barbosa, é a mesma coisa. Como diz o velho ditado: cá e lá, mas fadas há. Beltrão, neles! Aliás, o magnífico trabalho do Ministro é o de desbastar, em primeiro lugar, o cipal da burocracia brasileira — a burocracia chapa branca. É preciso, contudo, criar uma consciência de simplificação o que somente se consegue limpando a mente das pessoas — o que não vai ser fácil nem rápido. Há poucos dias, conversando com um norte-americano que está fazendo uns negócios no Bra-

sil, o aconselhamos a se valer de um despachante. Ele perguntou o que era isso: *what's despachante?* Foi aí que nos demos conta de que o Brasil é o único País do mundo que tem esta figura, ainda — lastimavelmente — indispensável em nossas vidas.

TÍTULO OMITIDO

"No nº 89 da RN não encontrei o título da crônica de Lago Burnett, na página 6. Ou não tinha mesmo título?"

Heloísa Simas
Salvador — BA

"Tinha" não, Heloísa. Tem. O título é "Conselho a um ex-rapaz desesperado".

DESFEITO O MISTÉRIO

"Agora sei que minha resposta à RN, escrita há um bocado de tempo, mais de um ano para ser preciso, não chegou até aí. Insólito por sinal. Junto constavam umas "curiosidades suíças". Pensei: não toparam. Praticamente recebo a RN toda semana. Remetem meus pais, muito carinhosamente, de São Luís-MA. Lá é distribuída pelo jornal O Estado do Maranhão. Tudo de bom a todos. Fico às ordens."

Darci Wetzel
Disentis — Suíça

Helás, Darci. Desfeito o mistério. Agora já sabemos como você recebe a RN aí na Suíça, graças ao carinho dos velhos que indiretamente nos atinge — e que agradecemos. Você pensou errado: não topamos? Topamos, sim. Mande as "curiosidades suíças". E quando vier ao Rio, venha conhecer a equipe da RN e tomar o cafezinho da casa. Quem sabe você traz os famosos chocolates suíços para as moças. A propósito, a gentileza proverbial dos maranhenses é tocante: há poucos dias tivemos a grata surpresa que nos proporcionou o jornalista Carlos Cunha, nosso colaborador. Imagine que ele trituro a nossa saudade, nos mandando quilos de camarões — aqueles camarões enormes e inconfundíveis de São Luís. E mais: mandou outros quilos de farinha de puba — que aqui chamam de farinha d'água. Imagine a festa!

Cartas: Av. Graça Aranha, 19 grs.: 902 e 903 — Rio.

RUBEM BRAGA



RECEITA DE UMA CASA

O outro dia eu estava folheando uma revista de arquitetura. Como são bonitas essas casas modernas; o risco é ousado e às vezes lindo, as salas são claras, parecem jardins com teto, o arquiteto faz escultura em cimento-armado e a gente vive dentro da escultura e da paisagem.

Um amigo meu quis reformar seu apartamento e chamou um arquiteto novo.

O rapaz disse: "Vamos tirar essa parede e também aquela; você ficará com uma sala ampla e cheia de luz. Esta porta podemos arrancar; para que porta aqui? E esta outra parede vamos substituir por vidro; a casa ficará mais clara e mais alegre". E meu amigo tinha o ar feliz.

Eu estava bebendo a um canto em silêncio. Pensei nas casinhas que vi na revista e na reforma que meu amigo vai fazer em seu velho apartamento. E cheguei à conclusão de que estou velho demais.

Porque a casa que eu não tenho eu a quero cercada de muros altos, e quero as paredes bem grossas, e quero muitas paredes, e dentro da casa muitas portas com trincos e tranças; e um quarto bem

escuro para esconder meus segredos, e outro para esconder minha solidão.

Pode haver uma janela alta de onde eu veja o céu e o mar, mas deve haver um canto bem sossegado em que eu possa ficar sozinho, quieto, pensando minhas coisas, um canto sossegado onde um dia eu possa morrer.

A mocidade pode viver nessas alegres barracas de cimento; nós precisamos de sólidas fortalezas; a casa deve ser, antes de tudo, o asilo inviolável do cidadão triste, onde ele possa bradar, sem medo nem vergonha, o nome de sua amada: Joana, JOANA! — certo de que ninguém ouvirá. Casa é o lugar de andar nu de corpo e de alma, o sítio para falar sozinho.

Onde eu, que não sei desenhar, possa levar dias inteiros tentando traçar na parede o perfil de minha amada, sem que ninguém veja e sorria.

Onde eu, que não sei fazer versos, possa improvisar canções em alta voz para o meu amor.

Onde eu, que não tenho crença, possa rezar a divindades ocultas, que são apenas minhas.

Casa deve ser a preparação para o segredo maior do túmulo.

A poesia é necessária

Os anjos negros

HENRIQUETA LISBOA

Os anjos negros como cantam
São negros. Todavia cantam.
São negros sempre embora cantem.
E são mais negros porque cantam.

Urge o canto claro: é demanda
no ar em reflexos vivos e amplos.
A cruz que contra a luz se implanta
carrega na cor negra entanto.

E a fria prata em halos brancos
treme de subterrâneo pranto.

(DO LIVRO "MIRADOURO E OUTROS POEMAS")

O "pistolão" de Pero Vaz

"E pois que, Senhor, é certo que, assim, neste cargo que levo, como em outra qualquer coisa que de vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da Ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro — o que d'Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500. (a) Pero Vaz de Caminha."

Assim termina a carta em que o escrivão da Armada de Cabral deu parte, a El Rey Dom Manuel, do achamento desta terra a que hoje chamamos Brasil.

Este trecho final da Carta de Pero Vaz é constantemente citado como o primeiro caso de empenho ou "pistolão" (em Portugal diz-se "cunha") em terras do Brasil. Em todo caso, o escrivão não está aproveitando a boa nova para pedir um emprego para o genro; pede apenas que ele seja perdoado, ou anistiado, e possa regressar ao Reino, do desterro em que estava na Ilha de São Tomé...



ABELARDO JUREMA conta tudo

Líder de JK na Câmara dos Deputados e Ministro da Justiça de Jango, Abelardo Jurema revela uma série de episódios da intimidade de um dos períodos mais ricos da história política brasileira. Você lê e fica por dentro de tudo. Prefácio de Maurício Meira

Mande seu nome e endereço e cheque ou vale postal de Cr\$ 280,00 para à Editora Artenova Caixa Postal 2424 — Rio e receba o livro autografado.

TRÂNSITO

Dize-me como guias e eu te direi quem és

SANDRA CAVALCANTI

Nos idos de minha adolescência, apareci em casa com um admirador. Era um rapaz simpático, de boa família, bom aspecto e boas maneiras. Gostaram dele. Até papai, coitado, venceu com galhardia aquela repulsa inicial que todos os pais sentem pelo cretino que pretende lhes tirar as filhas...

Ele tinha um carrinho, um Opel usado, presente do avô. Convidou-nos todos para um passeio nas matas da Tijuca.

Subimos D. Castorina, passamos pela Vista Chinesa, pela Mesa do Imperador, descemos a Gávea Pequena e rumamos para o Alto da Boa Vista. Era um sábado bonito e a praça estava cheia de gente. Dezenas de famílias, barulhentas e descontraídas.

Para nós, no entanto, o passeio já estava meio frustrado. Apesar dos ingredientes favoráveis, o nosso céu já anunciava chuvas e trovoadas.

Tudo por culpa do motorista, isto é, do meu "fã".

Assim que se pilhou atrás do volante, sofreu o rapaz uma estranha mudança. Ficou agressivo. Irritou-se, de saída, com um carro que ia devagar à nossa frente, evidentemente apreciando a mata. Enquanto não ultrapassou, não parou de resmungar e de fazer discursos sobre a barbearagem do "inimigo". Não se esqueceu de lhe dizer uma amabilidade ao passar.

Na praça, naquele borborinho, fez comentários truculentos sobre os malditos pedestres. Jogou o carro, de propósito, em cima de um grupo que batia papo, distraído, em plena linha do bonde.

Resolveu voltar pela Tijuca. Já na Conde de Bonfim, cada vez que uma sinal fechava, ele ficava furioso. Ainda no amarelo, ele já estava buzinando para o carro da frente.

Viajávamos em silêncio.

Em casa, papai rompeu o fogo: — Minha filha, você já tinha andado de carro com este rapaz antes?

Não. Não tinha. O romance acabou ali mesmo.

"Dize-me como guias e eu te direi quem és..." O ditado não era bem assim, mas podia ser. Aliás, podia ser de vários modos: dize-me como ouves o teu rádio. Como assistes ao futebol. Como dás ordens aos teus subordinados. Como tratas os teus superiores. Como cumpres determinações de trânsito. Como te diriges à moça do balcão. Como te sentas no ônibus. Como pedes passagem. Como agradeces serviços. Dize-me essas coisas e eu te direi quem és...

A maior parte de nossos problemas decorre da deficiência de educação.

Não me refiro a boas maneiras. Nem estou pensando em instrução, conhecimentos técnicos, erudição ou capacidade profissional. Não, não se trata disso.

Educação excede a tudo isso. Educação é muito mais do que isso. Dentro do amplo território, chamado educação, estão nossas idéias sobre nós mesmos e sobre os outros. O nosso comportamento individual e comunitário. A nossa visão do mundo. As nossas noções de direitos e deveres. Os nossos objetivos. A nossa fé. A nossa esperança. A nossa caridade. O nosso sentido de responsabilidade pela coisa pública. A nossa lealdade. A nossa coragem. A nossa honra. A nossa generosidade.

Tudo isto misturado, absorvido, assimilado, digerido, transformado no nosso sangue, no nosso suor, nas nossas lágrimas — tudo isto, posto em prática, transformado no cotidiano, traduzido na vivência de todas as horas, é o que se pode entender por educação.

Quando essa educação não existe ou é cheia de lacunas, a criatura humana não consegue conviver.

É só olhar em volta e analisar os probleminhas mais renitentes. O trânsito, por exemplo. Não depende de leis, nem de multas, nem de radares, nem de sinais, nem de guardas, nem de apitos. Depende, fundamentalmente, do comportamento do motorista... Os maiores técnicos do mundo, que andaram por aqui, chegaram tranqüilamente a esta conclusão. Sem motoristas educados, nada feito.



Mas, vejam bem, não se trata de educá-los para o trânsito, como foi interpretado em certas Secretarias de Educação. Trata-se de educá-los como gente!

A questão da conservação do patrimônio público ou privado é igualzinho. Não adianta estudarem materiais resistentes para as casas populares. Não é isso. Quando um povo não sabe viver em condomínio nem na Zona Sul mais chique, em prédios de luxo, por que imaginar que a classe mais humilde tenha instintos destruidores peculiares? Os palavrões, gravados a estilete, nas paredes de aço inoxidável dos apartamentos elegantes, aí estão para confirmar o que digo.

O brasileiro ainda esta longe de se sentir responsável pela sua rua, pela sua praça, pela sua cidade. Se o governo não capina, a rua fica um mato só e os mosquitos não deixam ninguém dormir. Os moradores, no entanto, são incapazes de tomar iniciativas. Aquilo não é com eles.

Ao fim de cada ano letivo, o dinheiro do povo precisa ser aplicado na recuperação de banheiros, carteiras, mesas e vidraças. Por quê? E o que fazem com os trens? Com o ônibus? Com as cadeiras dos cinemas? Com os estádios de futebol? Com as praças?

Essa é a questão. Não é um problema de governo. Não é uma política a ser posta em prática. Não é uma tarefa para os poderes públicos.

No dia em que contabilizassem os prejuízos causados pela falta de educação, talvez houvesse consciência mais viva de que se deve tentar outra solução.

É preciso levar nossa gente a compreender certos valores. O povo precisa entender que o patrimônio público merece todos os seus cuidados. Que a disciplina e o respeito à vida dos outros tornam o trânsito mais eficiente. Que a limpeza de um ambiente e as suas condições sanitárias dependem, antes de mais nada, da iniciativa de cada um.

É preciso enraizar, na nossa gente, a idéia de que nós não dependemos do governo. Ele é que depende de nós.

É importante, para um País, livrar-se dos analfabetos, produzir bons técnicos e dispor de grandes contingentes de profissionais competentes. Mas é importante, também, que além de instruídos, eles sejam educados.

Até agora, os esforços têm sido centralizados nas tarefas de instrução. E, por causa da deficiência de educação dos instruídos, o resultado dessa instrução acaba sendo negativo.

Sem educação para a convivência, o homem racional termina sempre vencido pelo homem animal. Quando uma concepção comunitária de vida não se reflete na sociedade, apaga-se nela a atividade política.

A política é, antes de mais nada, a arte de se entenderem, de modo harmonioso, os seres humanos. Mas é bom lembrar que eles devem ter sido educados zelando pela justiça, estimulando responsabilidades e respeitando as leis.

Vejo, com apreensão, que se tenta restaurar a vida política sem os alicerces indispensáveis da educação para a convivência.

Lembro-me, então, da pergunta de meu pai: "Minha filha, você já tinha visto este moço dirigir carro antes?"

Juventude & mar brasileiro

Nossa História registra pelo menos dois casos de meninos com suas lições de esforço, humildade e sacrifício bem sucedido: Pedro I, brincando de construir miniaturas de navios com as madeiras de lei que lhe eram presenteadas pelo Conde dos Arcos. E o adolescente pobre que de simples marujo chegou a almirante e se chamou Tamandaré. Nesses dois instantâneos fixam-se valores humanos de um país de jovens, onde a caminhada comum e o amor à liberdade têm sido o multiplicador de oportunidades de vida.

Procurando participar nesse esforço de alguma maneira, acabo de entregar ao editor uma novela de ficção científica para meninos e adolescentes na qual juntei mar e futuro tecnológico, esforço nacional e mocidade do Brasil. Chama-se o livro "O mundo do silêncio verde". Procura despertar nos moços a consciência atlântica, mas é também dedicado àquelas gerações de escritores do mar que, desde o descobrimento, buscam nele fontes de inspiração e conhecimento, lição de vida, caminho de integração e expansão nacional.

De Luís de Camões, que pressentiu o mar brasileiro na estrofe 140 do Canto X d'Os Lusíadas ("De Santa Cruz o nome lhe poreis/ Descobri-la-á a primeira vossa frota,/ Ao longo dessa costa, que tereis.") a frei Manoel Moreira da Paixão; de Maria Graham a Virgílio Várzea e Vicente de Carvalho; de Prado Maia e Max Justo Guedes à "Universidade do Mar", do Almirante José Paulo Moreira, todos são lembrados em pensamento e homenageados em intenção. Todos, repetamos, sem faltar um só parente ou aderente humilde e remoto dos dois ramos psicológicos de que descendem os homens do mar: os do lazer contemplativo, que gera a dura faina da criação artística, e os da peleja profissional do dia-a-dia, que se processa aquém e além da arrebentação.

O mar — eis a eterna lição a extrair da História — é o veículo mais ativo do progresso dos povos. Dentro dele ou em sua proximidade, usufruindo-o ou utilizando-o, o homem e as nacionalidades sentem-se felizes. É a lei de ancestralidade a explicar esse impulso permanente do ser humano para o oceano, pátria atávica do homem. Daí a propriedade da frase de Castex:

"Com o mar acontece o mesmo que com todos os bens deste mundo: somente nos apercebemos do seu valor

quando somos repentinamente privados deles."

Ou a síntese feliz de Rui Barbosa:

"O mar é um curso de força e uma escola de previdência. Todos os seus espetáculos são lições; não nos contemplamos frívolamente."

Ou, ainda, João Figueiredo, falando aos pescadores do Brasil: "Em todo o mundo, meus senhores, a questão é produzir mais alimentos. Literalmente, milhões de pessoas dependem, para sua sobrevivência, do que vossas redes puderem recolher."

O Brasil, como nação, é uma dívida do mar: por ele velejou a nossa civilização trazida pelas caravelas. Assim como em suas águas se tem decidido, em grande parte, o destino de nossa nação.

O vasto litoral brasileiro reclama cada dia de nossas duas marinhas e de nossa frota pesqueira não somente o defensor mas também o hábil aproveitador de suas potencialidades. Se uma zela pela integridade e soberania no mar nacional, as outras contribuem para o desenvolvimento econômico e a paz pública das proteínas do mar estocadas nos estômagos famintos das populações. Da selva aos pampas, de leste a oeste, no mar e nas estradas líquidas de penetração, que são os rios, nave, belonaves e traineiras cumprem esse papel histórico e dramaticamente contemporâneo em nosso País.

A tonelagem brasileira em navios mercantes, hoje a segunda do globo, leva os produtos acabados e semiacabados das indústrias nacionais aos quatro cantos do mundo. Infelizmente também ainda leva nossa clássicas matérias-primas exportadas sem qualquer benefício — e isso é um atraso de vida. Claro que como esforço temos feito jús ao reconhecimento. Mas, como meta estabilizadora da sociedade brasileira, é ainda muito pouco: o começo apenas de uma caminhada, por latitudes e longitudes náuticas, sem tordezilhas limitadoras da construção plena e acabada de um generoso projeto humano e geopolítico, democraticamente chamado Brasil.

No mundo carente de hoje, precisamos repetir o milagre da reprodução dos peixes e da exploração das riquezas marítimas igualmente multiplicadoras do pão nosso de cada dia.

Tarefa de todos, tarefa dos jovens também. "Também?" — escrevi a propósito dos jovens? Lapso do autor. Leia-se: "Tarefa dos jovens principalmente".

HOMERO HOMEM

ENTREVISTA

CESAR CALS

— Minha atuação contraria grupos internacionais

A defesa que fazemos do interesse nacional faz com que contrariemos os objetivos de vários grupos internacionais ligados à produção mineral. Por isso, concentram-se no meu Ministério as pressões dos grupos internacionais que têm seus interesses contrariados no Brasil.

Assim, o Ministro César Cals, das Minas e Energia, resumiu os motivos que provocam campanhas e críticas públicas que ele sofre, de vez em quando — algumas das quais procurando até desacreditá-lo em termos pessoais.

Numa entrevista exclusiva, o Ministro observou:

— Temos, hoje, no Brasil, um plano de modelo energético audacioso, objetivo de debates amplos no exterior. Como se trata de um plano aberto, ele descobre o jogo e se torna fácil de ser combatido. Mas ninguém se engane: o nosso plano persegue um objetivo que será alcançado porque tem apoio forte do Presidente João Figueiredo e de todo o Governo.

O Ministro observa:

— Entretanto, as coisas têm de ser assim mesmo. Num democracia há o livre debate, cada grupo lutando por seu interesse, seja nacional ou estrangeiro. E nessa luta, cada um utiliza a arma de que dispõe: seja imprensa, Parlamento ou o simples cochicho nas ante-salas dos Gabinetes da República. E o curioso — observa o Ministro — é que até mesmo jornais da chamada imprensa alternativa, ligados à esquerda, fazem o jogo dos grupos internacionais, endossando as críticas a mim e ao meu Ministério numa contradição, evidentemente, nascida da pouca informação ou da desinformação.

QUEM É MESMO CALS

De um modo geral, as críticas sempre procuraram apresentar César Cals como um político do Ceará levado ao Ministro por motivos políticos na partilha do boio do poder. Mas não é assim; nem de perto. Político, evidentemente, ele é — e um campeão de votos; mas político recente que, agora mesmo, apareceu na pesquisa de opinião pública divulgada pela SECOM (leia-se: Said Farah) como o político de mais expressão hoje no seu Estado, o Ceará.

Mas ele foi levado à política quase por acaso, depois de se destacar como um técnico. César Cals, na verdade, formou-se em engenharia especializado em energia elétrica pelo famoso IME e depois formou-se em engenharia civil pela UFERJ. Militar de carreira, foi apanhado no quartel por um convite que o fascinou. Vinha do economista Celso Furtado, então Superintendente da Sudene, para se encarregar de toda a parte de energia elétrica daquele órgão do Nordeste. Era o ano de 1959 e daí para cá, Cesar Cals não mais se desligou da vida pública. "Nunca mais tive férias", lembra ele. Da Sudene, foi chamado para um desafio: a construção da Usina de Boa Esperança, no Piauí, obrigando-o a viver "praticamente dentro de um avião". Quando faltavam sete dias para a inauguração, renunciou ao cargo para atender ao convite do Presidente Médici para governar o Ceará. Daí, para o Senado; e deste para o Ministério das Minas e Energia. Isto é: uma sequência de cargos públicos em que o político coabitava com o técnico, cada um procurando se sobressair em relação ao outro, dependendo das circunstâncias.

— Como é que o Ministro, o ex-militar e o técnico recebe as críticas públicas? — indagamos.

— Recebo-as de modo tranquilo. Entendo que estou numa corrida de longo curso na qual os pequenos reveses pouco importam para os objetivos finais. Assim mesmo, qualquer crítica que atinge ao Ministério é levada em consideração. Mando apurar o mérito e dou conhecimento às pessoas visadas para que se defendam.

— E como reage aos elogios?

— É da natureza humana cada um de nós gostar de ser elogiado na medida em que nos anima e estimula a procurar acertar cada vez mais. O que eu não suporto são os adjetivos exagerados. Prefiro o registro dos objetivos alcançados.

O Ministro Cals já começa a experimentar as suas primeiras alegrias provocadas por sua atuação como Ministro

MAURITONIO MEIRA

de Minas e Energia. "Além dos meus netos, alegrias supremas, uma delas — diz ele — foi ter reduzido a importação de petróleo. De 960 mil barris para 880 mil, quando o normal seria um aumento de 7 por cento. Na produção, outro objetivo alcançado: de 170 mil barris para 208 mil. Aumentamos, também, a nossa reserva armazenada em 10,6 por cento quando, nos últimos 5 anos ela vinha decrescendo. Isto se tornou possível com o aumento de nossa capacidade de armazenamento e pela corrida pela compra, de olho nos aumentos contínuos de preços."

César Cals destaca, ainda, uma outra alegria: "Estamos tocando com sucesso todos os programas alternativos de energia. A nossa meta, em 1985, é a de reduzir a importação de petróleo a 500 mil barris/dia".

Mas não é fácil e o Ministro não oculta os seus problemas. "Temos — diz ele — de adaptar as várias estruturas ao novo enfoque do setor energético que trouxemos para o Ministério. O difícil, na verdade, é fazer um programa ambicioso como o nosso com poucos recursos. Recentemente — lembra — tivemos vários cortes em nosso orçamento, em face da necessidade de colaborar com o combate à inflação, luta de todo o Governo."

O DIA-A-DIA

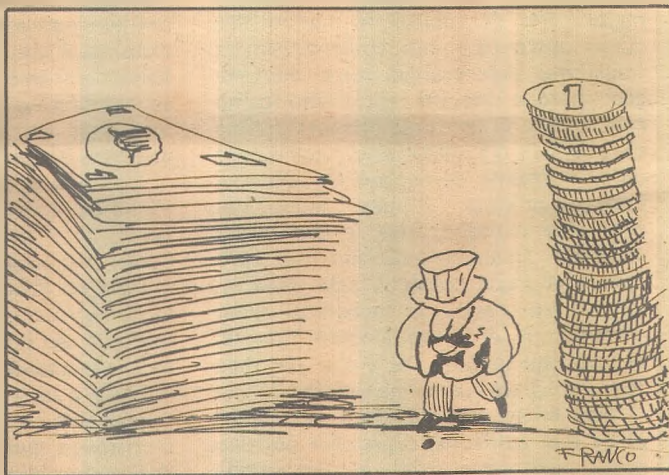
Para atingir aos objetivos, o Ministro Cals — homem disciplinado — armou todo um esquema de utilização racional do seu tempo, misturando, inclusive, trabalho, lazer e esporte. Como homem de formação militar, ele acorda "antes das 6 horas" e passa uma hora fazendo seu "cooper" pelos ermos de Brasília. Ao voltar para casa, começa a trabalhar pelo café da manhã — que ele chama de "café de trabalho" — com auxiliares mais imediatos. Seu café é tipicamente nordestino: café, cuscus, ovo, queijo e suco de laranja. Vai para o Ministério e durante o expediente da manhã recebe seus auxiliares diretos e Diretores das empresas que integram o Ministério. O almoço "também é de trabalho", tanto faz ser em casa como no próprio Ministério. À tarde, recomeça a guerra. A partir das 17 horas recebe diariamente Senadores e Deputados e só vai para casa quando atende ao último parlamentar.

Em casa, momentos de lazer e de informação: vê programas de televisão: "de preferência musicais", ou filmes policiais (gosta do "Incrível Hulk") e mais tarde mergulha nas "leituras dirigidas": sobre energia, política internacional, análises de personalidades, relatórios de seu Ministério. Essa batida é durante a semana inteira que divide entre Brasília e o resto do País. Aos sábados, o invariável vôlei com os filhos e amigos. "No time — diz Cals — sou o organizador, o técnico, o juiz e o ganhador." À noite, sempre o cinema público com a esposa, D. Marieta (cearense de família italiana) que lhe deu 5 filhos (apenas uma mulher, médica). A preferência pelo filme, fica com D. Marieta. "Ela escolhe o filme e lá eu cochilo", confessa o Ministro. Já no domingo, toda a família se reúne para a missa das 7 horas da noite, na Igreja do Lago.

TRABALHO COM ENTUSIASMO

O Ministro Cals observa que essa alternância de trabalho firme e lazer descontraído e esportivo o predispõe a enfrentar as tarefas com muito entusiasmo. Foi por isso que — todos reconhecem — fez um dos melhores governos do Ceará, para o qual pretende voltar em eleições diretas. Ele fixa seus objetivos e parte determinado para eles sem se preocupar com as turbulências, os possíveis tropeços. Tem uma frase que sempre diz: "A vida pública é como jogo de basquete: não se pode evitar as cestas do adversário".

ECONOMIA

THEOPHILO DE AZEREDO SANTOS
Integração bancária interna

A evolução da economia brasileira suscita o aparecimento de inúmeras transformações no setor empresarial, a fim de que as organizações se ajustem à nova realidade. Velocidade de decisão, flexibilidade de adaptação, prioridade para redução do custo operacional, elevação da qualidade do pessoal e busca dos benefícios das economias de escala passaram a constituir a principal pauta de preocupações e esforços diários. Todos estes esforços fazem parte do programa de combate gradual à inflação, ao lado do fomento à agropecuária e de medidas outras da alçada do governo para permitir a redução do custo de vida.

No setor bancário, a pouco e pouco se acentuam duas grandes integrações, que irão, ainda em breve, alterar, para melhor, a estrutura operacional do sistema financeiro nacional: a integração interna e externa.

A primeira já está ganhando novos adeptos e constitui marco de relêvo na história bancária: os bancos comerciais, os bancos de investimento, as financeiras, as corretoras, as distribuidoras, as sociedades de crédito, que compõem o conglomerado financeiro, possuem uma política centralizada, isto é, uma orientação global, que vincula todos os componentes do grupo, embora a execução seja descentralizada, não apenas em decorrência das especializações, mas ainda pela diversidade de funções que lhes são atribuídas.

Não existe, assim, racionalmente, razão para disputa entre as várias instituições financeiras e empresas coligadas, pois, ditada a política geral, cabe aos executivos dar-lhes

imediate aplicação, com a maior eficiência.

Por outro lado, os bancos comerciais assumiram natural e não artificialmente a posição de líderes do conglomerado financeiro, passando para seus gerentes funções que — até então — vinham sendo exercidas, isoladamente, por funcionários das demais empresas. Assim, as operações de crédito direto ao consumidor, a colocação de ações junto ao público (mercado primário ou de 1º lançamento), as vendas de letras de câmbio, de certificados de depósitos, de letras do Tesouro (Open-Market), de letras imobiliárias, a angariação de seguros, as vendas de bilhetes de passagem passaram a se fazer nas agências bancárias, conferindo maior aproximação da clientela ao seu banco e elevando a importância do novo gerente, que necessita multiplicar-se em conhecimentos e experiências para cumprir, em competência, todas as suas atividades.

Esta integração interna reduz custos, aumenta a velocidade de decisão, amplia a área de atuação do sistema bancário e eleva a imagem dos bancos na comunidade.

É forçoso reconhecer que estamos ainda nos primeiros passos dessa integração, mas ninguém poderá negar que os bancos que não implementarem, a curto prazo e de forma conveniente, essa política, terão acrescidas as dificuldades para enfrentar a concorrência cada vez mais aguerida.

Merece relevo o fato de que, estando a quase totalidade dos bancos comerciais em poder de brasileiros, atende aos interesses da segurança nacional que lhes seja preservada essa posição de cúpula do sistema.



A família Cals — mulher, filhos, genros e netos — se reúne aos sábados e domingos para esporte, missa e cinema

DENÚNCIA

Internacional Socialista opera no Brasil

A infiltração da Internacional Socialista no Brasil é uma das grandes preocupações do governo brasileiro, tendo sido feitos levantamentos completos sobre as atividades de organizações ligadas à Internacional e que professam a ideologia considerada cor-de-rosa, isto é, socialista, de esquerda, mas não-marxista no nosso País.

Como se sabe a esquerda internacional faz, hoje, uma revisão de seus conceitos filosóficos e de sua estratégia política, que visa a alcançar o poder na maior parte dos países do mundo. Procuram outros caminhos, como o chamado socialismo democrático (uma contrafação, porque inexistente socialismo democrático, isto é, sem uma ditadura partidária que gera o totalitarismo), que antecederia o regime comunista de conteúdo marxista-leninista. Temos, então, no panorama mundial, hoje, o comunismo soviético (marxista-leninista), o eurocomunismo que começou pela Itália e a Social-Democracia, ou socialismo democrático, que encontra amparo financeiro nas organizações socialistas da poderosa e próspera Alemanha Ocidental.

Daí terem nascido, aqui nestes trópicos mal cuidados, expressões políticas como centro-esquerda, esquerda-moderada, socialismo-democrático, socialismo-cristão (adotado pelos bispos da CNBB) e tantas outras variações dos inimigos das liberdades democráticas. Na realidade a adoção de um regime dito socialista-democrático, ou cristão, conduz fatalmente à implantação do comunismo totalitário, no estilo soviético ou cubano, pois nenhum regime socialista pode sobreviver democraticamente, com liberdade de imprensa, liberdade de culto, liberdades individuais asseguradas, pluripartidarismo. O socialismo, prova a História, só se implanta através da Polícia. E da supressão de todas as liberdades.

Mas parece evidente aos olhos do governo e dos serviços de informações brasileiros que tais movimentos socialistas

ADIRSON
DE BARROS

e democráticos, operando no Brasil, através de entidades alemãs que dispõem de largos recursos financeiros, criam na opinião pública a falsa idéia de que o mundo caminha para a esquerda, isto é, para o socialismo, e que o socialismo cristão, ou a social-democracia, serve como anteparo ao comunismo totalitário. Nada mais falso e nada mais animador para os grandes objetivos dos comunistas.

Pois não se pode medir a prosperidade alemã ocidental (a maior do planeta nestes 35 anos) pela predominância, hoje, da Social-Democracia. A prosperidade germânica no pós-guerra decorre diretamente do extraordinário esforço do povo alemão, de seu patriotismo, capacidade técnica, capacidade de trabalho, alta produtividade e uma administração econômica tipicamente capitalista, levando em conta o mercado livre e o poder de iniciativa dos empresários e dos cidadãos. Basta dizer que na Alemanha é o empresário que seleciona seus investimentos, e nunca o governo. O governo apenas transfere ao empresário o dinheiro para que ele aplique nos investimentos que escolheu, pelos quais optou. É a supremacia da livre-iniciativa sobre o estatismo.

Ora, pergunta-se: onde estaria, no caso alemão, a predominância da filosofia socialista? Afinal foi Konrad Adenauer, democrata-cristão, de centro-conservador, quem deu o ponto de partida para a recuperação da Alemanha após a destruição do país na II Guerra. Foi o brilhante Erhard, poderoso ministro das Finanças da Alemanha, que soube capitalizar a alta capacidade do povo alemão e soube criar as condições objetivas para a fan-

tástica recuperação do grande país europeu. Não foram os "socialistas".

No mais o que ocorreu na Alemanha foi a conscientização de que se deve procurar fazer um regime progressista e não atrasado socialmente. Procurou-se então oferecer aos trabalhadores condições de prosperar junto com os empresários, porque uma democracia autêntica não se pode construir apenas com o enriquecimento de alguns grupos, em detrimento da maioria das pessoas. Essa conscientização do problema social é que levou o governo e os empresários germânicos a estabelecer princípios de distribuição de riqueza, o que tornou cada operário alemão um defensor intransigente da sociedade democrática capitalista. Por isso mesmo o comunismo na Alemanha Ocidental é uma piada de mau gosto. O marxismo, lá, não existe, nem mesmo dentro das Universidades. E essa filosofia alemã espalhou-se pela Europa inteira, que tem reagido democraticamente até mesmo a crises econômicas sérias, como a do desemprego. Com alto nível de desemprego, os ingleses optaram pelos conservadores, o que seria tido como absurdo pelos teóricos da esquerda. O mesmo fizeram os italianos. E os franceses. Há crise econômica na Europa. Há desemprego. E os trabalhadores votam com os conservadores.

Fenômeno? Não. Apenas postura racional de povos desenvolvidos e que prosperaram no pós-guerra graças à sua capacidade de trabalho, produtividade (o que ocorreu em todos os países, mas muito fortemente na Alemanha) e a políticas realmente capitalistas, de livre-iniciativa, dos governos desses países. Então o socialismo tornou-se uma filosofia decadente, como ocorre em quase todos os países europeus. O comunismo não é uma ameaça, a menos que se queira considerar ameaça comunista o imperialismo eslavo-soviético.

Estas informações e reflexões devem ser consideradas no momento em que o

governo brasileiro capta sinais de presença poderosa de organizações ligadas à Internacional Socialista no nosso país, através de diversas entidades de esquerda que operam em todos os setores: político, partidário, social, sindical, religioso, abastecendo inclusive a CNBB de filosofias e programas tipicamente esquerdizantes e contrários à índole do nosso povo.

Voltarei ao assunto, que é fértil. E inesgotável.

NÃO ACREDITO

Tomei conhecimento pela imprensa carioca, através de telegrama de Brasília em 7/8/80, que a Mesa da Câmara havia decidido que os deputados licenciados, exercendo mandatos de ministros, secretários de Estado e prefeito da capital, passariam a receber, deste mês em diante, além da parte fixa do seu subsídio, a parte variável correspondente às sessões extraordinárias.

Já fui deputado federal e no meu tempo (1962) os deputados só recebiam o "jetom" correspondente às sessões extraordinárias, se a elas comparecessem. Este era o Regime da Casa que regulava a matéria. Jamais um deputado recebeu o "jetom", isto é, o pagamento correspondente à sessão, a que não tenha comparecido.

Não posso acreditar que homens da estatura de um ministro, como o da Justiça, Abi-Ackel, e da Previdência Social, Jair Soares, e mais 14 deputados, tenham reclamado pagamento daquilo a que não fizeram jus.

Sabe bem o diretor do DASP, que tem honras de ministro de Estado, que a lei determina que, quando um ocupante de cargo público é nomeado ou transferido para outro lugar, deve prevalecer sempre, para efeito de remuneração, os honorários do cargo de grau mais elevado.

Claro está que um secretário de Estado, sendo deputado, deverá optar pela remuneração de deputado, mas querer receber pagamentos de sessões às quais não compareceu é uma vergonha, uma desmoralização do Poder Legislativo, que, por essas e outras razões, perdeu, quase totalmente, a crença no conceito do povo.

Quero, como cidadão e como ex-deputado, protestar para que isso não venha a realizar-se, pois sou um defensor do Poder Legislativo, já há muito desacreditado.

Faço daqui um apelo ao Presidente da Casa para que reestude o deliberado pela Mesa da Câmara, pois acredito plenamente que tenha havido um erro de interpretações regimentais.

O líder do governo no Senado, Murilo Badaró, respondendo a um colega, declarou: "Nenhum de nós compactua com a corrupção, porque é uma decisão inflexível do Governo combatê-la".

Corroborando o que disse o líder do Senado, digo mais: o Presidente Figueiredo é um homem incorruptível por herança, afirmação essa que faço, porque convivi com o eminente Coronel Euclides de Figueiredo.

O apelo ao Presidente da Câmara é baseado no que se pode transmitir, dando exemplo de critério, os quais devem ser emitidos para serem respeitados.

JOÃO HOLLANDA CUNHA

SIGA A ROTA DA NORDESTE.



Voar nos turbo-hélices da NORDESTE é a opção mais vantajosa para se alcançar, com rapidez, localidades mais diferentes da região leste-nordeste do País, como por exemplo SÃO PAULO a JUIZ DE FORA / IPATINGA ou RECIFE / NATAL a CAMPINA GRANDE. Além disso os vôos da NORDESTE permitem conexões com os jatos da TRANSBRASIL ou congêneres, para todas as outras Capitais, como por exemplo FORTALEZA para CAMPINA GRANDE através NATAL. Veja o mapa. Siga a rota da NORDESTE.

Consulte seu agente de viagens ou a NORDESTE LINHAS AÉREAS.

NORDESTE LINHAS AÉREAS

SALVADOR: Av. D. João VI, 259 - Fone: 244-7533 e Aeroporto. BELO HORIZONTE: Rua Rio Grande do Sul, 1236 - Fone: 337-1700 e Aeroporto. RIO DE JANEIRO: Aeroporto Santos Dumont - Fone: 220-4366. SÃO PAULO, RECIFE e NATAL: Agência da TRANSBRASIL.

ENSAIO



Para aplacar a febre de uma Constituinte

As regras do jogo no Brasil

WALDO LUÍS

O País vive a febre da Constituinte. Toda a oposição, do partido moderado ao radical, sonha com um milagre. Ela imagina o Presidente Figueiredo fantasiado de imperador, condenando à morte o próprio regime que o conduziu ao poder e entregando de mão beijada à oposição o privilégio de dar o tiro de misericórdia na Lei de Segurança Na-

cional, nas salvaguardas e estados-de-emergência, criados para sustentar a frágil democracia brasileira. Esse sonho, de uns tempos para cá, tem sido condimentado por alguns juristas, que exaustivamente falam que a Constituição está muito remendada, que as regras do jogo desde o Pacote de Abril parecem não mais existir e que o jeito é passar uma borracha no passado e recomeçar tudo de novo.

Pacientemente, no entanto, o Presidente Figueiredo vem protelando aquiescer à bizzaria oposicionista, lembrando em seu íntimo de homem que há mais de dez anos convive com o poder e que as regras do jogo não mudam com tanta facilidade como pensam os juristas. E qual

não seria a surpresa da classe, caso diséssemos que, embora não escritas, as regras do jogo são fielmente executadas, sem nenhum deslize ou desrespeito? Que diriam eles se tivessem certeza de que o raio de ação presidencial é diminuído pela lógica do Sistema?

Naturalmente que, com as suas vocações científicas estritas, exigiriam a codificação das normas do poder de modo sistemático, a fim de identificarem os mecanismos de decisão dos altos escalões e preverem o seu comportamento. Como isso é quase impossível, os juristas se limitam à crítica das manifestações, desconexas, do poder, sem interpretar suas regiões internas.

poder que conduziram o País nos últimos dezesseis anos.

Em primeiro lugar, as regras do jogo do poder no campo constitucional são muito evidentes. A norma essencial é manter com o Governo, com o poder executivo, a faculdade de legislar, ou seja, a iniciativa e o benefício de todos os projetos de lei, decretos e regulamentos que visem matérias cruciais, tais como as ligadas à segurança nacional, ao orçamento e às finanças em geral ou à prerrogativa de nomear ou demitir nos escalões administrativos e de nomear nos escalões judiciários. Nenhuma Constituição será aceita, ainda, caso não seja outorgada ou "sugerida" pelo regime militar.

na Economia

No campo econômico, as regras se tornam muito sinuosas, embora ainda perceptíveis. As regras do jogo neste compartimento exigem que sejam rechaçadas como "radicais"

Os preços que remuneram a produção nacional devem ser controlados pelo Governo, mas os preços que remuneram a especulação, tais como os que incidem sobre os juros bancários, os títulos e valores mobiliários, os lucros "não-operacionais" das empresas, devem estar isentos de intervenção governamental.

As micro, pequenas e médias empresas devem ser fiscalizadas desde o nascedouro por dificuldades burocráticas dos mais variados tipos para que a livre-iniciativa tome-se dependente de agentes econômicos maiores ou de favores diretos do Estado, favorecendo a concentração de empresas. Deve-se proporcionar, enfim, à burocracia governamental o silencioso comando da vida econômica.

cados internos de outras nações de absorver as nossas mercadorias. Acresce também que a elite dominante crê firmemente que não é possível desmontar a máquina de poder aqui estabelecida através de uma subversão vinda de fora.

na Campo Social

Mas é, finalmente, no campo social que se coordenam os principais resultados da aplicação das regras do jogo vigente no Brasil. Neste País tropical a sociedade civil não deve dirigir o Estado. Ela deve, isto sim, servir ao Estado para que este, em troca, lhe dê segurança e disciplina. A finalidade do regime não é o homem brasileiro, como se poderia depreender dos discursos de várias autoridades habituadas a falar pelos últimos governos. O que se pretende por fim é o engrandecimento da Economia, enquanto manifestações de índices e quantidades abstratas, enquanto a população como um todo deve arcar com os possíveis prejuízos, sacrifícios e desmandos administrativos. Como para socializar as perdas entre a população ela deve permanecer passiva, urge baixar a qualidade do ensino, desde a instrução primária até a superior, a fim de que lideranças não sejam criadas capazes de contestar o papel simplesmente produtivo e não responsável, desempenhado pelo povo brasileiro. Urge também impedir ou minimizar a ação de grupos organizados na sociedade civil, sejam de que natureza for, com a intenção de referendar os processos indiretos de escolha política pela crônica ausência de quadros plenamente aptos.

Além disso, a diminuição da qualidade de vida, motivada pela poluição, pelas endemias, por condições sanitárias precárias nas cidades e o descrédito assustador do poder aquisitivo dos salários devem ser os ingredientes perfeitos para a manutenção de um exército de desgraçados, que já somam no Brasil mais de 40 milhões de pessoas, sem renda, sem ocupação, sem teto e sem comida, verdadeiro exército de reserva, apropriado ao desejo de mão-de-obra barata, um dos pré-requisitos básicos para a atração do capital internacional para nosso País.

Assim, traçadas as regras, bem pouco podem se distanciar do "modelo" quaisquer governantes com "boas intenções". Mesmo programada como a tábua de salvação dos oposicionistas para o País, não nos é possível prever uma Constituinte que remova esse jogo invisível que movimenta a vida brasileira. Seria preciso uma nova Revolução, que nem o Governo nem a Oposição têm competência para fazer. Mas isso é outra conversa...

na Política

No campo político, por outro lado, se concentram os dispositivos do poder no sentido de sua auto-perpetuação. As regras do jogo aqui são mais clássicas, por que descendem de Maquiavel. Como, no entanto, o brasileiro é sempre um renovador, nossas normas políticas têm um toque levemente tropicalista. Nesse sentido, as eleições para a Presidência da República no Brasil deverão ser sempre indiretas. O Colégio Eleitoral para estas eleições deverá ter sua maioria composta por simpatizantes do regime ou essa maioria deve ser garantida por coalizões seguras.

A máquina governamental deve funcionar como "lobby" político, favorecendo o partido no governo e seus circunstanciais aliados. As classes armadas são o verdadeiro núcleo do poder, a sua força, embora de maneira apenas formal se preste reverência à classe política, que é quem dá "legitimidade" ao regime. Permitir-se-á a infiltração totalitária em toda a sociedade, inclusive na máquina do Estado, desde que ela não interfira no funcionamento e organização das Forças Armadas e em seus objetivos, já que elas são a fonte do poder. A coincidência de eleições e mandatos deve ser um objetivo a ser perseguido pelo Governo, pela economia de recursos que trará, como também pela maior facilidade em neutralizar resultados adversos. As consequências desse comportamento político no relacionamento internacional do País são dignas de nota.

Já que possuímos uma economia nitidamente voltada para o exterior e uma elite pára-militar disposta a não mais abandonar o poder, então não há risco algum em mantermos relações diplomáticas e comerciais isentas de preconceitos ideológicos, aproveitando as possibilidades dos mer-

O que não muda

Estão, por acaso, as regras do jogo do poder resumidas na doutrina da Escola Superior de Guerra? Certamente que não. São os tão decantados quanto desconhecidos "ideais" da Revolução de 1964 reflexos exatos das normas do poder? Não, mais uma vez. Cremos, na verdade, que essas regras têm uma vinculação muito mais intensa com as intenções de manutenção eterna do poder, manifestadas dentro do regime vigente, do que com alguma doutrina ou Constituição. As doutrinas e Constituições podem até mudar; as intenções de permanência no poder é que não mudam nunca!

O máximo que se conseguirá é demonstrar como as intenções dos poderosos assumem formas constitucionais, econômicas, políticas e sociais, identificando as normas de

CINEMA

LETRA-ME OU TE DEVORO

LERFÁ MU!



Direção e roteiro
Carlos Frederico Rodrigues

UMA COMÉDIA MUSICAL,
MALUCA E MULTIRRACIAL

“Lerfá Mu”, um filme aberto para mentes jovens

Lerfá Mu é um filme aberto para as mentes jovens de qualquer idade”, garantiu o diretor Carlos Frederico ao lançar no Rio a película que irá, nos próximos dias, aos outros Estados. Trata-se de uma comédia protagonizada por Isabella, Fernando Reski, Wilson Grey, Otoniel Serra e Chica Xavier.

Segundo Carlos Frederico, “Lerfá Mu não é um filme naturalista, narrado e interpretado naturalisticamente, à feição, por exemplo, das novelas de televisão, atualmente as jóias máximas da cultura nacional, com sua “naturalidade” peculiar de 30 anos atrás”.

— Não é um filme escapista no qual o espectador, intelectual ou não, se refugia no escuro do cinema, a se deleitar com situações e personagens com os quais se identifica previamente — o que é muito cômodo, mas não leva a nada.

— Não é um filme previsível, logo não é um filme facilmente catalogável, já que não é um filme “literário”, nem “social”, nem “político”, nem um filme de modismo, como também não

ALBERTO
SILVA

é um filme “de arte”, nem um filme para intelectuais cristalizados.

O QUE É

Para Carlos Frederico, “Lerfá Mu, antes de mais nada, e para quem se lembra, é uma daquelas expressões que até há pouco tempo andaram ilustrando os muros, paredes e tapumes da cidade, ao lado de Celacanto Provoca Maremoto, EGG, Megalodon etc”.

— Lerfá Mu procura instigar o espectador a participar do que vê com sua criatividade, com sua sensibilidade, com sua imaginação. É um filme que também é feito pelo espectador. Parafraseando R. W. Fassibinder, mais importante do que o que se passa na tela é o que acontece na cabeça do espectador.

— Lerfá Mu é uma comédia de absurdos (serão mesmo tão

absurdos?), com fortes tons de sátira e de farsa, composta de quadros aparentemente independentes entre si e onde os comentários irônicos se dirigem tanto às mentalidades burocráticas, polícales e conservadoras, quanto aos nossos modismos culturais tão estreitos e tão profundamente arraigados. É também uma fábula onde os personagens quase sempre não vêem o que ocorre diante dos seus olhos, mas têm opiniões abalazidíssimas e inabaláveis sobre tudo. Até mesmo sobre o Lerfá Mu.

— Em Lerfá Mu, cada um dos 60 atores e dançarinos vive mais de um personagem, às vezes até cinco, o que é absolutamente inédito em termos de cinema nacional (pelo menos), e constitui uma agradável e rica experiência para diretor e intérpretes. Estes, por sua vez, foram também, coletivamente, responsáveis pelos figurinos e pela maquiagem. Por sua vitalidade, por sua participação ampla, criativa e sempre entusiástica, a eles dedico daqui o Lerfá Mu. A eles e também, é claro, ao distinto público.

“O Boi Misterioso”, documentário para a TV

Manfredo Bahia e
Carol Cavalcanti
numa cena
de “O Boi
Misterioso”



“O Boi Misterioso e o Vaqueiro Menino é fruto de uma longa pesquisa e um aprofundamento nas raízes da cultura popular nordestina. Oito anos de trabalho, de escritura e reescritura de um roteiro que agora se transforma em realidade.”

A revelação é do cineasta Maurice Capovilla, ao concluir a realização deste documentário para a televisão. “O Boi Misterioso, diz Capovilla, era uma idéia que estava engastada dentro de mim há muito tempo. É difícil dizer quando uma idéia penetra em você, fura o coração e se transforma em algo vivo, como um corpo estranho que precisa ser extirpado. Com o Boi foi assim”.

NOVA JERUSALÉM

— Tudo começou com uma viagem que fiz ao Nordeste em 1972. Cheguei a Fazenda Nova, um oásis encrustrado no interior de Pernambuco. E lá encontrei a paisagem, o vaqueiro, o repentista, o poeta, o boi e as figuras inspiradoras de Plínio e Diva Pacheco, construtores de Nova Jerusalém, o cenário mais fantástico do mais incrível teatro popular do Brasil.

Para Capovilla, “eu tinha idéia de fazer um filme sobre o Nordeste e passava por lá para realizar um documentário sobre o sertão. O vaqueiro era o personagem que eu procurava mas acabei descobrindo que precisava desvender antes o mito do boi, pois através dele estava o vaqueiro que buscava. Sabia que era uma tarefa longa e difícil. Era preciso cavar o chão, pois tudo que eu queria estava enterrado a sete palmos de fundura”.

— A cultura popular nordestina está encoberta pelas cinzas da grande combustão da cultura importada, imposta pelos modernos meios de comunicação. É preciso cavar, para desenterrar, como uma jóia rara, uma história, um mote, um repente de canção, uma significação qualquer de algo que não se

tem mais memórias, pois os velhos já não falam e os jovens têm vergonha de suas tradições. Era preciso levantar as raízes que dão identidade a uma cultura popular.

BOI MANDINGUEIRO

Maurice Capovilla “estava em busca de uma história. Ouvi muitas. Li muito livro de cordel. E de repente dei com um caso que me interessava. Era a história, ou uma das inúmeras versões, do Boi Mandingueiro, um boi que surge nas terras de um coronel e ninguém consegue pegá-lo. O coronel dá a filha em casamento para o vaqueiro que conseguir trazer o boi para a marcação”.

— Era o que me bastava. Fui em busca daquele boi e comeci a descobrir que aquela simples atuação era a ponta de uma meada que me levaria ao centro da cultura popular da região e, mais do que isso, à estrutura episódica capaz de suportar um mergulho em profundidade no sentido de vida do homem nordestino.

— Estava em busca de uma simples história e acabei encontrando a fronteira onde o mito ancestral do Nordeste faz divisa com a realidade mais pungente, e um boi de carne e osso se transforma em destino inelutável do homem sob os véus de uma estranha fantasia.

— Essa era a minha história. Um vaqueiro, misto de cavaleiro andante, chamado de Menino, atrás de um boi imaginário, numa longa viagem pelas terras do Nordeste e por dentro de si mesmo. Uma viagem em torno do conhecimento de sua própria força e da consciência de que ninguém tem destino já traçado e o mundo que o cerca é a cada dia uma nova descoberta.

— Novos personagens foram surgindo, entrando na história, se envolvendo com o drama desse boi misterioso e revelando as facetas intrincadas desse mundo do sertão — finalizou Maurice Capovilla. (A. S.)

2 Filmes Grátis
Diretamente da Zona Franca de Manaus
Prá quem comprar já um destes conjuntos fotográficos.
A Sonora apresenta as ofertas que você estava esperando.
Vamos, não perca mais tempo.

Xereta
APROVEITE
• 2 Filmes coloridos inteiramente grátis tipo 110/20 poses cada um.
• Flash magicube para transformar a noite em dia.
• Alça para carregar a câmara. Lindo estojo protetor.
• Trava para impedir dupla exposição.
• Todos os controles são automáticos.
• Garantia de 1 ano.
APENAS 995

Repeteco
APROVEITE
• 2 Filmes coloridos inteiramente grátis tipo 126/20 poses cada um.
• Regulagens especiais de exposição para dias claros e nublados.
• Regulagem especial de exposição para o uso do flash.
• Trava para impedir dupla exposição.
• Foco automático.
• Alça para carregar a câmara.
• Garantia de 1 ano.
APENAS 1.559.

Tira-Teima
APROVEITE
• 2 Filmes coloridos inteiramente grátis tipo 126/20 poses cada um.
• Trava para impedir dupla exposição.
• Alça para carregar a câmara.
• Garantia de 1 ano.
APENAS 795.

Super Cópias & Tri-Cópias
Vantagens exclusivas da Sonora

GRÁTIS 2 FILMES
NA COMPRA DE CADA CÂMERA DA SONORA (TOTAL 40 POSES)

SISTEMA SONORA DE FILME GRÁTIS

Av. Castelo Branco, 1325 - CEP 69000 - C. Postal 822
Zona Franca de Manaus AM - Brasil

Preencha hoje mesmo este Certificado Especial ou envie-nos uma carta.

CERTIFICADO ESPECIAL DE RESERVA
Sim! Quero receber _____ câmara(s) Xereta pelo preço de Cr\$ 1.190,00 cada uma.
Sim! Quero receber _____ câmara(s) Repeteco pelo preço de Cr\$ 1.659,00 cada uma.
Sim! Quero receber _____ câmara(s) Tira-Teima pelo preço de Cr\$ 895,00 cada uma.

Nome _____
End. _____ Nº _____ Aptº _____
Cidade _____ CEP _____
Estado _____

assinatura _____

☐ Quero maiores informações sobre o Sistema Sonora de Filmes Grátis.
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

SISTEMA SONORA DE FILME GRÁTIS
C. Postal 822 - Zona Franca de Manaus AM

MUTIRÃO

Frutos tropicais crescem mais agora

Produtores do Norte e Nordeste estão bastante entusiasmados quanto a aumentar suas culturas de frutos tropicais: caju, maracujá, abacaxi, etc. Acontece que as perspectivas do mercado externo, para a industrialização desses produtos, bem como os reflexos dos bons preços alcançados na safra passada, leva-os a investir cada vez mais no setor.

Os produtores de maior porte pretendem ampliar suas atividades

de e iniciar a industrialização das safras, para com isso conseguir lucros adicionais, através da exportação. Por outro lado, as indústrias também desenvolvem culturas próprias, objetivando evitar problemas de disponibilidade de matéria-prima e reduzir o custo de produção.

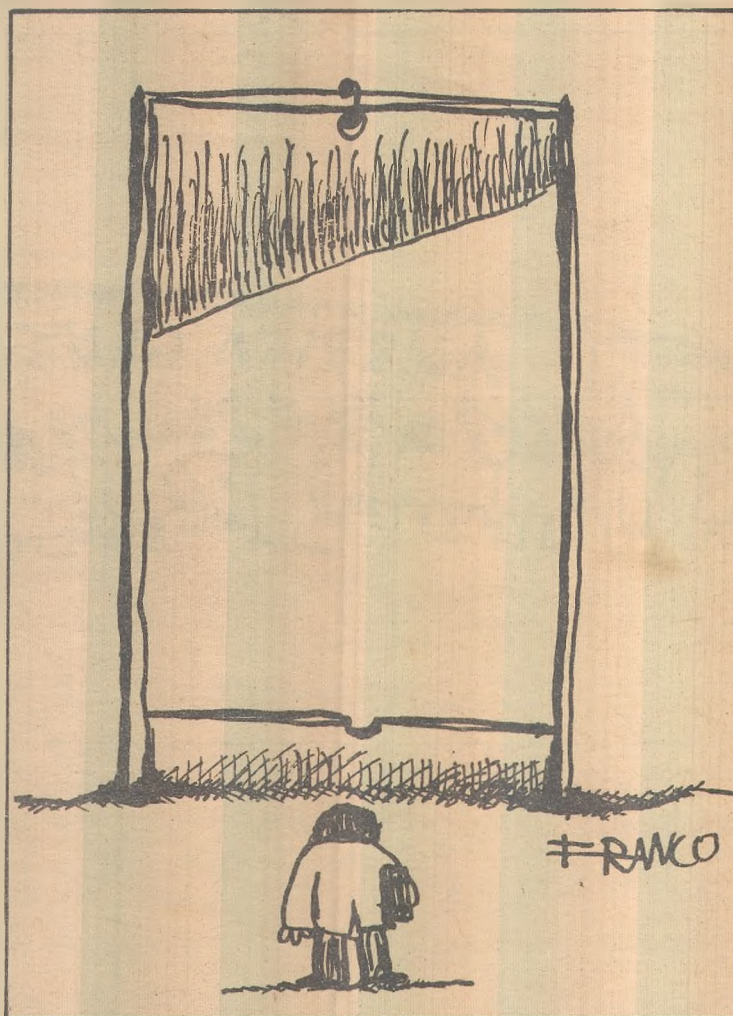
STÊNIO RIBEIRO

O índio brasileiro afinal se conscientiza

De tanto ser explorado, o índio brasileiro parece que afinal começa a adquirir consciência de seus direitos, pelo menos — quando outros não lhes sejam reconhecidos — de mais antigos inquilinos da velha terra de Vera Cruz.

É o que se pode observar atualmente, quando muitos caciques e outras patentes menores procuram contato direto com as autoridades para expor as suas reivindicações, ou quando agem isoladamente como Mário Juruna, que já se tornou famoso por causa do infatigável gravador a tiracolo.

AMADEU CASTRO BORGES



Uma guilhotina para quem sonha com faculdade

Realmente, a Cesgranrio é um fenômeno. Essa aberração, criada à margem do Ministério da Educação e Cultura, com superpoderes, a ponto de desacatar o próprio Ministro, contestando-o quando bem entende, é um organismo sádico, sinistro, inconcebível num país que aspira a tornar-se grande potência. Pois agora, com muito orgulho, a Cesgranrio anunciou, jactando-se de sua competência, que está em condições de reprovar 80 mil dos 140 mil candidatos prováveis ao vestibular unificado do ano que vem.

O jogo da Cesgranrio é o jogo da sorte, como todos sabem. Estuda quem é bobo, paga cursinho quem quer aprender a passar, como bem disse o Ministro Eduardo Portela. Porque na loteca do professor Carlos Alberto Serpa de Oliveira, basta estar com o horóscopo em dia para colocar a cruzinha certa no quadradinho exato.

NANCY GARCIA

João XXIII reconheceu o mérito dos maçons

A Maçonaria, instituição essencialmente filantrópica, filosófica e progressista, tem por objetivo o estudo da moral, a busca da verdade, a prática da solidariedade fraternal. Trabalha para o aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, a fim de que seus componentes sejam mais felizes ou menos sofrendores, graças à maior compreensão entre eles, pela prática constante da fraternidade. Tem por princípios a tolerância mútua, o respeito aos outros e, não impondo dogmas, não exigindo subserviência espiritual, concede aos seus componentes amplo direito de pensar, de discutir livremente.

Tem por divisa Liberdade, Igualdade, Fraternidade, e por lema Justiça, Verdade e Trabalho. Seus participantes devem se esforçar para atingirem o aprimoramento espiritual, devotando-se à prática do Bem, sem ostentação ou vaidade, mas sim com o imperioso dever de solidariedade humana. O maçom trai seu juramento quando perde uma oportunidade de fazer o bem. O que para muitos profanos é um mérito, para o maçom é um dever imperioso, sagrado. A Maçonaria recomenda aos seus

membros a divulgação pela palavra oral, escrita e pelo exemplo de seus ensinamentos, sem distinção de raça, nacionalidade ou religião. O essencial, para ser maçom, é que o homem creia, que acredite em um Ser supremo, que é Deus. Se o indivíduo é ateu, é um descrente, cumpre ao maçom mostrar-lhe o melhor caminho a seguir.

O PAPA JOÃO XXIII E A MAÇONARIA

Conforme nos revela o senhor Benedito Vicente Ferreira, do Estado de Goiás, em discurso proferido no Senado da República, transcrito no Diário do Congresso Nacional — LCN/11, de 03 de abril de 1971, páginas 0105/0108, o Papa João XXII, de saudosa memória e que pontificou de 1958 a 1963, autor das Encíclicas "Mater et Magistra" e "Pacem in Terris", veículos de humanidade e fraternidade, poucos dias antes de sua morte, portanto em disposição de última vontade, deixou-nos uma oração que, segundo seu desejo, deveria ser rezada em todas as Igrejas e, desta oração, destaca a segunda parte por ser dedicada aos Maçons, que é a seguinte:

"Senhor e Grande Arquiteto.

Nós nos humilhamos a Teus pés e invocamos o Teu perdão pela heresia que, no curso dos séculos, nos impediu de reconhecer em nossos irmãos maçons os Teus seguidores prediletos.

Lutamos sempre contra o livre pensamento, porque não havíamos compreendido que o primeiro dever de uma Religião, como afirmou o Concílio, consiste em reconhecer o direito de não se crer em Deus.

Havíamos perseguido todos aqueles que dentro da própria Igreja haviam se distanciado do caminho da verdade, inscrevendo-se nas Lojas, desprezando todas as injunções e ameaças.

Agíamos impiedosamente, acreditando que um sinal da Cruz pudesse ser superior a três pontos formando uma pirâmide.

Por tudo isto nos penitenciamos, Senhor, e com Teu perdão, Te rogamos nos faça sentir que um compasso sobre um novo altar pode significar tanto quanto velhos crucifixos — Amém."

Ao espírito de João XXII as luzes do Grande Arquiteto do Universo.

ANDERSON FERRARI

"Si", assaltante "brasileño es mui amigo, mui amigo"

Os freqüentes assaltos a turistas no Brasil constituem-se no maior obstáculo ao desenvolvimento de um projeto de turismo para valer. Dos homicídios praticados por pivetes, que acabam se beneficiando da impunidade, aos "inocentes investimentos" em bolsas de senhoras descuidadas, há todo um contexto organizado para tomar alguma coisa dos estrangeiros que, de muito boa fé, procuram nossa terra.

Com a recente invasão de argentinos, devido à desvalorização crescente do cruzeiro — numa

inversão do que acontecia até há bem pouco, quando brasileiros se beneficiavam da queda do peso —, qualquer molequinho analfabeto sabe distinguir, pela pronúncia, o gringo ingênuo das vizinhanças de outros menos propensos a cair em golpes. Dessa forma, pode-se afirmar que a presente temporada turística é toda ela dedicada pelos nossos assaltantes aos visitantes argentinos.

BARROS DE LEMOS

O MELHOR DA LITERATURA BRASILEIRA SELECIONADO PARA VOCÊ

De fato, em cada um destes livros escolhidos para você está um grande momento da literatura nacional. Aplaudidos pela crítica, consagrados pelo público.

Editora Record, onde os bons livros se tornam bestsellers.

	HOSPÍCIO É DEUS — Mauro Lopes Cançado — Um diário dramático que além do seu valor documental, é peça de alto nível literário. Um livro de denúncia, escrito por quem apresenta acervo existencial e não está apegado a dramatinhas domésticas. 200 págs. Cr\$ 240,00 Ref. 1552		O GRANDE MENTE-CAPTO — Fernando Sabino — Depois de 23 anos, outro Encontro Marcado com o leitor. O novo e surpreendente romance de Fernando Sabino. Um livro divertido e alegre, que faltava na atual e sisuda literatura brasileira. 236 págs. Cr\$ 260,00 Ref. 1280
	VIRGEM LOUCA, LOUCOS BEIJOS — Dalton Trevisan — O último livro de Trevisan tornou-se um best-seller. Especialista em contos breves, reuniu outros cinco neste livro e um conto longo e surpreendente. Um livro que entusiasmou a crítica. 101 págs. Cr\$ 120,00 Ref. 1567		FARDA FARDÃO CAMISOLA DE DORMIR — Jorge Amado — O livro mais divertido de Jorge Amado. Dois militares disputam uma vaga na Academia Brasileira de Letras. O suspense é que faz a leitura do livro fascinante. 200 págs. Cr\$ 250,00 Ref. 1550
	LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA — José Louzeiro — Durante anos os personagens retratados neste livro foram notícia nos jornais. Excelente romance-reportagem de José Louzeiro. Você se surpreenderá com as revelações do livro. Cr\$ 170,00 Ref. 1237		NINHO DE COBRAS — Léo Ivo — Um romance extraordinário. Em apenas 24 horas, a vida de toda uma cidade. Este dia é na década de 40, quando os retratos do ditador Getúlio Vargas estavam em toda parte. Raras vezes o tema da violência foi tão bem tratado. O nordeste brasileiro novamente na literatura. 168 págs. Cr\$ 200,00 Ref. 1594
	A NOVA TERRA — Walmir Ayala — Baseado num fato real, o projeto da primeira fazenda espacial, pelo qual os EUA propunham um modo ideal e alternativo de vida fora do nosso planeta, o Autor concebeu esta novela de ficção científica. Um importante lançamento no gênero. 96 págs. Cr\$ 120,00 Ref. 1619		CONTRATO COM AS ALMAS — Emir Farhat — Um livro forte, violento, real e, principalmente, bem brasileiro. O amor, o ódio, o sexo, a violência, a vingança, tudo é à brasileira. A história de um homem com duas obsessões: enriquecer e vingar-se sobre a filha de um "coronel", do que este fizera à sua família. 390 págs. Cr\$ 450,00 Ref. 1618

GRATIS Um livro-brinde, que será um romance de agradável e fascinante leitura para pedidos no valor ou acima de Cr\$ 500,00. E você não paga as despesas postais.

NAO MANDE DINHEIRO AGORA. Só pague ao retirar seu pedido na Agência do Correio. EDITORA RECORD — Caixa Postal, 884 — Rio de Janeiro — RJ — 20000

Preencha o cupom imediatamente. Envie hoje mesmo para a Editora Record — Caixa Postal, 884 — Rio de Janeiro — RJ — 20000

Desejo receber os livros assinalados:

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____

☐ Ref. 1552 ☐ Ref. 1237 ☐ Ref. 1280 ☐ Ref. 1594 ☐ Ref. 1567 ☐ Ref. 1619 ☐ Ref. 1550 ☐ Ref. 1618

Assinatura: _____



Fawcett

AMÉRICA CENTRAL: Onde há fumaça, há fogo

ROBERTO
PAULINO

A América Central está transformada num barril de pólvora. Atualmente é uma das regiões do mundo mais sujeitas a mutações políticas. Os pequenos países centro-americanos são hoje laboratórios revolucionários, prontos a desenvolver as mais diferentes experiências, mais ou menos progressistas, na ciência política.

De Cuba souo o primeiro brado de revolta conta o domínio implacável e opressor dos Estados Unidos. Mas Fidel — a grande esperança romântica da América Latina — simplesmente mudou de patrão. Apenas trocou as garras da águia pelas do urso. E continua tão dominada quanto antes, tão dependente quanto antes.

A revolução sandinista na Nicarágua, que comoveu o mundo pelo heroísmo de seus guerrilheiros, pelo pluralismo da composição das forças que se opunham a Somoza, pela participação cosmopolita — mulheres, velhos, crianças, adultos, todos lutaram contra a ditadura selvagem — vem de completar um ano sem ter conseguido definir seus caminhos políticos e econômicos.

El Salvador está à beira de uma guerra civil. No Panamá, os problemas sociais se sucedem, cada vez mais intensos. Mesmo na Costa Rica — a Suíça da América Central — a democracia corre sérios perigos. A violência é um dos dados fundamentais da vida política da Guatemala, onde a United Fruit continua sua ação opressora.

A Jamaica segue as pegadas de Cuba e caminha para se alo-

jar sob a proteção de Moscou. Se é verdade que não interessa à União Soviética um novo comprometimento como o de Cuba, que custa aos cofres comunistas um milhão de dólares por dia, também é verdade que o Kremlin não poderá abandonar à deriva, pelo menos para uso externo, um país que se oferece de mão beijada à sua influência.

Enquanto isso, o Ocidente — sobretudo os Estados Unidos — insistem em não se adaptar à realidade. Insiste em ignorar a explosão de tensões sociais e políticas que poderão — a partir da América Central — começar a pipocar por todo os países latino-americanos. Continuam os norte-americanos e as multinacionais a praticarem o capitalismo selvagem, a oprimirem e roubarem até a exaustão os países pobres da América Latina. A América Central, na ótica das multinacionais, continua a representar apenas um grande pomar inesgotável.

Os centro-americanos começam a não mais suportarem o jugo e a opressão. A instabilidade política — muitas vezes provocada pelas multinacionais com a ajuda da CIA — facilita as revoluções. E o povo cada dia menos se sujeita à dominação vergonhosa que lhes impinge os países ricos. A extrema pobreza da maioria da população formula no pensamento popular o conceito de que não há nada a perder e cria condições ideais para qualquer revolução que se proponha a patrocinar reformas de base. No universo da América Central, a opressão dos ricos mantém em ebulição duas das

condições fundamentais para a revolução permanente: a miséria e a instabilidade política.

Os sandinistas ascenderam ao poder pelas armas com claros e sinceros ideais democráticos e pluralistas. Contra Anastasio Somoza se uniram sob a mesma bandeira da libertação os mais diferentes matizes das colorações políticas. Entretanto, há um ano no poder, os sandinistas ainda não conseguiram apoio que permitisse formular uma plataforma de governo em busca do desenvolvimento com liberdade.

A simples composição pluralista das forças sandinistas deixa — paradoxalmente — a Nicarágua em condições de se transformar num dos mais estáveis países da América Central e até da América Latina. Apesar de ter levado um terrível banho de sangue e de ter sido destruído durante meses de guerra civil. Ou talvez até por isso.

A grande maioria dos nicaraguenhos está empenhada na reconstrução do país. São enormes os desafios. Mas a revolução está em marcha, à procura de um caminho definitivo que leve ao desenvolvimento o mais igualitário possível, pelos caminhos menos curtos e penosos. Isso só pode ser feito com ajuda externa. Mas uma ajuda real, honesta, verdadeira e não com falsas promessas que visem no fundo a continuar a exploração do povo e do país.

Os sandinistas sabem disso muito bem. Tanto que consideram este segundo ano como fundamental, crucial, para a revolução e para o futuro da nação. E quem quiser colaborar para o de-

seenvolvimento da Nicarágua deve ter em mente que a revolução é irreversível. E que a grande maioria do povo está com a revolução e não abre. Foi o povo quem conquistou o poder e este povo sabe perfeitamente quanto isso lhe custou.

O sandinismo, para os sandinistas, "é uma forma concreta de poder popular" que leva em conta as condições específicas da Nicarágua. Eles — os dirigentes revolucionários — não pretendem instalar no país um regime socialista ortodoxo, com a estatização total dos meios de produção. Mas não querem de jeito nenhum — e isso é perfeitamente compreensível pois nem os países-templo do capitalismo o desejam ou aceitam — sofrer as agruras do capitalismo selvagem, tipo Somoza, ou a opressão das United Fruits ou General Foods da vida.

Se hoje grande parte dos meios de produção estão nas mãos do Governo, isso se deve unicamente a Anastasio Somoza. A simples estatização — eles preferem o termo expropriação — dos bens do ditador deixou com o Estado o controle dos bancos e dos seguros, do comércio exterior, das minas, 40 por cento da produção açucareira, 50 por cento do fumo, 20 por cento do algodão e do café, 90 por cento da indústria da carne. Tudo isso era de propriedade de Somoza, parentes e apadrinhados. A culpa não é dos sandinistas.

Tanto que recentemente foi aprovada uma lei de garantia da propriedade privada. Os dirigentes sandinistas afirmam que o lugar da empresa privada nos

projetos de desenvolvimento está reservado. Mas advertem que os empresários devem respeitar as novas regras do jogo: "Eles devem se conformar em diminuir seus lucros e reinvesti-los em benefício da população". É justo. É a nova mentalidade que toma conta dos países do Terceiro Mundo. O que não quer dizer que sejam comunistas.

Todo mundo sabe que a Nicarágua precisa de 420 milhões de dólares para reorganizar a infraestrutura do país, desmantelada pelo somozismo e pela guerra civil. Esta quantia é irrisória para os países ricos do Ocidente. Mas não pode ser fornecida a juros escorchantes que transformem o pagamento do serviço da dívida — juros e despesas — num elemento disparador da espiral inflacionária.

A moderação política da Nicarágua em particular e da América Central em geral está nas mãos do Ocidente. Mas se continuar a mentalidade de exploração selvagem, tanto centro-americanos como latino-americanos serão obrigados a pedir socorro em outras fontes. Depois não se queixem os países ocidentais se novas Cubas nascerem no continente. Se a Nicarágua, ou qualquer outro país latino-americano, se transformar em um Estado socialista, a culpa é dos Estados Unidos e dos países industrializados do Ocidente.

Há outro ponto importante a ser levado em conta: a América Central é o bico da grande chaleira dos povos latino-americanos; e quando sai fumaça do bico é porque a água da chaleira está em ebulição.



No Recife

hotel Jangadeiro • Praia de Boa Viagem

FONE:
326-6777

MODA



SPORTSWEAR

FRED
AYRES

O gosto pelo informal

O hábito de se vestir é o reflexo da maneira de viver das pessoas, que modifica de acordo com as transformações da sociedade em que vivem. Na sociedade contemporânea, por exemplo, os jovens tiveram um papel decisivo. Com seus "blue-jeans", eles difundiram, entre a grande massa consumidora, uma nova maneira de viver. A roupa passou a ter um jeito jovem de se tomar uma atitude perante a vida. Este fenômeno tocou rapidamente os jovens, depois se estendeu progressivamente às camadas de idades mais avançadas.

Com a elevação do nível de vida na Europa, a sociedade de

consumo se expande e com ela se desenvolvem as atividades de lazer, a democratização do esporte, sobretudo entre os jovens, onde os programas de fim de semana e o hábito de viajar são mais difundidos.

Nos anos 60, o estilo de vida americano, difundido na Europa pelos soldados, influencia toda a geração pós-guerra e cria um potencial econômico não desprezível. Esta explosão da juventude coincide com o nascimento do fenômeno "Style". E a geração de criadores, que ainda hoje são os nomes do prêt-à-porter franceses, reinventa a moda.

A roupa adquire outra função, e não mais a de demonstrar

"status" ou coisa parecida. O essencial é sentir-se bem, descontraído, confortável. No entanto, o estilo americano de se vestir para o fim de semana, para pescar ou jogar golfe, tem uma concepção de roupa de lazer radicalmente diferente da dos europeus. Os franceses, mais práticos, não se contentavam em comprar roupas de lazer, para serem usadas em dois dias da semana. Esta roupa de lazer eles difundiram no dia a dia, criando, assim, quase que uma nova maneira de viver. E o conforto difundido por estas roupas foi definitivamente institucionalizado com o nome de "Sportswear", de que tanto se lê e ouve falar.

A origem da roupa "Sportswear" é a roupa de uso ou de trabalho. Mais elaborada, ela se tornou a roupa de fim de semana, antes de ser integrada no guarda-roupa de todos os dias. Exemplo de como uma roupa criada para prática do esporte passou para o "Sportswear": a calça para esqui era feita de malha elástica e colocada à venda por um preço mais alto. Por volta de 1968, os jovens esquiavam usando jeans ou calças de veludo. Jean Laurent, diretor da "Sportiss", lançou as primeiras calças em veludo elástico, próprias para o esqui, a preço mais acessível. O sucesso foi tão grande que, cinco anos mais tar-

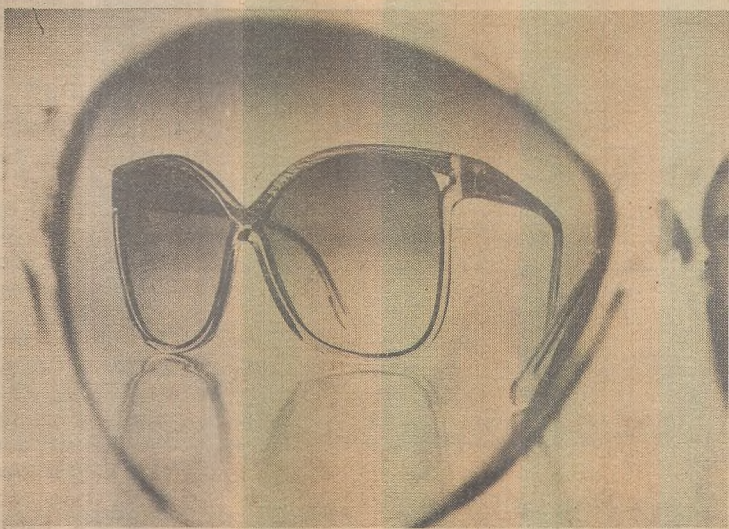
de, essa calça de veludo passou a ter duas utilidades: uma para esqui, outra para depois de esqui e, mesmo, para o campo. O resultado prático foi este: acabou a calça usada só uma vez por ano, tornando-se, assim, uma compra mais rentável pela sua múltipla utilização.

Assim, a evolução do vestuário dirigido a uma sociedade de lazer criou novas tendências, o que impulsionou a procura de novas utilizações para as fibras existentes, o aprimoramento das performances no sentido do conforto e da facilidade de manutenção.

Voltando aos anos 60, quando essas novas necessidades ainda eram mal expressas, elas foram percebidas por um bom número de criadores, que fizeram a glória do prêt-à-porter francês.

Daniel Hechter fazia parte desse grupo, e nessa época preocupava-se em fazer roupas que correspondiam a uma tomada de atitude perante a vida, que ele sentia germinar aos jovens ao seu redor. Mas foi somente em 67/68 que se deu a verdadeira explosão do "Sportswear". E Daniel Hechter foi considerado o papa dessa nova maneira de se vestir. Um dos que mais contribuíram para a evolução da moda nestes últimos 10 anos. "Para mim, o "Sportswear" não é moda, é um modo de vida que revela um certo estado de espírito diante da realidade", diz ele. Hoje ele conclui: "Um criador de moda deve ser completo. O consumidor é sensível, inteligente. Ele exige uma boa relação qualidade-preço-estilo. Ele não está disposto a comprar qualquer coisa a qualquer preço. É preciso fazer a moda a seu tempo, e corresponder às verdadeiras necessidades das pessoas". Aqui, mostramos o "Sportswear", fio a fio, no "look", que a Rhodia lançou recentemente, com o nome de Flezal. Entenda, copie e tire suas conclusões.

OS MODOS DA MODA



1. Nova coleção de óculos Jean Marcel, apresentada ao fino da imprensa especializada em moda, no Rio Palace. Um dos poucos desfiles de moda em que todos aplaudiram com entusiasmo. Tudo na medida certa, no gosto exato e no perfeito entrosamento entre produtor e espectador. A organização, vale registrar, foi de Dunia Stefanski.

2. Nina Ricci, de Paris, lança também sua coleção de "lingerie", com o charme e a classe dos franceses. O modelo apresentado aqui é em algodão branco, com incrustações de bordado inglês. Quer dizer, não precisa ter nome simplesmente, mas assinar, como Nina Ricci, uma moda simples, prática e de bom gosto.

3. Em outubro, o Copacabana Palace abre os salões para o Primeiro Encontro de Moda Masculina, organizado pela FAG. A idéia é brilhante e pode render muito, haja visto que a indústria de confecção masculina no Brasil, é por assim dizer, a mais forte e estruturada do que a feminina.

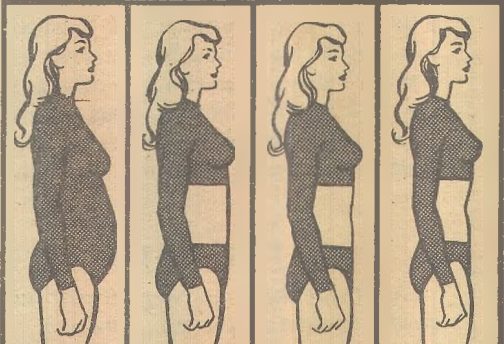
4. Falar em moda masculina, anote os dados que recebi do último balanço da Indústria Francesa do Vestuário Masculino. Mil e trezentas empresas, das quais faturam mais de 300 milhões de francos fora impostos. Mão-de-obra para 96 mil assalariados. Mão-de-obra jovem e sobretudo feminina, 85 por cento. Faturamento (preço de fábrica): 9 bilhões e 500 milhões de francos fora impostos. Exportações: 1 bilhão e 250 milhões de francos fora impostos.

5. A Revista "Desfile", que vai às bancas em setembro, mostra a moda brasileira em Israel.

VILA ROMANA

Moda masculina

ACABE COM SUA BARRIGA EM 1 SEMANA!



HOJE . . 1 DIA 3 DIAS 7 DIAS

Peça pelo Reembolso Postal a revolucionária CINTA ABDOMINAL "STETIQUE"

- sucesso em todo o mundo.

Junto seguem 3 sabonetes de Lama Sulfurosa! Preço Cr\$ 630,00

Tamanhos: Pequena (até 1,10 cm) ☐
Média (de 1,10 a 1,30 cm) ☐
com um X Grande (Mais de 1,30 cm) ☐

Distribuidor Exclusivo para o Brasil:

INTERPOST

CEP 20000 - Caixa Postal 2424-RJ

Nome _____

End. _____

CEP _____ Cidade _____ Est. _____

PONTO DE ENCONTRO

EXCLUSÃO PARA O NORDESTE

O alerta foi feito pelo Governador Tarcsio Burity — e deve ser ouvido pelo Ministro Delfim Netto: a limitação do crédito no Nordeste tem sido decisiva para o decréscimo da atividade econômica da região, cujo índice de crescimento da indústria de transformação caiu consideravelmente nos primeiros seis meses deste ano. Disse o Governador da Paraíba: "Não temos um mercado de capital forte que substitua os empréstimos bancários. Os bancos privados preferem utilizar grande parte dos seus limites em operações no Centro-Sul. Ficam, portanto, as empresas nordestinas sem assistência". O Governador é incisivo, quando observa: "É preciso que se diga que o Nordeste não é responsável pelas atuais crises de in-

flação, energia e de balanço de pagamentos. O Nordeste tem gerado, ano a ano, saldos de divisas para o País". E exemplificou: "Produzimos muito mais petróleo do que consumimos, contribuindo com o nosso excedente para diminuir as importações de petróleo das regiões não produtoras e altamente consumidoras".



Burity

LINHA DURA NA SUPERGASBRÁS

O Presidente do Grupo Supergasbrás, Wilson Lemos de Moraes, acaba de adotar em suas empresas uma espécie de linha dura de comportamento dos funcionários — e são milhares em todo o País. Principais itens: 1) — Nenhum funcionário ou funcionária pode chamar o colega — de qualquer nível — de você, mas, sim, de senhor ou senhora; 2) — Foi abolida a calça comprida para as funcionárias; e 3) — Todos os funcionários devem usar gravata, dentro e fora dos limites do trabalho. A propósito desse último item, um funcionário foi demitido sumariamente porque foi visto na rua com a gravata... ligeiramente afrouxada!

DEMISSÕES NA FUNDAÇÃO

O desemprego caminha a passos largos. As últimas informações: na Fundação Getúlio Vargas, nosso templo da Economia, há uma lista de 200 demissões, na maioria de pessoas de sa-

lários de médio para cima; o Bradesco mandou uma grande leva embora, e a Folha de São Paulo fechou sua Sucursal do Rio, levando ao desemprego três dezenas de funcionários.

DESTINO DE OLAVO

Algumas colunas polítics da imprensa carioca publicaram uma notícia sobre o ex-Prefeito paulista Olavo Setúbal para dizer que ele "não pretende se candidatar a uma vaga no Senado": ou se candidatará ao Governo paulista, "se as condições o permitirem" ou "não se candidatará a nada". Olavo Setúbal, um dos grandes do Partido Popular, está calado há algum tempo e agora volta ao noticiário. Ninguém se engane, está agindo. E não se espantem se ele surgir para assumir um cargo federal da maior importância na área econômica. É bom mesmo os nossos colegas das redações começarem a



Olavo Setúbal

guardar material sobre ele. Chegará o momento que terão de usá-lo. Estão passando bombril na estrela do homem.

O governador defendeu a exclusão do Nordeste da limitação da expansão do crédito em 45 por cento nas últimas reuniões do Conselho Deliberativo da Sudene, por entender que as empresas industriais são pouco capitalizadas, dependendo essencialmente do crédito para a sua sobrevivência.

Ele concluiu: "Será pior nos últimos meses do ano quando a maior parte das instituições de crédito estará com suas operações suspensas".

Quer dizer: os bancos, como vimos há pouco tempo, não aplicam no Nordeste os limites legais de crédito a que estão obrigados e, agora, estão limitados em sua expansão. É preciso que se faça alguma coisa. A exclusão poderá ser o começo de uma solução.



Carlos Gaspar

CARLOS GASPAR ESTÁ NA VASP

A Direção de Propaganda e Promoções da VASP está agora nas mãos competentes do jornalista e publicitário Carlos Gaspar, que volta, assim, a um cargo que ocupou com eficiência e sensibilidade. Carlos Gaspar destacou-se no jornalismo desde a mocidade: aos 20 anos já era Secretário de Redação do "Correio do Ceará", sua terra natal. Logo depois, partiu para o jornalismo federal, integrando-se à equipe de O Cruzeiro dos famosos tempos dos anos 50, ampliando sua ação no campo da TV como produtor de sucesso. Convocado novamente agora para o comando da imagem da VASP, está cheio de idéias para realizar a curto prazo, auxiliado por uma equipe de primeira, da qual se destacam seus dois braços-direitos José Ademar R. Varotto (Propaganda) e Claudemir Cruz dos Santos (Promoções).

Clark e Bloch são favoritos no páreo dos 2 canais de TV



Adolpho Bloch



Octávio Medeiros



Mino Carta



Walter Clark

Há dias, o General Otávio Costa, em almoço com o Sr. Walter Clark, voltou a garantir que a intenção do Governo é dar as novas redes à Abril e JB, mas ressaltou que forçasultas poderiam influir à última hora e o Governo se ver obrigado a modificar sua decisão. Comenta-se que o grupo Bloch está sendo "levado na conversa" porque seus diretores teriam menos acesso às rodas bem informadas das focas govinamentais.

O ÚNICO TRUNFO

Na verdade, a guerra nos corredores de Brasília é muito mais importante do que qualquer habilitação técnica que, na verdade, nenhuma das empresas possui. O único trunfo técnico — e fortíssimo — é, na realidade, do JB, por ter ao seu lado o Sr. Walter Clark, indiscutivelmente o papa da TV brasileira. E só por isso. Pois o JB teve a concessão de dois canais e é incapaz de colocá-los no ar, envolvendo-os ao Governo.

Paralelamente, corre o Sr. Roberto (Frank Sinatra) Medina, da Artplan. O jovem publicitário desistiu de concorrer diretamente nas se considera um trunfo para apoiar um dos grupos e influir. Ele está mais próximo dos Bloch, por enquanto. Mas sabe-se também que o Sr. Delfim Netto quer conquistar as boas graças do Sr. Nascimento Brito (JB) através de barganha televisiva. O Ministro acha incômoda a oposição do JB.

Enfim, a sorte está lançada. Quem souber jogar melhor nos bastidores políticos e militares terá na rede de televisão como prêmio. De qualquer maneira, a partida não acaba com a concessão dos canais. Na verdade, é aí que começa. Pois para sustentar uma televisão no ar durante os primeiros meses, com a programação mais barata possível, muitos salarios e pouquíssimo luxo, a equipe do Sr. Walter Clark estima que serão necessários 50 milhões de dólares.

A luta pelas duas novas redes de televisão que estão para ser concedidas pelo Governo se encara nos bastidores. Como não há dados concretos para julgar a concorrência, a decisão será sobretudo política e "conchavada". Por enquanto surgem como favoritos os grupos Abril, JB-Walter Clark e Bloch. Mas o pessoal do grupo Moreira Salles (Unibanco) — Mino

Carta (revista "Isto É"), também se considera no páreo.

Sabe-se que o Ministro Golbery já havia prometido aos grupos Abril e JB-Walter Clark as duas redes. Seria, assim, um jogo de cartas marcadas. Mas aí o Sr. Adolpho Bloch, até então contra a entrada de sua empresa na televisão, resolveu mexer seus paizinhos e disputar de igual para igual com os outros.

IDEOLOGIA E OPORTUNISMO

O Sr. Bloch sabe que o equilíbrio de suas organizações com a Abril seria desnivelado em favor do concorrente com a rede de televisão. E partiu para a luta. Além da solidez de sua empresa, o Sr. Bloch argumenta que sempre sustentou o Governo enquanto os grupos Abril e JB (revista "Veja" e "Jornal do Brasil") fazem sistemática oposição com o único objetivo de vender seus produtos. Quer dizer, para a Bloch, "Veja" e "Jornal do Brasil" se aproveitam do Governo para vender revista e jornal através de uma oposição não ideológica, mas oportunista.

Sabe-se que o grupo Bloch está tendo todo o apoio do Sr. Roberto Marinho (do império "Globo") que quer tudo menos ver seu concorrente JB e seu "ex-fac-totum" Walter Clark de posse de uma rede de televisão que se lhe oponha. E ninguém tem dúvida de que o Sr. Roberto Marinho dispõe de larga faixa de influência no Governo. A Bloch também tem suas promessas de ganhar o páreo.

FRASE-ENIGMA

Há poucos dias, em Brasília, Adolpho Bloch — o grande capitão das empresas Bloch — ouviu uma frase da boca do poderoso Ministro-Chefe do SNI, General Otávio Medeiros, que o deixou intrigado até hoje. O Ministro teria se encontrado com Bloch no Palácio do Planalto e lhe teria perguntado:

— Que é que você está fazendo aqui, Adolpho? Vai cuidar da sua rede de TV.

O semanário "José", de Brasília, que conta a história, indaga:

— Que significaram as palavras do General: uma gozação sem consequência ou um sinal de que o Governo lhe dará mesmo uma rede de TV?

Agora, dizemos nós: o General Medeiros, homem sério que não se dá ao luxo de brincadeiras públicas, não é, evidentemente, um homem de fazer gozações.

Problemas do povo como a ecologia são tema de cantores



STÊNIO RIBEIRO

Dentro do campo artístico musical brasileiro estão aparecendo cantores que realmente se preocupam em apresentar uma mensagem de cunho social, interessando-se por problemas da comunidade. Consequentemente, de uma forma ou de outra, encontram maneiras de denunciar alguns crimes praticados contra a nossa ecologia. É exatamente por essa porta que o mineiro Eustáquio Senna, um misto de cantor-compositor-instrumentista-produtor, está entrando no mercado fonográfico, com o LP Cauromi.

Para Eustáquio, Cauromi — palavra criada especialmente para esse disco — significa uma terra de fantasia, como uma "Terra do Nunca"; um lugar de magia, sonho e beleza, no qual ele vive um momento grandioso. A palavra lembra qualquer coisa de tupi, e essa semelhança ele afirma ser coincidente, apesar de que "também sou mais um índio por aí, menino levado do mato, amante das barrancas da beira do rio e sempre voltado para os problemas da terra".

DESAFIO DE PUREZA

Para esse jovem artista de Jequitinhonha, devido a sua vivência na fazenda, os contatos com os caboclos do mato, os vaqueiros e as belezas naturais, fazem com que ele utilize uma linguagem bem interiorana, que às vezes se transforma num desafio feroz, muito embora seja carregado da maior pureza. Afora essa temática, utiliza também coisas de amor, que tem uma linguagem mais generalizada — sem regionalismo.

Mesmo estando no Rio há 12 anos, volta e meia ele dá um jeito de visitar os lugares que marcaram sua infância. "Independente de onde eu esteja, minha cabeça está sempre voltada pras

minhas raízes, sempre respirando aquele clima. Não estou lá fisicamente; no entanto, nunca perco o contato."

De um certo modo, essa preocupação se mostra retratada visualmente na capa do disco, numa mensagem de advertência ecológica. Nela, observa-se a presença de borboletas, riachos, plantas, montanhas, flores e gente. Na contracapa, ao contrário, vê-se um ambiente de total destruição, caos.

Dentre as várias faixas, *Pelo Chão Que é Seu* sintetiza muito a sua preocupação em defender as coisas da natureza; uma mensagem de vida e pureza. Pois, afirma Eustáquio, "se perdermos a nossa identidade com a terra, ficaremos "mariados"; sem o cordão umbilical".

— Sempre fomos um grande potencial que hoje está fadado a perder tudo, de forma muito rápida, se não forem tomadas medidas contra esse desgaste. Isso que aí está é nosso; somos os donos reais disso; e ninguém pode nos impedir de defendê-lo.

O produtor deste disco, o popular Macarrão, diz ter havido uma ligação automática, uma identificação imediata com o trabalho de Eustáquio, devido ao sentimento da música, à realidade e maneira de falar. "Essa energia foi somando, e apesar de já vir pronto, levamos algum tempo (uns quatro meses) conhecendo melhor, sem precipitação, o que resultou num disco muito rico."

DIVERSIFICAÇÃO NA CARREIRA

Filho de fazendeiro — que como toda família do interior que se preza, constituiu uma prole de oito filhos — Eustáquio Senna (33 anos) começou desde cedo a se familiarizar com a música. E se empolgava ao es-

cutar as músicas do velho Rei do Baião, Luiz Gonzaga. Tanto assim que, ainda criança, tocava na sanfona de um dos vaqueiros da fazenda.

Já adolescente mudou-se para Belo Horizonte, onde participou de um conjunto musical até se transferir para o Rio, em 68. Aqui chegando teve algumas de suas composições gravadas por Jair Rodrigues, Ronnie Von e Paulo Sérgio, entre outros. Em decorrência disso, foi convidado para dirigir um cast para a Philips, passando a administrar a Polydor, onde lançou alguns nomes e produziu o *Sonho 70* de Egberto Gismonti, o *MPB-4* e compactos do Festival Internacional da Canção.

Em 71 ele foi chamado para atuar como produtor da recém-criada Som Livre. Durante cinco anos foi responsável por toda a produção dessa gravadora, na qual lançou alguns temas de novelas, cantando músicas como *Mariana e Bicho do Mato*, na novela *Primeiro Amor*. Em 76 foi para a RCA produzir o cast jovem. Ao todo, ele assegura haver produzido uns 40 discos.

No entanto, a carreira de produtor não conseguiu roubar o cantor e compositor que se preparava a longo prazo. Ano passado ele parou com as atividades de produção, e passou a se dedicar exclusivamente com este disco *Cauromi*, lançado pela CBS. Nele Eustáquio canta as raízes da terra onde nasceu e traz a mensagem campestre na sua forma mais pura e original.

O verde, os pássaros, as montanhas e os rios, são elementos constantes em sua poesia. A música é de uma simplicidade incriável, onde se misturam a toada, guarânia, moda de violão, baião, enfim, uma mistura de coisas bem brasileiras.

STÊNIO RIBEIRO

REGINA COELHO

As relações neuróticas no casamento

Volte aos seus 18 anos num toque de mágica



Você já observou? Anualmente, as grandes damas da sociedade desaparecem alguns dias. Quando retornam, parece que fizeram "o tempo voltar". No lugar das rugas, dos pés-de-galinha, das manchas, das peles flácidas, ressurgiu UM BELO ROSTO DE MULHER JOVEM. Pergunte-lhes o segredo: foram tratar-se nas águas sulfúreas das termas de Araxá. Esse maravilhoso tratamento de beleza, até há pouco reservado a uma pequena elite, agora chega até você sob a forma de CREME SULFUROSO, em potes. No momento mesmo em que você o aplica, o seu rosto ganha o aspecto dos 18 anos. E estu-
pendo, maravilhoso!

Este não é um produto químico nascido simplesmente nos laboratórios: O CREME SULFUROSO surge da natureza, nas fontes famosas de Araxá, em águas examinadas e aprovadas pelas maiores autoridades médicas do mundo. Por isso, você pode aplicá-lo com absoluta confiança.



Araxá é a maior estância hidromineral do continente. Neste conjunto termal, as mulheres mais belas do mundo vêm tratar-se com as águas sulfúreas - que, agora, sob a forma de MARAVILHOSO CREME você pode receber em sua casa pelo Correio

Use o CREME SULFUROSO e depois visite Araxá para ver com os seus próprios olhos a fonte que lhe devolveu a juventude.

Peça hoje mesmo para nosso distribuidor exclusivo:

INTERPOST - INTERCÂMBIO POSTAL BRASILEIRO

Caixa Postal n.º 2424 - Rio de Janeiro

Desejo receber pelo reembolso postal pote(s) do CREME SULFUROSO DE ARAXÁ, ao preço de Cr\$ 590,00 o pote.

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ Estado _____

Cep. _____

Assinatura _____

(Se Você anexar ao pedido cheque ou vale postal pagável no Rio, receberá grátis um sabonete de lama sulfúrea)

Em "Relações Neuróticas no Casamento", um estudo de Ashley Montagu e outros 24 especialistas em psicanálise, psicologia, sociologia e antropologia, são debatidas as áreas-problemas do matrimônio moderno. Logo no princípio, a gente leva um susto com a explicação: "O conceito de relações neuróticas é muito bem ilustrado na fábula de Schopenhauer sobre os porcos-espinhos que se aconchegavam para se aquecer, mas eram repelidos pelas picadas que recebiam uns dos outros. Cada vez que a necessidade de calor os unia, sua mútua irritação começava. E assim os porcos-espinhos continuamente se atraíam uns aos outros e eram forçados a se distanciar por causa de sua condição física. De modo semelhante, as reações emocionais dos seres humanos se intensificam pela intimidade e influência recíprocas, de tal forma que o intercâmbio do casamento tende a complicar, antes de resolver os problemas emocionais do indivíduo".

As investigações levadas a efeito pelos especialistas do "Psychiatric Forum Group of New York", todos figuras eminentes em suas áreas de estudo, incluem pessoas com diversos tipos de conduta e desordens conjugais. Tudo aquilo que a gente pensa que só acontece com a gente e que às vezes não se ousa contar à melhor amiga e se recusa a dizer até em terapia tais como a ansiedade perante determinados fatos que os outros, achamos, tiram de letra, os afastamentos defensivos, as mudanças de comportamento, etc e tal, acontecem com todos os casamentos em todos os lugares do mundo. Dizem os doutores que quando o problema assume proporções que levam à deteriorização da relação, não há saída. Quando existe o estado crônico de divórcio emocional, a não ser que sejam mostrados aos pacientes as interações neuróticas, eles são conduzidos à separação real ou ao divórcio, inevitavelmente.

O Grupo faz parte da Federação Mundial para a Saúde Mental (World Federation for Mental Health), que organiza uma série de trabalhos a fim de descobrir e diagnosticar a tempo a causa de tantos divórcios, contribuindo para um estudo completo sobre a família contemporânea. As agências familiares nos Estados Unidos são bastante difundidas e tratam dos casos em três etapas: diagnóstico, prognóstico e o tratamento propriamente dito. O incrível é que da mesma forma que o "sutil jogo das emoções inconscientes na interação conjugal pode ao mesmo tempo romper com um casamento considerado normal, como também pode perpetuar neuroticamente um casamento infeliz".

Analisando em outro capítulo o casamento sob o aspecto cultural, Ashley Montagu diz que "o estudo do comportamento humano não nos deve impedir de reconhecer que o matrimônio



envolve em si não só os participantes individuais mas também a sociedade e a cultura de que provêm os indivíduos e nas quais o matrimônio se situa". Assinala que uma das características mais chocantes do matrimônio em nossa cultura talvez seja o fato de se basear nos conceitos de amor romântico, isto é, numa idealização total da pessoa amada, muito mais por parte da mulher do que do homem. Diz ele: "Depois do casamento, o homem, uma vez que nunca se deixou condicionar culturalmente pelo amor romântico, não pode manter este papel, e a desilusão da mulher, diante de tal mudança do comportamento masculino, torna-se uma das fontes do descontentamento conjugal". O que é uma grande verdade: nós, mulheres, temos a tendência de desistir de tudo perante a oportunidade de viver um grande amor e, claro, a sociedade e o próprio homem alimentam este papel. O resultado é que depois de instalada a ligação permanente, de uma maneira ou de outra o homem continua a viver e nós nos tornamos parasitas carentes de atenção.

Por outro lado, como em nossa sociedade e cultura atuais, os papéis dentro do casamento sofrem uma total ambivalência, pois tantos os homens como as mulheres são criados como se tivessem oportunidades iguais de trabalho e de realização — o que só acontece na teoria, e não na prática —, resulta daí que a mulher se sente frustrada em suas aspirações pessoais. O homem, o marido, é condicionado a seguir livremente sua carreira. Ora, a "masculinização" das mulheres, a correspondente "feminização" dos homens (diz Montagu), atuando por um lado, e a ativação da inveja e da hostilidade por outro, são clinicamente relacionados com muitos problemas de discórdia conjugal.

É aquele velho papo: se o homem depois do casamento continua a manter seus níveis de relacionamento profissionais e pessoais fora do âmbito da vida familiar, a mulher, em sua imensa maioria, restringe-se às chamadas prendas domésticas, criando uma barreira para a comunicação entre os dois. E, se por acaso, ela consegue reagir e continua a manter suas atividades, a própria cultura em que foi criada, as heranças e a hereditariedade, fazem com que ela se sinta culpada em relação aos filhos e ao marido.

Outro fator citado como discórdia conjugal pelo autor é o casamento realizado com pessoas diferentes aos meios de origem, isto é, o que ele chama de casamentos com parceiros de fora do grupo regional, étnico ou racial, ou aqueles que funcionam apenas como um desafio à autoridade dos pais ou grupos de parentes. O que, em sua opinião, é muito fácil de entender o porque da desintegração: insubmissões ao meio, a relação mesmo que homologada perde a sua estabilidade. E ainda que os parceiros reajam, motivados pelo seu ideal de amor romântico, as divergências comuns, tanto herdadas como individuais, aparecem como um fator preponderante nas dificuldades. E cada um passa a se justificar como pode ou como foi educado.

A bem da verdade, temos que reconhecer que nunca foi tão difícil manter um casamento, uma relação equilibrada. Incapazes de desejar um amor que não seja romântico, sentimos no casamento como é difícil manter este romantismo e, se nesta hora, não houver um grande lastro de amor e de estabilidade que justifique a relação, aliados a uma grande cumplicidade e companheirismo, melhor mesmo é que cada um siga o seu caminho. Do contrário, é só neurose mesmo...

LIVROS

É uma boa ocasião de recordar, com o livro de Duque-Costa, O LIVRO POÉTICO DE DUQUE-COSTA. O simbolismo, aquele movimento literário e artístico que descobriu a metáfora como célula da poesia, usando processos indiretos e associações de idéias, representadas por símbolos. Foi um movimento que situou o valor da obra de arte não na tradução fiel da realidade, mas na combinação de sentimentos e pensamentos, de figuras e formas regidas por leis próprias. Surgiu na França em 1885. Espa-

Quem se lembra do Simbolismo?

lhou-se pelo mundo. Mallarmé. Oscar Wilde. Rubem Dario. No Brasil, Cruz e Souza, e mais adiante Duque-Costa que nos anos 1912/1920 foi um dos poetas mais discutidos no Brasil. Não permitiu que se publicasse sua obra completa, e só agora, depois de muitas pesquisas, é que seu filho, o deputado Paulo Duque, conseguiu juntar parte da produção. Junto com a obra vem um excelente ensaio

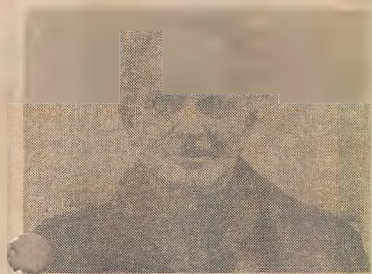
crítico literário da prof. Consuelo Albergaria onde ela desvenda os mecanismos inconscientes do poema "Antifauno". Recomenda-se a leitura do livro e do ensaio como "hora da saúde" ou visão de um tempo que passou. Também, e principalmente, os estudantes de letras. O LIVRO POÉTICO DE DUQUE-COSTA, poesias e ensaios críticos, 148 páginas, edição de Paulo Duque.



Duque-Costa

MÁRIO MOREL

Um poeta religioso que se chama Lauro



D. Marcos

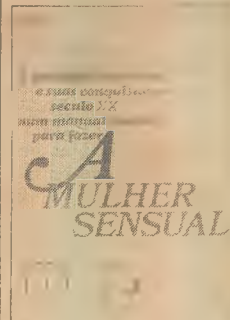
É quase certo que ninguém saiba quem é Lauro de Araújo Barbosa. Mas se dissermos que é D. Marcos Barbosa, da Academia de Letras, aquele que desde 1959 mantém um programa na Rádio Jornal do Brasil — "Encontro Marcado" — que vai ao ar duas vezes por dia, aí todo mundo vai se lembrar. Sem falsa modestia, com simplicidade e bom humor, ele fala do poeta-religioso e do religioso-poeta:

— Alguns dos nossos melhores poetas têm publicado à parte os seus poemas de ocasião. Os meus (e toda a minha obra, se o nome não é pomposo demais), foram sempre desse tipo, como convém a quem preferiu o serviço de Deus ao das letras. Mesmo o que não foi escrito, para determinadas circunstâncias, foi escrito a pedido. O que vem provar que a ocasião não faz apenas o ladrão, mas também o poeta, se há poesia aqui.

D. Marcos, que nasceu a 12 de setembro de 1915, na cidade de Cristina, Sul de Minas, matriculou-se em 1934 na Faculdade Nacional de Direito, no Rio, tendo participado da Ação Universitária Católica e do Centro Dom Vital, quando travou conhecimento com Alceu do Amoroso Lima, de quem se tornou secretário particular. Na mesma época entrou em contato com o Mosteiro de São Bento, onde ingressou em 1940 interrompendo o Curso de Letras Clássicas que começara ao terminar o de Direito.

— Poemas de ocasião, escritos de um jato, e logo entregues ao seu destino ou destinatário. Não digo isso para desculpar-lhes a provável indigência, pois sabemos que, em arte, o tempo, o esforço e as intenções não contam, mas apenas o resultado, a obra. Quero, porém, mostrar que não se trata de um livro, mas de produções esparsas, sendo as três primeiras anteriores ao meu ingresso na vida monástica e publicadas com o meu nome antigo: Lauro de Araújo Barbosa. O título da coleção é inspirado no título de um dos poemas: "O Reino de Deus". Pois não se constrói o Reino de Deus de todas essas coisas humildes que aqui celebramos: mortes, aniversários, noivados e uma flor que se abre no tanque?

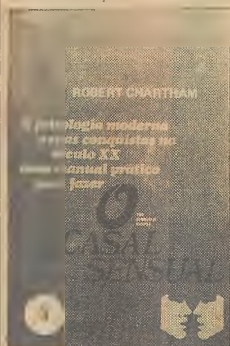
POEMAS DO REINO DE DEUS, D. Marcos Barbosa, Editora José Olympio, 192 páginas, Cr\$ 220,00, poesias.



A MULHER SENSUAL — J. J. — "As mulheres, como a água, se excitam pouco a pouco por uma ação persistente. Suas paixões, também como a água, se extinguem aos poucos. Quão depressa se apaga o fogo do homem, e quanto tempo antes da água ferver..." Cr\$ 280,00



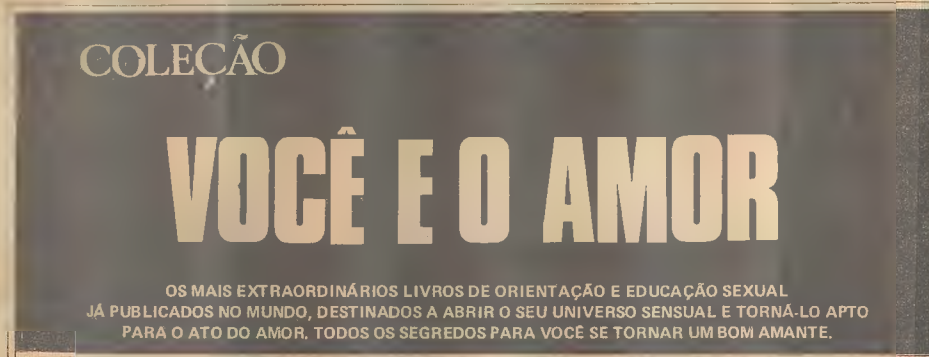
O HOMEM SENSUAL — J. J. — Cr\$ 280,00



O CASAL SENSUAL — Robert Chartam — As pequenas coisas que podem dar maior prazer e alegria ao seu relacionamento sexual. Como tirar proveito de tudo que você já sabia sobre o sexo. Enfim o que um homem e uma mulher devem conhecer para se tornarem um casal sensual. — Cr\$ 280,00



GUIA DAS CARÍCIAS — Pierre Valinief — Um livro que expõe, ensina e analisa toda a ciência das carícias amorosas, objetivando a satisfação sexual completa do casal. Livro precioso, contendo todos os detalhes da ciência e das carícias — Cr\$ 280,00



COLEÇÃO

VOCÊ E O AMOR

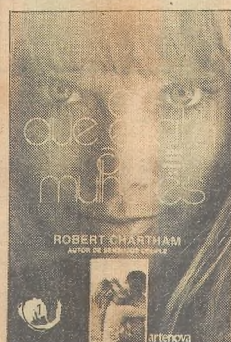
OS MAIS EXTRAORDINÁRIOS LIVROS DE ORIENTAÇÃO E EDUCAÇÃO SEXUAL JÁ PUBLICADOS NO MUNDO, DESTINADOS A ABRIR O SEU UNIVERSO SENSUAL E TORNÁ-LO APTO PARA O ATO DO AMOR. TODOS OS SEGREDOS PARA VOCÊ SE TORNAR UM BOM AMANTE.



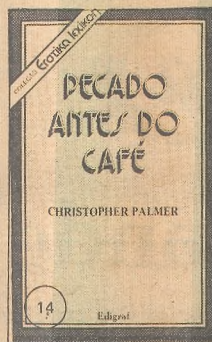
O JARDIM DAS CARÍCIAS — Franz Toussaint — O mais célebre e o mais clássico livro do erotismo árabe. Uma obra que atravessou os séculos com o seu perene lirismo erótico — Cr\$ 215,00



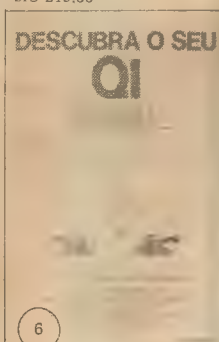
AMOR EM GRUPO — Gilbert D. Bartell — O testemunho visual de um cientista sobre o amor grupal praticado por casais da classe média. Todas as transas do swinging. — Cr\$ 280,00



O QUE EXCITA AS MULHERES — Robert Chartam — Protegidas pelo anonimato, mulheres de todas as idades e classes sociais ousam revelar suas mais secretas fantasias e seus desejos mais íntimos, enfim, seus segredos mais ocultos revelando uma nova faceta da sexualidade feminina. — Cr\$ 235,00



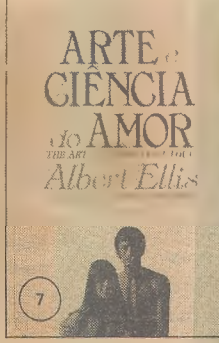
PECADO ANTES DO CAFÉ — Christopher Palmer — Cr\$ 225,00



DESCUBRA O SEU QI — Larry Schwab e Karen Markham — Cinco testes aplicados por você mesmo para avaliação real do QI sexual, ou seja, de sua capacidade de transar, de conquistar e ser conquistado. — Cr\$ 210,00



AS GAROTAS QUE DIZEM SIM — Edward Thorne — Este livro é o resultado final de milhares de entrevistas realizadas com jovens entre 16 e 24 anos. Estudando-as, o autor desvenda as personalidades reais que se ocultam por trás da fachada de uma sociedade permissiva. — Cr\$ 250,00



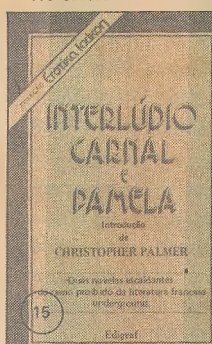
ARTE E CIÊNCIA DO AMOR — Albert Ellis — Uma visão liberal e lúcida do relacionamento a dois. É um livro básico para compreensão do fenômeno de adaptação do homem à sua realidade sexual. O autor propõe uma descoberta, através da auto-experiência, de um relacionamento sexual criativo, que é direito de todo ser humano. — Cr\$ 280,00



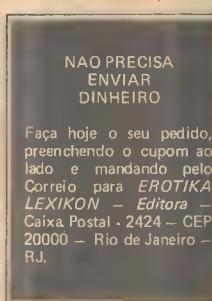
O ABZ DO AMOR — Inge & Sten Hegeler — Um livro que trata com franqueza completa as questões do amor e das relações sexuais tão frequentes em nossos dias. Já foi lido por mais de um milhão de pessoas. Esta é a edição completa e integral da obra. — Cr\$ 390,00



O CASAL — Sr. e Sra. Patrick Talbot — O perfil apaixonante e inteiramente verídico da experiência de reeducação sexual de um casal. Uma lição para os demais casais que anseiam pela renovação de seu relacionamento. — Cr\$ 280,00



INTERLÚDIO CARNAL E PAMELA — Introdução de Christopher Palmer — Da coleção secreta de um connoisseur da literatura erótica francesa, duas novelas apaixonadas de sexo, com todas as suas manifestações tortuosas! "Interlúdio Carnal" e "Pamela", duas histórias que você não vai esquecer. — Cr\$ 250,00



SEXO PARA JOVENS E ADULTOS — Robert Chartam — Usando a técnica de perguntas e respostas, o autor, um dos maiores sexólogos da atualidade, aborda os mais diferentes aspectos da sexualidade e tira todas as dúvidas que possam impedir um perfeito relacionamento a dois. — Cr\$ 250,00

À EROTIKA LEXIKON Editora — CEP - 20000 — Caixa Postal - 2424 — Rio de Janeiro — RJ

Nome _____

End. _____

Tel. _____

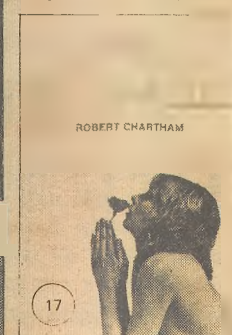
Bairro _____

Assinatura _____

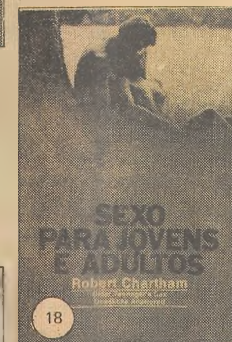
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18



SEXO PARA JOVENS E ADULTOS — Robert Chartam — A nova atitude das mulheres em relação ao sexo. O sexo como a mais completa e gratificante de todas as experiências físicas. O amor físico como expressão do amor emocional, num livro real e autêntico. — Cr\$ 225,00



SEXO PARA JOVENS E ADULTOS — Robert Chartam — Examinando detalhadamente o comportamento dos jovens, encoraja os amantes em potencial a se orgulharem de seus dotes naturais e a adotarem uma atitude despitida de preconceitos e condicionamentos anteriores. — Cr\$ 250,00



SEXO PARA JOVENS E ADULTOS — Robert Chartam — Usando a técnica de perguntas e respostas, o autor, um dos maiores sexólogos da atualidade, aborda os mais diferentes aspectos da sexualidade e tira todas as dúvidas que possam impedir um perfeito relacionamento a dois. — Cr\$ 250,00

MISTER ECO

A nudez de Vera Fischer

Para uma cena de "Plantão de Polícia", Vera Fischer deveria sugerir ao espectador que estava nua. No vídeo, a câmara focalizou os ombros desnudos da atriz e, após, as pernas, também desnudas. Mas, nos estúdios da Globo, a coisa foi bem diferente. Vera Fischer ficou mesmo inteiramente nua diante dos técnicos embasbacados com sua plástica admirável, e dançando "discothèque", para depois abraçar e beijar sofregamente o ator Marcos Paulo. A cena, assim gravada, saiu dos estúdios da Globo e está sendo uma das maiores atrações dos possuidores de vídeo-cassete no Rio, onde cópias e mais cópias são reproduzidas e vendidas a preços altíssimos



Quem pode, pode. Vera Fischer nua ao alcance de quem tem vídeo-cassete

Critica

A grande ensebação

Fatores vários poderiam ser considerados, não para justificar porque importaria em deslustramento do decantado padrão Globo de qualidade, mas para explicar a choccice e o vazio em que se transformou o final da novela "Água Viva", sem dúvida um dos maiores índices de audiência da televisão brasileira, nestes últimos tempos.

Novela de televisão, como se sabe, é escrita de acordo com a resposta do público espectador. Se determinada situação agrada, ela é explorada até virar bagaço. Em contrário, dilui-se o seu conteúdo — às vezes tem — podendo também ser a mesma eliminada, totalmente, do chamado contexto.

Com essa liberdade de manuseio, como se o autor brincasse de mamulengo, pode ele dispor, a seu bel prazer ou atendendo a injunções de bastidores, de todos os personagens, assim como submeter a novela a um processo de esticamento ou reduzir drasticamente os seus capítulos.

No caso de "Água Viva", tudo faz crer que houve esticamento dos seus capítulos, possivelmente para que se aguardasse a elaboração da novela que a substituirá no horário. Como tal, e em princípio, "Água Viva" foi transformada num caso policial que, se inserido em "Plantão Policial", da mesma Rede, seria resolvido em 45 minutos, com louvores para Waldomiro Pena. Mas, em "Água Viva", a morte de Miguel Fragonard se fez em ensebação de muitos e muitos capítulos.

Artistas de valor, de cambulhada com refinados canastrões, entre os quais despontou a figura da heroína, limitadíssima em suas possibilidades hístriônicas mas falando com voz de boi e julgando que ser charmosa é tatibitatear palavras (viúva era fiufa; dia-dia era tia-a-tia; já era xá, e assim por diante) — esses artistas suportaram estoicamente, justiça lhes seja feita, a ensebação irritante de um jogo de desconfianças, tão-somente.

Importante era aumentar-se o número de capítulos. E como ao autor, a meio do caminho, já haviam faltado engenho e arte para prosseguir escrevendo a novela, tendo que se valer da ajuda de outro noveleiro, a coisa virou um amontoado de cenas repetidas nas quais cada personagem era um falso detetive, obviamente dando foras terríveis em suas pretensas pistas. Ninguém se lembrou, para desvendar o mistério da morte de Miguel Fragonard, que no elenco se encontrava o José Lewgoy, tradicional e desmunhecante bandido do cinema nacional...

E como tônica de se escrever novelas para a televisão exige que sejam criadas diversas situações paralelas, o capítulo final de "Água Viva", repetido no dia seguinte para não fugir à costumeira masturbação cênico-televisiva, foi a apoteose da ensebação, pois havia necessidade de se resolver a situação de casais até então indefinidos ou em franco conflito. E foi aquele desfilar de mútua e prolongada sucção bucal, Marciano com Irene, Marcos com Janete, Bruno com Sandra, Nelson com Lígia — por aí, Márcia jogando fora todo um bom trabalho no ridículo da revelação de sua sonhada gravidez, e Evaldo, mais ridículo ainda, numa batina surrada de falso monsenhor, qual personagem egresso de uma das histórias do Dias Gomes para "O Bem Amado".

Gilberto Braga, o autor de "Água Viva", deve ter ficado deslumbrado com o êxito de audiência obtido pela sua novela. E não resistiu. Na platéia do teatro onde se dava a estréia de Stella Simpson, sempre Tônia Carrero, ele lá estava focalizado a todo instante pelas câmaras da Globo, qual Hitchcock tupiniquim porque muito semostradeiro, ao contrário do mestre do "suspense" cinematográfico, cujas aparições em suas próprias películas eram ultra-rápidas e anônimas.

Alfred Hitchcock e Gilberto Braga. Convenhamos.

estas cã me ficaram



Chacrinha não devia meter-se na abertura sexual dos outros...

De Carlos Eduardo Novaes, autor da novela "Chega Mais", explicando por que colocou peruca longa, óculos escuros e botas de salto alto no personagem Amaro:

No caso de Amaro, ele está consciente do tipo de manipulação que está sofrendo mas espera poder manter essa consciência.

A verdade é que, não contente em ter feito do baiano Amaro um débil mental, Novaes agora o transforma em xibungo.

O-O-O

De uma certa senhora Liba Frydman, informando de São Paulo:

Maurice Capovilla voltou a fixar residência no Rio, junto com sua mulher, a jornalista e atriz Jalusa Barcellos.

Notícia seria, dona Frydman, se o Capovilla viesse morar com a mulher alheia.

O-O-O



De Regina Duarte, espera-se que diga as coisas que teria a dizer

De Ronaldo Bôscoli, técnico em armações:

Num "show" armado — e muito bem — meio de improviso Baden Powell mostra no palco do Teatro Clara Nunes seu maior momento como intérprete e autor. Fisicamente no auge da forma, Badeco prova no palco que realmente é o maior violonista popular do mundo.

Se o Badeco, Bôscoli, se encontra em tão invejável forma física, poderia ter ido a Moscou tentar uma medalhazinha pra gente. Mas, já que se encontra no Clara Nunes, deveria tocar mais, que é o seu forte (música erudita ou popular) e cantar menos, que é o seu fraco.

O-O-O

De Hildegard Angel, noticiária de acontecimentos exclusivos da Globo (favoráveis):

Foi o maior rebu a gravação de "Água Viva" feita no Teatro Mairon de France, onde Tônia Carrero está apresentando a peça "Teu Nome é Mulher". Para a gravação foram convidadas pessoas da sociedade carioca que compareceram elegantemente trajadas (todos tinham que estar de "black-tie"). A confusão se deu porque os ingressos para o espetáculo foram vendidos normalmente e o público pagante queria sentar em seus lugares, já ocupados pelos convidados.

Onde você escreveu rebu, Hilde, deveria ter escrito falta de respeito, acinte, deboche e que tais, pois quem pagou trezentos cruzeiros por uma poltrona numerada para assistir a um espetáculo de teatro, teve o seu lugar usurpado pela Globo, que se julga dona do mundo. Se eu estivesse lá, dava tiro.

De Abelardo Barbosa, o Chacrinha, casto e puro:

A abertura sexual está cada vez mais ampla, geral e irrestrita. O negócio agora é fazer filmes de pornochanchadas e novelas televisivas bem apimentadas. Nos jornais e nas fachadas dos cinemas, o cara fica completamente tonto de ver tanta mulher nua, vista por vários ângulos e por todos os lados. O pior de tudo isso é que a criança...

Chacra: quem coloca criança no programa para imitar a Gretchen e mostra chacetes num ângulo só, que é aquele de esfregar o bum-bum no vídeo da gente, não é, decididamente, um defensor da nossa moral e dos nossos costumes. Quem tem telhado de vidro não se deve meter na abertura sexual dos outros, né?

O-O-O

E eis que aqui está o nosso Montalvão, brilhante como sempre, dando mais uma de crítico teatral: Rosamaria Murtinho sai de cartaz com a peça "Araceli" e ataca na produção de "Blue Jeans" com o adjetivo de UMA PEÇA SÓRDIDA. O elenco, que tem, entre outros, o ator Miguel Carrano, já está em fase de ensaios. Tive oportunidade de ler o texto e de saída gostei demais. São personagens só de homens que falam da prostituição masculina.

Agora, por favor, escrevam para esta redação respondendo à seguinte pergunta: tenho ou não motivo para, toda vez que me refiro ao Mauro Montalvão, usar o "adjetivo" MEU JORNALISTA DE CABECEIRA?

O-O-O

De Babi Castro, pedindo socorro para Martinho da Vila:

Martinho da Vila está precisando do apoio moral dos amigos e admiradores. Não é nada disso, Bárbara. O Martinho da Vila é tão impaciente que os médicos tiveram que submetê-lo a sonoterapia durante trinta dias, numa casa de saúde do Rio. Caso contrário, ele voltava para o botequim.

O-O-O



Wanderléa afinal foi "taxada" ou tachada de louca?

De uma reportagem de Luís Carlos de Assis:

Wanderléa começou a ter problemas com a indústria fonográfica que, por ser ela uma grande vendedora de discos, cerca de 400 mil para cada lançamento, foi taxada de louca por jogar toda essa popularidade pela janela, ao tentar fazer um trabalho mais elaborado.

Seu Assis, seu Assis! Se vosmecê descobriu que a Wanderléa vende 400 mil cópias de cada disco (onde vosmecê descobriu isso?) e joga tudo fora, merece perfeitamente pagar a "taxa". De quanto foi?

SONATA EM DOR MAIOR

*Bergnan visto por
Barreto Neto*

• • •

O sentimento sonoro

*Abordagem de Walter Galvão
sobre a música paraibana, hoje*

• • •

Poesia:

*Marcos Tavares
Aristides Klafke*

• • •

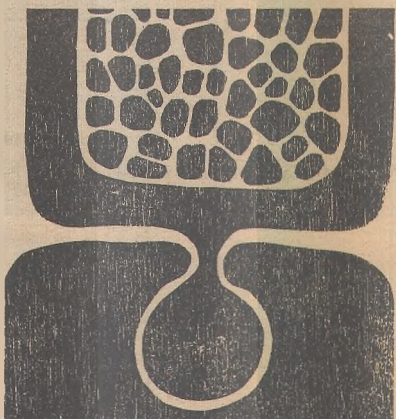
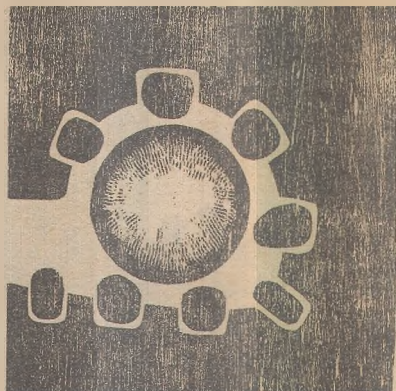
FICÇÃO:

*Newton Madruga
Elzo Franca*

• • •

INGÁ

Xilogravuras de Unhandejara



QUE ESCURIDÃO É ESSA?

SERÁ O FIM DO CORDEL?

*Sérgio de Castro
Pinto entrevista
o último dos im-
pressores de
Cordel na Parai-
ba.*

(Pags. 12 e 13)



O I FUMAP NÃO É MOLEZA

Arlindo Almeida

Como se estivéssemos em plena ditadura, sob a batuta do AI-5, os melodiosos universitários da Universidade Autônoma e sobretudo aqueles que comandam a massa - os diretores do DCE - andam, digamos, um pouquinho desinformados ou, em último caso, o medo ainda habita as paredes sábias do IPE. Certamente e muito certamente os ventos liberais que, no momento, sopram em direção ao Sul do Equador não atingiram aquela parte da cidade de Filipéa de Nossa Senhora das Neves.

Os dirigentes do destemido Diretório Central dos Estudantes resolveram promover o Primeiro Festival Universitário de Música Amadora (?) na Paraíba com um regulamento já considerado exdrúxulo pelos moderados e fascista pelos radicais. Acontece que o desditoso regulamento, num lance infeliz, lembra os negros anos da ditadura e da repressão cultural que estávamos metidos até bem pouco tempo. Simplesmente o redator do documento escreveu esta bela coisa: "Ficam os participantes proibidos de comentários ou atitudes similares, quando de sua estadia no palco, correndo o risco, de com esta atitude,

desclassificar a composição".

Como se não bastasse os alunos do padre Trigueiro escreveram esta pérola: "Se por quaisquer motivos - mesmo alheios à sua vontade - o participante omitir ou acrescentar palavras na letra da composição, diferenciando-a da que está nas mãos dos jurados (e que foi entregue à Comissão Organizadora), esta será uma atitude que poderá ou não desclassificar a música".

Este abominável exercício de repressão e obscurantismo é lamentável sob todos os aspectos. Pelo simples fato mesmo de o regulamento inibir, de saída, o criador musical, já que deverá postar-se diante do público que nem uma estátua. Na verdade, esse documento horroroso mais parece um regulamento policial disciplinando a participação dos concorrentes no I Fumap - a sigla do festival.

Para os organizadores desse festival, o intérprete não poderá falar, pular, rir, gritar. Não será permitido fazer nenhum tipo de comentário, pois o regulamento é severo: o participante cai fora da competição. Dependendo do humor do(s) jurado(s) esta ou aquela música poderá ser desclassificada, pois uma

simples careta pode tirar o participante da jogada. Assim, o concorrente ao Primeiro Festival Universitário de Música Amadora na Paraíba não vão se atrever a perguntar se o som está perfeito. Sim, porque até no Ahembi, em São Paulo, o som pifou e Ziraldo disse isso e aquilo quando jogaram ovo podre em seu rosto, via embratel. Espanta o timbre repressivo e sisudo desse regulamento, pois ele desrespeita a priori o participante e sua criação musical. Vejam: música instrumental não vale, quer dizer, música instrumental não é música. Os zelosos rapazes do DCE, provavelmente preocupados com a moral e os bons costumes, não tiveram dúvidas em apalacar o carimbo de proibido às atitudes e gestos mais ousados, como se pudessem medir objetivamente os sentimentos das pessoas, do público. Peco encarecidamente aos tuturos organizadores de festivais que fujam dessa miopia política porque, do contrário, vamos desgracidamente cair noutra feroz ditadura.

Que os anjos não digam amém.

NESTE NÚMERO

Ao invés de se restringir tão-somente ao âmbito da literatura, O Correio das Artes se prestará também à veiculação de outras formas de expressão artística. E tanto será assim que, a partir deste número, este suplemento já publica um ensaio fotográfico de Gustavo Moura com apresentação de Pedro Osmar - "Que Escuridão é Essa?" - e, ao mesmo tempo, uma série de xilogravuras de Unhandejara Lisboa - "Ingá" - cuja apresentação coube ao artista plástico Raul Córdula Filho.

Ainda neste número, uma entrevista com José Alves Pontes, talvez o único sobrevivente na Paraíba de uma profissão que tende a se extinguir: a de editor de cordel.

A poesia, por sua vez, está presente através de Marcos Tavares e Aristides Klafke, o primeiro se apropriando de um discurso cujo tônus é a incorporação de um vocabulário até bem pouco tempo atrás omitido do contexto das vanguardas, enquanto que o segundo faz do tempo presente a matéria de sua poesia.

Walter Galvão e Barreto Neto escrevem, respectivamente, sobre música e cinema. Também Arlindo Almeida discorre sobre música, mais particularmente a respeito do regulamento do I FUMAP (Festival Universitário de Música Amadora da Paraíba) cujos itens, segundo o articulista, estão a indicar uma postura até certo ponto repressora daqueles que elaboraram o aludido regulamento.

Elzo Franca, recentemente premiado em concurso de peças teatrais promovido pela Secretaria de Educação e Cultura, estréia na prosa de ficção com o conto "Acorrentação", ao passo que Newton Madruga apreende um nordeste mítico e místico através da narrativa de "O Trono da Rainha".

Por último, O Correio das Artes divulga o regulamento do concurso para romance, contos, poemas, ensaios e literatura infanto-juvenil promovido pela União Brasileira de Escritores, além de publicar uma resenha sobre livros e uma notícia sobre o V Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literária a ser realizado no mês de setembro em Campina Grande.

O EDITOR.

Correio das Artes

(Suplemento de A UNIÃO)

EDITOR

Sérgio de Castro Pinto

SUPERVISOR

Agnaldo Almeida

CONSELHO CONSULTIVO

Gonzaga Rodrigues

Antônio Barreto Neto

Arlindo Almeida

Walter Galvão

Vilson Brunel Meller

Sérgio de Castro Pinto

Os conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

Os originais de matérias não publicadas, mesmo quando solicitadas pela Editoria, não serão devolvidos.

Toda correspondência referente à editoria (cartas, colaborações, revistas e livros para registros) deve ser enviada à Rua Desembargador José Peregrino, 321, João Pessoa/Paraíba.

A correspondência referente a vendas, assinaturas e publicidade deve ser enviada para A UNIÃO Companhia Editora, Distrito Industrial, km 3 da BR-101, João Pessoa/Paraíba.

Assinatura anual
Paraíba
Cr\$ 150,00
Outros Estados
Cr\$ 200,00

BANCO DE PEÇAS
DO AUTOR NORDESTINO - BPAN
DEPARTAMENTO DE ARTES
E COMUNICAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
LETRAS E ARTES
CAMPUS UNIVERSITÁRIO
JOÃO PESSOA - Pb
CEP: 58.000

PEÇAS TEATRAIS
LANÇADAS PELO BPAN

A Noite de Matias Flores, de Severino Marcos Tavares. Em cinco quadros. Referência 0001 - Preço: Cr\$ 50,00.

A Pedra Misteriosa Que Destruíu Hiroxima ou Columbita Pavão, de Alarico Correia Neto. Em três atos. Prêmio "Universidade Federal da Bahia" 1977. Referência 0002 - Preço: Cr\$ 70,00.

As Quixotescas Aventuras de Lampião e Beija-Flor ou Lampião, O rei do Cangão, de José Bezerra Filho. Em um prólogo e um ato. Prêmio Nacional: 1º Lugar no I Concurso de Dramaturgia do Distrito Federal - 1978. Referência 0003 - Preço: Cr\$ 50,00 (Primeira edição esgotada).

Boca do Inferno, de Marcus Vinícius de Andrade. Em dois atos. 1º Lugar no Concurso do Serviço Nacional de Teatro 1977. Referência 0004 - Preço: Cr\$ 100,00.

Brefaias, de Aglaé Fontes de Alencar. Em um ato. Referência 0005 - Preço: Cr\$ 50,00.

Viva Nau Catarineta, de Altamar de Alencar Pimentel. Em um ato. Referência 0006 Preço: Cr\$ 50,00.

Correio das Artes

SONATA EM DOR MAIOR
Bergman visto por Barreto Neto

O sentimento sonoro
Apresentação de Walter Galvão sobre a música paraibana, hoje

Poesia:
Marcos Tavares
Aristides Klafke

FICÇÃO:
Newton Madruga
Elzo Franca

INGÁ
Xilogravuras de Unhandejara

SERÁ O FIM DO CORDEL?
Sérgio de Castro Pinto entrevista o último dos impressores de Cordel na Paraíba.
(Página 12 e 13)

Capa: Ensaio fotográfico de Gustavo Moura.



O SENTIMENTO SONORO

Indagações sobre a música paraibana, hoje

WALTER GALVÃO

Glauber Rocha habita o ventre da criação. Está visceralmente ligado ao novo e a ele cabe o direito de transigir na arte e na vida por ser monge e, como tal, ter o poder de pintar uma época em que as contradições surjam só para alimentar o debate. É o pêao polêmico como o s^o Genival Lacerda, Elomar, Garincha, máquinas alimentadas pelo combustível da genialidade. Não é bom esquecer Gabeira, Maciel, Zezé Mota, Elba Ramalho, Pedro Osmar, Gil, e toda uma tribo que compõe um registro assombroso da nossa cultura contemporânea, barcos filosóficos acalentados pelo amor de criar e reivindicar liberdade em nosso mar onde só a certeza da dúvida é tangível.

Porque iniciar uma balada sobre a composição paraibana de hoje por esse labiríntico caminho de interrogações febris e afirmações incertas? Nós temos a necessidade da intransigência histórica para registrar a evolução cultural. Isso, um caçoete esquerdista da busca revolucionária em cada passo dado pelos que estão à nossa volta. O julgamento solitário tem um tique contrarrevolucionário. O poder corrompe. Mas há também a responsabilidade para com a liberdade. Você deve fugir do maniqueísmo para pensar de maneira mais sadia; pode também adotar o maniqueísmo para verificar a obra de arte: há a que atenta contra a liberdade e que não. Há alguma posição a assumir depois desta constatação? Somos atropelados pela história quando nos acredi-

tamos novos. Qual seria a verdadeira herança do artista? O que representa a música paraibana hoje, quando a MPB está bombardeada pela ação nefanda da indústria? E porque não a indústria cultural? Não seríamos nós hoje meros apelidos de homem? Resta o que, qual sentimento a inventariar? Komeini recusa a música popular; o Brasil de hoje canta, unido, a música de um paraibano, Luiz Ramalho, vomitada por uma voz cearense; Nordeste de repente; no começo e no fim, o celeiro da Música Popular Brasileira.

Glauber Rocha transige ao dizer que Nelson Motta só escreve sobre o que ama. Indica essa posição como a única correta. Glauber, ele próprio, só filma aquilo que ama? A música paraibana só canta o que ama? Esse artigo deve ser, obrigatoriamente uma declaração de amor aos menestréis da terra? Eis o ponto nevrálgico da questão.

A música nordestina já imprimiu sua marca indelével na MPB. É uma bateria carregada, fonte de resistência. O que se faz hoje no Nordeste, a música nordestina contemporânea, significa pouco relacionado com o resto do Brasil. Mas o que nordestinos falam, em nome de música, no país, se transforma em lei. Hermetho Pascoal foi vaiado há poucos dias no festival de jazz do Rio de Janeiro. Por que? A sua expressão nordestina transcende, agora, a linguagem da vanguarda musical tradicional, para incluir, na sua expressão, novos elementos semân-

ticos, reflexos de impressões psíquicas que estão incrustadas nas aspirações da alma do Nordeste, no seu primitivismo libertário, não viciado e que insta o pensamento a uma dissolução de valores construídos para amordaçar o artista ou o não-artista dentro de uma escala de conceitos pré-determinada. Hermetho rompe com o positivismo do pensamento tradicional. Foi vaiado como foram dois nordestinos - Gilberto Gil e Caetano Veloso - os que promoveram o primeiro engajamento da música na crítica filosófica dos valores culturais brasileiros, há mais de dez anos, sob o vendaval da tropicália.

Voltemos à questão da resistência que a música nordestina oferece como elemento que busca uma personalidade própria para a expressão cultural brasileira.

Há uns cinco anos, Paulinho da Viola, entre outros guerrilheiros da MPB, revitalizaram o choro do gueto cultural em que tinha sido soterrado. Os jornais, a reboque, abriram espaços. Waldir Azevedo derramou um depoimento sobre o grande sufoco que os "chorões" passaram quando o americano venceu a guerra e, a partir de 1945, a música dos EUA investiu violentamente em nosso mercado estrangulando a atuação deles, desempregando os especialistas em Brasil.

Nesse mesmo ano, aporta nos cabarés das docas do Rio de Janeiro, Luiz Gonzaga um sanfoneiro nascido em Exú, Pernambuco, portando uma sanfona e um grande invento: o baião. O baião, som nordestino, veio

reforçar o cabo-de-guerra que sustentava (ou tentava) a barra da MPB, contribuindo de forma decisiva como uma alternativa para o ramerrão das *Big Bands*.

Um exemplo deslocado da nossa discussão de agora, mas que tem muito a ver com a representação do Nordeste na MPB. A xenofobia do Sudeste com relação ao NE está sendo bem caricaturada pelo cronista Carlos Eduardo Novais que, nas suas circunvoluções diárias para concluir capítulos da enfadonha telenovela *Chega Mais*, transormou um cantor baiano, de pretensões sérias num troço alcunhado *Ted Lover*, paladino da mediocridade e da burrice. Paulo César Pinheiro e João Nogueira, dois excelentes sambistas, também renegam o nordeste com a criação de um personagem, em um samba, *Ioiô*, criatura que teria que ser submissa à vontade carioca por ter saído da Bahia e feito sucesso no Rio. Isso, quando Caetano Veloso brigava com a imprensa por conta de questões sutis como as "patrulhas ideológicas".

A música paraibana neste momento, está sendo tocada de Norte a Sul.

Foi Deus Quem Fez Você, canção romântica do paraibano Luiz Ramalho, virou sucesso nacional na voz de Amelinha. Zé Ramalho balança os corpos dos brasileiros de todos os recantos com *Admirável Gado Novo*, Vital Farias fez a cabeça da imprensa, Elba Ramalho é a fada elétrica que mesmeriza os auditório com a sua sensualidade

agreste. Os paraibanos são um acento tônico na MPB mas, paradoxalmente, eles não existem como um conjunto quando a própria característica gregária do homem estimulária, normalmente, a formação de uma trincheira paraibana no Rio.

Talvez os nossos paraibanos pensem diferente e não estejam preocupados na transformação da realidade cultural, o pique revolucionário que moveu os baianos que nos cearenses foi infinitamente menor e que nos paraibanos é sentimento volátil como o perfume da rosa na noite.

Exigir uma posição revolucionário do grupo paraibano que está batalhando no sudeste pode exprimir uma alienação histórica, um embanamento ideológico, Chico Buarque, numa memorável entrevista a "O Globo" vaticinou que "a arte não faz revolução". Tá certo ele. Mas temos que admitir que ajuda um bocado. Se Geraldo Vandré, paraibano, foi amordaçado e reprimido pela ditadura militar brasileira, instalada em 1964, é porque, alquimista, havia transformado sua palavra musical em fuzil. E carregado. Porém o seu hino revolucionário serviu de saudação ao Papa Karol Wojtyla e reluz na televisão, hoje, como um inteligente anúncio dos sapatos vulcabrás.

Em uma das suas teses sobre Feuerbach, Marx se refere aos artistas: afirma, mas ou menos, que "os músicos nada têm feito além de interpretar o mundo de diferentes maneiras. Mas o que importa é ajudar a modificá-lo". Talvez nesse afirmação residam os germes que estimularam discussões sobre o engajamento artístico, "patrulhas" e "patrulheiros" e até mesmo de uma ridícula sessão de pugilato entre Zé Ramalho e Carlos Aranha.

A aparente dispersão (vale a pena notar que estou registrando uma realidade captada através de jornais e revista.

E admito réplicas) do grupo paraibano no Rio de Janeiro pode estar impregnada do medo de perder o que já foi conseguido até agora. Não se está a exigir que formem barricadas e atirem pedradas contra os integrantes corruptos do sistema. Se a história só se repete como farsa, também arremedar o grupo baiano seria uma incompetência metodológica.

Zé Ramalho, depois de muitas lutas na Paraíba, é um sucesso nacional e entrou para a história da MPB. É capítulo do livro *Nada Será Como Antes*, e integra uma antologia gravada por Carmem Costa, ao lado de Noel Rosa e Chico Buarque de Holanda.

Ramalho contribui de que maneira para a emancipação da cultura brasileira com a sua atuação de compositor? Pode-se identificar uma postura alienante quando ele afirma "povo marcado, povo feliz", se esquecendo que a repressão pode manter a massa sob os grilhões do autoritarismo mas que sempre há uma irresignação surda, uma influ-

dade perspassada pela necessidade de ser livre. Já na música *Ave de Prata*, interpretada brilhantemente por Elba Ramalho, há um ensaio místico sobre Deus e a criação que coloca Zé Ramalho em um nível analítico satisfatório dos conceitos de liberdade. Já em *Hino Amizade* ele tece louvores à colonização (não existem pedaços de terra que não queiram se colonizar) mais uma vez mostrando ter uma visão parcial, distorcida da história, admitindo a dominação como uma Boa saída, quando se sabe das atrocidades praticadas por todos os colonizadores, inclusive por nós mesmo, aqui na Paraíba reduzimos nossos índios a cachaceiros baús blenorragicos e decadentes.

Zé Ramalho, em *Avohai* destila um sentimento puro. Sua música, é, então, uma crônica apaixonada, uma paixão honesta, romântica, mas comum todos os sentimentos e todos os amores diante da imobilidade do tempo que assiste às nossas evoluções, aprendendo, amando e destruindo principalmente, agredindo sempre.

E errônea, então, a conclusão de alguns estudiosos que identificam Zé Ramalho como uma expressão de vanguarda da Música Popular Brasileira. Os compositores Antonio Jardim e Nestor Holanda em um interessante ensaio, *Teses Sobre a Música*, estabelecem parâmetros para uma avaliação das imposições artísticas que a produção cultural ostenta. No caso da música popular, poderia haver uma aceitação tácita de um produto massivamente trabalhado. A força dos meios de divulgação transformam um sucesso de coloração efêmera, pela força dos números de discos vendidos, por exemplo, num registro "importante" para uma cultura. Numa sociedade em que até o sexo foi posto à venda, através de mil artefatos eróticos e o sentimento quase aniquilado pela serialização do trabalho artístico, mastigado pelo capitalismo, obviamente a inversão de valores campeia céleres quando estão se formando, obviamente, novos valores que não vibra, de acordo com os elaborados desde a república platônica. A Utopia, de Morus, ficará exequível em pouco tempo, só que de maneira totalmente avessa. Aldous Huxley terá mais razão do que Trotsky em sua Revolução Permanente. O homem será esmagado pelo capitalismo que lhe tirará até mesmo o prazer de brigar por uma boa música.

Os músicos paraibanos estão emaranhados nos fios que tecem a sociedade brasileira capitalista e assumiram o compromisso com a indústria. Esse compromisso exige concessões que não seriam feitas no agreste Nordeste das angústias existenciais. A ausência de um carimbo - Paraíba - se justifica pela absorção que o mercado fonográfico fez dos paraibanos, totalmente entregues a esse esquema como estão hoje os pernambucanos, cearenses, e gaúchos. Talvez o Raul Elwanger seja um caso a estudar mais a vagar porque mesmo entrando no sistema dos grupos multinacionais, a sua música parece ter alguma coerência como

experimentos musicais autênticos. Para contrapor o argumento dos que afirmam que "só se vence se entregando", há o exemplo dos discos alternativos de Antonio Adolfo e do grupo vocal "Boca Livre" que já venderam milhares de cópias. A posição passiva dos músicos paraibanos, como Cátia de França, Zé Ramalho, Vital Farias - à exceção de Sivuca que não tem pruridos e solta o verno contra as próprias multinacionais que o contratam - é correta na medida em que procuram estratificar um trabalho musical fruto de uma vivência sofrida tanto na Paraíba como no Rio de Janeiro. E seria tolice afirmar que o compositor, com o seu trabalho, não oferece um instrumento para modificação da realidade. Seria se ater a um dogma alienante negar a participação de Luiz Ramalho na MPB porque ele não faz o mesmo que Arrigo Barnabé ou constrói baladas enganosas e vanguardistas como o moço-bonito Duardo Dusek que, estranhamente, deixou que suas sobancelhas crescessem.

Outra estultícia, seria, por acaso, não incluir o compositor Marcus Vinicius no grupo paraibano por ter ele, há mais tempo, fincado suas raízes na megalópole de concreto e ter o seu trabalho musical revestido por uma aura de genialidade, justificando, inclusive, por um robusto ensaio publicado na revista Vozes e assinado pelo inteligente José Neumann Pinto.

O trabalho de arranjador de Marcus é gramaticalmente correto mas a agudeza de sua poesia cerebral nos presenteia com discos flutuantes, indefinidos. Os maestros poderão discordar de mim como mais propriedade mas nos trabalhos de Shoenberg e Stockhausen - que por João Pessoa caminham espremidos em cassetes - nós poderemos encontrar, e só poderemos, a negação do fetiche musical - do qual se refere Adorno - como explosivo demolidor das experiências inférteis das músicas que negam o sentimento com blocos harmônicos de efeitos pré-concebidos, visão apriorística falha do fenômeno musical.

O transistor e a televisão substituem hoje a flauta encantadora de Pã e a lira mágica de Orfeu. A indústria do disco, travestido Hamelin de vinilite, joga o seu encantamento dentro dos ouvidos egocêntricos de muitos que se entregam ao apaixonante jogo do sucesso, esquecendo-se, no entanto, do compromisso que os que portam carisma e têm acesso à massa assumem com a verdade quando se propõem ao jogo político de costurar sentimentos & sentidos.

E aqui em João Pessoa, na Paraíba? Qual a proposta dos nossos compositores? O imperialismo romano que tomou conta do nosso país depois da revolução (?) de 30 transformou o Nordeste numa plataforma de lançamento para outras regiões. Esse anseio desestabiliza, pelo menos atualmente, qualquer proposta de articulação de um movimento musical mais sério, bandeira que é defendida por Pedro Osmar e o pessoal do Jaguaribe Carne.

Músicos e compositores como Carlos Aranha e Cleodato Porto, principalmente, de uma posição nitidamente contestadora na participação de movimentos registrados em anos anteriores, se calaram. Eles têm suas razões, podem argumentar, mas a música paraibana também tem as suas ao exigir deles uma postura mais agressiva com o compromisso assumido em festivais de música, em shows, com a imprensa e com a história paraibana.

Assim, hoje a Paraíba tem Pedro Osmar Preocupado em agitar as coisas por essas bandas. Ele e o pessoal do Jaguaribe Carne, Paulo Ró, Vandinho, que acoplaram à sua força criativa o fotógrafo Gustavo Moura e o poeta Águia Mendes, além de atores e atrizes, estão preocupados com um espaço alternativo para a música popular na Paraíba. O compromisso com os órgãos oficiais está quase definitivamente partido, uma fratura salutar. Até pouco tempo, se pensava na possibilidade de contar com entidades oficiais para o florescimento de um minúsculo mercado musical interno. Evoluímos. Agora, os músicos buscaram o seu próprio espaço, com seu próprio esforço.

Quanto ao nível da música que se faz na Paraíba agora, pode-se dizer tranquilamente que ele não é diferente das outras cidades brasileiras. A desinformação é quase a mesma e os grupos que se iniciam por essa senda que já derrubou muitos, sofrem com a certeza de que já estão prontos; eles, geralmente, percebem o erro diante de uma platéia que normalmente se encrespa com as aleivosias sonoras transmitidas pelos microfones de qualidade duvidosa.

Estamos às vésperas de um festival universitário e os festivais sempre deflagram novos estados de espírito à sua volta. Os debates vão se multiplicar. Os compositores sairão dos seus esconderijos e de anônimos cidadãos passarão a defender o seu espaço musical nesse Estado Calcinado pela seca, pela política de curral, e vão tentar fazer sucesso aqui para ser sucesso lá fora.

Há uma notícia: depois de Ivan Santos e Dida Fialho, que se lançaram e foram consumidos oficialmente como novos compositores paraibanos, digerindo preconceitos roqueiros e entoando um som com certa personalidade, (esse já se danaram rumo ao Sudeste) um novo compositor, Chico César, quase um guri, faz um circuito estudantil por algumas cidades do Estado. Ele é de Catolé do Rocha. Trás nas cordas do seu violão a paisagem do sertão de misérias. Na sua música, alguma coisa de Alceu Valença, uma exaltação contida.

A nós, cidadãos comuns e ouvintes esperançosos, resta esperar e lutar - denunciando os engodos e falcatuas - para que esse pessoal novo consiga também tocar no rádio. Afinal, essa é uma fatia de amor que todo cantor tem direito. Mesmo em tempos tão difíceis.

O trem das onze horas estava prestes a partir da movimentada estação de Itabaiana, com destino ao Recife. O chefe da estação toca a sineta. O trem se arrasta, tomando fôlego para a corrida. Ouvem-se, já amortecidos, os gritos dos moleques, vendendo sapoti, pinha, jaboticaba, laranja. Pequeníssima amostra da superabundância da cidade. A velocidade aumenta, a máquina em disparada larga um prolongado apito. Adeus a bela Itabaiana que desaparece, com a majestosa torre de sua igreja e o sorriso feiticeiro de suas moças.

Fazia poucos dias da morte de Lampião, ocorrida a 28 de julho daquele ano de 1938. O acontecimento empolgava as conversas. Empolgava pela feição misteriosa do extermínio do célebre cangaceiro. Ninguém aceitava a versão fantasiosa do tiroteio a dez metros de distância do covil, no qual Lampião teria sido liquidado logo no primeiro tiro, como um lhe-guelhé do cangaço. Ele que era o mais exímio dos guerrilheiros sertanejos de todos os tempos.

- Virgolino foi envenenado e quando estava morrendo atiraram nele - atalhou um fazendeiro do Piancó, acrescentando: - Estou canso de dizer que não tinha quem pegasse o homem de outro jeito.

Falou outro passageiro:
- Fui companheiro de infância de Maria Bonita. Criatura sem bondades.

Passou a contar, absorvendo a curiosidade de todo o carro:

- Crescemos juntos, nos barrancos do rio São Francisco. Bebemos leite da mesma cabra.

Ela mantinha camaradagem com a meninada e ninguém imitava igual a ela o canto de algumas aves. Todos gostavam de ouvir a sua voz dengosa e doce. Gostavam de ver o requebrado de seus quadris. Voz e requebrado que metiam inveja a muita moça das capitais. Entretanto, ela desconhecía que era possuidora desses dons, que lhe realçavam a feminilidade. As vezes, em vadição, surdinha os rapazinhos e mocinhas rindo disfarce, sem que ela adivinhasse o segredo da risadagem. O segredo era ela mesma: a sua voz delicada e o seu requebrado. A seiva do seu corpo. A sua beleza selvagem.

Os matutos pasmavam, ouvindo o nome de Lampião. Ouvindo os versos com as suas façanhas, mostrando-o ora invencível, ora azulando em escapada. Virgolino, bandido ou herói. E também simples homem capaz de ficar embeicado por uma mulher. Mescla de qualidades que sobrelevava o seu tipo lendário na imaginação da plebe.

E corriam as histórias dos seus encontros com os doentes nas matas mal-assombradas. Como a do boi que vivia num abismo dando gemidos. Aterradores gemidos que pareciam vir do fundo da terra. O boi tinha pés de gente e um faiscante olho, que lhe tomava mais da metade da testa. O monstro comia viventes que passassem a um raio de cem braças de sua cova. Contava-se que a única pessoa que teve o arrojo de enfrentar o pavoroso animal tinha sido Antônio Silvino. Segundo as conversas, o decantado cacique do cangaço con-di no boral, como talismã, enorme dente de ele bicho.

Agora era a vez de Lampião. Ele ia enfrentar um dos maiores riscos de sua vida. Perigo semelhante aos anéis de fogo dos cercos que lhe faziam as volantes reunidas de sete estados. Dizem os versos populares que Virgolino desceu ao fundo do precipício. Os seus cabras ficaram entre vacilantes e espantados. E numa luta formidável Lampião matou o monstro, enterrando-lhe no cabeloiro, de um só golpe, o seu desmedido punhal.

Acrescentam os versos que, então, surgiu dentre os arvoredos a visão de bela índia virgem efeitada de plumagens. A índia chilreou como um pássaro da Bacia do São Francisco. Lembrou-se Lampião dos avisos do seu antigo chefe de bando, Sinhô Pereira, de que o canto daquela viagem adormecia os homens valentes até matá-los. De punhal em riste, Virgolino avançou contra o espectro. Tivera, porém, os seus passos estancados por um gesto da índia, que falou mais ou menos:

- Mora nessa região uma descendente da minha tribo. É a mais formosa cabocla dos barrancos do rio. Tenho a missão de fazer o seu casamento com o mais valente sertanejo, que é você.

Porisso, parou um dia Lampião na porta de Maria Déa. Parou, falou pouco. E levou-a. Levou para a caatinga o encanto de sua voz e a volúpia do seu requebrado. Levou a mulher de mais feminidade que já se havia banhado nas águas do São Francisco e que trazia palpitante nas veias o sangue fogoso de neta de jagunço de Antônio Conselheiro.

Dentro da sua atribulada vida de 1931 a 1938, ela testemunharia, sucessivas vezes, que o cangaceiro era forçado a revidar, senão ficava desmoralizado nas redondezas. Revitava, com a mesma moeda, os atos de crueldade que os potentados da hinterlândia infligiam aos pobres. Testemunharia a mulher de Lampião, que, na balança dos sertões, ti-

O TRONO DA RAINHA

NEWTON MADRUGA

- No quadragésimo segundo ano da hecatombe de Angico -

nham o mesmo peso a opressão dos potentados e a vingança dos cangaceiros.

Na véspera da hecatombe de Angico, Maria Bonita sonhara um sonho assustador. No sonho ela estava desnuda e montava um touro brabo, que urrava desvairado. O maruá corria desembestado dentro das nuvens e tinha cores que ela não sabia deslindar. Então, uma menina lhe diz sussurrante que eram as cores do bem e do mal. Que ela e seus companheiros de bando se salvariam se distinguíssem o bem do mal. Isto aumentou a sua angústia, pois nunca lhe ensinaram semelhante escolha. E quando ela vê na terra um velho sacerdote de chapéu de abas largas na cabeça. O sacerdote estende-lhe as mãos cheias de pedras coruscantes. É Padre Cicero

aconselhando que o bando tome o rumo do garimpo. Chega a ouvir a voz protetora do padre, como se ela estivesse acordada:

- Maria, eu aconselho a Virgolino que a salvação é o garimpo de Goiás,

E antes que responda ao venerado sacerdote, o touro que ela montava nua desembesta mais e investe contra uma estrela. Que explode. E com a explosão resta de Maria, apenas, a cabeça. Cabeça que fica rolando no infinito. Rolando e rodeada de outras cabeças.

Viu tudo tão nítido no sonho que ficou atormentada o dia inteiro. Quis desaparecer. Afastou-se do grotão onde o grupo se alojava. Caminhou pelo lajedo extenso, tomando o rumo das pedras mais elevadas. Está com o seu enorme chapéu de feltro, bornais atravessados no peito, lenço no pescoço, perneiras, anéis e medalhas - indumentária que se asentava bem à sua formosura. Detém-se em frente de uma pedra, que ela ainda não tinha

visto igual. A pedra formava um trono. O Assento, o espaldar alto, os braços arredondados, a cobertura medindo uns dois metros de comprimento. Três lajes sucessivas, à maneira de degraus, davam acesso ao trono. Obra talhada pela natureza durante muitos séculos.

Maria Bonita, Rainha do Cangaço, galga o trono raro e milenário, esculpido pela natureza. Contempla a paisagem imensa. O rio distante e belo. Águas que lhe banharam o corpo de menina. Depois, o de moça. Em seguida, banharam o seu corpo de mulher feita, que estremece aos afagos de Lampião. Águas do São Francisco, companheiras de sua vida. Águas que abriram caminhos às suas fugas pela graça de Lara, Rainha dos Rios, sua madrinha e protetora.

Maria ouve um tropel. Aproxima-se a cavalo um cangaceiro desconhecido. Esbarra diante do trono de pedra de modo tão abrupto que o poldro ergue as patas dianteiras. Apresenta-se o estranho:

- Sou Jesuino Brilhante.

Conhecía-o de nome e sabia que tinha sido morto há muitos anos. Frente a frente com o fantasma, Maria Bonita não se perturba. Fala com serenidade:

- Virgolino diz que você foi cangaceiro leal. Era justiceiro.

Cabelos alourados, entrevê-se nele o viço dos trinta e cinco anos de idade quando tomou morto, numa tocaia da polícia da Paraíba, no século passado. Jesuino revelou:

- Desde que sá-dona passou a viver com Lampião, que eu assisto do seu lado. Em todos os combates defendi sá-dona das balas dos inimigos. Atirei neles de perto sem ser visto. Causei pânico aos soldados, principalmenté quando eles ouviam, na luta, em cima deles o relincho do meu poldro, que ainda coiceava. Os inimigos ficavam apavorados porque ouviam os rinchos, sentiam os coices e não viam o cavalo.

Continuou falando calmo, como falava em vida:

- Sempre defendi criaturas sem vício como sá-dona. Mulher de palavra de rei, palavra como muito homem não tem.

Maria Déa, encabalada com os louvores, muda de assunto:

- A emboscada tem sido obra de quem a gente não desconfiava. Eboscadas de pessoas que ajudamos. Pessoas desagradecidas, que Lampião salvou de morte certa. Pagaram com a traição. - Fez pausa, arrematando com ênfase: A traição que é o pior pagamento.

- O cangaceiro cumpre a palavra dada, é sim-sim, não-não, sem medir sacrifício. Sustenta os seus ajustes perante a mais difícil briga. Entretanto, o pessoal por aí é diferente, não tem vergonha de ser covardes, nem de levantar falso. No meu tempo, matavam os seus inimigos e sacudiam a culpa na minha corcunda. Depois, passaram a jogar nas costas de Antônio Silvino. Hoje eles escapolem, jurando que tudo foi trabalho de Lampião. Até jurando, eles juram falso.

Maria Bonita continua tranquila a ouvir a alma de Jesuino:

- Guiei sá-dona do grotão até esta pedra, para sentar-se no trono que a Natureza do Sertão guardou para a Rainha do Cangaço. Guiei a mando de Lara. Não posso mais lhe defender como fiz por sete anos. Palavra de Deus como tenho que livrar viúvas e pobres no Rio Grande do Norte e Paraíba.

Maria faz um sinal para que espere um pouco. Conta o sonho, pedindo decifração, principalmente daquela parte do bem e do mal.

A visagem de Jesuino Brilhante volta a falar:

- Fôra Deus, quem distingue, no mundo, sem paixão, o bem e o mal? Numa rixa entre o poderoso e o pobre a razão nunca é dada ao miserável.

A visão alertou para a cobiça dos inimigos do bando:

- Querem tomar o ouro de Lampião. Querem se apossar do seu tesouro. Jesuino Brilhante advertiu como entendido que foi dessas tramas:

- Diga ao compadre Lampião que daqui prá vante aumente os cuidados com o veneno. Porque ainda não nasceu bicho macho debaixo do sol de coragem para brigar de frente com ele.

E montando no poldro veloz, o fantasma do célebre cangaceiro desapareceu, entre as pedras, como por encanto.

No dia seguinte, antes do sol nascer, na bruma da antemanhã, Maria Bonita foi degolada. Com vida.

Os degoladores arribaram com todo ouro dos cangaceiros decapitados.

Naquele instante, um raio incandescente, vindo da banda do rio onde vive Lara, a madrinha e protetora de Maria Bonita, rasgou o firmamento e caiu sobre o trono da rainha. A Soberana dos Rios não permitiu que outra mulher viesse a ocupar o trono que só coubera os encantos e excentricidades de sua afilhada.

E no espaço de um relâmpago a obra milenar virou pó.



A CORRENTAÇÃO

CONTO DE ELZO FRANCA

ILUSTRAÇÃO DE GUILHERME LIANZA



A primeira luz do sol ainda escondida avermelha um céu de nuvens esparsas, nessa primeira hora da manhã. Sol que acinzentou o verde e transforma os leitos secos dos açudes em imensas plataformas de barro, cheias de rachões. Sol de estio!...

Não se ouve o cantar dos pássaros nem em forma de lamento. Um vento brando que ainda sopra um pouco do frio que passeia as noites desses cariris tem cheiro de retirante em desesperada jornada, com a fome lhe carregando para longe e o coração querendo lhe trazer de volta.

Essa manhã sem promessas vem encontrar o filho único de Antonio Severo, que tem o mesmo nome do pai e atende por Verinho, sentado em um banco tosco no alpendre de sua casa.

O menino tem apenas doze anos mas a fisionomia espelha uma personalidade forte. Os cabelos são castanhos, olhos claros e afixadores, pele tostada pelo sol deixando entrever na abertura da camisa a alvura da mesma, boca pequena e uma compleição física bem desenvolvida.

Verinho contempla a paisagem bela e agressiva que lhe é tão companheira!

Seu olhar medita cada uma daquelas coisas, tão suas, quase em forma de oração! O serrote de pedra fronteiro à casa! o curral das cabras, cercado de aveloz!... Os umbuzeiros, tão despidos de verde!... A seca se instalou e matou a vida das coisas, e o pior da morte é o silêncio!

Da contemplação desse silêncio, o menino foi arrancado por um grito entrecortado de um soluço:

- Verinho! Junte logo as suas coisas que nós já vamos!

Arrancado de suas meditações, ele voltou-se para o interior da casa e viu assomar à porta o que restava de seu pai, Antonio Severo.

Esse homem, a quem a vida não regateara nenhuma dificuldade e atribulação, revestiu-se de toda coragem e dignidade, possíveis, para o trabalho. Durante longos anos trabalhou o minúsculo pedaço de terra onde residia, que lhe veio às mãos por herança, e dele arrancou o sustento para a sua pequena família: Amparo e Verinho.

Conheceu dona Maria do Amparo em uma Cavallhada.

Era bom cavaleiro! As argolas que arrancou com a sua lança, foram entregues àquela moça bonita que batia palmas alegres quando o via em desabalada carreira à cata de novas vitórias na corrida. Dela recebeu as fitas condecorativas que lhe encheram a arca do peito. Foi uma verdadeira troca de corações!... Com ela casou e varreu a solidão de seu terreiro, de sua vida, recebendo ainda o abençoado prêmio: um filho!

Os anos que se seguiram foram de uma felicidade emanada de uma paz doméstica, fruto de um amor bem semeado, que resplandecia desde as primeiras colheitas!

A sua nesga de terra, estava encravada no coração de uma região arredia aos bons invernos. O trabalho era rude. As longas estiagens se encarregavam de secar o suor com que regava o duro chão, quando esgrimia a sua enchada na interminável luta da sobrevivência.

À tarde que o trazia de volta à casa, amenizava-lhe o rosto com um sorriso brando, e no terraço, meditava olhando para o chão,

a oração que Amparo dizia olhando para o céu, e Verinho adormecia sorrindo para Deus.

Os dias foram passando!... Meses!... Anos!... Os tempos mudaram!

Os grandes proprietários, vizinhos de Antonio Severo, ansiavam em aumentar os seus domínios, e aquele pequeno sítio destoava com as grandes propriedades que o circundavam, além de arrogância de se situar no ponto mais alto da localidade: senhor da mais bela vista da redondeza. Era o sonho de cada um daqueles senhores mais abastados, após derrubar a humilde moradia existente, construir uma casa grande, avarandada, com aquele belo serrote em frente, pedestal oferecido pela natureza onde à primeira vista se sentia a necessidade de em seu topo erigir um respeitoso cruzeiro...

Várias foram as ofertas, e a cada recusa um lamento decepcionado das senhoras dos ricos vizinhos!... Até o dia em que a necessidade rotulou seu preço e a realidade se fez presente na tabela das comparações: o trabalho rendia menos que os gastos; a estação sem chuvas arrasara o que restava do campo; as criações vendidas a preço mínimo para atender a urgência do momento; água, nem mesmo para beber!

Severo vendeu o que restava: casa antiga e o chão despido de vegetação e vida. Resolveu partir.

Verinho olhou para o pai e viu que ele tinha os olhos secos mas chorava por dentro. Sentiu também um aperto no coração.

- Ande, meu filho. Bote suas coisas aqui pro terraço. Ajude a sua mãe...

O menino olhou o serrote e o estrito caminho que o circundava, sem parecer ter escutado uma palavra do que o pai lhe dissera. Levantou-se de um pulo e disparou em uma corrida louca. O pai sem entender o gesto do filho, gritou forte, sendo desobedecido pela primeira vez... - Verinho Volte!...

Mas ele já desaparecera na curva do caminho! Seus cabelos esvoaçavam, os olhos dilatados, o suor banhando-lhe a fronte... e à carreira louca o levou até um casebre que o fez parar ofegante.

Não havia ninguém naquele pedaço de miséria tão esquecido de todos e lembrado por ele. Ouviu alguém chamá-lo às suas costas:

- Verinho?! Não é hoje que você vai embora?

Voltou-se e viu uma mulher magra com um feixe de gravetos na mão, e ao seu lado uma menina, também extremamente magra. Ficou perturbado. Olhou para a senhora que lhe falara, em seguida cravou os olhos na menina que tinha mais ou menos a sua idade. Ela também o olhava fixamente.

Foram segundos de tão intensa emoção, disseram tanto de amor, falaram tanta coisa bonita no silencioso linguajar que somente o coração entende, que não puderam se esconder mais um do outro. Enfim ele respondeu:

- Vou. Mas eu volto.

E tão rápido como havia chegado àqueles sítios, Verinho desapareceu, acompanhado apenas pelo sorriso brando com uma lágrima dependurada dos olhos daquela menina vestida de fome.

QUE ESCURIDÃO É ESSA?

Ensaio fotográfico de Gustavo Moura
com apresentação de Pedro Osmar.



Na análise individual de uma sociedade é que se sente a participação de cada pessoa ou grupo no processo de exploração do povo, ou por outro lado, no processo de revolução popular que os profetas da história sempre previram.

O trabalho de arte que cada pessoa desenvolve dentro ou fora dos esquemas (oficiais ou alternativos) propostos pela sociedade que vivemos é uma via que se tem para que essa análise se concretize.

Repetindo: Há os que aceitam contribuir com o capitalismo na exploração da pessoa humana e há os que, conscientes do compromisso de propor o ensinar uma vida possível, ajudam a levantar a bandeira da revolução popular que os profetas prevêem.

Gustavo Moura é um repórter no meio desse impasse. É como o repentista, o cientista e o pescador: Na visão de tempestades e calmarias, querem ao mesmo tempo fazer soar brisa, flores e vida.

O trabalho de Gustavo Moura como fotógrafo profissional vem crescendo à medida em que crescem os acontecimentos que ele capta com seu "click" mágico.



As fotos de Gustavo Moura são viagens ao Brasil do futuro! (A fome um dia vai vencer!) São ruas, vidas e mesas escuras. Madrugadas, amanhecer livre. Esperanças, morte lenta. (A fome continua nos comendo).

Infeliz é aquele que se preocupa em retratar o povo sem desmenti-lo. "É preciso estar atento e forte!" (muita identificação com o que se vê é o que se vive). Nesses dias atômicos, a fome ataca

nos supermercados e feiras livres ao preço de cada pessoa humana.

A burguesia nunca irá entender um faminto que reclama, que chora, que lhe assalta e que lhe mata. Todos estaremos sempre sobressaltados nas fotos do Gustavo Moura, simpatizante do povo, tentando compreender, como ou, a maneira mais exata de contribuir pela vida a maioria doente que escorega, pasmada, rua afora, noite adentro, na fome fabricada, na vida mecânica, fomentada pelas introduções de 3ª guerra que percorre a boca do povo.

"QUE ESCURIDÃO É ESSA?" é um álbum com desenhos de Sandoval Fagundes, Pedro Osmar e fotos de Gustavo Moura, em edição particular, com tiragem limitada, impresso em serigrafia, que sairá em breve, em lançamento com show do grupo Jaguaribe Carne.

As produções alternativas crescem a cada dia, atestando as sete vidas de gato que tem todo artista que sabe o que quer e até onde pode chegar (apesar das pernas amarradas e olhos vendados). É preciso apenas muita "Coragem pra aplaudir o pessoal".



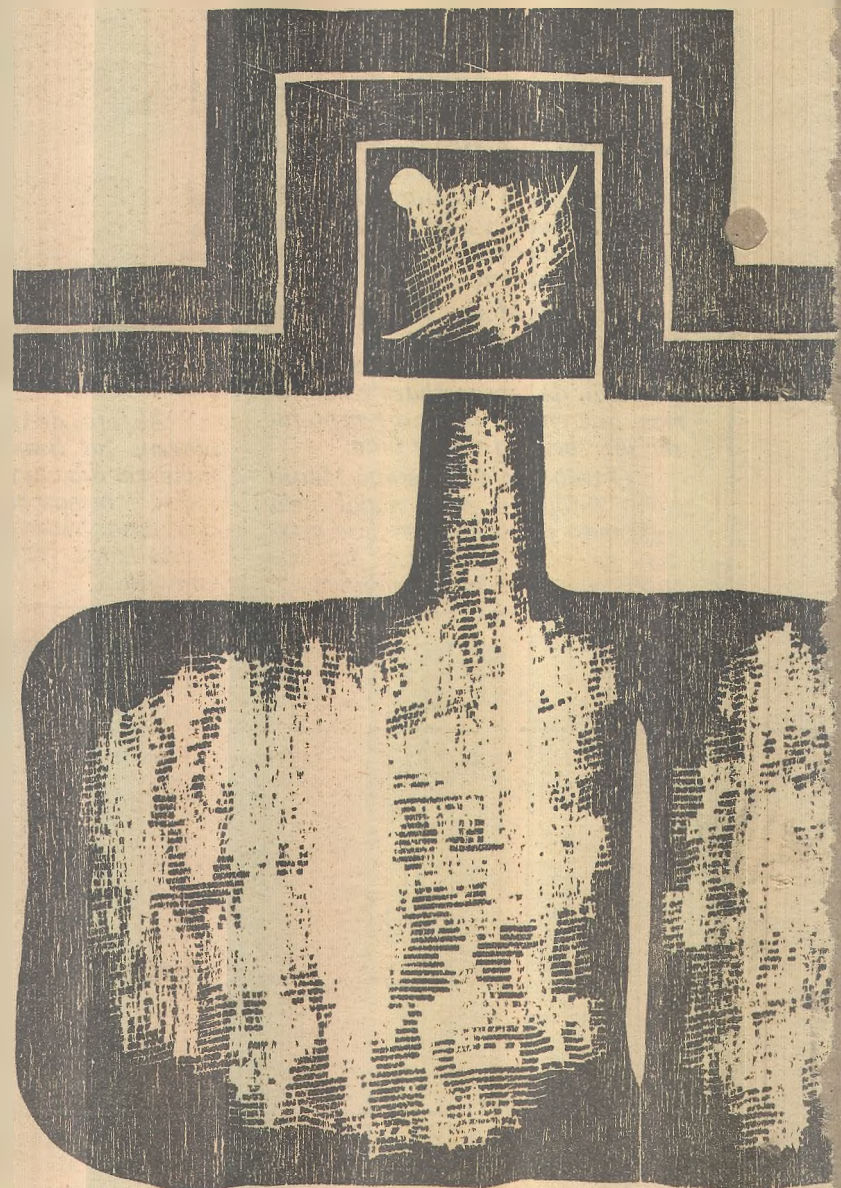
O ofício deste artista gráfico, que experimenta vários suportes, tem transcendido à simples confecção de matrizes tradicionais e se enveredado pelas lumti-medias recentes, como a xerografia, ou por propostas que põem em dúvida a eficiência do suporte. Autor de outros álbuns como este, e livros outros, de experimentos gráficos mais inovadores, ele retoma neste "Ingá Xilogravuras" uma prática que o persegue há 15 anos e é seu ponto de partida. A xilogravura coloca a possibilidade de se conseguir cópias com o máximo de economia de recursos. Observamos que esta economia atinge também o resultado gráfico que a xilogravura requer através da expressão binária da goiva na madeira: maior simplicidade da mensagem, maior síntese gráfica para melhor desempenho final da matriz.

Sendo um artista que reivindica os meios de multiplicação que seu tempo coloca à disposição, Unhandeijara Lisboa procura alimentar esses meios, mas também os critica na medida em que não se escraviza a eles, e os denuncia no seu processo. Toma para si o poder da matriz e cria uma linha de limite entre a cópia e a multiplicação, utilizando para isso o significado do meio em que trabalha, que pode variar da matriz de madeira ao envelope de correio, do carimbo à xerox.

A consciência artesanal do gravador lhe tem dado o domínio sobre a idéia, refletido no objetivo final que, necessariamente, não será a simples e bem acabada cópia da matriz, mas tudo isso acrescentado do processo do trabalho. "Ingá-Xilogravuras" é um conjunto de 7 lâminas gravadas durante alguns anos e reunidas agora em álbum. O tema riquíssimo dos sinais rupestres da Pedra de Ingá que tem aparecido na obra de artistas plásticos, músicos e escritores, como partido gráfico ou como suporte — através das lendas que envolvem o monumento pré-histórico — de narrativas místicas, tem sido cada vez mais o motivo de interesse daqueles que se aprofundam na busca do gosto criador do homem nordestino.

Estas constantes buscas através dos caminhos que percorrem a noite da memória e esbarram sempre no intraduzível instante em que se exaurem as informações e o objeto da pesquisa torna-se mágico. Unhandeijara observa essa inter-realidade, usa o desconhecido como tema, mas não o faz apenas nas gravuras que expressam o INGÁ, antes é este o motivo constante de seu trabalho com o gráfico: a interdição, a entrelinha. Trabalha como se procurasse no éter os traços digitais do inventor deste sonho chamado universo que, eliminando as idéias de tempo, passa diante de seus olhos sem começo, meio e fim, como episódios para serem captados, decodificados e editados pela marca de seu gesto criador.

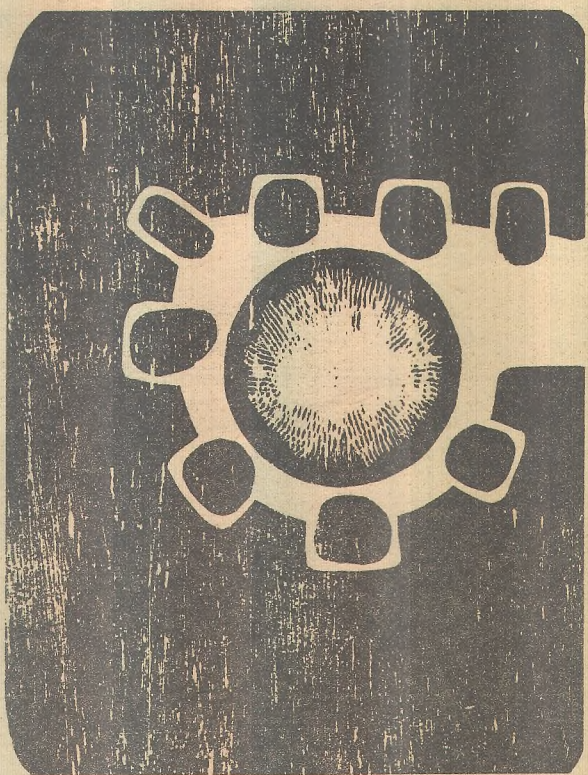
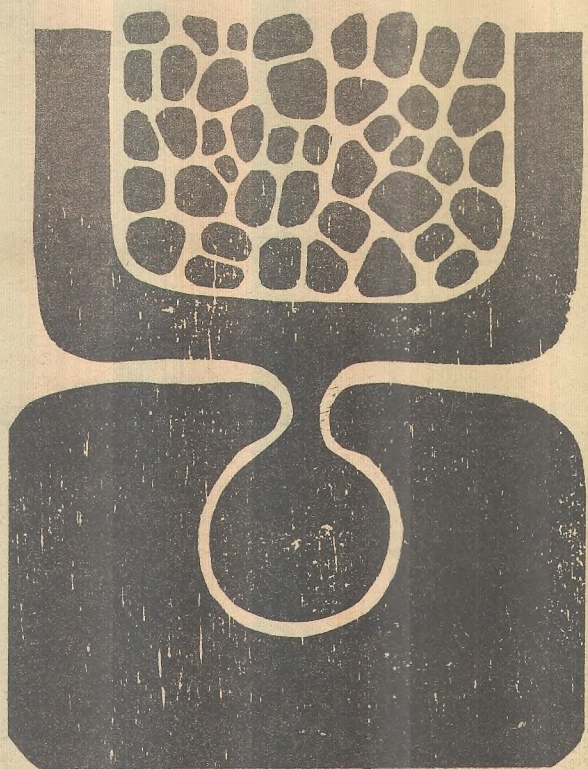
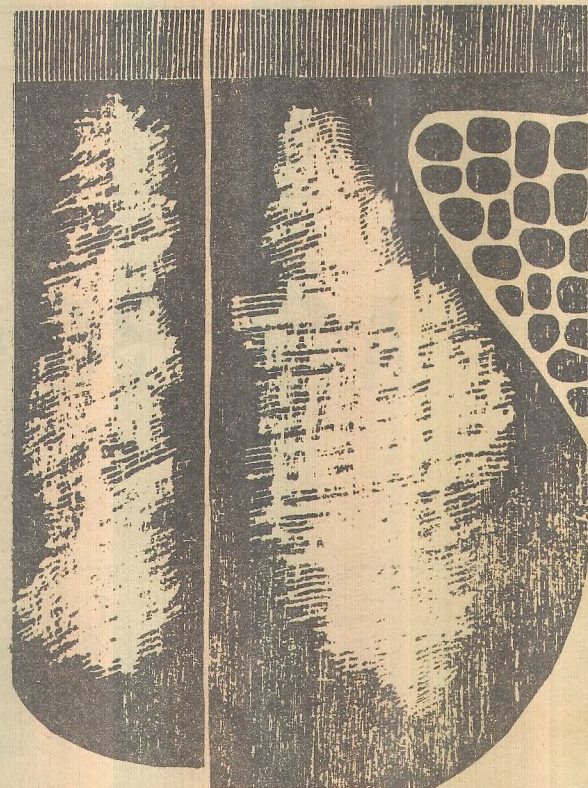
(Raul Córdula Filho
do Núcleo de Arte Contemporânea-UFPb)



Correio das Artes

INGÁ

Xilogravuras de Unhandeijara Lisboa



POEMAS DE

MARCOS TAVARES



PELAS ESTRADAS DA VIDA - I

POÉTICA

Não adianta insistir; a poesia
é como mulher safada. Quanto
mais a gente insiste, parece
que a danada se faz mais difícil.

Lorca, Neruda, obras completas folheadas
na desgraçada escondida. Até que um dia
cada especial se torna o pau
na mina, e o pau na mina

Não entre de cara na vida.
Você pode quebrar o para - brisas da testa
e ficar exposto a esse
vento de agosto
no banco das praças.

Nossa Senhora das Graças
não permita essa desdita
a um pobre seu filho da puta
que mal escuta o vento
pensa logo no aumento da casa,
no desemprego, no apego que tem ao patrão.

Não,
nunca entre de cara na vida,
Proteja o rosto com os punhos em guarda
clínche o guarda da segurança
debaixo das saudações e apressa
seu prego no grafite.

Não,
nunca se nanquira, em
uma borraça de tão apaga
que atago o papel e volta atrás.
Canta as saudações mesmo
de um herói desempregado.

PELAS ESTRADAS DA VIDA - III

Talvez como
Pelé, na área,
a vida te escancare o gol.

Aí vão te dar um calção
e te arear as canelas
e te enfiar um meião.

- Não. Decididamente sua vocação
não está abaixo da cintura!

Você está impedido em campo,
você é uma falta, um pênalti,
uma bola.

Você rola nesse gramado verde, e
pasta o grama, e engole o pé.
- E aí, o que é?

É o jogo, é o jogo, é o jogo,
é o jogo, é o jogo, é o jogo.

É o jogo, é o jogo, é o jogo,
é o jogo, é o jogo, é o jogo.

Poemas de **ARISTIDES KLAFKE**



TODAVIA

*resguardo o animal que há
em mim, ferido
até que os músculos arrebentem
a carcaça de meu corpo
liberte a raiva no estalo retumbante
de um relâmpago
até que o canto suprima a dor.*

**24-11-1975,
SÃO PAULO, BRASIL**

*Como se fosse uma lágrima
existe uma bandeira
em cada olho.*

*Como se fosse uma ausência
existe um buraco
em cada memória.*

*Como se fosse um dente
existe uma baioneta
em cada boca.*

*Como se fosse uma dor
existe um explicável medo
em cada homem.*

AGORA

*junto à minha dor
o revólver do revide.*

*meço palmo a palmo
a espinha do futuro.*

*na luta deposito
o enredo consagrado
pelos homens foragidos.*

*retrato na hora da vida
o rosto do amigo,
escuto na noite
a lamúria do homem
de entrenhas raptadas,
escrevo puto a sentença
do inimigo.*

declaro-me vingativo!

*sou o procurado,
meu ódio é quase tudo.*

VERÃO TROPICAL

*Sóis pra dá-com pedra:
a seca abrindo o bico
da galha,
rascando os dedos
da atmosfera.*

CARNAVAL

*a máscara possível
veio me buscar em casa.*

*a roupa do sonho acabou
na água dos olhos.*

*e o tempo a sangrar
alegria alheia.*

NÃO CABE NA MORTE

a Alexandre V. Leme

*não cabe na morte
o corpo feito de laços e cantos.*

*não cabe na morte
o corpo que sangra rios correntes.*

*não cabe na morte
o corpo artilheiro*

de nosso perdido companheiro.

Tipografia Pontes — única na Paraíba a editar literatura de cordel — ainda funciona na cidade de Guarabira apesar de suas publicações se acumularem nas prateleiras em consequência do pouco poder aquisitivo do povo daquela região. José Alves Pontes — proprietário dessa tipografia — é também autor dos folhetos “A Grande Luta de Ronaldo pelo Amor de Antonieta” e “História de Geraldo e Silvina”, até agora os dois únicos títulos de uma produção poética que, segundo ele mesmo, chegou ao fim por conta das dificuldades financeiras em que vive.

Nesta entrevista, José Alves Pontes — além de abordar outros assuntos —, faz um apelo patético ao Estado no sentido de que o mesmo seja mais condescendente com o editor de cordel e, por correspondência, com o poeta de cordel, atividades que — ainda segundo ele — tende a se extinguir por falta de um apoio mais efetivo daqueles que detêm o poder.



CA: Faz tempo que o sr. tem essa tipografia aqui em Guarabira?

José Alves Pontes: Desde 1961.

CA: E antigamente dava para se sobreviver melhor com a literatura de cordel?

José Alves Pontes: Era melhor até a década de 60. Era

muito bom, não é? De 60 pra cá começou a decair. Bem, a explicação é a seguinte: É que começou a aumentar o papel e outras dificuldades como tenha sido em 70, quando desapareceu o papel e a gente ficou parado a vida inteira sem poder trabalhar. E veio uma coisa e outra e foram aparecendo essas outras diversões, né? como seja a televisão, o rádio de pilha, essa coisa toda foi dando prejuízo...

CA: O sr. ainda vai para as feiras livres, o sr. leva seus folhetos e ainda canta lá?

José Alves Pontes: Não, eu só fiz esse trabalho até 1953.

CA: O sr. tem quantos folhetos de sua autoria?

José Alves Pontes: Eu só tenho dois, “Geraldo e Silvina” e “Ronaldo e Antonieta”.

CA: O Governo auxilia o editor de cordel?

José Alves Pontes: Não, nós que trabalhamos nesse ramo não temos o apoio de ninguém, a não ser do apologista, que gosta, que compra, mas dos poderes públicos não recebemos nenhum apoio, nenhum auxílio. Eu pago imposto como outro qualquer.

CA: Quanto é que o sr. paga de imposto?

José Alves Pontes: Isso aí depende da produção, depende da venda.

CA: O sr. se lembra quanto pagou em 1979?

José Alves Pontes: Não, lembro não. Isso tá tudo escrito lá com o guarda-livros.

CA: Este imposto eu acho um absurdo...

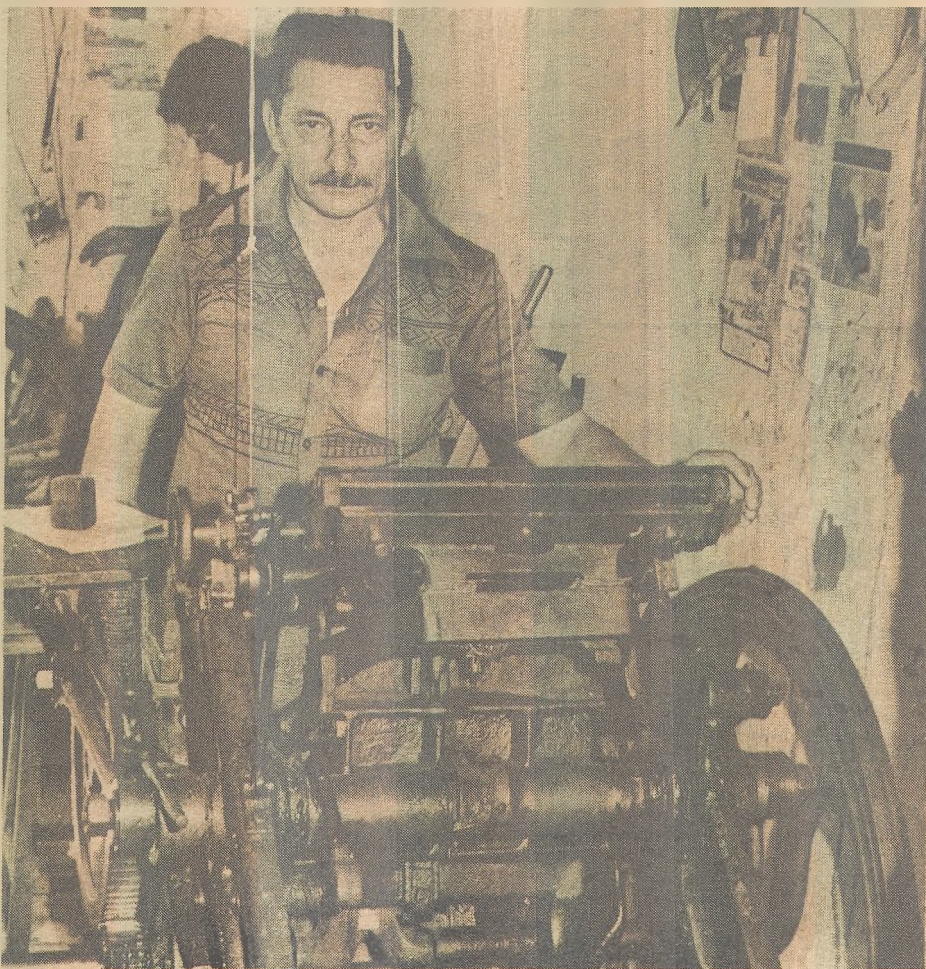
José Alves Pontes: É, eu também acho. Agora mesmo eu fui ali na casa do guarda-livros e lá encontrei um papel

Papel tá uma coisa sem limite
Isso vai acabar,
não dura mais nem dois anos

SERÁ O FIM DO CORDEL?

•Entrevista a Sérgio de Castro Pinto

•Fotos de Ortilo



do Estado... O véio me chamou e disse: “Eu tenho uma coisa notável aqui pra você...” Aí eu me espantei, né? Porque a gente sempre vive espantado com essas coisas, né? Aí já sei o que é, quando eu ouço ele dizer isso... Aí ele pegou o papel e disse: “Esse aqui chegou de última hora, eu já fiz, já está pago e foi 500 cruzeiros...” Ora, foi pra dizer quantos folhetos vendeu, quantos produziu e isso tudo já estava escrito nos papéis que ele mandou antes pra o Estado! Ainda apareceu mais esses 500 cruzeiros, e olhe que eu fui pro banco para pagar outra conta atrasada que tinha vindo no mês passado. Aí encontro essa outra, aí ele paga e eu vou ver se arranjo dinheiro para pagar a ele. Isso é uma coisa extraordinária, porque eu chamo isso de uma coisa extraordinária, né?

CA: Então não existe nenhum apoio?

José Alves Pontes: Não, não, ninguém pode dizer que existe apoio nenhum dos poderes públicos a favor de cordelista. Pelo menos pra mim não.

CA: Me diga uma coisa, seu Pontes, antes, muito antes, esse tipo de folheto

era denominado de literatura de cordel?

José Alves Pontes: Não, isso aí veio aparecer, classificaram... Toda vida falaram nesse cordel, mas chamavam esse tipo de folheto de poesia popular, se conhecia como poesia popular até um tempo desse. Agora, depois passaram para cordel por causa daqueles vendedores que penduram os folhetos em cordão. Aí ficou literatura de cordel...



CA: Eu tenho a impressão que essa denominação veio dos estudiosos do assunto e...

José Alves Pontes: E, desses jornalistas que começaram a fazer pesquisa, entrevista, essas coisas...

CA: A Universidade Federal da Paraíba tem se mostrado interessada pela poesia popular... Que tipo de apoio o sr. pediria a ela?

Como a gente pode imprimir esses folhetos, se quem gosta mais é o pobre, e o pobre já não tem mais dinheiro nem pra comprar o pão?

José Alves Pontes: É?... Bem, o apoio que eu pediria eu acho que a Universidade não pode atender, pois o que eu preciso mesmo pra minha melhora aqui seria uma máquina grande, no tamanho 4, porque não tenho até agora porque não foi possível e também acho que já perdi as esperanças. A máquina tamanho 4 me daria uma maior produção, porque ao invés de sair quatro páginas — como o sr. vê aí — sairiam oito.

CA: E as máquinas do sr. são antigas?

José Alves Pontes: São antigas.

CA: De que ano, o sr. sabe?

José Alves Pontes: Sei não, isso aí é umas máquinas que foi adquirida já por outras pessoas, lá em Campina Grande e na “Renda Priori” do Recife. E veio por aí, passou pra mão de Antonio Batista e veio pra minha. Eu não sei, não faço idéia do ano dessa máquina. E a outra, aquela outra de lá não é minha, é de um rapaz lá de Solânea. Aquela já foi adaptada, era manual e foi adaptada para o pé.

CA: E como é que o povo vê o poeta popular?

José Alves Pontes: Ah, o povo simples gosta muito de poeta de cordel. Hoje eles não dispõem mais de dinheiro pra comprar esse produto.

Isso vai se acabar, não dura mais nem dois anos...

CA: E por quanto o sr. vende cada folheto?

José Alves Pontes: Bem, aqui no balcão eu vendi até agora o de 32 páginas por 3 cruzeiros. Isso enquanto não faço outras produções novas com o papel que chegou.

CA: O papel tá mais caro, né?

José Alves Pontes: O papel tá uma coisa sem limite.

CA: Por quanto o sr. compra o papel?

José Alves Pontes: O papel, é o seguinte: Há um mês atrás, eu comprei o papel a 640 cruzeiros a resma de 500 folhas; agora, comprei a 930 cruzeiros a mesma quantidade de papel. Veja a diferença, né? Como é que a gente pode imprimir esses folhetos se quem gosta mais é o pobre e o pobre já não tem mais dinheiro nem pra comprar o pão? Por isso eu acho que isso vai se acabar, não dura mais nem dois anos...

CA: E ainda cobram imposto...

José Alves Pontes: É, pois é, isso é uma diversão do povo.

CA: Quanto o sr. vende?

José Alves Pontes: Vendo pouco, e agora mesmo, de dois anos pra cá piorou cada vez mais, e tanto que estou cada vez devendo mais.

Eu acho que esse povo da classe que sabe ler, a poesia não tem o sabor do poeta popular, é sempre uma imitação.

CA: E o sr. só vive disso?

José Alves Pontes: É, só vivo disso. Pago aluguel de casa, tenho família, por aí por diante.

CA: Seu José Pontes, o sr. acha certo uma pessoa que tem uma formação universitária fazer versos de cordel? Ou o sr. acha isso uma espécie de apropriação indébita?

José Alves Pontes: Eu não acho certo, pois se ele teve a sorte de entrar numa universidade é uma pessoa culta e deve fazer uma coisa melhor, diferente...

CA: Não, mas a poesia que o sr. faz é boa, excelente mesmo e...

Para o povo humilde a poesia é aquela errada do jeito que ela é.

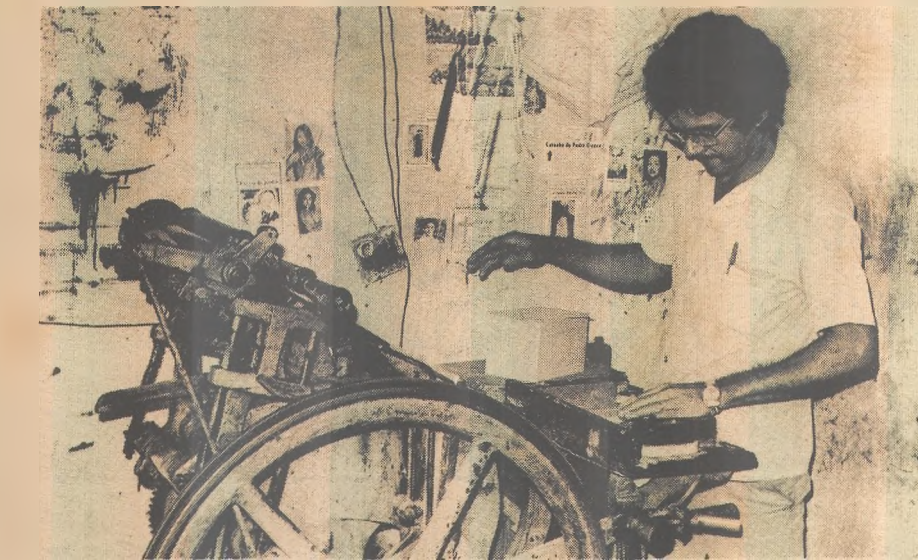
José Alves Pontes: É, mas eu acho que esse povo da classe que sabe ler, a poesia dele não tem o sabor do poeta popular, é sempre uma imitação. Para o povo humilde a poesia é aquela errada do jeito que ele é. Agora, não digamos que se vá publicar um folheto cheio de erros de português, porque o folheto também vai passar pelas mãos de pessoas que estão aprendendo a ler... Mas ainda tem muitas gráficas aí que fazem as coisas todas cheias de erro. Não procuram ajeitar os originais do poeta e publicam os folhetos do jeito que eles escrevem. Não procuram corrigir os erros. Eu faço também, quando o cara quer que eu faça, pois tem deles que acha que a gente endireitando fica errado. Aí então, se o cara disse assim: "Seu Zé, o sr. faz o meu folheto aí e se o sr. encontrar alguma coisa errada o sr. ajeite". Bem, esse aí me deu permissão, mas se ele não me deu permissão eu me limito a copiar do jeito que ele escreveu.

CA: Qual o folheto que o sr. mais vendeu?

José Alves Pontes: Eu já publiquei tanta história aqui, homem, que eu não sei nem dizer qual a que saiu mais. Pelo menos tem muitas aí que foram muito vendáveis que não eram nem pertenciam a mim, vinham de fora. Para aquele João José do Recife eu fiz centenas de milhares de livros. Eu não sei dizer... Histórias sobre Camões sai muito.

CA: E "As Proezas de Camões", de Apolônio Alves dos Santos?

José Alves Pontes: É, essa história vendeu muito. O Apolônio anda hoje no Rio de Janeiro mas é daqui mesmo do município de Guarabira. Ainda ontem



recebi carta dele sobre um folheto de sua autoria que eu estou imprimindo: "A Mulher que Rasgou o Travesseiro e Mordeu o Marido Sonhando com Roberto Carlos". Ele vende folheto lá no Rio, na Feira de São Cristóvão...

CA: Então, esse folheto do Apolônio ainda é inédito?

José Alves Pontes: É.

CA: E eu posso publicar alguns versos no Correio das Artes?

José Alves Pontes: Pode, sim. O meni-

CA: E o segundo?

José Alves Pontes: O segundo foi mais recente, eu escrevi em 1953, foi o "Ronaldo e Antonieta".

CA: E o sr. acha que o seu filão poético já se acabou, que o sr. não consegue mais fazer poesia?

José Alves Pontes: Não, seu eu quisesse fazer ainda fazia, mas só se eu vivesse despreocupado, sem dívidas, sem essas coisas todas. Aí então eu poderia escrever, mas com todas essas preocu-



no, trás aí um folheto daquele do Apolônio...

CA: Seu José Pontes, e por que o Sr. não vende folhetos aqui na feira de Guarabira?

José Alves Pontes: Não disponho de tempo, pois tenho que trabalhar aqui na tipografia.

CA: Com quantos anos o sr. publicou o seu primeiro folheto?

José Alves Pontes: O primeiro que eu escrevi foi em 1948, eu nasci em 1922... então eu tinha 26 anos.

pações que chegam eu não faço mais nada.

CA: O sr. lê muito folheto de cordel?

José Alves Pontes: Bem, eu já li muito porque eu cantava em feira, mas depois que eu comecei a trabalhar na tipografia eu já vivo até aborrecido. Às vezes, quando aparece um folheto novo assim, o sr. pensa que eu leio? Leio não, quando muito eu leio algumas estrofes e canso logo. Também, eu tou com a vista cansada e não leio mais nada, nem jornal.



CA: Quando o sr. era mais moço o sr. achava que as coisas tinham mais poesia?

José Alves Pontes: É, porque a poesia também esgota. A poesia a gente vai tirando, tirando, tirando, e depois a gente começa a ver que as coisas vão tendo semelhança uma com a outra. É como esses filmes que tudo é uma coisa só, isso tudo é porque esgota, esgota o repertório. Essa poesia é explorada há muitos anos e agora tem poeta por todos os lados, o cabra começa a vender folheto e de repente tá escrevendo poesia. As histórias já estão se parecendo uma com a outra, às vezes dizem que fulano plageou sicrano e assim vai. A poesia tá se esgotando, da mesma forma que o faroeste americano também. Mas com tudo isso, se houvesse um certo apoio — o cinema americano tem muito, não tem? — pois bem, se tivesse um certo apoio para a fabricação do cordel eu acho que ele iria um pouco ou um tanto adiante, pelo menos isso. Mas tá todo mundo parando, falaram até que uma viúva lá do Ceará, que também edita, vai encerrar com esse seu ramo. É a Maria José da Silva.

CA: E quanto o sr. tira por mês? Qual o seu lucro?

José Alves Pontes: Não sei, às vezes depende da espécie de trabalho que a gente recebe. Pra mim mesmo eu parei, só tô com esse restinho aí que eu boto no balcão para vender. Mas no folheto mesmo eu acho que eu lucro — se houver saída boa, o que é difícil — uma oito ou dez mil cruzeiros.

CA: Mas aí o sr. paga imposto...

José Alves Pontes: É, ainda pago imposto.

CA: Antes o sr. disse que a televisão prejudica o cordel...

José Alves Pontes: A televisão está acabando até com o cinema. Quer dizer, somente suporta a televisão os cinemas das capitais, os dos arrabaldes, das cidades de interior, tão todos se acabando. Aqui mesmo em Guarabira, já vai fechar o cinema São José, quem me disse foi o seu dono. Já o radinho de pilha prejudica muito a poesia escrita, pois todo o mundo escuta os cantadores que vão para o rádio e ninguém quer mais saber da poesia escrita, impressa no folheto. Os cantadores — o que é muito certo — têm um certo apoio dos poderes públicos. Agora mesmo, não sei se o Estado ou a Prefeitura de João Pessoa, doou um terreno para ser construído a sede dos cantadores. Quanto a nós, que imprimimos folhetos, não recebemos nenhuma ajuda. Eu mesmo tenho que pagar, todo o mês, ao Estado, a importância de 3 mil e poucos cruzeiros. Pois houve uma diferença no ano passado e eu não pude tirar essa diferença de 10 mil ou 9 mil cruzeiros e com correção monetária e outras coisas mais essa diferença chegou a 30 mil cruzeiros, o que me deixa feito um louco.

CA: E o sr. paga INPS?

José Alves Pontes: Pago como autônomo, mas o INPS aumenta essa contribuição de 6 em 6 meses, pois eu pagava trezentos e poucos cruzeiros e agora tou pagando 510. Não dá, assim ninguém pode.

CA: E antes do sr. editar literatura de cordel?

José Alves Pontes: Era antes agricultor, mas a agricultura não deu mais. Em 1946 eu me mudei pra João Pessoa e em 1948 voltei de novo pra Guarabira indo trabalhar em poesia com Manoel Camilo.

CA: E a tipografia do sr. é a única que edita literatura de cordel na Paraíba?

José Alves Pontes: É, é a única, mas creio que ela vai se acabar.

Cheiros e Ruídos, de Rachel Jardim, Editora Nova Fronteira, INL/MEC - No subtítulo de *Cheiros e Ruídos* está escrita a palavra *Estórias*, como se fora pura ficção o livro de Rachel Jardim. Não, a ficção surge aqui pela própria força imaginativa que caracteriza as leves e densas narrativas de *"Cheiros e Ruídos"*. Na verdade, o fator poderoso encontra-se no dado real da memória, capaz de retomar, de forma extraordinária e consciente, todo um passado longínquo, porém ainda vivo e presentificado através de uma apreensão essencial do tempo.

Nesse sentido, poderíamos afirmar que o passado de Rachel Jardim foi "trazido na algibeira", invertendo-se a frase lapidar de Fernando Pessoa. Também a certeza do passado que se teve mas que não se possuiu não poderia jamais se aplicar aqui. Há todo um fundo de verdade nas palavras de um personagem da narrativa *"Uma vez a Volta"*:

" - O tempo, Judith, o tempo. Você o trouxe de volta, levante o troféu Judith".

Sim, com a criação de *Cheiros e Ruídos*, memórias que se seguem aos *"Os Anos 40"*, Rachel Jardim realiza a façanha inconfundível de conquistar o tempo. O tempo que configura o tema fundamental, sutil, presente na força interior de cada curta narrativa. O tempo que a escritora venceu!

As narrativas da escritora demonstram que ela se apropria do mundo, não principalmente pela sensibilidade da imaginação, mas pela capacidade encantada da memória. Sem dúvida alguma, aplicam-se a Rachel Jardim as palavras do cavaleiro andante, no filme *"O Sétimo Selo"*, de Bergman, por ela mesma transcritas em epígrafe:

"Vou carregar esta lembrança em minhas mãos tão cuidadosamente como um pote cheio, até as bordas, de leite fresco. Cuidadosamente para não entornar. E este será um signo bom e suficiente para mim".

Narrativas onde se podem notar afinidade estilísticas com Emily Brontë e Holderlin, matizadas ainda por toques iconstestados de filosofia existencialista, sobretudo devido à preocupação permanente com o sentido da vida. Refletindo um sofrimento intenso, o espanto diante do palco absurdo da existência, nem por isso Rachel Jardim se submete ao impulso de um estilo alienado, no sentido que lhe confere Sidney Finkelstein, ou seja, aquele estilo que descreve um mundo frio, hostil, deformado, reflexo dos pró-

LIVROS NOVOS



prios temores do observador, de sua falta de liberdade e desolação.

Não, Rachel Jardim se caracteriza, sobre maneira, por um *estilo humanizado*, onde a narrativa, em toda sua existência e complexidade, opera um envolvimento constante e progressivo, humanístico por assim dizer, com o mundo e com a vida, incorporando, portanto, um singular retrato humano, um estado de vida humano. Em outras palavras, uma identificação profunda com as coisas e com os seres, um amor à natureza e a tudo que a cerca de beleza e vitalidade:

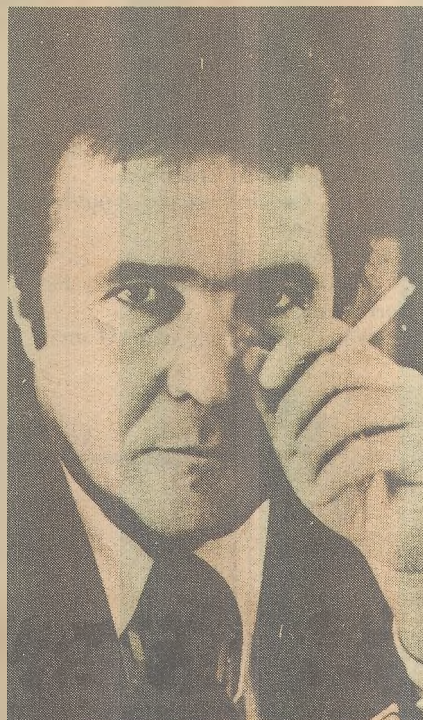
"O rio, em Matias, era o que mais me fascinava. Pedras enormes o entremeavam, as montanhas que o margeavam eram blocos de pedra. A vegetação compacta, feita de um verde-escuro forte e doce ao mesmo tempo".

Tal descrição bem exemplifica o que entendemos por *Estilo Humanizado*.

Com *"Cheiros e Ruídos"*, a escritora mineira Rachel Jardim vem revigorar o espaço memorialístico da literatura brasileira. (Hildeberto Barbosa Filho)

Criaturas de Papel, de Edilberto Coutinho, Editora Civilização Brasileira - Neste livro, Edilberto Coutinho se mostra de corpo inteiro, ou seja, atua em vários níveis, desde o jornalismo até o ensaísmo literário.

Dos escritores brasileiros, parece-nos que Edilberto Coutinho é o único que sabe tirar proveito de sua intensa atividade jornalística, pois acoplando à sua prosa de ficção algumas técnicas aprendidas por força do convívio diário com o jornal, ele tem dado lume a uma obra das mais representativas da literatura nacional.



Edilberto Coutinho, autor de *"Maracanã, Adeus"* e *"Criaturas de Papel"*.

Em *Criaturas de Papel* - espécie de oásis de um escritor que, via de regra, faz da palavra um veículo contundente de denúncia -, o leitor tomará conhecimento não só da fenomenologia literária como também da vida literária e extra-literária de vários escritores brasileiros. Sob esse aspecto, o leitor desse excelente *"Criaturas de Papel"* tomará ciência de um verdadeiro anedotário sobre os imortais da Academia Brasileira de Letras que, graças a Edil-

berto Coutinho, chega até nós vazado num tom jocoso e irônico. E além de veicular o pitoresco do relacionamento ou do convívio entre os imortais, Edilberto Coutinho nos fala sobre o futebol, o verso, o vinho, a vida, numa linguagem que por certo, mais o aproximará do leitor quanto mais este último se adentre no universo a um só tempo livresco e vivencial desse escritor paraibano (Sérgio de Castro Pinto).

Maracanã, Adeus, de Edilberto Coutinho, Editora Civilização Brasileira - Reunindo 11 contos sobre futebol e que, inclusive, lhe valeram o prêmio *Casa das Américas*, de Cuba, Edilberto Coutinho não é desses que se postam nas arquibancadas ou nas gerais da vida. Antes, procura se imiscuir nos bastidores do futebol que, de um modo ou de outro, é também um dos prolongamentos da condição humana. Portanto, ao invés de aferir, num estádio, o epidérmico das bandeiras ou da efusão contagiante das torcidas, o Autor desse livro, incursiona nos meandros do futebol brasileiro findante por detectar - a exemplo do que existe em quase todo relacionamento humano - o mesmo convívio (?) que se instaura entre o dominador e o dominado.

"Maracanã, Adeus" é, sem dúvida, uma obra que abre um novo ciclo para a literatura brasileira: o do futebol. (Sérgio de Castro Pinto).

O Jogador de Sinuca e Mais Historinhas, de Rachael de Queiroz, Livraria José Olympio Editora S.A. - Rachel de Queiroz, além de se dedicar ao romance, à crônica e ao teatro, tem sido tradutora de grande produção (mais de 50 obras traduzidas). Em 1969 estréia na literatura infantil com o livro *O Menino Mágico*. Em 1974 volta ao romance, com *Dora, Doralina*.

O Jogador de Sinuca e Mais Historinhas é um livro contendo as crônicas mais recentes da Autora. Resulta num conjunto agradável, fácil e divertido de se ler na medida em que ela sugere mais do que diz. Na verdade, Rachel de Queiroz ou a narradora, desse livro, procura fazer com que o leitor participe ativamente do texto, deixando-o livre para pensar por si mesmo e não a reboque dela (a narradora).



Coroa de Areia, de Josué Montello, Livraria José Olympio Editora S.A. - Neste volume, Josué Montello parte para uma temática até quase inédita em sua trajetória literária: História das revoluções políticas no Brasil a partir da década de 30. E o faz conciliando, sem perda de força artesanal, o tratamento documental com o ficcional.

E ele próprio, Josué, conclui: "Talvez seja este romance, no conjunto de minha obra, o que melhor representa um ideal de arte que sempre desejei alcançar".

A Hora Anterior, de Everaldo Moreira Veras, Livraria José Olympio Editora S.A. - Com este livro, Everaldo Moreira Veras obteve o primeiro prêmio no concurso nacional (1978) promovido pelo Instituto Nacional do Livro.

É livro em que o autor - segundo parecer da comissão julgadora do aludido concurso - "parte para inovações e experimentos na estrutura do texto, mas conservando, ao longo da narrativa, a força do conteúdo, maior, que, não só prende o leitor, como também, por suas audácias e cruezas, nos coloca em presença de um dos mais importantes lançamentos dos últimos tempos, no Brasil".

Quatro Gigantes da Alma, de Emílio Mira Y López, Livraria José Olympio Editora S.A. - Este é um estudo vazado num estilo quase didático onde o Autor, valendo-se de um rigoroso método, expõe as três emoções primárias sobre as quais se fundamenta "toda a gama de reflexos e deflexos da fuga, agressão e fusão possessiva" - o Medo, a Ira e o Amor. Em suma, a essas três grandes reações neuropsicológicas somadas à força repressiva gerada pelas imposições do meio social - o Dever - ele engloba sob o título comum de *Quatro Gigantes da Alma*.

O Poeta do Eu, de Ivan Cavalcanti Proença, Livraria José Olympio Editora S. A. - *O Poeta do Eu* não se preocupa com o lado esdrúxulo ou possivelmente exótico de Augusto dos Anjos, menos ainda com dados extrínsecos enquanto puramente extrínsecos, mas antes com o texto, com a imanência do texto. A partir dele, e com tudo aquilo que se possa provar nele, texto, surgirão os aspectos bem mais abrangentes do fenômeno literário, que favorecem uma espécie de crença pragmática na Literatura e, portanto, nos que a fazem, resultando (intencionalmente ou não) em problemáticas propostas, sempre, ao homem enquanto voltado para reflexões (e até hipóteses não muito remota para ações).

V CONGRESSO BRASILEIRO DE TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA E I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURA

De 21 a 28 de setembro, serão realizados em Campina Grande o V Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literária e o I Seminário Internacional de Literatura. Os temas debatidos serão os seguintes: "A Literatura na Universidade", "A Teoria Literária, Hoje", "O Ato Criador", "Literatura e Academismo", "Crítica e Jornalismo", "Sobre o Gênero Dramático", finalmente, *Misopia e Folclore: Mentalidade e Literatura*.

Já no dia 28, na sessão de encerramento, estarão presentes os professores Lopez Quintás (Madrid) e M. Chevalier (França) que irão discorrer, respectivamente, sobre "A Análise Lúdico-

Ambital" e sobre "O Conto Folclórico" na Espanha do Século do Ouro".

Outros temas se acrescentarão aos acima discriminados, conforme informou ao Correio das Artes a Profª Elizabeth Marinheiro, organizadora do evento.

Por outro lado, é importante veicular que a Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco irá liberar os seus alunos e docentes para que os mesmos participem do congresso. Já o Ministério da Educação e Cultura solicitou o temário do aludido conclave a fim de baixar ponto facultativo visando a uma maior presença dos professores das uni-

versidades federais no referido congresso.

A comissão organizadora do conclave reclama, com justa razão, sobre o fato de os conferencistas escalados ainda não terem remetido o texto de suas falas que se destinarão ao conhecimento prévio dos debatedores e do público inscrito.

x-x-x-x-x-x-x

UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES: CONCURSO LITERÁRIO

A seguir, transcrevemos o Regulamento do Concurso Literário para Obras Inéditas promovido pela União Brasileira de Escritores:

CONCURSO

VISANDO valorizar obras de autores nos gêneros romance, contos, poesias, ensaios e literatura infanto-juvenil, a União Brasileira de Escritores - SP - promove o presente concurso, de caráter anual, nas seguintes condições:

Art. 1 - Poderão concorrer autores brasileiros ou radicados no País, em qualquer dos gêneros enunciados, exceção aos membros da Diretoria e do Conselho Consultivo e Fiscal da UBE;

Art. 2 - O autor da obra classificada, em cada gênero, receberá o troféu "União Brasileira de Escritores" e diploma em pergaminho, em solenidade pública, na sede da Entidade;

Art. 3 - Às Comissões Julgadoras, escolhidas pela Diretoria da UBE, reserva-

se o direito de conferir ou não Menções Honrosas, até três em cada gênero, que serão contempladas com diplomas especiais;

Art. 4 - As inscrições aos Prêmios "União Brasileira de Escritores" estão abertas a partir de 1º de agosto, encerrando-se a 31 de dezembro de 1980, bastando ao interessado enviar, em tempo oportuno:

a) - original inédito em três (3) vias, datilografadas ou tiradas em xerox, em papel tamanho ofício, de um só lado e em espaço dois, em limite máximo de duzentas páginas e assinado sob pseudônimo;

b) - envelope fechado, contendo nome legível, endereço, título do trabalho inscrito e pseudônimo usado;

c) - os trabalhos deverão ser remetidos à sede da União Brasileira de Escritores, Rua 24 de Maio, 250 - 13º andar - CEP - 01041 - São Paulo.

Art. 5 - Os concorrentes brasileiros residentes no Exterior deverão, para se evitar quebra de sigilo, remeter os trabalhos de qualquer ponto do território nacional;

Art. 6 - Levar-se-á em conta, para fins de inscrição, a data da expedição das obras enviadas pelo correio e recebidas após o prazo estabelecido;

Art. 7 - Os originais não retirados dentro de sessenta (60) dias, após a proclamação dos resultados, serão incinerados.

Outras informações na Secretaria da UBE, endereço acima, ou pelos telefones: 223.5779 e 223.5279.

SONATA EM DOR MAIOR

Realizado em 1978, dois anos após ter Ingmar Bergman se exilado voluntariamente na Alemanha, pressionado pelo rigoroso fisco sueco, *Sonata do Outono* é um retorno do cineasta à atmosfera nórdica e aos conflitos íntimos, que abandonara em seu trabalho anterior - *O Ovo da Serpente*, macabro ensaio de cunho alegórico sobre as origens do fascismo, rodado em Hollywood. O áspero e amargurado confronto entre mãe e filha, que se reencontram após sete anos de fria separação, retoma, em outro diapasão, os temas tipicamente bergmanianos da incapacidade de comunicação das pessoas, das conflituosas relações familiares e do choque das gerações em torno da institucionalização dos sentimentos.

A mãe é Charlotte (extraordinária criação de Ingrid Bergman), pianista famosa, bela e elegante mulher, que abandonou o marido e duas filhas pequenas pela carreira. Agora, no outono da vida, tendo perdido o homem com quem vivia, vai visitar a filha, que não via há sete anos. A filha é Eva (irrepreensível interpretação de Liv Ullmann), tímida e acomodada dona de casa, casada com um pastor luterano, que leva uma existência rotineiramente doméstica, cuidando da casa e da irmã paralítica, evocando a imagem do filho morto e tocando órgão na parquiazinha provinciana. Charlotte é enérgica e dominadora. Eva faz da aparente fragilidade um escudo para se defender das hostilidades do mundo. Durante um dia e uma noite - tempo que dura e visita de Charlotte - as duas se confrontam, se buscam e se rejeitam, num tenso, cruel e implacável ajuste de contas.

Diante da forte personalidade da mãe, Eva mostra-se a princípio submissa,



Ingrid Bergman & liv Ullmann:
os dois afinadíssimos violoncelos com que Bergman executa sua belíssima sonata

como sempre. Mas, à medida em que vai se estabelecendo um diálogo entre as duas, ela vai deixando cair essa máscara, passando da timidez à agressividade. Nessa transformação, transpira finalmente toda carga de ressentimentos acumulados durante sete anos. Assim, à alegria um tanto forçada do encontro sucede-se uma crise intensa, durante a qual Charlotte, surpresa e despreparada para o confronto, tenta desesperadamente justificar-se perante a filha, que a acusa de havê-la preterido como filha abdicando dos deveres maternos para entregar-se inteiramente à sua arte. Quando Eva grita que a infelicidade das filhas é o triunfo secreto de sua mãe, *Sonata do Outono* parece ilustrar o pressuposto psicanalítico que aponta a inveja como um dos laços básicos no relacionamento mãe/filha.

Bergman, porém, não está interessado em atribuir culpas. Como em todos os seus filmes, ele procura demonstrar, mais uma vez, que amar implica, antes de tudo, em despojamento do próprio

egoísmo, com abertura para os interesses do outro. É uma concepção quase mística, ou cristã, do amor, incapaz de uma plena realização humana porque bloqueado sempre por obstáculos irredutíveis, inerentes à própria imperfeição da natureza humana, vulnerável a toda sorte de condicionamentos. As limitações do amor humano mostram-se tangíveis nos personagens bergmanianos. Daí ser uma constante, entre eles, o recurso a uma realidade transcendente - geralmente a arte - que sintetize e complete as exigências humanas. Por isso, seus filmes nunca deixam de ser, mesmo quando não é esta a proposta básica, dolorosas reflexões sobre a condição de artista.

Numa entrevista, Bergman declarou que havia concebido *Sonata do Outono* como uma suave peça de câmara para dois violoncelos - referindo-se às duas magníficas atrizes do filme. Com efeito, o cineasta manipula as imagens dessa *Sonata* como se fossem acordes musicais, plenamente seguro das possibilidades expressivas do plano como elemento unitário da montagem. A montagem de *Sonata do Outono* é quase uma orquestra-

ção de planos (ou acordes), compondo uma trama (ou melodia) funcional de elementos figurativos como palavras, ruídos, silêncios (estes, mais eloquentes do que as palavras), sombras, luzes, objetos e toda gama de emoções e sentimentos que transparecem nos gestos, nos olhares e nas inflexões das falas dos personagens, e que a sensibilidade do cinegrafista Sven Nykvist capta com extrema precisão em belíssimos primeiros planos.

(*) Bergman está radicado na Alemanha desde 1976. Naquele ano, em Estocolmo, ele fora processado três vezes pelo fisco, acusado de sonegação de impostos. A suprema humilhação ocorreu quando ensaiava, como diretor do Teatro Dramático Real da Suécia, a peça *A Dança Macabra*, de Strindberg. Durante um dos ensaios, foi preso e levado aos tribunais. O fato teve repercussão internacional. O cineasta chegou a hospitalizar-se, por esgotamento nervoso. E, finalmente, decidiu sair da Suécia. No ano seguinte, com capital alemão e americano, filmou em Hollywood *O Ovo da Serpente*, ainda inédito aqui. Absolvido pela Justiça, premiado pela Real Academia Sueca pelo conjunto de sua obra e convidado a retornar ao país, Bergman não mais se reconciliaria com o fisco sueco. Em 1978 filmou *Sonata do Outono* e parecia disposto a fixar-se novamente em Estocolmo. Chegou a recomendar os ensaios da peça de Strindberg, no ponto em que haviam sido interrompidos. Mas, de repente, não se sabe bem por que (há quem diga que foi novas pressões das autoridades fiscais), abandonou novamente tudo, indo fixar-se definitivamente na Alemanha.